



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

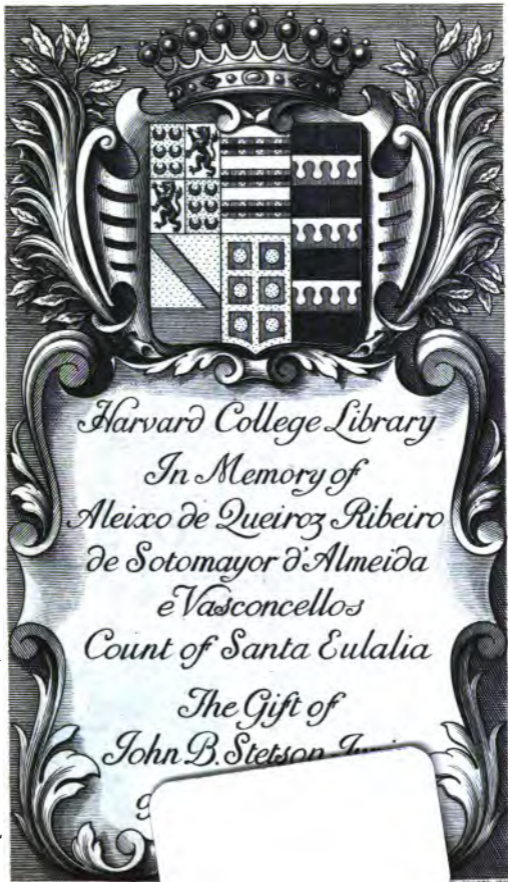
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Harvard College Library

In Memory of

Aleixo de Queiroz Ribeiro

de Sotomayor d'Almeida

e Vasconcellos

Count of Santa Eulalia

The Gift of

John B. Stetson

on 18
A VENDA
LIVRARIA DE MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT
22, Rua do Thesouro Velho, Lisboa.

BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA

Obras ornadas com as mais interessantes gravuras

PROPRIAS PARA OFFERECER COMO PRESENTE,
OU PARA SE DISTRIBUIREM COMO PREMIO NOS COLLEGIOS
EDITORES -- Lallemand Frères, Typ. Lisboa

Era notoria a falta de livros que, escriptos em forma de romance, satisfizessem as duas condições de despertar o gosto pela leitura e de instruirem e propagarem doutrinas comprovativas dos beneficios resultantes do trabalho, da perseverança nas nobres emprozas, do respeito á disciplina, do amor de Deus, da familia e da patria. Entenderam os editores que outros livros não poderiam satisfazer mais cabalmente estas condições que os da BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA, sendo ornadas todos estes volumes de primorosas gravuras, e recommendaveis sobretudo aos chefes de familia, porque, em vez de ficções, que só podem deliciar por momentos espiritos frivolos, contêm verdadeiros principios de moral que delicitam e instruem.

As obras que até hoje tem sido publicadas são as seguintes :

QUE AMOR DE CRIANÇA!

PELA CONDESSA DE SÉGUR

1 volume

A CASA DO SALTIMBANCO

Por MADAME DE STOLTZ

1 volume

INFANCIAS CELEBRES

Por MADAME LOUISE COLET

Traduzida pelo distincto escriptor M. PINHEIRO CHAGAS

1 volume

PREÇO DE CADA VOLUME

Um lindo volume brochado.....	600 réis
Um magnifico volume encadernado em percalina côr de rosa e dourado por folha.....	800 "

À VENDA

LIVRARIA DE MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT

23, Rua do Thesouro Velho, Lisboa,

BIBLIOTHECA POPULAR

Leitura instructiva ao alcance de todas as classes
e de todas as intelligencias

ADOPTADA NOS COLLEGIOS PARA USO DA EDUCAÇÃO

Noções geraes
Direitos e deveres do
cidadão
Economia social
Vocabulario de verdades
Agricultura
Astronomia

Contos do tio Pedro
Hygiene
Medicina domestica
Grammatica portugueza
Geographia
Historia da idade media
O livro das escolas

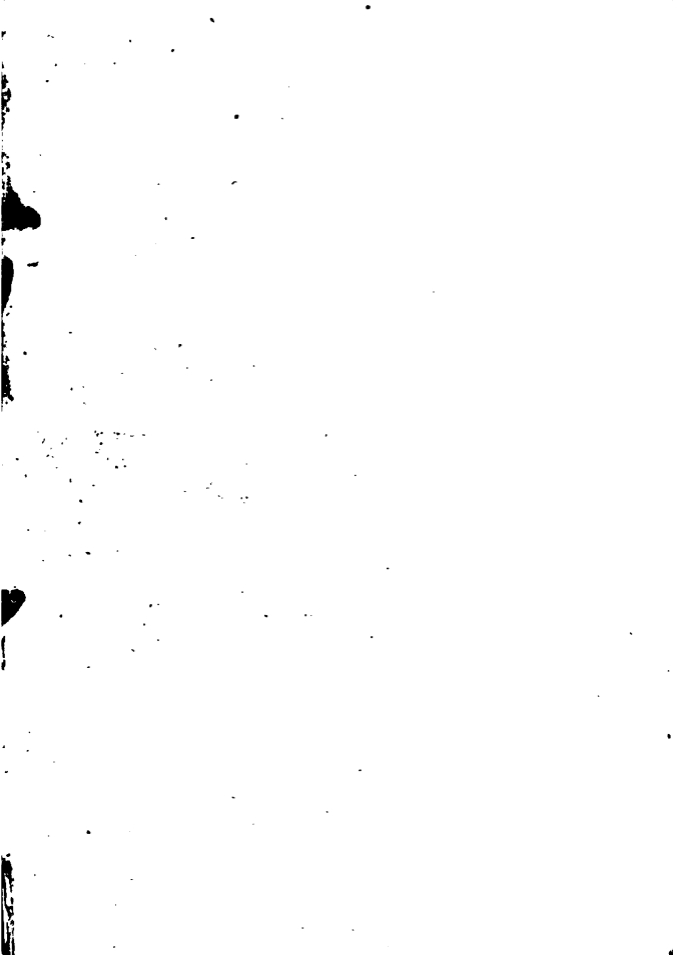
CADA VOLUME 100 REIS — PARA AS PROVINCIAS 110 REIS

Está no prelo e sairá brevemente o

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA

As grandes verdades religiosas, traduzidas em portuguez pelo sr. Pinheiro Chagas	240 réis
Versos de MARIA RITA CHIAPPE CADET	800 .
Sorrisos e lagrimas, poesias de MARIA RITA CHIAPPE CADET	800 .
Palestras familiares sobre o protestan- tismo d'hoje em defeza do catholicismo	200 .
A Chavena de Chá, traduzido da lingua ingleza	200 .
Resumo da grammatica Inglesa, por HARTT MILNER	400 .

A livreria de Madame Marie François Lallemant faz 30 por cento de abatimento aos srs. livrelros, agentes ou vendedores, sobre o preço das obras por ella editadas, sendo a prompto pagamento.





H. A. Alvarez de Arcevedo

NOVO ALMANACH
DE
LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO

PARA O ANNO DE 1878

ORNADO DE GRAVURAS

Com o retrato gravado em aço, e o elogio biographico
do distincto poeta brasileiro

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

Enriquecido com diferentes tabellas e materias
d'interesse publico

POR

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

BACHAREL EM DIREITO

(Setimo anno)



1877

LALLEMANT FRÈRES, TYP.

Fornecedores da Casa de Bragança

6 — Rua do Thesouro Velho — 6

LISBOA

Port 4311.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF

JOHN B. STETSON, Jr.

Mar 22, 1927

Os artigos que de qualquer ponto do Brazil nos hajam de ser enviados, poderão subscriptar-se ao Sr. *conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro*, por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão remetidos.

Todos os outros podem ser enviados em carta subscriptada ao author, e dirigida para a *Rua do Arsenal, 60 2.º andar — Lisboa.*

MANUEL ANTONIO ALVARES D'AZEVEDO

Eram duas horas da tarde do dia 12 de Setembro de 1831, quando na cidade brazileira de S. Paulo, sahindo os estudantes do Curso Juridico, ouviram os vagidos d'uma creança recém-nascida. Estes vagidos partiam d'uma sala que então estava servindo de bibliotheca no edificio da Eschola de Direito, e um homem, em sobresalto que denunciava um coração de pae, inquirindo n'esse instante de receio e de esperança, de ser e não ser, de existencia e de morte, que preside á entrada da vida, se era filho, ou uma filha que Deus lhe havia dado, teve d'alguem em resposta: É um estudante! Se fôra vidente podéra ter accrescentado: é um privilegiado do céo, um poeta de que o Brazil ha de orgulhar-se, um filho illustre que a illustre cidade de S. Paulo ha de vir a inscrever nos annaes das suas indisputaveis glorias.

Esta creança, este embryão de poeta, que nascia á entrada da primavera, como as avesinhas para cantar como ellas, era filho do dr. Ignacio Manuel Alvares d'Azevedo, e d'uma senhora portugueza, cujos appellidos vemos tambem n'um mancoço, seu parente, que nos é querido pelo seu pundonoroso caracter, e pelo seu amor ás letras. A mãe do recém-nascido era a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Luiza Silveira da Motta Azevedo.

Dois annos depois veio o pequenino Manuel para o Rio de Janeiro em companhia de seus paes, e até aos cinco annos gosou aquelle viço de saude e aquella robustez e graça infantil que são a riqueza das creanças, mas n'essa época deu-se um triste acontecimento, que não devemos calar.

Conta-se que Henri Heine, ainda infante, sendo surpreendido pelo spectaculo da morte, ao ver n'uma eça funeraria a companheira de seus brincos, sentira um abalo tão violento, que esteve quasi a perder a vida. Salvaram-lh'a, mas nunca mais recobrou a saude. O mesmo succedeu a Alvares d'Azevedo, que com o humorista allemão teve depois tantos pontos de contacto pela sua indole de escriptor. Foi um dia encontrar morto um irmãosinho, que tantas vezes tinha visto nos braços maternos. Era um cherubim de cêra, coroado de flores, vestido de gala, sobre uma eça illuminada por brandões accessos. Pedio na sua innocencia, mas com um afinco que tocava as raias do delirio, que o vestissem assim. Queria.

acompanhal-o para o céu, e ahí folgar com os aujos. A vontade era impossivel de satisfazer; insistio; á insistencia, quando o vio partir sem elle, seguiram-se symptomas asustadores, e declarou-se uma febre que tinha tanto de pertinaz como de violenta. Esteve ás portas da morte, cuidados e esforços valeram-lhe, mas a pobre creança nunca mais recobrou o vigor, e d'ahi seguramente o germen de enfermidade que tão cedo o havia de arrebatár ao mundo.

Aos dez annos, depois do estudo das primeiras letras, em que pouco aproveitou, porque seus paes olhando ás suas forças attenderam mais ao seu desenvolvimento physico, entrou Alvares d'Azevedo para o Collegio Stoll. Os progressos que fez n'este acreditado estabelecimento d'instrucção secundaria, onde permaneceu quatro annos, percorrendo as suas classes com rapidez vertiginosa, adiantando-se aos alumnos que lá encontrou, surprehendendo a todos com os prodigios de sua intelligencia, foram taes, que Mr. Stoll, pouco depois, escrevendo a seu pae, dizia-lhe: *«S'il continue ainsi, cela deviendra un brésilien qui pourra de mesurer avec les premières capacités européennes»*. N'outra carta exaltava-o d'este modo: *«Notre petit héros fait toujours ma gloire et mon bonheur. Il réunit, ce qui est bien rare, la plus grande innocence de mœurs à la plus vaste capacité intellectuelle que j'ai rencontrée en Amérique dans un enfant de son âge.»*

Dos quatorze aos dezeseis annos completou os seus preparatorios com o estudo das linguas e as materias que lhe faltavam, entrando por fim como interno no Collegio de Pedro II; em 1847 tomou o grau de bacharel em letras, e no anno seguinte partia para S. Paulo a matricular-se no primeiro anno do Curso Juridico.

Abria-se um novo horisonte ao espirito penetrante d'Alvares d'Azevedo. S. Paulo era a patria e elle disia:

Não é mais bello, não, a argentea praia
que beija o mar do sul,
onde eterno perfume a flor deamaia
e o céu é sempre azul;

S. Paulo era a liberdade depois da escravidão no collegio de D. Pedro II, em que tanto se contrariára; S. Paulo falava aos sentidos inquietos do mancebo. «Na Bahia *elles* e não *ellas*; em Pernambuco *ellas* e não *elles*; em S. Paulo *ellas* e sempre *ellas*», diz um proverbio, e o poeta achava-se

entre essas mulheres que, no dizer d'um viajante, rivalisam com as da Andaluzia. Que fascinações! Que séde de estudo! Que vontade encarar a vida por todos os lados, o mundo por todas as suas faces!

Nada pinta melhor o viver e a febril actividade d'Alvares d'Azevedo no seu primeiro anno de academico, nas horas vagas, do que as cartas que durante elle escreveu ao seu amigo, o sr. dr. Luiz Antonio da Silva Nunes. Vamos resumil-as. Na primeira (11 de Maio de 1848) falla-lhe de duas mulheres que ali havia, que passavam por serem as mais lindas. A primeira, de cabellos louros e olhos da côr do céu, era uma sylphide; a outra, cujos cabellos pendiam mais para castanhos, olhos pardos e tez pallida, lembrava o ideal poético d'essas virgens frageis, d'esses lyrios do valle, que um sopro lança em terra; uma copia da Magdalena de Dumas. Comtudo, elle, que sentia no coração a necessidade de amar, não as podia amar. Na segunda carta (20 de Julho) diz-lhe que está fazendo a traducção em verso do 5.º acto do *Othello* de Schakspeare, e que era já longo de mais o que tinha feito para que pudesse mandar-lh'o. Na terceira (26 de Julho) manda-lhe versos d'amor, parte de suavissimo perfume, parte *byronianos*, ou antes de linguagem mais ou menos solta, que desde logo revela as allucinações do poeta. Na quarta (23 de Agosto) falla-lhe do seu *Conde Lopo* (um drama); diz-lhe que já tem cerca de 200 paginas escriptas, e manda-lhe o fragmento d'um canto que d'elle fazia parte. Na quinta (27 de Agosto) manda-lhe mais versos, e participa-lhe que está traduzindo em verso a *Parisina* de Byron, o mais suave de tudo o que elle conhecia em inglez. Na sexta (4 de Setembro) envia-lhe um romance, meio em verso, meio em prosa, imitado de Byron.

Por este rapidissimo esboço de quatro mezes avaliareis o que foi nos seguintes. No principio do anno de 1849 e principio de 1850, que febre de trabalho! Em carta do 1.º de de Março, dizia elle ao seu amigo:

«N'este pouco espaço de tres mezes escrevi um romance de duzentas e tantas paginas; dois poemas, um em cinco e outro em dois cantos; uma analyse de *Jacques Rolla* de Musset; e uns estudos litterarios sobre a marcha simultanea da civilisação e poesia em Portugal — bastante volumosos —; um fragmento de poema em linguagem muito antiga, mais difficil d'entender que as *Sextilhas de Frei Antão*.»

Depois accrescenta :

« A essa muita agitação de espirito sobrevem-me ás vezes um marasmo invenivel, horas d'aquellas que os navegantes temem, em que a calmaria descae no mar morto, e as velas cáem ao longo dos mastros.»

Era o marasmo depois da lucta, o descanso para voar mais alto, e o condor arrojando-se ás alturas abrangia o mundo d'um golpe para o avaliar inteiro. Ou antes diremos como o seu illustre biographo, o sr. J. Norberto, e mais apropriada será a imagem: « Seu genio ardente como o cavallo do gaúcho, com as narinas em fogo, já não corre, devora o espaço, atira-se atravez dos precipicios, salva-os, e respirando ao longe não pára; prosegue na sua vertiginosa carreira, e perde-se nas campinas batidas pelo pampo.»

A pressa com que compunha, e a rapidez com que escrevia, que não era ainda assim a sufficiente para lhe acompanhar o pensamento, era tal, que muitos dos escriptos que deixou são indecifráveis. Depois não emendava, ou rarissimas vezes o fazia. É elle mesmo quem o diz :

Frouxo o verso, talvez pallida a rima,
por estes meus delirios cambeteia,
porém odelo o pó que deixa a lima,
e o tedioso emendar que gela a vela !!

E por isso mal se comprehendem ás vezes os seus versos no *Poema do Frade*, e muitas das suas divagações nos escriptos em prosa. Mas o que é o talento! Elle voava, não corria, não limava os seus versos, e comtudo que joias de inexcédível valor, que deliciosas e irreprehensíveis estancias se não acham espalhadas por todas as suas obras! Citemos algumas :

A uma mulher perdida, mas ainda bella, diz na *Gloria moribunda* :

Quem podera nas ondas do passado,
ditoso pescador, erguer no lodo
o ramo de coral dos teus amores !

Fallando da alma (*Poema do Frade canto 4.^o*) :

Esse raio do Éden, de fiôr divina,
emanação balsâmica e celeste,
reflexo d'uma alampada argentina

que esse lodo mortal de luz reveste;
que em nós vive, em nós ama, e sonha e sente,
e que chama-se a alma do vivente?

Na *Italia*, fallando do sol, da brisa, e das ondas preguiçosas das suas praias:

Ama-te o sol, ó terra da harmonia,
do Levante na brisa te perfumas;
nas praias de verdura e primavera
vae o mar estender sen veo d'escumas!

No *Crepusculo do mar*, ao ver os ultimos clarões que projecta o sol-posto nas orlas do horisonte:

É vermelho de sangue o céu da noite
que na luz do crepusculo se banha;
que planeta do céu do roto seio
golfeja luz tamanha?

Que mundo em fogo foi bater correndo
ao peito d'outro mundo — e uma torrente
de medonho clarão rasgou no éther
e jorra sangue ardente?

A uma mulher amada nos versos *C^{xxx}*:

Dá-me um beijo, abre os teus olhos,
por entre esse humido véo;
se na terra és minha amante,
és a minha alma no céu!

Na *Tarde de Verão*, fallando da sua amante:

Fulgura a minha amante entre meus sonhos
como a estrella do mar nas aguas brilha;
bebe á noite o favonito em seus cabellos
mais suave o aroma que a baunilha.

.....

Na languida pupilla de seus olhos
n'um olhar a desdem entorna amores,
como á brisa vernal na relva molle
o pecegueiro em flor derrama flores.

Na *Minha amante*, n'uma noite de febre e insomnia, lembrando-se da mulher que amava:

Oh! minha lyra, ó viração nocturna,
flores, sombras do valle, á minha amante,
dizei-lhe que esta noite de desejo
e de ternuras morro!

No *Seio de Virgem*. Os mimosos seios que o enlouqueciam, convidam-n'o dizendo lhe :

Amæ-nos, poétas, amæ-nos !
que mist'riciosas venturas
dormem n'essas rosas puras
e se acordarão n'um ai !

Na *Lelia*, fallando d'uma mulher de marmore, da mulher estatua, que não ama, nem é capaz de sentir :

Passou talvez do cemiterio á sombra,
mas nunca n'uma cruz deixou um ramo ;
ninguem se lembra de lhe ter ouvido
n'uma febre d'amor dizer: « eu amo ! »
.....

Descre. Derrama fel em cada riso,
alma esteril não sonha uma utopia...
Anjo maldito salpicou veneno
nos labios que tressuam d'ironia.

Na *Canção de D. Juan* :

O' faces morenas, ó labios de flor,
ouvi-me a guitarra que vibra louçan,
eu trago meu peito, meus beijos d'amor,
ó labios de flor,
eu sou D. Juan !

E na prosa ? Ahi vae um exemplo d'entre muitos que podiamos apresentar. Penseroso no drama romance *Macario*, lembra-se com saudade da sua amante e diz :

« Por ella fui pedir á solidão os murmurios, fui abrir meu coração aos halitos moribundos do crepusculo, ajoelhei-me junto das cruces da montanha, e no susurro das aves que adormeciam, no scintillar das primeiras estrellas da noite, na gaze transparente e purpurina que desdobrava seu véo luminoso por entre as sombras do valle — em toda essa natureza bella que dormia, fui escutar as vozes intimas do amor, e meu peito acordou-se cantando e sonhando com ella ! »

Lêde, e se tiverdes alma, direis como Saint-Beuve a proposito dos bellissimos versos de *Namouna* de Alfredo Musset : « Isto é tão alto que seguramente Deus ou o demonio, se quizerdes, passou por aqui.

* * *

Não julgueis porém, que o dulcissimo poeta não tenha um senão. Segundo um moralista, quem tem azas para se erguer,

tambem as tem para desvairar. Comecemos a estudal-o na vida intima :

Quereis vel-o no seu quarto de estudante ? Olhae ; é elle que se descreve, e poucos escriptores deixam de si tantos elementos para poderem ser avaliados com verdade :

Reina a desordem pela sala antiga,
desce a teia d'aranha ás bambinelas,
á estante pulvurenta. A roupa, os livros,
sobre as cadeiras poucas se confundem.
Marca as folhas do Fausto um collarinho,
e Alfredo de Musset encobre ás vezes
de Guerreiro, ou Velasco um texto obscuro.

Além pendem os retratos de Victor Hugo, de Lamennais, e do Rei de Roma. Aqui um quadro de mulher formosa, outro mais distante de uma bella adormecida :

Oh ! quantas vezes ideal mimoso
não encheste minha alma de ventura,
quando louco, sedento e arquejante
meus tristes labios imprimi ardentes
no poento vidro que te guarda o somno.

A esta parte o leito, que na sua desordem ainda está accusando a febre e a insomnia da passada noite :

Meu pobre leito !.....
Aqui levei sonhando noites bellas ;
as longas horas olvidei libando
ardentes gotas de licôr doirado,
esquecias no fumo e na leitura
das paginas lascivas do romance.

Junto do leito alguns dos seus livros favoritos :

O Dante, a Biblia, Shakespeare e Byron.

Sobre a mesa em uma caixa escura, dois retratos, que vistas indiscretas não profanam, e que elle beija cada noite :

Meu pae e minha mãe — Se acaso um dia
na minha solidão me acharem morto
não os abra ninguem. Sobre meu peito
lancem-os em meu tumulo. Mais doce
será certo o dormir da noite negra
tendo no peito essas imagens puras.

Lembra-se ainda d'outra imagem que sonhára. Diz que pode ainda sonhar com ella, beijar-lhe, chorando, a trança dos cabellos e umas violetas murchas ; mas que não poderá na sepultura tê-la sobre o peito. Depois accrescenta :

Parece que chorei... Sinto nas faces
uma perdida lagrima rolando...
Satan leve a tristeza! Olá, meu pagem,
derrama no meu copo as gotas ultimas
dessa garrafa negra...

Eia! bebamos!

És o sangue do genio, o puro nectar
que as almas do poeta divinisa,
o condão que abre o mundo das magias!
Vem fogo *Cognac!* É só contigo
que sinto-me viver...

Aqui tendes uns traços, e bem eloquentes, do character do poeta e do humorista. Alma candida que adora seus paes, erguendo um altar no coração ás mulheres, por quem suspira d'amor; cheia de sensibilidade, chorando sobre umas flores seccas, excitando-se, e afogando em *cognac* as suas melancholias!

Alvares d'Azevedo, que dispunha d'uma grande erudição, porque conhecia as linguas da Europa culta, e os seus principaes escriptores, queria cultivar a poesia lyrica, idear o poema, escrever o romance, reformar o theatro, exercer a critica, revolucionar a litteratura; queria tambem, frequentando as aulas de direito, ser um dos primeiros estudantes do seu curso, e era-o; e ardente, cheio de imaginação, dominado pelos sentidos, corria ao mesmo tempo após os seus appetites, não se lembrando que a elles sacrificava a vida.

Em S. Paulo fundara-se em 1845 a sociedade Epicuréea, com o fim de realizar os sonhos de Byron. Ali se encerravam noites e dias a fio, com as janellas calafetadas para que a luz do dia não luctasse com a das vellas accezas, moços talentosos com mulheres que nunca faltam para estes mysterios Eleusinos, e ahi, em devaneios de toda a especie, se perdia muitas vezes a saude. Pareca que Alvares d'Azevedo foi um dos convivas de tão estranha sociedade, e pelo menos na sua *Noite na Taberna*, refere-se visivelmente a ella:

« A verdadeira philosophia (diz um dos associados) é o epicurismo. Hume bem o disse: O fim do homem é o prazer, d'ahi vêde que é o elemento sensível quem domina. E pois ergamo-nos, nós, que amarelecemos nas noites desbotadas de estudo insano, e vimos que a sciencia é falsa e esquiua, que ella mente e embriaga como um beijo de mulher.

— Bem! muito bem! é um *toast* de respeito!

— Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta di-

gam-n'o: Ao deus Pan da natureza, áquelle a quem a antiguidade chamou Baccho, e filho das coxas d'um Deus, e do amor de uma mulher, e que nós chamamos melhor pelo seu nome — o vinho!

— Ao vinho! ao vinho!

Os copos cahiram vazios na mesa.

O desvairado poeta tinha no seio o germen da doença que o havia de matar. Como poderia elle resistir? Como podia a vida chegar-lhe para taes loucuras?

Começou a soffrer, e desde que o conheceu procurou esquecer-se nos vapores alcoholicos. Diz o sr. J. Norberto, a cujo valioso estudo tanta vez nos soccorremos, que elle fazia as libações do *cognac* mais por imitação de Byron e de Alfredo Musset do que por necessidade, pois que o seu cerebro ainda fresco não precisava d'excitações ardentes para produzir. Não o crêmos. Bebia para se esquecer do que soffria, tanto physica como moralmente. — «Não ha melhor tumulto para a dôr, dizia elle, do que uma taça cheia de vinho, e uns olhos negros cheios de languidez.» Bebia por que quem começa a beber e chéga a exceder-se, continuar é quasi sempre lei fatal; bebia porque o *cognac* lhe accelerava a inspiração, e elle tinha a febre do trabalho. Não dizia elle:

• Quando se tem tres garrafas de Joannisbergo na cabeça sente-se a gente capaz de escrever um poema. O poeta arabe bem o disse: — O vinho faz do poeta um príncipe, e d'um príncipe um poeta. (?)

Ai! tarde te arrependeste, ó alma ingenua, mas honras-te-te com este grito de remorso:

Fui um louco, meu Deus! quando tentava
descorado e febril nodoar na orgia
os sonhos de poeta! ¹

* * *

Que admira que na faina do trabalho, um homem que não emendava, e não corrigia, e cujas idéas se despenhavam

¹ Estes versos que são de poesia 12 de Setembro, feita pelo author aos seus annos, repetem-se com mudança de duas os tres palavras no *Canto do seculo* (Hymnos do Propheta) no mesmo volume. É facil verificar. O *Canto do Seculo* tem 27 extrophes; pois 17 d'ellas estão repetidas, com pouquissimas variantes, na poesia 12 de Setembro.

com a velocidade do pampeiro, produzisse cousas que mais tarde rejeitaria de certo se Deus lhe concedera vida?

Ha n'elle versos desleixadissimos. Por exemplo :

Oh! quando os hymnos virginaes da lyra
e as delicias do amor, que a noite envia,
e as harpas do porvir que nos sorrira,
e a esperanza e os anjos de harmonia
e o esplendido sol — se esvaecerem
e as convulsões do peito arrefecerem.

Que falta de gosto! Todas as rimas dos quatro versos predominando em *i* — lyra — ouvia — sorrira — harmonia. Como estas muitas outras no *Poema do Frade*. E na prosa cheia muitas vezes d'uma desordenada erudição, que denuncia um estudo de ferro, estriada outras dos lampejos d'aquella cabeça vulcanica, não ha tambem atropellamento de idéas e desleixos de frases donde o bom gosto fugiu?

Vêde; falla de *Jacques Rolla*, de Alfredo de Musset :

« Ainda entre a magia grandiosa de Victor Hugo, é elle um dos primores da poesia intima á feição dos siloquios de Shakspeare, da melodia selvatica das paixões n'aquella testa negra de Othello, a refrescar-se nas brisas das lagunas, das febres do ciúme : um typo de belleza entre aquella tendencia á exaggeração e a uma originalidade lavrada de arabescos, abysmada em seu deleite de negriddões, por que elle soube, sem despir sua personalidade litteraria, indo retemprar seu genio nas fantasias allemãs de Hoffman e na assoma (?) de Lamartine, — como o *Hernani* de Hugo, no enrijar de seu gladio de bandido nas torrentes das montanhas. »

Oh! é triste que um escriptor que preza a sua reputação de homem de letras, não tenha tempo, senão de limar, pelo menos de escolher o que deve vêr a luz publica, porque a morte lhe cortou as azas antes de o pôr em pratica. Mas triste é igualmente que depois, quem não tem a responsabilidade do que apparece, nem tem outros motivos de decidir que não sejam avolumar as obras de um talento notavel, por que a admiração é cega, publique tudo quanto encontra, o bom e o mediocre, o mau e o optimo para assim macular d'algunha forma a memoria do seu idolo. Alvares d'Azevedo não publicou as suas obras, publicaram-lh'as.

Diga-se comtudo uma verdade. As obras em que se notam estes defeitos são a estreia do escriptor. O estudo sobre a litteratura e a civilisação de Portugal, foi escripto no fim do anno de 1849; o estudo sobre *Jacques Rolla*, de Alfredo

Musset, é de Janeiro ou Fevereiro de 1850; o de *Aldo*, o *rimador*, de George Sand, bem como o discurso pronunciado na installação da Sociedade — *Ensaio-Philosophico*, são de Maio do mesmo anno. Isto mostra que foram escriptos antes dos 19 annos. Agora lêde as ultimas poesias; lêde em prosa o drama-romance — *Macario* e a *Noite na Taberna*, e vereis logo a differença. Ahí a phrase corre sem péas, é pouco medida; fugio d'ahí o idealismo que embalava a alma do poeta nos seus primeiros cantos, para dar lugar ao descomedimento e á soltura da expressão; mas a mão está mais assente, o periodo é mais cortado, a dicção mais perfeita. Não ha paridade entre o que fôra e o que é; é visível o progresso.

Assim a avesinha ensaia as suas forças ainda debeis, solta-se, começa a voar, hesita, pouisa medrosa, levanta-se outra vez, dirige aqui e ali os seus pequenos vôs, até que se largã com toda a confiança e corta os horisontes que antes tremia de medir com a vista.

Ha na natureza de Alvares d'Azevedo um dualismo que assombra, não por que não seja commum a muitos homens, mas por que n'elle é tão pronunciado, que difficilmente se encontra egual em outros escriptores.

Alvares d'Azevedo era o poeta dos gorgeios, das noites placidas, das flores, do luar, da aurora ridente, dos castos amores, de todos os grandes affectos, de todas as caricias; e era o poeta, que parece que não tinha bebido idéas senão em Propercio e no grego Rufino, inspirando-se unicamente das nudezas da antiguidade pagã para nos dar d'ellas uma segunda edição no seculo XIX.

No seu romance *Macario* diz-lhe um desconhecido (Satan, que era para elle o mesmo que para o dr. Fausto era Mephistopheles):

O DESCONHECIDO

« Admira-me uma cousa. Tens vinte annos: devias ser puro como um anjo, e és devasso como um conego! »

MACARIO

« Não é que eu não voltasse os meus sonhos para o Céu. A cisterna tambem abre os seus labios para Deus, e pede-lhe uma agua pura — e o mais das vezes só tem lodo... »

O moço de vinte annos, o Macario, que voltava os seus sonhos para o Céu, e tinha a incontinencia na alma, como a cisterna tem o lodo no fundo, era Alvares d'Azevedo.

Censura-se a Luciano, a esse elegante de espirito que não passava d'um cynico quando fallava das *cortezas* do seu tempo, que elle tantas vezes offendesse o pudor nos seus bellissimos *Dialogos*. A musa da innocencia velava as suas faces quando Petroneo escrevia o *Festim de Trimalchiao*. Pois lêde a *Noite na taberna*, lêde o *Macario* do poeta brasileiro, e persuadir-vos-heis pela soltura das phrases, e muitas vezes pelo desbragado da expressão, que são obras d'um grego ou d'um romano, e não dos dias de hoje. A antiguidade não tinha quadros mais livres.

Na *Noite na taberna* ha o suicidio, o infantecidio, o adulterio, o assassinio, a loucura, a anthropofogia, o incesto. o veneno, a traição, a embriaguez, o filtro que embriaga, a seducção que perde. Ali todos os convivas afogam em vinho, ou cognac todos os remorsos, todas as dores, ou todas as miserias. É um pandemonium de perdição.

Obedecendo ao dualismo da sua natureza, felicita hoje no discurso que recitou commemorando o anniversario da criação dos Cursos juridicos no Brazil, os que comprehendiam a sua missão; elogia a mocidade que é esperança de verdadeira poesia, que se ensaia para os debates de tribuna, e que se apodera da grande alavanca da imprensa. Amanhã descrê dos seus poetas e dos seus artistas, e exclama desdenhoso e desanimado:

« A poesia morre — deixal-a que cante seu adens de moribunda.. Não escutes essa turba embrutecida no plagiar e na copia. Não sabem o que dizem esses homens que para apaixonar-se pelo canto esperam que o hosanna da gloria tenha saudado o cantor. São esteréis em si como a parasita. Musicos — nunca serão Beethoven, nem Mozart. Escriutores — todas as suas garatujas não valerão um terceto de Dante. Pintores — nunca farão viver na tela uma carnacão de Rubens, ou erguer-se no fresco um fantasma de Miguel Angelo.»

É ainda obedecendo a esse dualismo que elle é umas vezes sceptico, outras crente, e outras nem sceptico nem crente. Sceptico diz:

« A philosophia é vã. É uma crypta escura onde se esbarra na treva. As idas do homem o fascinam, mas não o esclarecem. Na cerração do espirito elle estala o craneo na loucura, ou abysma-se no fatalismo, ou no nada.»

Nem sceptico, nem crente:

« Se existe Deus, elle me perdoará se a minha alma era fraca, se na minha noite lutei em balde com o anjo como Jacob, e succumbi— Quem sabe?—Eis tudo o que ha no meu entendimento. As vezes creio e espero: ajoelho-me banhado de pranto, e oro; outras vezes não creio, e sinto o mundo objectivo vazío como um tumulto. »

Crente. Diz que o seu sonho foram os seus amores, foi a natureza, foi a liberdade, foi a familia, e conclue:

E agora o unico amor... o amor eterno
que do fundo do peito aqui murmura
e acende os sonhos meus,
que lança algum luar no meu inverno,
que a minha vida no penar apura,
é o amor do meu Deus.

* * *

O que ha no humorista? Ha a mistura da sensibilidade e da ironia, da frivolidade e da profundez, da delicadeza e da força, da graça e do sarcasmo. O humorista abraça as duas faces da vida, e passa da alegria ás lagrimas, e d'estas ao riso amargo por um capricho da sua estranha natureza. Alvares d'Azevedo era humorista.

Dizia elle que a vida tem o quer que seja de serio, e a morte um não sei quê de horrorosa, quando se pensa n'ellas, e que assim o melhor era não tomal-as pelo lado serio, mas pelo ridiculo. Entretanto não era para obedecer a esta theoria que elle gracejava com a morte, por exemplo, fazia-o tambem porque estava na sua organização, como em Henri Heine, como em Scarron, como em Sterne, como em Shakspeare, como em Cervantes, como em tantos outros. Alvares d'Azevedo havia nascido humorista.

Lêde a segunda parte da *Lira dos vinte annos*, onde, no dizer d'elle — se dissipa o mundo visionario e platonico, e se entra n'um mundo novo, patria dos sonhos de Cervantes e Shakspeare. — É um primôr. Digam-me se ha versos n'aquelle genero que possam competir com os de *Spleen* e *Charutos*? E o desespero dos imitadores; trinta lhe tem querido seguir os vãos, e não se elevam, e nem de longe se lhe aproximam. Henri Heine, quando a cegueira e a paralyisia lhe atormentavam a alma, e creveu o *Livro de Lazaro*, e ahi graceja com a morte. Alvares d'Azevedo no *Poeta moribundo*, por imitação de Henri Heine, já advinhando a morte, ou an

tes, já sentindo-a a corroer-lhe o seio, faz d'ella a sua noiva, e exclama rindo:

Coração porque tremes? Vejo a morte,
alli vem lazarenta e desdentada...
Que noiva! E devo então dormir com ella?...
Se ella ao menos dormisse mascarada?
Que ruínas! que amor petrificado!
tão ante-diluviano e gigantesco!
Ora, façam idéa que ternuras
terá essa lagarta posta ao fresco!

Camillo Castello Branco, prefaciando o livro de Henri Heine, que traduzio, exclama: — Quem tiver coração de pouco vulgar tempera de chorar, doer-se-ha tanto das amarguras, como das facecias do *Livro de Lazaro*. O mesmo devemos dizer do *Poeta moribundo*. Alvares d'Azevedo brincava ahí com a morte, e o coração confrange-se porque adivinha as lagrimas debaixo d'aquellas mostras de rir zombeteiro.

* * *

Alvares d'Azevedo estava condemnado a morrer novo, e o desalento, os presentimentos do proximo fim, os queixumes, a saudade da vida, estão espalhados em muitos dos seus versos, na prosa do drama *Macario*, nas cartas ao seu amigo o sr. dr. Luiz Antonio da Silva. A este, no 1.º de Março de 1850, nas ferias do 2.º anno — note-se que ainda então não contava 19 annos — escrevendo do Rio de Janeiro, dizia-lhe:

«Luiz, ha ahí não sei que no meu coração quê me diz que talvez tudo esteja acabado entre nós. Será uma mentira, uma d'essas gotas de fel que se embebem no cerebro como uma loucura, ou um presentimento—como o primeiro pio da procellaria aos preludios do vendaval por mal alto.»

Ahí mesmo recorda-se da mãe que elle estremecia, e ajunta:

«Talvez alguma lagrima furtiva rolou pela face de minha mãe... Pobre mãe! Não é assim, meu Luiz? Pobres (não o crês?) d'aquellas que vêem o filho pender e murchar pallido como os sons da musica sombria que elle só escuta.»

Em 12 de Setembro de 1851, dia em que elle completava 20 annos, escreve uma poesia *Saudades*, e a epigraphe que lhe pôe é de Byron. Diz: *Tis vain struggle-let perish young*. De que vale esforçar-me se hei de morrer moço?

N'esta disposição de espirito voltou elle ao Rio de Janeiro,

pelas ferias do 4.º anno, mas seguia-o o negro presentimento de que não regressava a S. Paulo, ou se regressasse não conseguiria completar o curso, porque nos dois ultimos annos tinha a foice inexoravel cortado a vida de dois quintanistas, e em 1852 seria elle a victima.

Esta idéa era tão fixa que tinha no seu gabinete d'estudo escripto a lista funebre na seguinte ordem :

1850 — Feliciano Coelho Duarte.

1851 — João Baptista da Silva Pereira.

1852 — . . .

A ambos tinha saudado na morte, pagando o tributo do amigo ao amigo.

Para disticos das oito columnas que sustentavam a Eça nas exequias que se celebraram ao primeiro, fez elle os versos. E que bellissimos versos! Uma das quadras é o grito de quem vê além das trevas do sepulchro a luz da bemaventura eterna. É a profissão do crente :

O meu lodo lavei no rio santo
e fui sorrir de Deus ao morno dia ;
miserrimos ! o sol d'além do tumulo
não é do morto a lampada sombria.

No discurso recitado á beira da sepultura do ultimo lêem-se estas palavras, que são o grito de áleria ! de uma voz invisivel, a que parece que elle responde, — áleria estou !

«Navegantes miserrimos pelo oceano da morte, a mão que conduz as nossas esperanças para o oriente do futuro, tem uma sina terrivel ! Cada anno uma victima se perde nas ondas, e a sorte escolhe sorrindo o melhor d'entre nós !»

Podia morrer. E qual era agora a sua vida ? Cada vez mais concentrado no seu quarto, procurando de dia o escriptorio de seu pae que já lhe confiava as questões mais melindrosas ; á noite sentado á mesa do estudo, sempre compondendo ou escrevendo, sempre ardendo em febre.

Espreitava-o a mãe, que as mães não dormem, e quando uma, outra, e outra vez o encontrava nas altas horas da noite, n'aquelle frenesi de trabalho, n'aquelle esbanjamento de vida, pedia-lhe, supplicava-lhe, disfarçando as lagrimas, que se fosse deitar. É a estes cuidados maternos, a esta sentinella vigillante das noites, que elle se refere quando na poesia *Lembrança de morrer*, exclama :

Só levo uma saudade—é d'essas sombras
que eu sentia vellar nas noites minhas...
de ti, ó minha mãe, pobre coitada,
que por minha tristeza te definhas.

Dava-lhe elle esta demonstração de amor filial, e quando exaustado descansava do trabalho, passava as horas junto da irmã e da mãe, deitado aos pés d'esta abraçando-a, beijando-lhe as mãos, enchendo-a de caricias, pagando amor com amor. Era o delirio do affecto, o crepitar da luz, mais viva quando está para extinguir-se.

N'isto aproximava-se o outono, que tantas fiores desfolha. Chega o 10 de Março, apparecem os primeiros symptomas, verdadeiramente assustadores, e perdem-se desde logo todas as esperanças. Seguem-se 46 dias de insupportaveis dôres, e a 25 d'Abril de 1852, depois de receber os sacramentos, e pedir uma missa que por ser domingo se lhe não pode dizer, entregou o espirito ao Creador. Eram 5 horas da tarde, baixava já o sol no horisonte.

As ultimas palavras que disse, forcejando por se apoiar no peito do irmão, tomando a mão do pae para a levar aos labios, e lançando-lhe um olhar que era o seu ultimo adeus, foram « *Que fatalidade, meu pae!* »

A mãe não o vio morrer, porque elle lhe havia pedido minutos antes que se retirasse, mas quando no quarto proximo adivinhou, ou ouviu o triste desengano, soltou um grito de suprema angustia e cahiu sem sentidos. É que n'esse instante se lhe acordara uma dolorosissima memoria.

Havia mezes que um sonho horrivel lhe despedaçara o coração, — o que não sonham as mães quando estremezem os filhes, e adormecem pensando sempre n'elles!... sonhara que o filho da sua alma havia de morrer na sua propria cama. Correu o tempo; o sonho varrera-se-lhe da idéa; e por isso quando ultimamente o doente, a pretexto de não quarto fazer muito calor, manifestou desejos de passar para a cama da mãe, consentio na mudança.

Realisara-se o sonho.

O filho acabava de morrer na cama da mãe.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

EXPEDIENTE

Vão as senhoras deixando a pouco e pouco a timidez que as prendia, para não mostrarem em publico o talento de que Deus as dotára. Quando em 1862 tomámos conta da direcção d'este Anuario, inscreveram-se na lista das que nos honraram com os seus escriptos 16; hoje são passados 16 annos, e o *Almanach* para 1878 inscreve 51.

Bem hajam.

O *Almanach* de 1877 levou mais oito paginas que os seus antecedentes, e o de 1878 conta mais oito que o de 1877. Hoje sahe com 415; obriga-nos a isso não só a abundancia de materias, como a sua melhor disposição.

Annunciou a conhecida casa Garnier a 4.^a edição das Obras d'Alvares d'Azevedo, com o retrato do poeta. Mandá-mol-as vir, e não o tinha.

N'estas circumstancias dissemos na pag. 26 do *Almanach* passado, que publicariamos em 1878 o elogio biographico d'Alvares d'Azevedo, se algum dos seus admiradores nos mandasse, até janeiro de 1877, o fidelissimo retrato e o *fac-simile* do distincto poeta brasileiro.

Esperámos debalde, e se o sr. Geraldo De Vecchi, cavelheiro brasileiro que hoje reside em Lisboa, e ex-redactor do *Diario Illustrado*, não pozesse á nossa disposição um retrato lithographico que tinha do poeta, com o *fac-simile* da sua assignatura, impossivel nos era cumprir o que desejavamos, e pagar a divida da nossa admiração a um dos talentos que mais honram a historia litteraria do Brazil. Aqui lh'o agradecemos.

Charadas

Desdizemo-nos. D'esta vez subio a craveira. Das 108 charadas, enigmas-e logogrifhos do *Almanach* de 1877, houve quem chegasse a advinhar 104. Os maiores decifradores por sua ordem foram:

Os srs.:

João Eloy Nunes Cardoso (Monte-mór-o-Novo).....	104
Eduardo Roseiro de Mattos Coelho (Mação).....	101
Socios Parvonezes (Lisboa).....	100

Coelheira Ilhavense.....	100
André do Quental e Peixoto (Ponta Delgada).....	98
Manuel Vieira Natividade.....	97
Mathens Peres (Cuba).....	96
Thugs (Arruda).....	96
João Carlos Massa (Lisboa).....	95
João Telles (Lisboa).....	94
Julio Cesar P. & Eduardo Antonio P. (Lisboa).....	93
Alexandre Martins Bessa (Coimbra).....	90
José Soares da Silva (Bahia).....	90

Não attingiram o numero de 90, mas de 80, e d'ahi para cima, adivinharam :

Os srs. : A. P. Andrade e Bicalho (Cidade de Grão Mogol, Brazil), 89 ; A. Norberto e A. Elysio (Coimbra), 89 ; Carmo e Sousa (Lisboa), 89 ; J. A. J. Costa e F. A. Jorge (Mafra), 89 ; João Guerra (Santos, Brazil), 88 ; Caçarretas Eborenses, 88 ; J. Augusto Nunes (Ilha da Madeira), 86 ; M. dos Santos Marrazes (Marinha Grande), 86 ; J. B. Vital e Joaquim Ignacio Dôres Marques (Beja), 85 ; João Marques Diogo (Covilhã), 84 ; D. Manuel M. Ferreira (Ilha de S. Miguel), 83 ; Liga OEdépica (Cabo Verde), 83 ; Dr. F. A. Dultra Rodrigues, 82 ; Eduardo Augusto d'Oliveira Guerreiro (Vizeu), 81 ; Manuel Ignacio de Andrade (Rio de Janeiro), 81 ; Zamith (Rio de Janeiro), 81 ; A. M. A. Souto Rodrigues e M. C. Corrêa (Ilha Brava), 80 ; Matheus Laureano da Silva (Rio de Janeiro), 80.

Foram immediatos de 70 para cima : D. Amelia Furtado (Faro), 79 ; Irresistiveis (Covilhã), 79 ; J. F. (Guimarães), 78 ; G. d'A. Grande de Pina (Bragança), 77 ; J. S. Avila o Accurcio Urbano (Rio de Janeiro), 76 ; Jorge Guilherme Moojen (Rio Grande), 76 ; Cabeçudos Covilhanenses, 75 ; A. J. Ferreira Ja Silva (Portalegre, Brazil), 75 ; Antão Martins (Ilha Terceira), 75 ; Marmanjada Extremocense, 74 ; Julio Edgard (Porto), 72 ; J. M. Borrego e F. M. Quintela Assis (Almeida), 71 ; José da Cruz e Manuel Joaquim de Campos (Castello Branco), 71 ; D. Julia de Brito Mousinho (Thomar), 70 ; Antonio de Sousa (Coimbra), 70 ; J. E. de Lima Duque (Coimbra), 70.

Dos que não attingiram o numero de 70, para não tornarmos mais extensa esta lista, callaremos os nomes.

De mais de oitenta decifradores que se nos dirigiram, o unico

que conseguiu adivinhar o enigma xx de pag. 343, *Jaboti*, foi o sr. Martinho Rodrigues (Ceará).

Não ha outra menção a fazer, de logogripho, enigma, ou charada, que não fosse adivinhada, ou o fosse por um só individuo, pois que as mais difficeis foram caçadas por muitos.

O LOGOGRIPHO DE PAG. 165 DO ALMANACH DE 1877

Inconsideradamente prometteu a auctora o seu retrato a quem lh'o decifrasse. Nunca uma senhora feia offereceu o seu retrato, pensaram muitos, e dias depois da publicação do *Almanach* ferviam os decifradores reclamando o cumprimento da promessa, uns por cartas, e outros, o maior numero, por acrosticos e logogriphos, dedicados á authora. Nem sequer lhes publicaremos os nomes, porque encheriam umas poucas de paginas.

Emquanto isto se dava em Portugal, acontecia no Brazil o mesmo. Em 20 de dezembro do anno passado escrevia-nos a ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Costa, dizendo :

«Antecipo-me a dar o promettido aos decifradores do meu logogripho de pag. 165, do *Almanach* de 1877, porque me vi na dura necessidade de responder a mais de um cento de cartas que me foram dirigidas por intelligentes decifradores, os quaes estão hoje de posse da recompensa promettida. Sendo, porém, provavel que alguns se reservem para o futuro *Almanach*, a esses vae pois dirigida a copia fiel do que sou, comquanto alguns injustamente me chamem astro — beldade, talento inemitavel — que sei eu ? Illusões que foram dolorosamente dissipadas.»

Ahi vae, pois o retrato. Sahio bastante desfavorecido da Bahia ; em Lisboa, o photographo foi mais consciencioso, ou mais perito. Ainda assim ficou de modo que não irão outros 12 como os d'Inglaterra bater-se pela formosura da dama ; mas pelo seu malicioso espirito, e pelo que se esconde atraz da mentirosa mascara, seguramente iriam — e não teriam de que se arrepender.

RETRATO

Caro senhor, se julgava
rara belleza encontrar
— pois velo tão presuroso
meu retrato procurar —
digo que perdeu seu tempo ;
eu não me quero casar.

Já tres maridos chorei —
o que isto custa bem sei.
— Em todo caso previno,
segure seu coração ;
depois não quero que chore
a perda d'uma illusão !

..
Cumprindo minha promessa,
fiel ao que prometti,
vou-lhe dar — á penna feito —
o meu retrato perfeito,
como igual inda não vi:

..
Minha estatura é tão baixa
que quasi pareço anã.
O meu corpinho é galante,
inchado como o de rã.

..
O meu olhar feiticeiro
prende em doce captivo
os rebeldes corações.
Oh! quem resiste a uns olhos
esbugalhados, zarelhos,
sem pestanas e chorões?!...

..
Do meu nariz bem feitinho
nada iguala a perfeição;
lustroso como um tomate,
vermelho qual pimentão,
distilla negro simonte
de pura refinação.

..
A minha boca engraçada
immensamente rasgada,
rival no mundo não tem.

Meus dentinhos tão gabados
são pontudos, revirados
e poucos já são também.

..
Não ha nada tão mimoso
como meu pequeno pé,
calça botas — trinta e nove —
acha curtinho — não é?!

..
A mãosinha primorosa
igual na terra não ha,
encarquilhada, rugosa,
calço luvas letra — H.

..
Já tive cabellos lindos,
mas agora uso chinó,
uma herança de familia
que já foi de minha avó.

..
Não me acha bonitinha?
Não sou uma perfeição?!...
Confesse, — não lhe dizia
isto mesmo o coração?...

.....
Está feito o meu retrato,
cumprida a minha promessa.
Agora diga comsigo
— eu não esp'rava por essa.

Adelaide Costa.

Charadas para 1879

Visto que de milhares de charadas, enigmas e logogriphos que todos os annos nos enviam, havemos, com perda de paciencia e tempo, escolher 100; e visto que este anno, as mais difficeis charadas, não resistiram aos melhores decifradores, declaramos: que d'hora em diante passaremos a ser mais escrupulosos na escolha do genero, e que por isso escusam os que mal sabem fazer outra cousa, de se nos dirigirem com charadas e logogriphos que por merito nenhum se recommendem.

Uma charada bem feita pode jogar com a mythologia, com a historia, com principios de sciencia, e além das diffi-

culdades que a enredem, deve tambem, sempre que ser poss. vestir uma forma litteraria que a torne attrahente. As que não poderem ser isto, escusam de cá vir.

Rectificações

A charada de pag. 199 do *Almanach* de 1876 é feita a palavra *Rebem*, e na respectiva tabella do *Almanach* de 1877, vem por um erro inexplicavel — *Belem* (!)

A charada da pag. 158 do *Almanach* de 1877, accusa uma syllaba de mais, e deslocadamente cortando o conceito. Apesar d'isso foi adivinhada por muitos.

N'este *Almanach* ha duas charadas com o n.º XLIII, uma a pag. 325, outra a pag. 330; e a charada XVIII, a pag. 250, leva por engano o n.º XIV.

Foi muito applaudida e gostada a amostra de charadas-enigmas, pittorescas, que demos a pag. 339 do *Almanach* anterior, da invenção do sr. Joaquim de Castro Fonseca, da Bahia, e este anno já vieram mais.

Este anno chamamos a attenção para algumas especies novas, taes são as charadas addicionadas de pag. 173; as charadas-enigmas em quadro de pag. 252; os logogriphos novissimos de pag. 367; e os logogriphos em quadro de pag. 391. Estes principalmente são muito graciosos, e dão logar a que no conceito, se os seus authores tem um pouco de poetas, se espraíem em verdadeiros madrigaes.

Ficam proscriptos os enigmas de nomes de individuos, rios, ou paizes, cujas iniciaes formem um nome, e cujas finaes outro, porque por muitos decifradores tem sido considerados demasiadamente vagos, e não offerecendo nenhum interesse.

SENHORAS

que collaboraram no presente Almanach

III.ªs Ex.ªs Sr.ªs

- D. ADELAIDE COSTA, Pag. 230
D. ADELINA AMELIA LOPES VIEIRA, Pag. 171
DONA A. E. D'ALMEIDA E BRITO, Pag. 191
ALGARVIA, Pag. 284
D. AMELIA F., Pag. 299
AMELIA JANNY, Pag. 386
D. AMELIA REBELLO, Pag. 195 e 307
D. ANNA A. CAVALCANTI D'ALBUQUERQUE, 137
D. ANNALIA VIEIRA DO NASCIMENTO, 174 e 348
ANNONYMA ALEMTEJANA, Pag. 383
D. CATHARINA MAXIMA DE FIGUEIREDO ABREU
CASTELLO BRANCO, Pag. 340
D. CHRISTINA M. D'A. BRENNE ADRIÃO, Pag. 373
D. CLEMENTINA DA SILVA TORRES, Pag. 155
DESCONHECIDA (UMA), Pag. 318
D. ELISA A. DA CONCEIÇÃO CORDEIRO, Pag. 358
D. EMILIA ADELAIDE PEREIRA REIS, Pag. 334
D. EMILIA DA NATIVIDADE FERREIRA, Pag. 267
D. ERMELINDA PRATA, Pag. 356
D. FRANCISCA A. C. DE MATTOS, Pag. 348
D. FRANCISCA DE PAULA POSSOLO DA COSTA, 154
DONA G. C., Pag. 162
D. GEORGINA DE CARVALHO, Pag. 351
D. GUILHERMINA DE J. M. DA COSTA E SILVA, 356

- D. GUIOMAR TORREZÃO, Pag. 387
- D. HERMENEGILDA DE LACERDA, Pag. 327
HIBERNIA, Pag. 201
- D. JOANNA TAVARES, Pag. 178
- D. JULIA HENRIQUETA DE BRITO MOUSINHO, 390
- D. LEONOR ADELAIDE DIAS VERANI, Pag. 287
- D. LEONOR ADELAIDE DE FIGUEIREIDO, Pag. 268
- D. LEOPOLDINA DE JESUS PAES MAMEDE, Pag. 292
- D. LUDOVINA FURTADO, Pag. 277
- D. LUIZA AMELIA, Pag. 388
- D. MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA, 158
- D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO, Pag. 397
- D. MARIA AUGUSTA DE FIGUEIREDO, Pag. 363
SOROR MARIA DO CÉO, Pag. 207
- D. MARIA DA GLORIA FERREIRA GUERREIRO, 180
- D. MARIA JOSÉ DE C. FONSECA, Pag. 199
- D. MARIA JOSÉ ERNESTINA D'OLIVEIRA C. CORTE
REAL, Pag. 369
- D. MARIA JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA, Pag. 265
- D. MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO, Pag. 266
- D. MARIA L. F. DE MENDONÇA E MATTOS, 251
- D. MARIA DO PILAR ALVARES RIBEIRO, Pag. 335
- D. MARIA DO PILAR B. M. OSORIO, Pag. 310
- D. MARIA RITA CHIAPPE CADET, Pag. 241
- D. MARIANNA ANGELICA D'ANDRADE, Pag. 394
MARQUEZA D'ALORNA, Pag. 359
- OBSCURA TRANSMONTANA, Pag. 284
- SENHORA (UMA) CONIMBRICENSE, Pag. 179
- D. ZULMIRA E. A. DE SÁ, Pag. 286

AUTHORES

dos artigos assignados d'este Almanach

- A. A. B. O., Pag. 116, 205, 252
A. A. ORLEANS, Pag. 358
ABEL AUGUSTO CORRÊA DE PINHO, Pag. 248
ABILIO ALBANO DE LIMA DUQUE, Pag. 388
A. BRAZILIENSE CARNEIRO, Pag. 274
ACACIO ANTUNES, Pag. 281
ACADEMICO CONIMBRICENSE, Pag. 380
ACCURSIO URBANO, Pag. 210
A. CORRÊA DE CAMPOS, Pag. 198
ADELINO DOS SANTOS FERNANDES VAZ, Pag. 316
ADMIRADOR (Um), Pag. 307
ADRIANO RAMOS PINTO, Pag. 250
A. DE F. M. C. B., Pag. 244
A. J. BENZERRA CAVALCANTI, Pag. 362
A. J. SALGUEIRO, Pag. 387
ALBINO S. D. C., Pag. 170
A. LATINO DE FARIA, Pag. 363
ALEXANDRE DE FARIA GODINHO, Pag. 391
ALFREDO A. PLACIDO DE MONCADA E OLIVEIRA, Pag. 138
ALFREDO AUGUSTO DE BRITO MOUTINHO, Pag. 172
ALFREDO GOMES, Pag. 350
ALFREDO JULIO DIAS DA SILVA, Pag. 357
ALFREDO DE SOUSA NETTO, Pag. 375
ALVARES DA CRUZ, Pag. 160
ALVES CRESPO, Pag. 372
AMADOR (D. FREI) ARRAIZ, Pag. 230
A. M. B., Pag. 127 e 240
A. M. C., Pag. 184
A. MARCONDES, Pag. 343

- A. M. N., Pag. 160
- A. M. DA SILVA, Pag. 123, 143, 316, e 326
- A. M. SOUSA ALBUQUERQUE, Pag. 282
- ANSELMO XAVIER, Pag. 253
- ANTONIO D'ARTIAGA SOUTO MAIOR, Pag. 141, 330, e 359
- ANTONIO (DR.) FERREIRA, Pag. 173
- ANTONIO JOAQUIM RIBEIRO, Pag. 133 e 193
- ANTONIO IGNACIO TORRES BANDEIRA, Pag. 312
- ANTONIO J. RAMOS, Pag. 135
- ANTONIO JOSÉ VIANNA, Pag. 365
- ANTONIO MARIA D'ALMEIDA, Pag. 149
- ANTONIO MARIA DO AMARAL RIBEIRO, Pag. 120 e 324
- ANTONIO DE SÁ SOARES LEITE, Pag. 331
- ANTONIO (P.^o) VIEIRA, Pag. 208
- ANTONIO XAVIER, Pag. 253
- A. PATRICIO CORRÊA, Pag. 222
- A. P. DA COSTA CARNEIRO, Pag. 272
- A. P. MIRANDA AZEVEDO, Pag. 252
- A. SALAZAR D'ÊÇA JORDÃO, Pag. 198
- A. S. G., Pag. 363
- ARGEMIRO C. D'OLIVEIRA, Pag. 205
- ARTHUR ABRANCHES NOGUEIRA, Pag. 114
- ARTHUR D'ANDRADE, Pag. 176 e 192
- AUGUSTO GERARDO STERLICON, Pag. 131
- A. X. DA SILVA PEREIRA, Pag. 194 e 219
- B. FREDERICO, Pag. 119 e 150
- BALTHAZAR APRIGIO DE F. DE MELLO E ANDRADE, Pag. 353
- BELLARMINO CARNEIRO, Pag. 393
- BENTO FONTOURA, Pag. 346 e 386
- BERNARDINO JOSÉ D'ARAÚJO, Pag. 263
- BRITO FREIRE, Pag. 308
- B. TANELLAS, Pag. 361
- BULHÃO PATO, Pag. 388

- C. DA FONSECA, Pag. 169**
C. GRACCHUS, Pag. 302
C. M., Pag. 301
CAMILLO CASTELLO BRANCO, Pag. 181
CANDIDO DE FIGUEIREDO, Pag. 269
CARLOS E. DE MORAES, Pag. 238
CARMO E SOUSA, Pag. 239
CARNEIRO, Pag. 243
CASTRO ALVES, Pag. 115
CHRISTOVAM AYRES, Pag. 291
COELHO ILHAVENSE, Pag. 279
D. C. SANCHES DE FRIAS, Pag. 275
DAMASCENO VIEIRA, Pag. 185
DAMIÃO DE GOES, Pag. 233
DOMINGOS DOS REIS QUITA, Pag. 237
DRACO, Pag. 287
EDUARDO AVELLAR, Pag. 277
EDUARDO DE CARVALHO, 144 e 197
EDUARDO M., Pag. 339
EDUARDO MATTOS, Pag. 177
EDUARDO MENDES, Pag. 315
EDUARDO ROSEIRO DE MATTOS COELHO, Pag. 122 e 340
ELPIDIO A. DE R. LIMA, Pag. 295
EMYGDIO GOMES DOS REIS, Pag. 133
ERNESTO AUGUSTO DE MIRANDA, Pag. 365
F. A. D'ALMEIDA, Pag. 187
F. A. DE MATTOS, Pag. 313
F. F. F., Pag. 232
F. G., Pag. 263
F. J. RAMOS, Pag. 326
F. L. DE CACERES, Pag. 217
P.^o F. S. C., Pag. 254
F. SOARES VICTOR, Pag. 339

- F. T. ALBANO GONÇALVES, Pag. 274**
FAUSTINO DE LADEMA E ORNELLAS, Pag. 388
FERNANDO D'ARAÚJO, Pag. 273
FERREIRA DE MESQUITA, Pag. 297
FILINTO ELYSIO, Pag. 392
FRANCISCO A. BELLO DE CARVALHO, Pag. 294
FRANCISCO CISMONTANO, Pag. 357
FRANCISCO GOMES D'AMORIM, Pag. 399
FRANCISCO GONSAGA CICERO DE SÁ, Pag. 229
FRANCISCO HENRIQUES DA CRUZ COELHO, Pag. 239
FRANCIS JACOBETI, Pag. 183
FRANCISCO RODRIGUES LOBO, Pag. 374
FRANCISCO SILVA, Pag. 330
G. L. P., Pag. 376
GAUDENCIO DE LEMOS, Pag. 309
GONÇALO R. C. LIMA, Pag. 149 e 189
GUALDINO GOMES, Pag. 372
GUILHERME D'ALCANTARA G. DE P., Pag. 181
GUILHERME DE CARVALHO, Pag. 325
HENRIQUE, Pag. 267
HENRIQUE VICENTE CORRÊA DE SÁ, Pag. 213
JOSÉ A. J. DA COSTA, Pag. 389
HONORIO MONTEIRO, Pag. 232
J. A. LOPES FERREIRA, Pag. 212
J. ANTONIO DE AVELLAR JUNIOR, Pag. 328
J. B. FERRÃO, Pag. 202
J. C. FURTADO D'ANTAS, Pag. 218
J. D. O., Pag. 271
J. DE CASTRO, Pag. 362
J. FERNANDES DA SILVA, Pag. 322
J. H. DA SILVA DUTRA, Pag. 229
J. J. MENDES BARBOSA, Pag. 354
J. L. ALVARES DE SOUSA, Pag. 123

- J. J. DA COSTA MACEDO, Pag. 148
 JOSÉ LOPES VIEGAS, Pag. 122, e 158
 J. MACHADO LEAL, Pag. 259
 J. MORAES, Pag. 371
 J. O. VASCONCELLOS, Pag. 342 e 395
 J. P. DA SILVA CAMPOS OLIVEIRA, Pag. 335 e 383
 J. S. A. Pag. 190
 J. SIMÕES DIAS, Pag. 390
 J. (P.º) T. T. R., Pag. 146
 J. TELLES, Pag. 143, e 292
 J. DE V. F. (***) , Pag. 306
 J. VILLA NOVA, Pag. 314
 JOÃO A. NUNES, Pag. 118, e 269
 JOÃO CARLOS MASSA JUNIOR, Pag. 315
 JOÃO CESARIO FERNANDES, Pag. 382
 P.º JOÃO CHRYSOSTOMO DOS SANTOS, Pag. 211
 JOÃO DANTAS DE SOUSA, Pag. 234
 JOÃO GUERRA, Pag. 124
 JOÃO GUILHERME CHAVES, Pag. 259
 JOÃO MARIA MERGULHÃO NEVES CABRAL, Pag. 141
 JOÃO NEPOMUCENO DE MENDONÇA, Pag. 321
 JOÃO SÁ, Pag. 188
 JOÃO VIEIRA D'AZEVEDO, Pag. 223
 JOAQUIM A. DE SOUSA TELLES DE MATTOS, 173, 355 e 376
 JOAQUIM ANTONIO GOMES DA SILVA JUNIOR, Pag. 367
 JOAQUIM DE C. FONSECA, Pag. 192
 JOAQUIM IGNACIO DAS DORES MARQUES, Pag. 292
 JOAQUIM PESTANA, Pag. 289, e 300
 JOAQUIM SEQUEIRA, Pag. 352
 JOAQUIM TOEZA, Pag. 398
 JORGE GUILHERME MOEJEN, Pag. 334
 JORGE DE VASCONCELLOS, Pag. 156
 JOSÉ A. J. DA COSTA, Pag. 389

- JOSÉ AUGUSTO DA CRUZ, Pag. 249**
JOSÉ CARRILHO AYRES GARCIA, Pag. 166
JOSÉ DIOGO RIBEIRO, Pag. 187
JOSÉ ELOI OTTONI, Pag. 288
JOSÉ GUILHERME CHAVES, Pag. 259
JOSÉ LOPES VIEGAS, Pag. 122
JOSÉ D'ORNELLAS, Pag. 209
JOSÉ MARIA BORREGO, Pag. 129
JOSÉ PEDRO GERVASIO DA ROSA, Pag. 311
JOSÉ RODRIGUES DO CARMO FERREIRA, Pag. 355
JOSÉ DA SILVA RAMOS, Pag. 329
JOSÉ VICENTE COSTA, Pag. 347
P.^e JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO, Pag. 166
JULIO CESAR MACHADO, Pag. 395
JULIO DE CASTILHO, Pag. 260
JULIO EDGARD, Pag. 391
JULIO DE MENDONÇA, Pag. 300
JUSTINIANO D'ABREU, Pag. 264
JUVENIANO MONTEIRO, Pag. 278
L., Pag. 131
L. P. BORGES, Pag. 302
DR. LINO DE MACEDO, Pag. 296
LUIZ ANTONIO DA SILVA PRUDENCIO, Pag. 130
LUIZ CARLOS D'ARAÚJO PEREIRA PALMA, Pag. 370
LUIZ D'O. PINTO COELHO, Pag. 214
M. ALBERTO FLORES, Pag. 276
M. ALVES DE SOUSA, Pag. 142
M. ANTONIO, Pag. 213
M. DIAS, -Pag. 194
M. E. Pag. 380
M. F., Pag. 195
MACHADO DE ASSIS, Pag. 366
MATTOS FERREIRA, Pag. 328

- MANUEL CHRYSOGNO DA SILVA BRAGA, Pag. 343**
MANUEL FERREIRA DA PORTELLA, Pag. 381
MANOEL IGNAGIO JORGE, Pag. 303
M. J. DA CUNHA BRANDÃO, Pag. 117 e 179
M. J. F. G., Pag. 131
M. M. DE BARROS, Pag. 116
MANUEL GOMES PAES, Pag. 319
MANOEL LOPES MAIA, Pag. 157
MANUEL MARIA FERREIRA, Pag. 339
MANUEL MARIA LUCIO, Pag. 349
MANUEL MEDEIROS DA SILVA, Pag. 245
MANUEL DA MOTTA MANSO, Pag. 246
MANUEL VIEIRA DA NATIVIDADE, Pag. 163
MARCELLINO DA COSTA RIBEIRO, Pag. 168
MARTINHO RODRIGUES, Pag. 119
MATTOS FERREIRA, Pag. 328
MATTOS DA SILVEIRA, Pag. 231
M. PEREIRA, Pag. 294
M. R. C. LEÃO DIAS, Pag. 309
M. R. I. C., Pag. 140
MIGUEL PAULO FERREIRA NEVES, Pag. 384
NARCISO CORRÊA DE LACERDA, Pag. 245
NARCISO FEFICO, Pag. 223
NUNES D'AZEVEDO, Pag. 303
O. S. MELLO, Pag. 237
OCIOSOS PARVONEZES, Pag. 325
P. B. DE SAES, Pag. 170
P. D., Pag. 270
P. FILHO, Pag. 204
P. M. V. G., Pag. 367
PINHEIRO CHAGAS, Pag. 392
R. (Paredes de Coura), Pag. 151
R. (Pernambuco), Pag. 298

- R. C., Pag. 301
- RAIMUNDO AUGUSTO DA ROCHA LIMA, Pag. 347
- RAIMUNDO J. DA SILVA VIANNA, Pag. 305
- RAIMUNDO DA MOTTA, Pag. 248
- RAMOS D'ABREU, Pag. 159, e 215
- RECRUTA N.º 1, Pag. 161
- REINALDO CASIMIRO RODRIGUES DA SILVA, Pag. 197
- RUFINO B. F. LEAL, Pag. 153
- RUY-BLAS, Pag. 197
- S., Pag. 127
- SILVA FREIRE, Pag. 288
- SILVESTRE CASTANHEIRO, Pag. 262
- SILVINO VIDAL, Pag. 226
- SIMEÃO LUCIO RIBEIRO, Pag. 113
- T. S., Pag. 258
- TEIXEIRA DE CARVALHO, Pag. 382
- THOMAZ RIBEIRO, Pag. 323
- FR. THOMÉ DE JESUS, Pag. 224
- THOMÉ GONÇALVES FERREIRA MENDES, Pag. 344 e 373
- THUGS CHARADISTAS, Pag. 235
- TITO AUGUSTO DE CARVALHO, Pag. 333
- TOLEDANO (Um), Pag. 125
- URBANO DE CASTRO, Pag. 280
- V., Pag. 202
- V. C., Pag. 132
- V. M., Pag. 291
- VAZ MARTINS, Pag. 182
- VEREDIANO CARVALHO, Pag. 125
- VISCONDE DE OUGUELLA, Pag. 377
- X. V., Pag. 200
- * R *, Pag. 268
- *** (Cabo Verde), Pag. 283
- *** (Casa Branca), Pag. 121
- *** (Parnahiba), Pag. 256

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE ALMANACH

A Baçhante (poesia)	397	A Moreninha (poesia)	289
A beira mar (poesia)	268	A morte do poeta	254
A Casa da moura	187	A morte dos templarios (poesia)	375
A concha da praia (poesia)	381	Anabaptista corajosa	337
Acteon	128	Anagramma	149
Adelina Patti	114	Angelica (poesia)	323
Adeus (poesia)	197	Anjo (O) da noite (poesia)	241
Adeus! (poesia)	282	A Natureza (poesia)	294
A donzella e o poeta (poesia)	157	Annuncio do <i>Harpers Reviv</i>	167
Adorate Dominum! (poesia)	189	Ao cahir das folhas (poesia)	135
Adversidade	295	Ao desvanecimento de uma dama (poesia)	294
A Henrique Dominici (poesia)	372	Ao 2 de julho de 1876 em Palmeiras (poesia)	271
A J. (poesia)	301	Ao Ente Suprêmo	333
A Lendeira (poesia)	370	Ao luar (poesia)	124
Altitude (poesia)	281	Ao poeta (poesia)	327
Amazona (A)	377	Aragem (A) (poesia)	218
A mãe (poesia)	387	Aricio	138
A memoria do Barão de Barth (poesia)	202	A uma camponeza (poesia)	262
A memoria do Conde de Porto Alegre (poesia)	185	Antes de combate (poesia)	158
A memoria da Ex. ^{ma} Sr. ^a D. Isabel Mendonça e Po- voas (poesia)	293	A poesia (poesia)	380
A memoria de minha ex- tremosa mãe (poesia)	355	A uma creança (poesia)	197
A meu marido (poesia)	251	A uma mulher (poesia)	365
Amiga, por que choras? (poesia)	286	A uma Venus (poesia)	389
Amizade (A)	287	Arruda dos Vinhos	313
Amor (O) e o casamento	183	A ti (poesia)	383
		Attributos feminis	395
		A Virgem (poesia)	356
		Balantas (Gentilezas dos)	168
		Baptismo (O) (poesia)	244

Barbaroxa (poesia).....	169	— 34. ^a , 277 — 35. ^a , 288
Bellezas da Arcadia (poesia)	145	— 36. ^a , 291 — 37. ^a , 292
Bussaco (O) penitente... 315		— 38. ^a , 299 — 39. ^a , 303
Caixeiro (O) e o domingo (poesia)	273	— 40. ^a , 305 — 41. ^a , 309
Calembour.....	386	— 42. ^a , 315 — 43. ^a , 325
Caminho do inferno.....	131	— 43. ^a , 330 — 44. ^a , 334
Cametá	352	— 45. ^a , 335 — 46. ^a , 339
Caminhos (Os) da vida (poesia)	181	— 47. ^a , 343 — 48. ^a , 348
Canta! (poesia).....	293	— 49. ^a , 354 — 50. ^a , 356
Canto (O) das aves.....	310	— 51. ^a , 358 — 52. ^a , 362
Caridade (A) (poesia) ...	326	— 53. ^a , 363 — 54. ^a , 373
Caridade (A).....	384	— 55. ^a , 376 — 56. ^a , 382
Carovitas	371	— 57. ^a , 384 — 58. ^a , 390
Casimiro (A) d'Abreu (poesia).....	351	— 59. ^a , 398.
Cego (O) (poesia).....	322	Cidade (A) da Ribeira Grande.....
Cegueira d'amantes.....	207	Coisas difíceis.....
Centões.....	235	Como se descobrio a idade da Pedra
Cercal	146	Cometas (Os).....
Cesario (A) d'Azevedo (poesia)	278	Como se salva um castello.....
Charada 1. ^a — paginas 113		Consolação d'um cego... 394
— 2. ^a , 116. — 3. ^a , 121		Consulta de viuva.....
— 4. ^a , 122 — 5. ^a , 127		Coração triste fallando ao sol (poesia).....
— 6. ^a , 130 — 7. ^a , 141		Coro de pastoras (poesia) 207
— 8. ^a , 143 — 9. ^a , 151		Cousas difíceis
— 10. ^a , 156 — 11. ^a , 159		Conhecimento da fortuna (poesia)
— 12. ^a , 173 — 13. ^a , 173		Constancia de S. r auisco Xavier.....
— 14. ^a , 178 — 15. ^a , 187		Contribuição de sangue . 200
— 16. ^a , 192 — 17. ^a , 195		Creio! (poesia).....
— 18. ^a , 198 — 19. ^a , 199		Despacho por improviso. 360
— 20. ^a , 204 — 21. ^a , 213		Despedida do campo, (poesia)
— 22. ^a , 223 — 23. ^a , 229		Disciplina (A) de Frederico e de Napoleão ...
— 24. ^a , 231 — 25. ^a , 232		Deus Vermelho.....
— 26. ^a , 238 — 27. ^a , 245		1 Devêra ser a 44. ^a ,
— 28. ^a , 250 — 29. ^a , 252		
— 30. ^a , 259 — 31. ^a , 263		
— 32. ^a , 267. — 33. ^a , 276		

Dolor! (poesia).....	382	Frémitos (Os) da noite (poesia).....	214
Do mal o bem (poesia) .	303	Galanteria de um soldado	256
Domiciano.....	328	Gato (O) e o rato.....	316
Dura fogo e pau facho..	223	Golphinho (O).....	380
Duas juras de pastores (poesia).....	374	Gorgeios (poesia).....	232
Edital de um fiscal.....	160	Governo de Cabo Verde.	283
Efeitos do amor mal cor- respondido (poesia)...	392	Grandeza d'alma.....	144
Egloga christã (poesia)..	260	Grandezas e distancias dos mundos.....	125
Electrophoro fixo.....	353	Guarda avançada original	179
Elogio em bocca propria	229	Guerra franco-prussiana..	219
Eloquencia (A)	388	Gustavo da Suecia e Fer- nando de Napoles.....	127
Em flagrante.....	336	Harpa (A) do descrente (poesia).....	222
Enigma 1. ^o — paginas 116		Horas d'ocio.....	274
— 2. ^o , 143 — 3. ^o , 149		Injurias.....	176
— 4. ^o , 170 — 5. ^o , 181		Ilha de Maio.....	190
— 6. ^o , 197 — 7. ^o , 205		Inundações.....	259
— 8. ^o , 215 — 9. ^o , 235		Inscrição mysteriosa ...	359
— 10. ^o , 269 — 11. ^o , 284		Instrucção popular no Rio Grande do Sul	344
— 12. ^o , 292 — 13. ^o , 325		Inverno (O) (poesia)	394
— 14. ^o , 346 — 15. ^o , 355		Inverno.....	396
— 16. ^o , 388.		Ir buscar lã	330
Epitaphio do marechal Rantzaw.	189	Juramento de amor (poe- sia)	154
Esperança (A) (poesia)..	369	Jogo da condessa.....	366
Esperança (poesia).....	300	Juramento (O) no interior da ilha de S. Thiago... ..	193
Estatua de Memnon.....	393	Lagrimas sobre o tumulto de D. Adelina de Paula Teixeira (poesia)	226
Ericeira.....	177	Latinista (Um).....	340
Excavações.....	266	Legenda d'uma casa pu- blica de jogo.....	391
Exigencias (poesia)	291	Lembrança d'um algarvio	346
Fausto de el-rei D. Ma- nuel.....	233	Lições de linguistica ..	312
Fé (A) (poesia)	234	Lição de sabedoria (Uma). .	116
Festas (As) d'além do Cão.	429	Lição a um incivil.....	389
Filippa (D.) de Vilhena .	186		
Figura d'um doido.....	321		
Flores (As).....	176		
Feitiçaria (A) em Guiné.	211		
Flor da Rosa.....	172		
Formosura (A).....	387		

Lisonja	385	Mulher (A) (poesia).....	392
Logogripho 1.º — paginas	118	Mulheres (As)	336
— 2.º, 125 — 3.º, 140		Mulheres (As) e o amor...	395
— 4.º, 148 — 5.º, 155		Na ilha (poesia).....	302
— 6.º, 160 — 7.º, 166		Nomes arabicos.....	175
— 8.º, 174 — 9.º, 179		Não és estatua (poesia)..	195
— 10.º, 188 — 11.º, 194		Nossa Senhora do Livramento de Minas do Rio de Contas.....	205
— 12.º, 201 — 13.º, 210		N'um album (poesia)....	265
— 14.º, 217 — 15.º, 230		Nuvens (As) (poesia)....	248
— 16.º, 239 — 17.º, 248		O Berço (poesia).....	361
— 18.º, 253 — 19.º, 258		O. B. C. (poesia).....	306
— 20.º, 274 — 21.º, 279		Obsequio de caridade... 202	
— 22.º, 287 — 23.º, 298		O ecco d'uma voz.....	326
— 24.º, 302 — 25.º, 309		O elixir (poesia).....	347
— 26.º, 314 — 27.º, 318		O estio.....	257
— 28.º, 328 — 29.º, 339		Offercimento infeliz	268
— 30.º, 350 — 31.º, 358		Official poeta.....	363
— 32.º, 365 — 33.º, 367		O'Hara Burke.....	142
— 34.º, 372 — 35.º, 383		Olinda.....	196
— 36.º, 391.		O pescador de Moçambique (poesia).....	335
Luxo (O) feminino.....	225	O que é um beijo (poesia)	275
Mãe!	243	Originaes curiosos.....	308
Mãe e madrasta	238	O seu olhar (poesia)....	391
Maldizente (O) (poesia)..	173	O teu cabello (poesia) ..	183
Má lingua	165	O teu magerico (poesia).	300
Manes (Os deuses)	252	Os amigos de Petrarcha.	192
Maria de qua natus est Jesus	249	Os tres amores.....	115
Mestre (O) d'Aviz e o Prior do Crato	161	Outoño (O).....	345
Menestres do Tyrol (poesia)	184	Outr'ora e hoje (poesia).	334
Meu Pae (poesia).....	209	P*** (poesia)	277
Misericordia do Deus ...	224	Para não desconsolar ninguém.....	156
Moleiro (O) e o escrivão de fazenda.....	213	Paixões femininas.....	248
Monosyllabos de 8 letras	376	Pasquim.....	123
Montanha (A) mais alta.	263	Paredes de Coura.....	117
Mosteiro (O) d'Alcobaça.	163	Patinadores (Os).....	280
Moral (A) antiga e a moderna	324	Paul (O) da Serra.....	319
		Pensar e fallar.....	262

Pensativa (poesia).....	393	Segredo (poesia).....	297
Pergunta e resposta	143	Sem titulo (poesia).....	284
Perola (A) do grande Sophi	364	Sermão sem cabeça.....	292
Pigmeus	216	Sentença de um juiz ordinario.....	123
Ponta do sol.....	182	Soin ! (poesia).....	348
Ponte (Na) de Itororó....	373	Soneto (poesia).....	357
Porto Santo.....	289	Soneto (poesia).....	362
Por um triz!... ..	392	Sopapcs além tumulo... ..	158
Portuguezes (Os) e o dia d'amanhã	270	Substancias alimentares.	296
Prazer (O) e a dor	368	Terra (A) natal	246
Precaução inutil.....	357	Terremoto em Lisboa ...	343
Presente de um charlatão	285	Thomaz (A) Ribeiro (poesia)	171
Primavera	152	Tres Domingos.....	342
Profano (O) com o divino	120	Tristeza !... (poesia)....	212
Pyramo e Thisbe.....	133	Ultra (poesia)	135
Quadro incompleto	141	Uma carta (poesia)	198
Queijo (O)	122	Uma fabula oriental	136
Questão de ferra.....	132	Um hom geographo.....	301
Queixas (poesia)	359	Um conselho.....	329
Rabo de Peixe.....	194	Um extase (poesia)	338
Reclame d'um cégo.....	264	Um voto (poesia).....	388
Receita para casamentos.	174	Urna quebrada (poesia)..	269
Recitativo (poesia)..	131	Usanças gastronomicas ..	261
Resposta ao pé da letra.	133	Valor das coisas.....	208
Reza (poesia).....	119	Velhice (Respeito á).....	113
Rosa murcha (poesia)... ..	307	Valor d'um alfinete.....	300
Rosa (poesia).....	119	Verdadeira (A) fidalguia.	230
Sabedoria d'animaes (poesia)	288	Vida por amor (poesia).	180
Saudação (poesia).....	386	Villa Real (poesia)	340
Saudade (poesia).....	191	Virgem (A) da Confiança.	170
Saudades (poesia).....	162	Visão celeste (poesia)... ..	316
Saudade Roxa (poesia)... ..	237	Visão d'amor (poesia)... ..	311
Saudosa (poesia).....	267	Vomita, ladrão!.....	131
Salve Rainha ! (poesia) .	237	Xaca, philosopho indio.	153
Scorpião (O) e a tartaruga	320	Yra	331

INDICE SUPPLEMENTAR

Edição portugueza

Elogio biographico de Alvares de Azevedo	5	Direitos parochiaes em Lisboa	78
Expediente	19	Postos medicos	78
Indice de senhoras	24	Tabella de preços da Companhia de Carruagens Lisboenses	79
Indice dos auctores	26	Tabella dos preços dos trens de praça	80
Indice das materias	34	Imposto do sello	81
Correspondencia	40	Equação do tempo	92
Correios	51	Nascimentos e occasos do sol	94
Vales do correio	57	Explicação das charadas, enigmas e logographos do Almanach de 1877	95
Serviço telegraphico	60	Tabella dos signaes de incendio	97
Preços e distancias nos caminhos de ferro do norte e leste	62	Eclipses do anno de 1878	99
Serviço directo de Lisboa a Toy e Vigo	64	Tabella dos preamares e baixamares no Tejo	100
Preços e distancias nos caminhos de ferro do sueste	66	Computo ecclesiastico, temporas, festas moveis, etc.	101
Idem idem do Minho	71	Folhinha portugueza	102
Idem idem do Douro	72		
Preços dos logares nos theatros	73		
Preços das viagens fluviaes no Tejo, Guadiana e Sado	77		

Edição brasileira

Elogio biographico de Alvares de Azevedo	5	Feriados	87
Expediente	19	Tabella dos emolumentos que devem ser cobrados pelas secretarias dos tribunaes de commercio	88
Indice das senhoras	24	Dias de gala	89
> dos auctores	26	Signaes de incendio no Rio de Janeiro	94
> das materias	34	Equação do tempo	96
Correspondencia	40	Nascimentos e occasos do sol	97
Correios	51	Eclipses	97
Telegrapho submarino	55	Taboa da saída e entrada da lua e das marés cheias	98
População do imperio	56	Explicação das charadas, enigmas e logographos do Almanach de 1877	99
Superfície	57	Computo ecclesiastico, temporas, festas moveis, etc.	101
Anas de instrução primaria	58	Folhinha brasileira	102
Systema metrico	59		
Carreiras de vapores entre Lisboa e o Brazil	63		
Faroes e farolins	72		
Imposto do sello	78		
Dias de audiencias e sessões dos tribunaes e juizos	85		

CORRESPONDENCIA

JOAZEIRENCE (*Bahia*). — Os seus logogriphos não trazem palavra de significação, e nós não temos tempo para os advinhar, e ver depois se estão no caso de serem accéitos.

GALUCHO D'INFANTERIA (*Mondego*). — Uma planta não pode ser um bosque, um bosque não pode ser uma côr.

Na segunda dividio — *Mel — hora* — em vez de *Me — lho — ra*. Mas não descoroçoê o galuchô, mande obra mais perfeita, e verá.

VELLIUS (*Ilha*). — Teimou e alcançou. Fez bem.

FELICITAS. Saudamos os neophytos, e, na impossibilidade de ir tudo o que nos enviaram, vae ao menos o que pediram em ultimo reducto.

ATREVIDA CEIRENSE. — Não diremos tal, e aqui tem porta franca para a recebermos sempre que nos queira honrar.

CARTA E CHARADA (*Loanda*). — Quanto á carta, deixe viver quem vive, e arrufar-se quem se arrufa por a sua *Ella* lhe chamar homem de nariz grande. Quanto á charada, dir-lhe-hemos que uma janella encontra-se tanto n'um rollo de canella, como n'um ovo de gallinha se pode encontrar uma lagosta.

BARTHOLOMEU (*Minho*). — Se deixou as musas, fez mal porque ellas de certo o favoreciam. A sua ballada não é bem ballada, e é injusta para a humanidade; por isso a não pomos. Ninguem morre de fome, creia. A Virgem abre o seu regaço a todas as dôres; a caridade a todos soccorre.

TENTAMEN (*Coimbra*). — Verdade, verdade. Apresentou-se melhor como traductor, do que como author. Traduza, pois; ou componha, compulsando os mestres, meditando-os, e cá o esperamos.

É TIMIDA A VIOLETA (*Portalegre—Brazil*).—Para fazer o reclamo a favor do excellente livro de Aimé Martin — *Educação das mães de familia, ou da civilização do genero humano pelas mulheres*, obra que mereceu ser coroada pela Academia franceza, não era necessario chamar á authoria o ultramontanismo, os discipulos de Loyola, o claustro, os perseguidores dos maçons, e o mais que com tanta critica está exposto no artigo que nos enviou. *A tímida violeta* não sabe que temos arvorado a nossa bandeira em campo neutro: e que a sua divisa é: — *Sem. offensa a ninguém?*

ATHI Á (*Africa*).

...quando me revellaste
que já me amor não tinhas
fiquei a braços com a morte
e disse: despresar-me tu menina.
Foi tal a minha dór
que não posso explicar,
só sei que desfalleci
e depois fiquei a chorar.
E ella teve um tão duro coração
que vendo-me a braços co'a morte,
chegou-se ao pé de mim
e disse: morres? ou não.

Isto até corta os fios d'alma, mas vale bem os 100 rs. que nos custou, ó se vale!

PARA 1878 SIM? (*Rio Formoso*).— Com certeza; — na pintura os traços escuros fazem sobresair e aprimorar a belleza do desenho, mas os seus não são d'este numero — porque estão sempre entre os que n'este livro das suas saudades tem o primeiro logar. Cá fica réservado para 79 o seu *banquete annual*.

CURUZU E RIACHUELO (*Brazil*).— Tem razão; a charada de pag. 199 do *Almanach* de 1876 é *Rebem* e não *Belem*, como se diz na tabella do de 1877 por um d'aquelles descuides typographicos que pullulam nas typographias. O seu logogripho com relação a um certo retrato não podia ser publicado, e com elle, pelo mesmo motivo, deixam de o ser tambem mais de 40. companheiros que tinha cé.

A. A. (*Bahia*). — O seu logogripho pedea pela base, visto que não pode escrever-se — *d'Mello* em vez de *Mello*.

JÁ PASSOU UM ANNO... — Poderei entrar? — Condoêmos das suas tristezas. Entre, visto que concluiu o noviciado.

TEREI O GOSTO DE VER O MEU NOME NO ALMANACH? (*Beira Baixa*). — Com certeza; e estreiou-se soffrivelmente no genero: Hoje logogriphos e charadas só sendo muito bem feitas, e enriquecidas na forma, de modo que não caiam ao tiro do primeiro caçador que as fecte.

A. DE V. (*Brazil*). — Já o anno passado lhe provámos que não fica retido na salla dos passos perdidos, mas este anno querendo tambem dar-lhe ingresso, notámos que o seu logogripho era claro de mais.

Quem desconhece que a que foi dada a Jacob foi Lia, e que o sustento dos pequeninos é leite?

Sabe fazel-os — escureça-os com difficuldades.

EILE MIT WEILE (*A*). — Tem rasão. Os versos da lenda eram melhores que os outros, e foram preferidos. Adestre-se, e continue.

CHANUS QUEURE. — Omittio-se a historia desde o diluvio até Turdulo, sem com isso prejudicar o seu curioso artigo, e assim lhe podemos dar um logar. Do contrario não, por extenso.

DÁ-ME A HONRA? (*Alemtejo*). — Lá encontrará adiante alguma cousa que lhe pertença. Não lhe demos mais por que a conta de repartir é aqui tão necessaria como lhe não sabemos explicar.

CARTA ENIGMATICA (*Beira Baixa*). — É muito provavel que para 79 veja a luz publica.

NOUVELLES NOUVELLES (*Lisboa*). — Com todo o gosto lhe abrimos a porta para o contarmos no numero dos nossos collaboradores; mas todas as profissões têm o seu anno de noviciado. Para 79 fallaremos.

AURORA! — Bemvinda aurora! Muito bom dia nos traga, e após elle, renascendo, muitos e muitos para a saudarmos.

CONSENTIRÁ EM SER-ME PARANYMPHO? (*Rio de Janeiro*). — Com todo o gosto, offerecemos o braço á sua gentil recommendada, apresentamol-a ao redactor de *Almanach*, pedindo para ella um lugar entre as suas mais dilectas collaboradoras. O modo como foi recebida consta adiante a pag....

QUEM VEM LÁ, CAMARADA? (*Minho*). — Desconfio que ainda tem de comer algumas quartas de sal, antes que chegue a ser um poeta digno das aguas que cantou o mellifuo Diogo Bernardes.

CÁ RECEBI O RÉCIPE!... (*Lisboa*). — Assim, assim é que o queremos vêr—premettendo emendar-se, e visitar-nos todos os annos.

ATREVIDO COMO UM CÃO (*Coimbra*). — Assim é que os quero, e que alguma cousa promettem. Quanto a versos está ainda muito verde, mas tem geito, prosiga. Quanto ao logogripho-acrostico, é pela mesma razão de estar ainda verde, que lhe não démos um lugar.

ATREVIDA CEIRENSE. — Ainda bem que faltou á palavra que inconsideradamente dera de não tornar a escrever para este livrinho. Nada tinha a agradecer. Occupar-nos é obrigar-nos.

ANHELO E DESCONFIANÇA. — Ter o primeiro não admira; ter a segunda é modestia. Continue a mandar-nos artigos tão bem deduzidos como o que nos enviou, e nunca desconfie de que serão rejeitados.

DORMIR OU VELLAR? (*Beira*). — Vellar — para se ir aperfeiçoando, mesmo em cousas de mais valia, que simples charadas. A proposito, olhe que de charadas, enigmas, e logogriphos temos cá tanto, que já se não pode admittir senão o que passar de soffrivel.

MARTYR D'ANNOS (*Porto*). — Deixe-se de ciúmes, que são mãos visitantes, lembre-se do que d'elles diz um poeta que talvez tivesse soffrido grandes dôres de cotovello, porque falla no assumpto de cadeira :

Tiro, que a otra parte apunta
y rebienta contra el dueño.

Basta só isto, atirar C a homba contra D — e rebentar nas mãos de quem a atira ! Safa !..

TEREMOS ENTRADA ? (*Beira-Baixa*). — Quanto a decifra-
dores, vamos lá, outros o foram menos. Quanto a authores
— não-de permittir que lhe digamos que se o conceito se
referia, e claramente, á palavra da significação, não aconte-
cia o mesmo aos versos do logogripho quanto aos signi-
ficados que queriam exprimir.

Ahi vae um exemplo :

Como d'esta provincia, que princeza
foi das gentes na guerra em toda a parte
ha-de sair quem negue ter defeza...

Como é que o primeiro d'estes versos pode significar
noto, o segundo *insulto*, e o terceiro *susto* ?
Não percebemos.

JAU (*Lisboa*). — Feliz o que estuda, empregando nos livros
as suas horas d'ocio.

DESENGANADO (*S. Paulo — Brazil*). — Então chegou o
desengano, e está admirado de já não gostar tanto, do
que tanto desejou ? Isso é inevitavel, e como acontece a
todos console-se ; olhe que já um poeta disse, e disse uma
grande verdade :

Muito ha que julgar,		Ó nosso appetite
muito que sentir,		pende da esperanza ;
entre o possuir		gosto que se alcança,
e entre o desejar.		tem o seu limite.

PODEREI CONTINUAR ? H. F. — Não senhor, só se mandar
em prosa noticia ou cousa que tenha algum geito.

MATUTO DO ANNO PASSADO (*Maranguape*). — Não foi esquecido o matuto, e para 1879, se lá chegarmos, novas provas lhe daremos. D'esta vez quando chegou, e foi tarde, já estava contemplado.

FOGO FATUO. — Mesmo no genero descriptivo se não dispensam conceitos. Se quizer, e querer para muitos é poder, pode vir a ser mais que fogo fatuo.

SEREI ATTENDIDO (*Pará*). — Lá vae uma amostra; mas mancebo, e já sem fé, sem paz, sem amigos, e sem nada que o chame á vida! Vamos, tem em si elementos para crer, porque entre a escuridade lhe transluzem faiscas do estro. Creia, vença-se a si mesmo, e será poeta.

QUEM NÃO TEM PADRINHO MORRE MOURO (*Lisboa*). — Não foi por não ter padrinho, que não teve lugar n'este volume, foi por mandar um logogripho relativo a certo retrato, e haver no mesmo caso duzias d'elles. Tem aberta a porta, cá o esperamos.

NÃO PRESTAM ESTAS FLORES? (*Lis'oa*). — Tanto prestam que lá as encontrará adiante, honrando duas paginas d'este livrinho. Algumas eram pouco cuidadas da mão acariciadora que afagava outras, mas todas ellas tinham a suavidade e o perfume, que denunciavam a alma dolorida e repassada de saudades de quem as cultivára.

DIOGENES ESPREITA (*Lis'oa*). — Sim senhor espreita e de dentro do seu tunel, faz e diz cousas de eternas luminarias; mas para cá vem enganado.

Que á lingua dê um barbeiro
isso é moeda corrente,
porém ser tão maldizente
um illustre cavalleiro!

HOC A TE POSCO (*Coimbra*). — As charadas novissimas, soltas, ou convertidas em enigmas pittorescos não são admisivels senão quando teem sentido.

É claro que no fundo d'um lago não pode haver limonada. Pois não é?

CONFIDENCIAL (*Lisboa*). — Quiz fazer versos alexandrinos e errou-os.

Logo na primeira estrophe vem este :

No mar as crespas ondas ameaçando o céu

E na segunda, estes :

Volcanicas montanhas n'um tremor convulso
A curta ribeirinha referve em catadupas.

Só os amestrados é que podem fazer alexandrinos; não nos obriguem todos os annos a repetir o que já mais de uma vez dissemos, e por ultimo se acha explicado a pag. 41 do *Almanach* de 1875.

MAVORCIO DE 1867 (*Santos*). — Ainda bem que accitou o nosso conselho, e que continuou a estudar: Os versos que vão adiante, dão testemunho do seu progresso. Como decifrador tambem quasi se collocou entre os primeiros. Das suas charadas não fallemos — são boas, mas os seus versos são melhores. Deixemos aquellas a quem não pode tanto.

O PORTUGUEZ (*Rio Grande do Sul*). — Não o fiz esperar muito; a sua vez chegou cedo, versos assim tem sempre jus a serem admittidos, quando mesmo por extensos, tirem ao livro um espaço que mal pode dispensar.

NOVATO BRAZILEIRO (*Rio*). — Continuamos a guardar uma pagina para o favorecido das musas. Passo seguro, e ávante!

M. M. F. (*Archipelago açoriano*). — Fica matriculado no numero dos collaboradores d'este livrinho. A vontade supre.

QUE TAL? QUE TAL? HEIN? (*Douro*). — De tudo o que nos tem mandado parece-nos que escolhemos o melhor. Lá vão adiante os seus alexandrincs.

DUAS N'UMA (*Beira*). — Assim se nos dirigiram, assim foram recebidas, assim as apresentamos ao publico — Duas n'uma. Fôra crime separal-as.

ACASO SIRVO PARA ALGO? — Adiante lhe respondemos.

UM PAULISTA (*Brazil*). — Veio pela primeira vez e tarde. Para 1879 fallaremos. Como caçador não chegou á craveira.

SOIS MON JUGE (*T.*). — D'esta vez — nada.

PENEDO DOS AÇORES. — Tem realmente graça o Penedo dos Açores, é mostra uma erudição por hi além. Pois, referindo-se aos enigmas de pag. 254 e 335 do Almanach de 1876, não nos diz elle que só no inferno se podem assim fazer! Vamos por partes.

Enigma de pag. 254 — *Nada está tão perto do amor como a compaixão.* Estar tão perto d'uma coisa como d'outra — é estar a distancias iguaes d'uma e d'outra.

Pois não é assim, sr. Penedo? Ora no enigma questionado não estará o *amor* a 0 m, 005 da *compaixão* e o *nada* a 0,005 do *amor*? É vontade de morder.

Quanto ao enigma de pag. 335, ó sr. Penedo, mande-me alguns combinados como elle, e não importa que outro de palladar difficil, como v. ex.^a, me diga tambem que só no inferno se fazem assim.

Tambem o Aristarcho açoriano embirrou com a charada de pag. 393 poder ser *Valerio*, sendo *Cabo Verde*. Eu lhe digo, se prescindirmos de conceito, que não é indispensavel nas charadas, temos que pode ser *Valerio* como é *Cabo Verde*, por que deve convir que os valles (não embirre com um *l* de mais, ou um *l* de menos, porque nas charadas pode prescindir-se da orthographia rigorosa) aformoseiam os rios, e que os rios nos prados tambem nos encantam a vista. Ora a notasinha microscopia referia-se á charada e não ao conceito, para lhe dar em segundo logar a significação de *Valerio*. Mas que se referisse mesmo ao conceito, com quanto já não haja *Valerios* que merçam o cognome de *Maximus*, acha o sr. Penedo que é impossivel que o author da charada tenha um *Valerio* a quem possa dizer:

Se em Cresso me transformassem
a altas honras o elevára;
se vate inspirado fosse
doce canto lhe offertara. (?)

A outra porta, sr. Penedo, a outra porta. Deus o leve para onde não faça damno, nem perda.

LOBO DE MINAS (Brazil). — Também chegou tarde o lobo das selváticas montanhas de Minas, mas como vem domesticado é possível que lhe demôs entrada no *Almanach* de 1879.

QUEM É VIVO SEMPRE APPARECE (Estremadura). — Já nada tínhamos, é certo. Pouco vae, porque temos de attender a muito. Voltou á liça, e bem acompanhado o combatente, e não foi dos que menos alcançou. Folgamos.

FURA PAREDES (Alemtejo). — Empreheñdeu o sr. *Fura Paredes* metter hombros á empresa de decifrar charadas para lenitivo de certos males espirituaes, e hoje arrenega d'ella porque lhe produz effeitos contrarios. Fez muito bem; quem a tempo se retira, sabe o caminho que segue... Deus o livre de peccados, sr. *Fura Paredes*.

Y A T'IL UNE PETITE PLACE POUR MOI? (Lisboa). — Quiz fazer alexandrinos? Ou versos de 13 syllabas, rarissimos entre nós, mas cultivados no reino visinho por Zorrilla e outros? Se alexandrinos errou metade; se de 13 syllabas, todos as deviam ter, e muitos não têm senão 12, são puros alexandrinos.

MAIS UM IMPERTINENTE (Macau). — D'estes impertinentes — nunca diremos: que praga! Venham, venham e verão como são recebidos. Já vê que a testemunha que nos offereceu, e que agradecemos, para presidir á inceneração dos seus escriptos, não assistio a nenhum auto de fé.

DEPOIS DE VELHA GAITEIRA (Traz-os Montes). — Quem acredita cá nos setenta annos, e no desejo de ostentar de sabichona, em tão propecta idade? A mão é firme, e denuncia que por debaixo da mascara está a mocidade e a vida. Enganamo-nos?

RIO E ARAGENS (Beira). — Não podendo ir, para dar logar a outros, as duas peças que nos enviou, optamos por aquella que lhe recorda o tempo em que brincava com Cupido. Prolonguemos a mocidade o mais que podermos, vivamos das memorias do coração quanto nos for possível,

lancemos um saudoso olhar ao que nos vae ficando atraz, anno por anno, dia por dia, porque não faltará uma quadra de tristeza, em que digamos com Voltaire:

.....
*On meurt deux fois, je le voit bien;
Cesser d'aimer et d'être aimable
C'est une mort insupportable;
Cesser de vivre ce n'est rien.*

RECRUTA LEIRIENSE. — Engana-se: tudo o que mandou era digno de ter um logar n'este annuario, mas precisamos ser equitativos, e não dar a uns tudo, para a outros dar pouco, ou nada. Aqui tem a razão de não ser tão amplamente contemplado como merecia. Como decifrador quasi chegou á meta dos 70. — Já é alguma cousa.

SERA OUSADIA? (*Valverde*). — Não o creia. Enviou-nos uma carregação de charadas novissimas *sem senso commum, e disparatadas*, no seu dizer, no nosso accetaveis. Por que não démos d'ellas uma amostra? Por que nos chegaram ás mãos quando já tínhamos milhares. Ficam no archivo esperando vez.

JOVEN AGRADECIDISSIMO (*Ilhéu*). — Cremos que não terá rasão de queixa. Nem todos dirão o mesmo.

SERÁ ADMITTIDO D'ESTA VEZ O CERTANEJO? (*Africa*). — Certissima o seria, se os seus artigos não tivessem chegado quando já a parte litteraria-recreativa do *Almanach* estava encerrada. Um d'elles está prejudicado, o outro fica no archivo para 1879.

COLLABORADOR ALEMTEJANO. — É tão estudioso, tão prescrutador, e tão prompto em nos mandar amostras dos seus trabalhos, que temos pena de não dispôr de mais espaço para o contemplarmos. Agradecemos a boa vontade, como agradecemos a sua remessa de 6 de Junho.

ILLUC UNDE NEGANT... (*Minho*). — Como fôï que o sympathica escriptor que por tantos annos brilhou n'este li-

vrinho, e entre os seus mais assíduos collaboradores; que o poeta que não póde deixar de trazer-nos á memoria os nomes de D. Anna Candida, e de seu irmão Fr. Apolinario do Coração de Jesus, deixou este anno de apparecer no seu posto de honra? Não será facil dizel-o.

QUEM MUITO FALLA POUCO ACERTA (*Minho*). — Que remos acreditar que isto se não entende comsigo. Para 79 fallaremos.

F. L. V. (*Bahia*). — Não julgue o que se considera pobre tabareo que vamos debicar com elle por haverem sido rejeitados os seus escriptos. O que vamos é dizer-lhe que tenha paciencia até ao anno de 1879.

DIABO ENCARNADO (*Algures*). — *Vade retro, Satan!* Encarnado que sejas, ou por encarnar. Aqui não ha o Dr. Fausto absorto em cogitações, e deseioso de conhecer o impossivel para te vender a alma. *Vade, retro!*

DE ENTRE AS URZES (*Traz-os-Montes*). — Não foi a benevolencia, não; foi a verdade quem nos levou a escrever que os seus versos eram versos, e não simples regrinhas metrificadas. Assim elles não fossem sempre, ou quasi sempre, o reflexo d'uma alma que soffre.

Não fique mal comosco por este anno não podermos satisfazer o seu pedido, e castigue-nos continuando a honrar-nos com os seus cantos.

SEMPRE A SAUDADE (*Beira*). — Sempre a saudade! e Deus queira que ella nunca esmoreça, para que este livrinho não chegue a ser esquecido. — D'aqui saudamos a gentil poetisa, que de anno para anno revella novos dotes de intelligencia.

AILANNA — MADRUGADORA DEVOTA (*Brazil*). — Manifestamos um desejo! Mais ainda, fazemos um voto, e é da raiz do coração. Praza a Deus que nunca chegue a desencordoar-se, a lyra que tanto promete, e de que tanto ha ainda a esperar.

CORREIOS

Segundo a reforma de decreto de 15 de fevbreiro de 1936 em vigor desde 1 de julho de mesmo anno

Correspondencias do reino e ilhas adjacentes e da posta interna

Cartas

Franquia facultativa

Sendo franqueada por meio de sellos postaes :

Até 15 grammas inclusivamente..... 25 réis
" 30 " " " 50 "

E assim por diante, subindo 25 rs. por cada 15 grammas, ou fracção de 15 grammas que crescer.

Não sendo franqueadas por meio de sellos postaes :

Até 15 grammas inclusivamente..... 50 réis
" 30 " " " 100 "

E assim por diante, subindo 50 rs. por cada 15 grammas, ou fracção de 15 grammas que crescer.

Jornaes politicos, litterarios, scientificos e industriaes, cintados

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes

Até 50 grammas inclusivamente..... 2 1/2 réis
" 100 " " " 5 "

E assim por diante, subindo 2 1/2 rs. por cada 50 grammas, ou fracção de 50 grammas que crescer.

Impressos cintados

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes

Obras periodicas que não sejam jornaes politicos, scientificos, litterarios e industriaes e impressos de qualquer

outra especie, brochuras, provas de imprensa com correcções feitas á mão, preços correntes, livros brochados ou encadernados, catalogos, annuncios e avisos, circulares completas, estampas, mappas, papeis de musica, lithographias, gravuras ou photographias, bilhetes de visita com ou sem indicação escripta de serem destinados a dar pezames, parabens, parte de despedida e a agradecer, participação de casamento e de nascimento, convites diversos completos, incluídos em sobrescriptos abertos e convites para enterros :

Até 50 grammas inclusivamente..... 5 réis
 » 100 » » 10 »

E assim por diante, subindo 5 réis em cada 50 grammas ou fracção d'este peso que crescer.

Manuscriptos cintados, e amostras

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes .

Manuscriptos que não tenham a natureza de carta, e amostras diversas, apolices, titulos e outros papeis de commercio, lithographados, impressos ou gravados, que contenham espaços preenchidos com letras ou algarismos escriptos á mão, uma vez que sejam para completar seus textos :

Até 50 grammas inclusivamente..... 20 réis
 » 100 » » 40 »

E assim por diante, subindo 20 réis por cada 50 grammas, ou fracção de 50 grammas que crescer.

Correspondencias estrangeiras

Recebidas avulsas por via de Hespanha, qualquer que seja a sua procedencia, não transmittidas em conformidade com as convenções postaes :

Cartas

Até 15 grammas inclusivamente..... 200 réis
 » 30 » » 400 »

E assim por diante, subindo 200 rs. por cada 15 grammas, ou fracção de 15 grammas que acrescer.

Periodicos, e outros quaesquer impressos cintados, gravuras, lithographias e photographias

Até 50 grammas inclusivamente..... 20 réis
" 100 " " " 40 "

E assim por diante, subindo 20 réis por cada 50 grammas, ou fracção de 50 grammas que acrescer.

Recebidas avulsas ou em malas por via maritima, não transmittidas em conformidade com as convenções postaes vigentes :

Cartas

Até 15 grammas inclusivamente..... 100 réis
" 30 " " " 200 "

E assim por diante, subindo 100 réis por cada 15 grammas, ou fracção de 15 grammas que acrescer.

Periodicos, e outros quaesquer impressos cintados, gravuras, lithographias e photographias

Até 50 grammas inclusivamente..... 10 réis
" 100 " " " 20 "

E assim por diante, subindo 10 réis por cada 50 grammas, ou fracção de 50 grammas que acrescer.

Amostras, e fazendas cintadas

Até 50 grammas inclusivamente..... 40 réis
" 100 " " " 80 "

E assim por diante, subindo 40 réis em cada 50 grammas, ou fracção de 50 grammas que acrescer.

Correspondencias registadas para o reino e ilhas adjacentes

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes

Por cada carta ou maço :

Premio fixo do registo..... 100 réis
Porte, o correspondente ao peso segundo e classe da correspondencia registada.

Correspondencias apartadas nacionaes ou estrangeiras

Por cada carta, ou maço de impressos e amostras
de fazendas..... 10 réis

PROVINCIAS ULTRAMARINAS

Cartas

Franquia facultativa por meio de sellos postaes, ou dinheiro

Até 15 grammas inclusivamente..... 50 réis
" 30 " " 100 "

E assim por diante, subindo 50 réis em cada 15 grammas,
ou fracção d'este peso que acrescer.

*Não sendo franqueadas por meio de sellos postaes
ou dinheiro*

Até 15 grammas inclusivamente..... 100 réis
" 30 " " 200 "

E assim por diante, subindo 100 réis em cada 15 grammas,
ou fracção d'este peso que acrescer.

Jornaes politicos, scientificos, litterarios e industriaes, cintados

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes ou dinheiro

Até 50 grammas inclusivamente..... 5 réis
" 100 " " 10 "

E assim por diante, subindo 5 réis em cada 50 grammas,
ou fracção d'este peso que acrescer.

Impressos cintados

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes ou dinheiro

Obras periodicas que não sejam jornaes politicos, scientificos,
litterarios e industriaes, e impressos de qualquer
outra especie, broxuras, livros broxados ou encadernados,
provas de imprensa com correccões feitas á mão,
catalogos, preços correntes, annunciões e avisos, circula-

res completas, estampas, mappas, papeis de musica, lithographias, gravuras e photographias, bilhetes de visita com ou sem indicação escripta de serem destinados a dar pezames, parabens, parte de despedida e agradecer, participações de casamento e nascimento, convites diversos completos incluídos em subscriptos abertos, e convites para enterros :

Até 50 grammas inclusivamente 10 réis
 » 100 » » » 20. »

E assim por diante, subindo 10 réis em cada 50 grammas, ou fracção d'este peso que acrescer.

Manuscriptos cintados

Franquia obrigatoria por meio de sellos postaes, ou dinheir

Manuscriptos que não tenham a natureza de carta e amostras diversas, apolices, titulos e outros papeis de commercio, lithographados, impressos ou gravados, que contemham espaços preenchidos com letras, ou algarismos escriptos á mão, uma vez que sejam para completar seus textos :

Até 50 grammas inclusivamente 40 réis
 » 100 » » » 80 »

E assim por diante, subindo 40 réis em cada 50 grammas, ou fracção d'este peso que acrescer.

Correspondencias registadas

Cada carta ou maço :

Premio fixo do registo..... 100 réis
 Porte, o correspondente ao peso segundo a classe da correspondencia registada.

Tendo o Brazil entrado para a união geral dos correios, os portes das correspondencias franqueadas com destino aos diversos portos do Imperio são, desde o 1.º de Julho de 1877:

PELOS PAQUETES SUBSIDIADOS

Cartas

Franquia facultativa por meio de sellos do correio portuguez: até 15 grammas 100 réis, até 30 grammas 200 réis. E assim successivamente subindo 100 réis em cada 15 grammas ou fracção d'este peso.

Jornaes politicos, litterarios, scientificos e industriaes, cintados

Franquita obrigatoria: até 50 grammas 20 réis, até 100 grammas 40 réis. E assim successivamente subindo 20 réis em cada 50 grammas ou fracção d'este peso.

Impressos de qualquer outra natureza, livros, amostras de fazenda sem valor, e papeis de commercio, cintados. — *Franquia obrigatoria*: até 50 grammas 30 réis, até 100 grammas 60 réis. E assim successivamente subindo 30 réis em cada 50 grammas ou fracção d'este peso.

PELOS VAPORES MERCANTES E NAVIOS DE VÉLA

Cartas

Franquia facultativa: até 15 grammas 50 réis, até 80 grammas 100 réis. E assim successivamente subindo 50 réis em cada 15 grammas ou fracção d'este peso.

Jornaes politicos, litterarios, scientificos e industriaes, cintados — *Franquia obrigatoria*: até 50 grammas 10 réis, até 100 grammas 20 réis. E assim successivamente subindo 10 réis em cada 50 grammas ou fracção d'este peso.

Impressos de qualquer outra natureza, livros, amostras de fazendas sem valor e papeis de commercio, cintados — *Franquia obrigatoria*: até 50 grammas 15 réis, até 100 grammas 30 réis. E assim successivamente subindo 15 réis em cada 50 grammas ou fracção d'este peso.

Pelas cartas procedentes do imperio do Brazil sem franquia, ou com franquia insufficiente, cobrar-se-hão no acto da entrega os seguintes portes: 150 réis cada 15 grammas, se vierem pelos paquetes subsidiados (*Paquetes da Mala Inglesa, do Pacifico, e das Messageries*) e 100 réis cada 15 grammas, se vierem pelos vapores mercantes ou navios de véla.

ADVERTENCIA. — Continuum em vigor os artigos 2.º e seguintes do decreto de 18 de agosto de 1870, que não ficam revogados por esta lei, e são os seguintes:

Artigo 2.º É prohibida a inclusão de dinheiro, joias, ou de qualquer outros objectos de ouro ou prata, em cartas que não forem registadas,

Art. 3.º As cartas não registadas, contendo qualquer dos objectos mencionados no precedente artigo, serão retidas nas estações postaes em que foram lançadas, e enviadas officialmente á direcção geral dos correios, que procederá á sua abertura, e fará entrar nos cofres da fazenda, á qual ficam pertencendo os objectos n'ellas encontrados.

Art. 4.º No caso de perda ou descaminho de alguma carta registada, que contenha dinheiro, joias, etc., a administração geral dos correios só pagará ao remetente a indemnisação de 5\$000 réis, nos termos do artigo 36.º do decreto de 27 de outubro de 1852.

Art. 5.º As cartas que houverem de ser registadas, apresentar-se-hão fechadas com lacré, que deverá prender todas as dobras dos sobrescriptos.

Art. 6.º Os maços de impressos, manuscritos ou amostras de fazendas, que contiverem cartas, serão porteados como cartas não franqueadas, e remetidos ao seu destino.

Art. 7.º Os maços que contiverem juntamente impressos manuscritos, ou amostras, deverão ser franqueados pelo maior porte, que competir á classe das correspondencias n'elles encerradas; não se achando satisfeita esta condição, os ditos maços ficarão retidos nas estações postaes, em que forem lançados, até lhes serem afixados pelos remetentes os sellos necessarios para complemento dos respectivos portes.

§ unico. Nenhum maço de impressos ou de amostras deverá exceder o peso de 1:000 grammas.

VALES DO CORREIO

(Decreto de 31 de março de 1873)

Terras para onde se podem remetter vales do correio de 1:000 até 50:000 rs. e onde são pagaveis pelos propostos dos recebedores da comarca.

Aguiar da Beira — Alandroal — Albergaria a Velha — Albufeira — Alcochete — Alcoutim — Alfandega de Fé — Aljezur — Aljustrel — Almeida — Almeirim — Alter do Chão — Alvaizere — Alvito — Amares — Ancião — Arraiolos — Arronches — Arruda — Aviz — Azambuja — Barquinha — Barrancos — Barreiro — Batalha — Belmonte — Borba — Boticas — Cabeceiras de Basto — Cadaval — Caminha — Campo Maior — Carrazeda d'Anciães — Carregal — Cartaxo — Cascaes — Castello de Paiva — Castello de Vide — Castro Marim — Castro Verde — Cezimbra — Condeixa a Nova — Constancia — Coruche — Crato — Espozende — Ferreira — Ferreira do

Zezeze — Figueira de Castello Rodrigo — Fornos d'Algodres — Fragoas — Freixo d'Espada á Cinta — Gavião — Goes — Gollegã — Grandola — Ihavo — Lagõa — Lourinhã — Mação — Macieira de Cambra — Manteigas — Marvão — Mealhada — Meda — Mertola — Mesão Frio — Mira — Miranda do Corvo — Moita — Monchique — Mondim — Mondim de Basto — Monforte — Móra — Mortagoa — Mourão — Murça — Nellas — Obidos — Oleiros — Oeiras — Olhão — Oliveira do Hospital — Oliveira do Bairro — Oliveira de Frades — Ourique — Paços de Ferreira — Pampilhosa — Paredes — Paredes de Coura — Pedrogão Grande — Penacova — Penalva do Castello — Penamacor — Penedono — Penella — Peniche — Poirares (Santo André de) — Ponte da Barca — Ponte de Sor — Portel — Pova de Varzim — Proença a Nova — Reguengos — Ribeira de Pena — Rio Maior — Sabrosa — Salvaterra de Magos — Santa Martha de Penaguião — S. João d'Areias — S. Pedro do Sul — S. Thiago de Cacem — S. Vicente da Beira — Serdoal — Sattam — Seixal — Serpa — Serancelhe — Sever do Vouga — Sousel — Taboação — Terras de Bouro — Tarouca — Vagos — Vianna do Alemtejo — Vidigueira — Vieira — Villa do Bispo — Villa Flor — Villa Nova de Cerveira — Villa Nova de Gaia — Villa Nova d'Ourem — Villa Nova de Portimão — Villa de Rei — Villa Real de Santo Antonio — Villa Velha de Rodão — Villa Viçosa — Vimioso.

**Terras para onde se podem remetter vales do cor-
reio de 1:000 até 100:000 rs. e onde são pagaveis
pelos recebedores de comarca.**

**Abrantes — Agueda — Alcacer do Sal — Alcobaca — Al-
deia Gallega do Ribatejo — Alemquer — Alijó — Almada —
Almodovar — Amarante — Anadia — Arcos de Valle de Vez
— Arganil — Armamar — Arouca — Barcellos — Bayão — Be-
navente — Caldas da Rainha — Cantanhede — Castro Daire
— Ceia — Celorico de Basto — Celorico da Beira — Chamus-
ca — Chaves — Cintra — Covilhã — Cuba — Elvas — Estarreja
— Estremoz — Fafe — Feira — Felgueiras — Figueira da Foz —
Figueiró dos Vinhos — Fronteira — Fundão — Gouveia — Gui-
marães — Idanha-a-Nova — Lagos — Lamego — Loulé — Louzã
— Louzada — Macedo de Cavalheiros — Mafra — Mangualde
— Marco de Canavezes — Melgaço — Miranda — Mirandella**

— Mogadouro — Monção — Moncorvo — Montalegre — Monte-mór-o-Novo — Monte-mór-o-Velho — Moura — Moimenta da Beira — Niza — Odemira — Oliveira d'Azemeis — Ovar — Penafiel — Pesqueira (S. João da) — Pezo da Regoa — Pinhel — Pombal — Ponte de Lima — Porto de Moz — Povoia de Lanhoso — Redondo — Rezende — Sabugal — Santa Combação — Santo Thyrsó — Sertã — Setubal — Silves — Sinfães — Soure — Taboa — Tavira — Thomar — Tondella — Torres Novas — Torres Vedras — Trancoso — Valença — Valle de Passos — Villa do Conde — Villa Franca de Xira — Villa Nova de Famalicão — Villa Nova de Foscoa — Villa Pouca d'Aguiar — Villa Verde — Vinhaes — Vouzella.

Terras para onde se podem remetter vales de 1:000 até 200:000 réis, e onde são pagaveis pelos thesoureiros pagadores dos districtos.

Aveiro — Beja — Braga — Bragança — Castello Branco — Coimbra — Evora — Faro — Guarda — Leiria — Lisboa — Portalegre — Porto — Santarem — Vianna do Castello — Villa Real — Vizeu.

Em Lisboa são pagos pelo thesoureiro pagador da direcção geral dos correios.

O premio que se paga é 1 e meio por cento qualquer que seja a quantia, do vale de 1:000 réis para cima.

ILHAS ADJACENTES

Terras onde se podem emittir, e para onde se podem remetter vales do correio de 1:000 até 200:000 réis, em moeda forte, pagaveis pelos thesoureiros pagadores das repartições de fazenda.

Angra do Heroismo — Horta — Ponta Delgada — Funchal

CONTINENTE

Terras onde se podem emittir vales para as Ilhas Adjacentes de 1:000 até 200:000 réis, em moeda forte, e onde são pagaveis os emittidos nas Ilhas.

Todas as capitães de districto, anteriormente descriptas, com relação a vales da mesma quantia.

O premio n'estes vales é tambem de 1 e meio por cento.

SERVIÇO TELEGRAPHICO

Por cada simples despacho trocado entre duas estações :

Dentro do reino

De 1 a 20 palavras para particulares.....	200 réis
Por cada serie de 10 palavras a mais	100
Para as redacções dos jornaes — metade da taxa.	

Dentro do recinto de Lisboa e Belem

De 1 a 20 palavras para particulares.....	50 réis
Por cada serie de 10 palavras a mais.....	24

ESTAÇÕES DENTRO DA CIDADE DE LISBOA E BELEM

Principal — Praça do Commercio, no edificio do ministerio das obras publicas.

Succursaes

Caes dos soldados — Rua do Caes dos Soldados, 134.

Correio geral — No edificio do correio.

Côrtes — No palacio das Côrtes.

Necessidades — No Pateo das Côrtes.

Rato —

Ajuda — Junto ao palacio de SS. MM.

Belem — Rua direita de Belem, 43.

Bom Successo — Na casa da saude.

Porto — Succursal — Na Alfandega.

A entrega dos telegrammas nas estações do reino — é por proprio ou correio a vontade do expedidor ; sendo gratuita nas distancias inferiores a um kilometro, e nas superiores, por proprio, 200 réis até 5 kilometros e 50 réis por cada kilometro além de 5.

Pelo correio é sempre gratuita no paiz.

Os despachos registados pagam mais 50 réis, e os conferidos mais meia taxa, sendo por esse facto registados.

Os telegrammas ordinarios (os que pagam taxa simples) são conservados durante 6 mezes, e os telegrammas registados (os que pagam a taxa de registo ou a de conferencia), os de resposta paga, com certificado de recepção, e os trocados com as estações extra-europeas, por 18 mezes.

Custo de telegrammas e franquia de cartas para os principaes paizes

	Teleg. até 20 palav. (a)		Franquias	
	Pelo cabo submarino	Por terra	Cartas simples	Jornaes
Reino (b).....	—\$—	\$200	\$025	2 1/2
America do Norte (New-York)....	19\$950	19\$750	\$160	\$040
America do Sul..	—\$—	—\$—	(c) \$150	\$020
Australia	44\$300	44\$850	(d) \$080	\$010
Allemanha.....	3\$200	4\$750	\$150	\$020
Austria	3\$350	4\$750	\$060	\$020
Belgica	2\$650	4\$400	\$170	\$035
China	27\$150	27\$500	\$120	\$020
Canadá	19\$950	19\$750	\$150	\$020
Dinamarca.....	3\$000	4\$850	\$220	\$030
França	2\$850	\$950	\$160	\$015
Gibraltar	\$750	\$850	\$080	\$020
Grecia	3\$550	2\$450	\$060	\$010
Hespanha (e)....	4\$300	\$400	\$170	\$035
Hollanda.....	2\$850	4\$550	\$025	\$010
Inglaterra.....	4\$950	4\$750	\$140	\$015
Italia	3\$300	4\$500	\$120	\$030
Noruega	3\$000	2\$200	\$120	\$020
Russia.....	4\$100	2\$650	\$185	\$035
Suecia.....	3\$450	2\$100	\$125	\$030
Suissa	3\$200	4\$400	\$175	\$035
Turquia.....	4\$100	2\$450	\$140	\$015
			\$140	\$020

(a) Cada serie de 10 palavras, além de 20, custa mais metade dos preços marcados.

(b) Em Lisboa 20 palavras 50 réis.

(c) Por paquetes subsidiados.

(d) Por paquetes não subsidiados.

(e) Aceitam-se meias taxas de 10 palavras por 200 réis.

COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

(Contendo as novas tarifas)

ENTRE LISBOA E O ENTRONCAMENTO				ENTRE O ENTRONCAMENTO E LISBOA					
Kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes			Kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes		
		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.			1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
-	Lisboa	-	-	-	-	Entroncamento	-	-	-
4	Poço do Bispo.....	\$120	\$100	\$070	5	Torres Novas.....	\$120	\$100	\$070
7	Oliveas	\$140	\$110	\$080	13	Matto de Miranda	\$260	\$210	\$150
10	Sacavem.....	\$200	\$600	\$120	23	valle de Figueira.....	\$460	\$360	\$260
18	Povoa.....	\$360	\$280	\$250	32	Santarem.....	\$640	\$500	\$360
22	Alverca.....	\$440	\$340	\$250	47	Sant'Anna.....	\$940	\$730	\$520
26	Alhandra.....	\$520	\$410	\$290	52	P. de Reguengo.....	\$040	\$810	\$580
31	Villa Franca.....	\$620	\$480	\$350	60	Azambuja	\$200	\$930	\$670
37	Carregado.....	\$740	\$580	\$410	70	Carregado	\$390	\$090	\$780
47	Azambuja	\$940	\$730	\$520	77	Villa Franca	\$530	\$190	\$850
55	P. de Reguengo.....	\$1000	\$850	\$610	81	Alhandra.....	\$610	\$260	\$920
61	Sant'Anna.....	\$1220	\$950	\$680	85	Alverca	\$690	\$320	\$940
75	Santarem.....	\$1490	\$1160	\$830	89	Povoa.....	\$770	\$380	\$990
84	Valle de Figueira.....	\$1670	\$1300	\$930	97	Sacavem.....	\$830	\$400	\$1070
94	Matto de Miranda.....	\$1870	\$1460	\$1040	100	Oliveas	\$930	\$500	\$1110
103	Torres Novas.....	\$2050	\$1590	\$1140	106	Poço do Bispo.....	\$2050	\$1590	\$1140
107	Entroncamento	\$2130	\$1660	\$1180	107	Lisboa	\$2130	\$1660	\$1180

ENTRE LISBOA E PORTO

Kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes		
		1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
107	Lisboa.....	2\$130	1\$660	1\$180
121	Thomar (Payalvo)...	2\$410	1\$870	1\$340
130	Chão de Macãs.....	2\$580	2\$010	1\$440
140	Cacharias.....	2\$780	2\$170	1\$550
150	Albergaria.....	2\$980	2\$320	1\$660
162	Vermoil.....	3\$220	2\$510	1\$790
170	Pombal.....	3\$380	2\$630	1\$880
186	Soure.....	3\$700	2\$880	2\$060
202	Formoselha.....	4\$010	3\$120	2\$230
212	Taveiro.....	4\$210	3\$280	2\$340
218	Coimbra.....	4\$330	3\$370	2\$410
225	Souzella.....	4\$470	3\$480	2\$490
237	Mealhada.....	4\$710	3\$660	2\$620
245	Mogoforos.....	4\$870	3\$790	2\$710
253	Oliveira do Bairro...	5\$030	3\$910	2\$790
273	Aveiro.....	5\$420	4\$220	3\$010
288	Estarreja.....	5\$720	4\$450	3\$180
301	Ovar.....	5\$980	4\$650	3\$320
312	Esmoriz.....	6\$200	4\$820	3\$440
318	Espinho.....	6\$320	4\$910	3\$510
321	Granja.....	6\$380	4\$960	3\$540
328	Valladares.....	6\$510	5\$070	3\$620
333	V. N. de Gaia (Porto)...	6\$610	5\$140	3\$680

ENTRE O PORTO E LISBOA

Kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes		
		1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
5	V. N. de Gaia (Porto)...	4\$120	3\$100	2\$070
12	Valladares.....	4\$240	3\$190	2\$140
16	Granja.....	4\$320	3\$250	2\$180
21	Esmoriz.....	4\$420	3\$330	2\$240
32	Ovar.....	4\$640	3\$500	2\$360
45	Estarreja.....	4\$900	3\$700	2\$500
60	Aveiro.....	1\$200	4\$930	3\$670
80	Oliveira do Bairro...	1\$590	1\$240	4\$890
88	Mogoforea.....	1\$750	1\$360	4\$980
97	Mealhada.....	1\$930	1\$500	1\$070
108	Souzella.....	2\$150	1\$670	1\$200
115	Coimbra.....	2\$290	1\$780	1\$270
122	Taveiro.....	2\$430	1\$890	1\$350
132	Formoselha.....	2\$4620	2\$040	1\$460
147	Soure.....	2\$920	2\$270	1\$630
163	Pombal.....	3\$240	2\$520	1\$800
172	Vermoil.....	3\$420	2\$830	2\$020
183	Albergaria.....	3\$640	2\$830	2\$020
194	Cacharias.....	3\$850	3\$000	2\$140
203	Chão de Macãs.....	4\$030	3\$140	2\$240
212	Thomar (Payalvo)...	4\$210	3\$280	2\$340
226	Entroncamento.....	4\$490	3\$490	2\$500
333	Lisboa.....	6\$610	5\$140	3\$680

ENTRE LISBOA E BADAJOZ				ENTRE BADAJOZ E LISBOA					
Kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes			Kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes		
		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.			1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
107	Lisboa.....	2,4130	1,6660	1,5180	-	Badajoz.....	-	-	-
111	Entroncamento.....	2,6210	1,8720	1,7230	17	Elvas.....	-	-	-
119	Barquinha.....	2,8370	1,8840	1,8220	37	Santa Eulalia.....	6400	6310	6230
130	Praia.....	2,6580	2,4010	1,8440	39	Assumar.....	6780	6610	6430
135	Tramagal.....	2,6680	2,4090	1,8490	49	Portalegre.....	6980	6760	6550
147	Abrantes.....	2,6920	2,4270	1,8630	66	Crato.....	1,6310	1,620	1,610
164	Bemposta.....	3,6260	2,4540	1,8810	82	Chança.....	1,6630	1,6270	1,610
184	Ponte de Sor.....	3,6660	2,4850	1,9030	119	Ponte de Sor.....	2,6030	1,6580	1,6190
200	Chança.....	3,6970	3,0080	2,5210	130	Bemposta.....	2,6370	1,6840	1,6320
217	Crato.....	4,6310	3,6350	2,6400	136	Abrantes.....	2,6580	2,6010	1,6440
227	Portalegre.....	4,6510	3,6510	2,6510	147	Tramagal.....	2,6700	2,6100	1,6500
246	Assumar.....	4,6890	3,6800	2,6720	155	Praia.....	2,6920	2,6270	1,6630
265	Santa Eulalia.....	5,6260	4,6100	2,6930	159	Barquinha.....	3,6080	2,6400	1,6710
282	Elvas.....	5,6970	4,6170	2,6980	265	Entroncamento.....	3,6160	2,6460	1,6780
	Badajoz.....					Lisboa.....	5,6260	4,6100	2,6930

Serviços directos de Lisboa a Tuy e Vigo

De Lisboa ou vice-versa a Tuy, por cada passag. 1.^a cl. 11,850, 2.^a 8,920, 3.^a 6,090
 De Lisboa ou vice-versa a Vigo " " " 12,350, " 9,420, " 6,590

**Preços e distancias de Lisboa ás principaes
cidades da Europa**

Partida	Destino	Kilom.	Preços	
			1. ^a	2. ^a
Lisboa a ou vice-versa	Badajoz	282	5370	4170
	Ciudad Real	618	13260	10090
	Madrid	881	19750	15090
	Hendaye	1514	33710	26640
	Bordéus	1748	38540	29180
	Paris	2333	50330	38030
	Amsterdam	2862	60980	46150
	Berlim	3467	75380	58190
	Bruxellas	2643	56450	42620
	Copenhague	3300	73100	57890
	Dresde	3559	77330	59480
	Edimburgo	3358	79570	59640
	Florença	3609	78930	60130
	Francfort	3014	64430	48450
	Genebra	2958	62930	47480
Lisboa a	Londres { Por Dieppe	a 2624	57200	43130
	} » Boulogne	a 2718	62720	46960
	} » Calais...	a 2884	63820	48160
	Haya	2801	59800	44810
	Milão	3290	67610	50860
	Moscow	5595	123210	93400
	Napoles	4261	91820	70020
	Roma	4000	86100	65630
	S. Petersburgo	5126	109070	83830
	Trieste	3792	83870	63390
	Turim	3142	69800	49320
Varsovia	3942	88230	67910	
Vienna	3748	81110	60570	

^a Independente da distancia do trajecto por mar, em que se gastam: por Dieppe, 6 horas; por Boulogne, 2 horas e meia, e por Calais, 2 horas e um quarto.

CAMINHO DE FERRO DO SUESTE

De Lisboa a Beja				De Beja a Lisboa					
Kilom.	Estações	Preços por cl.			Kilom.	Estações	Preços por cl.		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a			1. ^a	2. ^a	3. ^a
—	Lisboa (vapor).....	—	—	—	—	Beja.....	—	—	—
—	Barreiro.....	150	150	100	17	Cuba.....	430	330	220
2	Lavradio.....	320	290	210	29	Alvito.....	730	550	370
5	Alhos Vedros.....	320	290	210	38	Villa Nova.....	960	720	480
8	Moita.....	400	350	240	44	Vianna.....	1110	840	560
16	Pinhal Novo.....	600	500	350	52	Alcaçovas.....	1310	990	660
31	Pocceirão.....	980	780	530	64	Casa Branca.....	1620	1210	810
42	Pegões.....	1250	990	670	79	Monte-Mór.....	1990	1500	1000
57	Vendas Novas.....	1630	1270	860	97	Yendas Novas.....	2450	1840	1230
75	Monte-Mór.....	2080	1610	1090	112	Pegões.....	2830	2120	1420
90	Casa Branca.....	2460	1900	1280	124	Pocceirão.....	3130	2340	1570
102	Alcaçovas.....	2760	2120	1430	139	Pinhal Novo.....	3510	2630	1760
110	Vianna.....	2970	2270	1530	146	Moita.....	3680	2760	1840
117	Villa Nova.....	3140	2410	1620	149	Alhos Vedros.....	3760	2820	1880
125	Alvito.....	3340	2560	1720	152	Lavradio.....	3830	2880	1920
137	Cuba.....	3650	2780	1870	154	Barreiro.....	3920	2950	1980
154	Beja.....	4070	3100	2080	—	Lisboa.....	4070	3100	2080

De Lisboa a Extremoz

Kilom.	Estações	Preços por cl.		
		1.ª	2.ª	3.ª
-	Lisboa (vapor).....	-	-	-
-	Barreiro.....	150	150	100
2	Lavradio.....	320	290	210
5	Alhos Vedros.....	320	290	210
8	Moita.....	400	350	240
16	Pinhal Novo.....	600	500	350
31	Pocceirão.....	980	780	530
42	Pegões.....	1250	990	670
57	Vendas Novas.....	1630	1270	860
75	Monte-Mór.....	2080	1610	1090
90	Casa Branca.....	2460	1900	1280
116	Evora.....	3120	2390	1610
136	Azaruja.....	3620	2760	1860
141	Valle de Pereiro....	3750	2860	1920
149	Venda do Duque....	3950	3010	2020
157	Evora Monte.....	4150	3160	2120
168	Extremoz.....	4430	3370	2260

De Extremoz a Lisboa

Kilom.	Estações	Preços por cl.		
		1.ª	2.ª	3.ª
-	Extremoz.....	-	-	-
11	Evora Monte.....	310	230	160
20	Venda do Duque....	510	380	260
28	Valle de Pereiro....	710	530	360
33	Azaruja.....	840	630	420
53	Evora.....	1340	1010	670
78	Casa Branca.....	1970	1480	990
93	Monte-Mór.....	2350	1760	1180
112	Vendas Novas.....	2830	2120	1420
127	Pegões.....	3200	2400	1600
138	Pocceirão.....	3480	2610	1740
153	Pinhal Novo.....	3860	2900	1930
161	Moita.....	4060	3050	2030
163	Alhos Vedros.....	4110	3080	2060
166	Lavradio.....	4190	3140	2100
168	Barreiro.....	4280	3220	2160
-	Lisboa (vapor).....	4430	3370	2260

De Extremoz a Beja				De Beja a Extremoz					
Kilom.	Estações	Preços por cl.			Kilom.	Estações	Preços por cl.		
		1.ª	2.ª	3.ª			1.ª	2.ª	3.ª
-	Extremoz	-	-	-	-	Beja	-	-	-
20	Evora Monte.....	310	230	160	17	Cuba.....	430	330	220
28	Venda do Duque.	510	380	260	29	Alvito.....	730	550	370
33	Valle de Pereiro.	710	530	360	38	Villa Nova.....	960	720	480
53	Azaruja.....	840	630	440	44	Vianna.....	1110	840	560
78	Evora.....	1340	1010	670	52	Alcaçovas.....	1310	990	660
90	Casa Branca.....	1970	1480	990	64	Casa Branca.....	1620	1210	810
98	Alcaçovas.....	2270	1710	1140	90	Evora.....	2270	1710	1140
105	Vianna.....	2470	1860	1240	109	Azaruja.....	2750	2060	1380
113	Villa Nova.....	2650	1990	1330	114	Valle de Pereiro.....	2880	2160	1440
125	Alvito.....	2850	2140	1430	122	Venda do Duque.....	3080	2310	1540
142	Cuba.....	3150	2370	1580	131	Evora Monte.....	3310	2480	1650
	Beja.....	3580	2690	1790	142	Extremoz.....	3580	2690	1790
De Beja a Casevel				De Casevel a Beja					
Kilom.	Estações	Preços por cl.			Kilom.	Estações	Preços por cl.		
		1.ª	2.ª	3.ª			1.ª	2.ª	3.ª
-	Beja	-	-	-	-	Casevel.....	-	-	-
17	Outeiro.....	430	330	220	9	Carregueiro.....	230	170	120
24	Figueirinha.....	610	460	310	23	Figueirinha.....	580	440	290
38	Carregueiro.....	960	720	480	30	Outeiro.....	760	570	380
47	Casevel.....	1190	890	600	47	Beja	1190	890	600

De Beja e Extremoz a Setubal		Preços por cl.		
Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
		-	Setubal.....	-
6	Palmella.....	160	120	080
13	Pinhal Novo.....	330	250	170
28	Pocetrão.....	710	530	360
40	Pegões.....	1110	760	510
55	Vendas Novas.....	1390	1040	700
73	Monte Mór.....	1840	1380	920
88	Casa Branca.....	2220	1670	1110
114	Extremoz.....	4190	3140	2100
100	Alcaçovas.....	2520	1890	1260
108	Vianna.....	2730	2050	1360
115	Villa Nova.....	2880	2160	1440
123	Alvito.....	3100	2330	1550
135	Cuba.....	3410	2560	1710
152	Beja.....	3830	2880	1920

De Quintos a Beja		Preços por cl.		
Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
		-	Beja.....	-
13	Baleizão.....	330	250	170
20	Quintos.....	510	380	260

De Setubal a Beja e Extremoz		Preços por cl.		
Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
		-	Beja.....	-
17	Cuba.....	430	330	220
29	Alvito.....	730	550	370
37	Villa Nova.....	960	720	480
44	Vianna.....	1110	840	560
52	Alcaçovas.....	1310	990	660
64	Extremoz.....	3580	2690	1790
-	Casa Branca.....	1620	1210	1810
79	Monte Mór.....	1990	1590	1000
97	Vendas Novas.....	2450	1840	1230
112	Pegões.....	2830	2120	1420
124	Pocetrão.....	3130	2350	1570
139	Pinhal Novo.....	3510	2630	1760
146	Palmella.....	3780	2760	1840
152	Setubal.....	3830	2880	1920

De Beja a Quintos		Preços por cl.		
Kilom.	Estações	1.ª	2.ª	3.ª
		-	Quintos.....	-
8	Baleizão.....	210	160	100
20	Beja.....	510	380	260

RAMAL DE SETUBAL

De Lisboa a Setubal		De Setubal a Lisboa						
Kilom.	Estações	Preços por cl.			Estações	Preços por cl.		
		1.ª	2.ª	3.ª		1.ª	2.ª	3.ª
	Lisboa.....	—	—	—	Setubal.....	—	—	—
	Barreiro	150	150	100	Palmella	160	120	80
2	Lavradio	320	290	210	Pinhal Novo.....	330	250	170
5	Pinhal Novo.....	320	290	210	Moita	530	400	270
8	Alhos Vedros.....	400	350	240	Alhos Vedros	580	440	290
16	Moita	600	500	350	Lavradio.....	660	500	330
23	Palmella.....	770	630	430	Barreiro	750	570	400
28	Setubal	900	720	500	Lisboa	900	720	500

Observações

crianças. As crianças menores de 3 annos nada pagam, com tanto que vão ao collo das pessoas que as conduzem. De 3 a 7 annos pagam meio preço, mas para a contagem dos logares no mesmo compartimento de carruagem, consideram-se duas crianças como occupando um só logar.

MILITARES E MARINHEIROS. Os militares e marinheiros em serviço, pagarão apenas por si e suas bagagens, metade dos preços fixados nas respectivas tarifas, apresentando a competente requisição da autoridade respectiva. Os militares e marinheiros com baixa, que recolherem á terra do seu domicilio, tambem pagam meio preço.

De verão ha para Setubal bilhetes de ida e volta de todas as estações, com abatimento de 20 p. c. Para os passageiros DE ou PARA Lisboa accresce 40 réis, imposto da ponte, e o preço do vapor entre o Barreiro e Lisboa.—1.ª e 2.ª classe, ré 150 réis; 3.ª classe, próba 100 réis.—Salões, etc., ajuste especial.

ADMINISTRAÇÃO — Terreiro do Paço — OBRAS PUBLICAS

CAMINHO DE FERRO DO MINHO

Entre Porto e Braga				Entre Braga e Porto					
Kilom.	Estações	Preço dos bilhetes			Kilom.	Estações	Preço dos bilhetes		
		1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.			1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
-	Porto.....	-	-	-	-	Braga.....	-	-	-
5	Rio Tinto...	\$120	\$090	\$070	7	Tadim.....	\$140	\$110	\$080
9	Ermezinde...	\$180	\$140	\$100	15	Nine.....	\$290	\$230	\$160
16	S. Romão...	\$310	\$240	\$170	22	Famalicão..	\$420	\$330	\$240
23	Trofa.....	\$440	\$340	\$250	31	Trofa.....	\$390	\$460	\$330
32	Famalicão..	\$610	\$480	\$340	39	S. Romão..	\$740	\$580	\$410
39	Nine.....	\$740	\$580	\$440	46	Ermezinde..	\$870	\$680	\$490
48	Tadim.....	\$910	\$710	\$510	49	Rio Tinto..	\$930	\$730	\$520
54	Braga.....	1\$030	\$800	\$570	54	Porto.....	1\$030	\$800	\$570

Ha carruagens-salões que se alugam para a ida e volta mediante o pagamento de 12 logares de 1.ª classe, para um percurso não inferior a 30 kilometros. N'estas carruagens podem viajar 10 pessoas sem augmento de preços; além d'este numero cada pessoa pagará um bilhete de 1.ª classe.

Na estação central, rua de Sá da Bandeira n.ºs 18 a 24, e na das Devezas, em Villa Nova de Gaia, ha carros que transportam passageiros para este caminho de ferro.

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

Entre Porto e Cahide		Entre Cahide e Porto					
Estações	Preço dos bilhetes			Estações	Preço dos bilhetes		
	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
Porto.....	-	-	-	Cahide.....	-	-	-
Rio Tinto.....	\$420	\$090	\$070	Penafiel.....	\$160	\$120	\$090
Ermezinde.....	\$180	\$140	\$100	Paredes.....	\$230	\$180	\$130
Vallongo.....	\$310	\$240	\$170	Cette.....	\$310	\$240	\$170
Recarei.....	\$500	\$390	\$280	Recarei.....	\$400	\$310	\$230
Cette.....	\$590	\$460	\$330	Vallongo.....	\$590	\$460	\$330
Paredes.....	\$670	\$520	\$370	Ermezinde.....	\$720	\$560	\$400
Penafiel.....	\$740	\$580	\$440	Rio Tinto.....	\$800	\$620	\$450
Cahide.....	\$870	\$680	\$490	Porto.....	\$870	\$680	\$490

As creanças menores de tres annos, indo ao collo das pessoas que as conduzem, serão transportadas gratuitamente.

As creanças de tres a sete annos pagarão metade dos preços, mas para a contagem de logares no mesmo compartimento de carruagens, consideram-se quas creanças como occupando um só logar.

As creanças maiores de sete annos pagarão os seus logares.

PREÇOS DOS LOGARES NOS THEATROS e mais casas de espectaculos publicos em Lisboa

S. CARLOS (Na praça de S. Carlos)

Logares	Preços
Frizas	6\$000
Camarotes de 1. ^a ordem.....	6\$500
" " 2. ^a " 	4\$000
" " 3. ^a " 	2\$500
Torrinhas.....	1\$600
Cadeiras.....	1\$200
Geral.....	\$700
Galerias	\$320
Varandas.....	\$200

D. MARIA II (Na praça de D. Pedro)

Logares	Numeros dos camarotes	Preços
Frizas.....	—	2\$500
Camarotes de 1. ^a ordem	8 a 13	3\$500
" " " "	3 a 7, 14 a 20	3\$000
" " 2. ^a " "	28 a 33	2\$000
" " " "	21 a 27, 34 a 40	1\$800
" " 3. ^a " "	—	1\$200
Cadeiras	—	\$600
Superior	—	\$400
Geral.....	—	\$250
Varandas.....	—	\$100

TRINDADE

(Na rua Nova da Trindade)

Logares	Numeros dos camarotes	Pregos
Frizas	A a C	3\$000
"	B	2\$000
Camarotes de 1. ^a ordem..	8 a 15	3\$500
"	1 a 7, 16 a 22	3\$000
Camarotes de 2. ^a ordem..	31 a 38	2\$500
"	23 a 29, 40 a 46	2\$000
Camarotes de 3. ^a ordem..	—	1\$000
Balcão	—	\$700
Cadeiras	—	\$600
Superior	—	\$400
Geral	—	\$250
Varandas	—	\$120

NOVO CIRCO DE PRICE

(Na rua do Salitre)

Logares	Pregos
Camarotes com 6 entradas.....	3\$000
Cadeiras	\$500
Geral.....	\$200

GYMNASIO

(Na rua Nova da Trindade)

Logares	Preços
Frizas (1 a 6).....	2\$500
" (9 a 20).....	2\$000
Camarotes de 1. ^a ordem.....	3\$000 e 3\$500
" " " Centro....	4\$000
" de 2. ^a " 	2\$000 e 2\$500
" " " Centro....	3\$000
" de 3. ^a " 	1\$200
Cadeiras.....	\$600
Superior.....	\$400
Galerias.....	\$200
Varandas.....	\$100

PRINCIPE REAL

(Na rua Nova da Palma)

Logares	Preços
Frizas.....	1\$500
Camarotes de 1. ^a ordem.....	2\$500 e 3\$000
" de 2. ^a " 	1\$500 e 2\$000
" de 3. ^a " 	1\$000
Assignatura.....	\$500
Superior.....	\$400
Geral (frente).....	\$300
" (lado).....	\$200
Galerias.....	\$120

RUA DOS CONDES

(Na rua dos Condes)

Logares	Preços
Frizas	1\$600 — 1\$400 — 1\$200 — 1\$000
Camarotes de 1. ^a ordem...	3\$000 — 2\$500 — 2\$000
» de 2. ^a » ...	2\$250 — 1\$800 — 1\$600 — 1\$300
» de 3. ^a » ...	1\$200 — 1\$000 — \$800
Cadeiras	\$400
Superior	\$300
Geral	\$200
Varandas	\$120

VARIEDADES

(Na rua do Salitre)

Logares	Preços
Frizas	1\$500 — 1\$200
Camarotes de 1. ^a ordem...	3\$000 — 2\$500 — 2\$250 — 1\$600
» de 2. ^a » ...	1\$000
Cadeiras	\$400
Superior	\$300
Geral	\$200
Varandas	\$120

RECREIOS WHITTOYNE
(Largo do Passeio Publico)

Logares	Preços
Camarotes de 1. ^a ordem.....	3\$000 e 3\$500
" de 2. ^a " 	2\$000 e 2\$500
Fauteuils.....	\$800
Cadeiras.....	\$500
Geral.....	\$300

VIAGENS FLUVIAES

		Preços		
		Pôpa	Prôa	
Tejo.....	} LISBOA..	Alcantara.....	30	20
		" " Belem.....	50	40
		" " Cacilhas.....	50	30
		" " Banteiro.....	150	100
		" " Seixal.....	150	100
Guadiana	(MERTOLA	V. R. de S. ^{to} Antonio	1\$500	-
Sado.....	{ SETUBAL.	Alcacer do Sal.....	500	300

As carreiras de Alcantara, Belem e Cacilhas, são diarias e repetidas.

Serviço de verão

Cascaes, ida e volta.....	1\$000 réis
" ida ou volta.....	\$600 "

DIREITOS PAROCHIAES NAS FREGUEZIAS DE LISBOA

Baptismos e Casamentos

Sem capa 800, com capa 1\$200 ; fora da igreja parochial 6\$400.

N. B. Estas quantias pertencem ao parochio ; ao thesoureiro se dará o equivalente da metade do que se dá ao parochio.

Enterros

Corpo á terra. — Á mão, offerta 900, acompanhamento 600 ; de sege, offerta 1\$200, acompanhamento 800.

Caixão á cova. — Á mão, offerta 2\$400, acompanhamento 1\$600 ; de sege, offerta 3\$600, acompanhamento 2\$400.

De berlinda. — Offerta 9\$600, acompanhamento 6\$400.

De coche, com berlinda ou sem ella. — Offerta 19\$200, acompanhamento 12\$800.

N. B. Estas quantias pertencem aos parochos ; os quaes não serão obrigados a acompanhar a pé fóra dos limites das suas respectivas freguezias ; ao thesoureiro se dará o equivalente da metade da quantia, que se dá ao parochio pelo acompanhamento.

POSTOS MEDICOS

Em Lisboa

Rua Augusta, 276 — Director, A. A. Moraes de Carvalho.
Rua da Prata, 144 — Director, A. P. Leão de Oliveira.
Rua dos Fanqueiros, 174 — Director, Joaquim José Lopes.
Rua de S. Bento, 300 — Director, Joaquim A. de Oliveira Namorado.

Rua Nova do Almada, 95 — Director, A. F. F. Ferrer Farol.

No Porto

Rua de S. Pedro, 54.

COMPANHIA DE CARROAGENS LISBONENSES
TABELLA DE PREÇOS

SERVIÇOS	TREM	TREM	CARRO
	4 pessoas	2 pessoas	10 pess.
Dentro da demarcação			
POR DIA			
Todo o dia, desde o romper do sol até à meia noite.....	4\$500	4\$000	7\$500
Manhã, desde o romper do sol até ao meio dia.....	2\$500	2\$000	5\$000
Tarde, desde o meio dia até à meia noite.....	3\$500	3\$000	6\$500
Cada hora de serviço, antes ou depois das horas supra....	\$400	\$300	\$800
AS HORAS			
<i>Desde o romper do sol até à meia noite</i>			
Duas horas.....	1\$500	1\$300	—\$—
Terceira e seguintes, não havendo interrupção.....	\$400	\$300	—\$—
Meias horas depois das duas..	\$200	\$200	—\$—
Fóra da demarcação			
Além dos preços acima estipulados paga-se mais :			
Por cada leg fóra da demarcação	\$400	\$300	\$600
Por cada meia legua mais....	\$200	\$200	\$300

Demarcação para o serviço ordinario das carruagens
Dá-Fundo, largo de Ajuda, largo do Calhariz e igreja parochial de Bemfica, largo de Carnide, calçada de Carriche (Nova Cintra), Ameixoeira, largo da Charneca, alto da Portella, largo dos Oliveas.

Estação central, largo de S. Roque. — Estação filial, rua direita d'Alcantara n.º 50 a 53. — Estações telegraphicas, travessa de Santa Justa n.º 95, e rua de S. Bento n.º 25.

TABELLA DOS PREÇOS DOS TRENS DE ALUGUER
PREÇOS DOS TRENS DE PRAÇA

Designação do serviço	Preços de dia.	Preços de noite	
		Até á 1 hora	Da 1 hora até ao romper da aurora
<i>Dentro da cidade</i>			
Corrida	\$300	\$320	\$620
<i>Ás horas :</i>			
Cada hora	\$400	\$420	\$820
Cada $\frac{1}{2}$ hora mais	\$200	\$210	\$410
Cada $\frac{1}{4}$ de hora mais .. .	\$100	\$105	\$205
<i>Fóra da cidade</i>			
N'uma area de 10 kilometros a contar do ponto de partida.			
<i>Ás horas :</i>			
Cada $\frac{1}{4}$ de hora de dia.....	\$150	\$155	\$305
Cada $\frac{1}{4}$ de hora de espera..	\$100	\$100	\$100
De volta para a cidade	² / ₃ do que fôr contado pela ida ^a		

Observações

Sempre que forem transportados mais de dois passageiros, augmenta..o preço por cada um que exceder, no equivalente a metade do que fica estabelecido para dentro da cidade, e para fóra com respeito a ida e volta.

Qualquer espaço de tempo, maior de cinco minutos, que exceda áquelle que se contar na fórmula da presente tabella, será tido como um quarto de hora, para ser pago n'essa conformidade.

O preço da passagem de noite só tem logar quando accessa a illuminação publica no ponto da partida (Art. 114.º do Codigo de posturas).

IMPOSTO DO SELLO

Disposições de uso mais commum do Regulamento de 18 de setembro de 1873

Testamentos

Art. 58.º Os testamentos, comprehendendo os publicos e cerrados, deverão ser sellados antes de registados; mas se dentro de trinta dias, contados da abertura da herança ou da epocha em que deviam produzir efeitos juridicos, não forem registados, nem houver sido pago o sello devido, independentemente do registo, não poderão ser registados, nem admittidos perante qualquer auctoridade ou repartição publica sem terem sido revalidados pelo pagamento das respectivas multas.

Art. 59.º O sello dos testamentos publicos será pago nos traslados, ou certidões, que forem apresentados a registo, e o dos testamentos cerrados nos proprios testamentos. Os traslados ou certidões dos testamentos publicos são tambem sujeitos ao respectivo sello.

Escripturas

Art. 70.º Quando na mesma escriptura se celebrarem diferentes contractos dependentes ou não uns dos outros, attender-se-ha ao principal para qualificar a dita escriptura, afim de se conhecer qual a taxa do sello que lhe pertence. N'este caso deverá exigir-se, além do sello correspondente áquelle contracto, o que tocar a cada um dos outros contractos accessorios, se algum lhes estiver designado nas respectivas tabellas.

§ unico. Será considerado contracto principal aquelle a que corresponder maior salario na respectiva tabella de emolumentos judiciaes.

Art. 71.º Pelas escripturas de compra e venda deverá pagar-se o sello de 500 réis, estabelecido na verba 5.ª da classe 15.ª da tabella n.º 1 Quando na mesma escriptura houver tambem quitação, além d'aquelle sello, pagar-se-ha o que para este acto é designado na verba 4.ª da classe 3.ª da tabella n.º 2.

Art. 72.º Se a escriptura fôr só de quitação, o sello devido será unicamente o determinado na citada verba da classe 3.ª da tabella n.º 2.

Art. 73.º Pela escriptura de mutuo ou usura, simples ou com hypotheca, é devido o sello estabelecido na verba 4.ª da classe 3.ª da tabella n.º 2. Se porém a escriptura for só de hypotheca, será exigido o sello de 500 réis, designado na mencionada verba 5.ª da classe 15.ª da tabella n.º 1.

Art. 74.º Além do sello de que tratam os artigos anteriores, é sempre devido o do papel em que forem exarados os actos ou contractos que ficam mencionados.

Arrendamentos

Art. 75.º Os arrendamentos feitos sem titulo são equiparados aos feitos com titulo para o pagamento do sello correspondente, e os locadores podem manifestal-os por meio de declaração escripta, sellada com o sello devido pelo contracto, ante o escrivão de fazenda do conselho ou bairro da situação dos predios.

Certidões

Art. 76.º São só sujeitas a sello as certidões de teor ou narrativa, passadas de documentos, livros, ou quaesquer papeis.

Art. 77.º Se as certidões forem passadas independentemente do requerimento, pagarão só o sello designado na verba n.º 11 da classe 9.ª da tabella n.º 1. Havendo requerimento e sendo passadas n'elle, além do sello do requerimento, será devido o de 60 réis por cada certidão.

§ 1.º Se a certidão occupar mais de meia folha, exigir-se-ha o sello de 60 réis por cada uma das meias folhas a mais.

§ 2.º Se a certidão começar no requerimento, e continuar n'outras meias folhas, pela parte que occupar no dito requerimento será devido o sello de 60 réis.

§ 3.º Ainda que a mesma certidão comprehenda diferentes factos ou documentos, será considerada como uma só, se não contiver mais do que uma assignatura.

Art. 78.º Se em seguimento á certidão ou requerimento houver na mesma meia folha algum termo forense, pagar-se-ha por este o sello dos processos forenses.

Disposições penaes

Art. 105.º A falta de pagamento do sello devido nos recibos ou quitações, nas letras ou papeis commerciaes negociaveis, é sempre punida com a multa de 5 por cento do valor representada no titulo.

§ 1.º Quando o valor do titulo não for conhecido, a multa é de 10\$000 réis. Em todos os mais casos de falta de pagamento do sello devido, a multa é a do décuplo do mesmo sello.

§ 2.º As disposições d'este artigo são applicaveis aos que não cumprirem o que fica determinado nos artigos 66.º e 86.º, e áquelles que, devendo pôr as competentes estampilhas, as não pozerem, ou devendo inutilisal-as, as não inutilisarem, ou que empregarem estampilhas já usadas.

Art. 106.º As disposições do artigo antecedente não serão applicaveis quando se verificarem as hypotheses prevenida nos artigos 18.º e 19.º

Art. 107.º As repartições, auctoridades ou funcionarios publicos e os donos das officinas de impressão, estamperia ou lithographia, que não cumprirem as disposições dos artigos 84.º, 87.º, 102.º, 103.º e 104.º, incorrerão na multa de 20\$000 a 100\$000 réis.

Art. 108.º Os tabelliães, que não cumprirem a disposição do artigo 100.º, ficam sujeitos á multa de 10\$000 a 100\$000 réis pela primeira vez, e no caso de reincidencia, ao perdimento do officio, além da multa.

Art. 109.º A pessoa, que expozer á venda, transportar ou fizer uso de cartas de jogar sem o competente sello, e a que não cumprir a disposição do § unico do artigo 57.º, pagará de multa o décuplo do sello por cada baralho não sellado. Pela reincidencia esta multa será quintuplicada.

§ unico. Exceptua-se d'esta disposição o caso de que trata o art. 54.º

Art. 110.º Os fabricantes ou as pessoas, que, tendo de exportar cartas de jogar, não cumprirem as disposições do § 4.º do artigo 54.º, incorrerão na penalidade do artigo 109.º, tendo o fabricante, quando não seja o exportador, ainda a responsabilidade subsidiaria na pena de que se trata.

Art. 111.º O corretor, que não cumprir a disposição do

art. 101.º, pagará pela primeira vez a decima parte do valor da letra que negociar, e, no caso de reincidencia, além do pagamento d'esta multa, perderá o logar.

Art. 112.º Aquelles que não tirarem as licenças comprehendidas na classe 14.ª da tabella n.º 1, antes de praticados os actos, que auctorisam, ou antes de acabar o tempo da ultima licença, incorrem na multa do décuplo do respectivo sello.

Art. 113.º Aquelle que no prazo legal não registrar a licença na respectiva repartição de fazenda do concelho ou bairro, onde exerça, ou haja de exercer o acto por ella auctorisado, incorrerá na multa de 2\$000 réis.

Art. 114.º Os que mandarem affixar cartazes ou annuncios publicos, escriptos, impressos ou lithographados, sem terem o competente sello, incorrerão na multa de 5\$000 a 20\$000 réis.

Art. 115.º Quem nos documentos mencionados no artigo 43.º empregar papel de formato maior ou menor do que o estabelecido no mesmo artigo, se a differença para mais ou para menos exceder a 5 millimetros, incorre na multa de 500 réis por cada meia folha que empregar nas ditas condições, salvas as excepções n'elle declaradas. Quando a infracção for commettida em documento que abranja muitas meias folhas de papel, a totalidade das multas impostas não pode em caso algum exceder a 20\$000 réis.

§ unico. Esta multa não terá logar quando se provar que não havia á venda papel de formato legal, na occasião e no logar em que foi escripto o documento, nem a distancia de 5 kilometros. É dispensada a prova d'este ultimo requisito quando se mostre que o acto para que foi escripto o documento era de tal urgencia, que não dava tempo a que se procurasse papel de formato legal.

Art. 116.º As pessoas que, sem a competente auctorisação, devidamente sellada, venderem estampilhas ou papel sellado, incorrem na pena da perda das estampilhas ou papel sellado que lhes for achado, e no pagamento de uma multa de 10\$000 a 100\$000 réis.

Art. 117.º Quando houver falsificação de sellos, ou cunhos de alguma repartição publica, ou de papel sellado, e introduccão dos mesmos no reino, serão applicadas as penas decretadas no codigo penal e legislação posterior.

Art. 118.º As infracções não mencionadas nos artigos antecedentes serão punidas com multa até 20\$000 réis.

Disposições de use mais commum das tabellas da lei do sello

(Carta de lei de 2 de abril de 1873)

SELLO FIXO

TABELLA N.º 1

CLASSE 9.ª

- | | |
|--|--------|
| 1 Os processos forenses (salvas as excepções declaradas na tabella n.º 3, e os casos em que para os documentos juntos ao processo haja sello especial designado) pagarão cada meia folha | \$030 |
| São considerados processos forenses todos os administrativos, em que houver parte interessada. | |
| As certidões dos relaxes dos conhecimentos de cobrança, que servem de base ao processo administrativo, pagarão o sello correspondente ás certidões. | |
| 2 Cartas de sentença, de arrematação, adjudicação, formaes de partilhas e instrumentos para titulo ou posse, executivos, instrumentos de agravo e traslados, por cada meia folha..... | \$060 |
| Nos traslados não se comprehendem as contrafés, que os officiaes de diligencias devem entregar aos citados. | |
| 3 Procurações, incluindo as feitas <i>apud acta</i> , por cada meia folha..... | \$060 |
| 4 Tendo poderes para contratos, além do sello do papel..... | \$300 |
| 5 Tendo poderes para geral administração, além do sello do papel..... | \$600 |
| 6 Tendo poderes para gerencia de casa ou de casas commerciaes, ou mercantis, além do sello do papel..... | 5\$000 |
| 7 Sendo passadas por negociantes ou firmas commerciaes para assignar ou aceitar letras, ou | |

fazer compras ou vendas mercantis, além do sello do papel.....	5\$000
8 Sendo passadas por bancos ou companhias, ou sociedades anonymas nacionaes ou estrangeiras, aos seus agentes ou delegados, além do sello do papel.....	10\$000
Quando uma procuração tiver poderes para diversos actos, a que competir mais de uma taxa, pagará sómente a maior. Sendo eguaes as taxas, pagará uma d'ellas.	
9 Por cada substabelecimento, que se fizer, ainda que seja na mesma folha.....	\$060
10 Traslados tirados das notas dos tabelliães, cada meia folha.....	\$060
11 Certidões, além do sello do requerimento, quando o haja, por cada meia folha.....	\$060
12 Havendo em cada meia folha mais de uma certidão, por cada uma.....	\$060
Havendo na mesma meia folha algum termo forense, terá além d'isso o sello respectivo do papel (vid. verba 4. ^a da classe 16. ^a d'esta tabella.)	
As certidões serão sempre passadas em papel sellado, mas havendo novo sello a pagar por algum acto exarado na mesma meia folha, ou sendo passadas em requerimento escripto em papel sallado, será pago este novo sello por meio de verba ou estampilha (vid. artigo 49. ^o)	
13 Termos de abonação dos vendedores de estampilhas de sello, cada meia folha.....	\$060
14 Requerimentos, cada meia folha.....	\$060

CLASSE 10.^a

Recibos entre particulares e outros papeis sujeitos a sella, a tinta de oleo, antes de escriptos, ou ao de estampilha

- 1 Recibos entre particulares ou passados por particulares ao estado, a camaras municipaes, estabelecimentos de piedade ou beneficencia, facturas com quitação de qualquer natureza ou proveniencia, e outros quaesquer titulos ou

documentos que importem recibo ou obrigação, sendo passados por escripto particular, por qualquer quantia superior a 5\$000 réis §020
 As contas conferidas sem designação do prazo determinado do vencimento, passadas entre individuos residentes no reino e ilhas adjacentes, que contenham verbas de recebimento ou pagamento de dinheiro, das quaes se não tenham passado recibos sellados, ficam sujeitas ao sello correspondente a esses recibos, como se para cada uma d'ellas houvesse documento especial sellado.

CLASSE 16.ª

Diversos papeis

Papeis sujeitos a sello de verba depois de escriptos ou ao de estampilha

- 1 Testamentos antes de serem registados, em todo o caso dentro de trinta dias desde a abertura da successão, ou desde que por qualquer outro motivo produzirem effeito juridico, cada meia folha..... §060
- Os testamentos publicos não estão sujeitos ao sello designado na verba 5 da classe 15.ª d'esta tabella.
- 2 Todos os documentos que não tenham sido sellados ou que não forem escriptos, impressos, lithographados ou estampados em papel sellado, e que tenham de se juntar a requerimentos que se dirijam a tribunaes ou repartições publicas, de qualquer ordem que sejam, pagarão de sello em cada meia folha..... §060
- 3 Tendo pago sello inferior, como acto ou documento, pagarão a differença.
- 4 Termos forenses lançados na mesma meia folha em que tiver sido passada alguma certidão, por cada um..... §030
- Os cartazes e annuncios de divertimentos publicos, e quaesquer outros escriptos, impressos, estampados ou lithographados, que se affixarem nos logares publicos cada um..... §060

Nos cartazes em que por qualquer fôrma se annunciarem espectaculos para mais de um dia, será o imposto do sello devido tantas vezes quantos forem os dias de espectaculo para que servirem.

6 Cartas de saude, cada uma \$060

Papeis sujeitos a sello de verba depois de escriptos

7 Processos fiscaes, administrativos ou judiciaes, nos casos em que hajam de ser sujeitos a sello, por cada meia folha \$030

8 Os papeis, livros e documentos de particulares que não forem sujeitos a sello especial, e de que tenham de ser extrahidas certidões ou publicas formas por officiaes publicos, de cada meia folha de que forem extrahidas as certidões ou publicas formas \$060

9 Termo de repudio da herança ou de registo de tutela, cada termo ou registo \$060

Papeis sujeitos a sello especial

10 Cartas de jogar nacionaes ou estrangeiras, por cada baralho \$040

TABELLA N.º 2

CLASSE 4.ª

Letras e outros papeis que devem ser escriptos em papel sellado

1 Letras da terra, ordens e letras sacadas entre praças do reino e ilhas, sendo á vista e até oito dias de praso :

De 5\$000 réis até 20\$000 réis \$020

De mais de 20\$000 réis até 50\$000 réis \$040

De mais de 50\$000 réis até 100\$000 réis \$060

De mais de 100\$000 réis até 500\$000 réis \$100

De mais de 500\$000 réis até 1:000\$000 réis \$200

E mais 200 réis por cada 1:000\$000 réis, despresada qualquer fracção.

2	Letras de cambio, sacadas no continente do reino e ilhas a mais de oito dias de praso, letras da terra de mais de oito dias, letras ou escripturas de contrato de risco maritimo, escriptos á ordem, livranças, notas promissorias e bilhetes de cobre :	
	De 5\$000 réis até 20\$000 réis	\$020
	De mais de 20\$000 réis até 100\$000 réis inclusivè	\$100
	Por cada 100\$000 réis mais ou fracção de 100\$000 réis	\$100
3	Letras de cambio, sacadas no continente do reino e ilhas, para serem pagas em praças estrangeiras de 20\$000 réis até 100\$000 réis inclusivè	\$020
	Por cada 100\$000 réis a mais ou fracção de 100\$000 réis	\$020
4	Letras sobre paiz estrangeiro sacadas em mais de uma via, pagarão por cada via metade do sello correspondente ao valor que representarem em moeda portugueza pelo cambio corrente.	
5	Conhecimentos de carregações maritimas juntos ao manifesto, da carga ou despacho de saida das embarcações, ou que se apresentem para se effectuar o despacho de importação, cada um	\$060

CLASSE 6.ª

Esripturas e outros papeis sujeitos ao sello de estampilha

1	Esripturas de casamento com dote, quando se não fizer menção de valores ou quando estes não forem superiores a 500\$000 réis	2\$000
	Quando se estipular dote de valor conhecido de 500\$000 réis até 5:000\$000 réis	5\$000
	De mais de 5:000\$000 réis a 10:000\$000 réis	10\$000
	De mais de 10:000\$000 réis	15\$000
	Quando houver dote desconhecido, além do valor declarado, por aquelle	2\$000
	Esriptura de casamento (vid. tabella n.º 1, classe 15.ª, verba 3.ª)	
2	Arrendamentos ou consignação de rendimentos	

de bens immoveis por qualquer modo ou titulo que sejam feitos, desde 10\$000 réis até réis 100\$000

§060

De mais de 100\$000 réis até 200\$000 réis inclusivè.

§100

E assim por diante, cobrando-se 100 réis por cada 100\$000 réis.

Não são comprehendidos n'esta verba os arrendamentos de direitos de exploração de minas.

N'estes contratos, o sello será calculado sobre o preço de todo o tempo do arrendamento, não havendo estipulação de praso, ou sendo este incerto sobre a renda de um anno, contando-se além d'isso em ambos os casos a quantia que se estipular a titulo de joia ou qualquer outro.

Se o arrendamento for por menos de anno, a taxa será a mesma que para o anno, excepto se a importancia do arrendamento for menor de 100\$000 réis, sendo n'este caso a taxa de 10 réis por cada mez.

Nos casos de sublocação ou cedencia de arrendamento, parcial ou total, o imposto do sello será calculado sobre a importancia total da renda pela qual for feita a sublocação.

Nos arrendamentos em que se não designar praso, e, segundo o costume da terra, forem por menos de um anno, pagar-se-ha o sello correspondente a um anno, e no caso de serem prorogados por mais de um anno, repetir-se-ha o sello por cada anno que for vigorando.

Nos arrendamentos ruraes as taxas serão metade das determinadas para os outros arrendamentos.

Quando estes forem a generos, será calculado o seu valor pelas tarifas camararias ou pelos preços médios no ultimo anno, no mercado da localidade.

Esta disposição é applicavel aos reconhecimentos de foreiros.

3	Scriptura constitutiva de sociedade anonyma, sendo o capital de 50:000\$000 réis.	10\$000
	De mais de 50:000\$000 réis até 100:000\$000	20\$000
	De mais de 100:000\$000 réis até 4.000:000\$ réis, por cada 1:000\$000 réis.	\$050
	Sendo o capital emitido por séries, a taxa será calculada em relação a cada série.	
	A resolução que preceder a emissão de qualquer série, excepto a primeira de que fizer menção o contrato social, para ter validade, será transcripta no registo publico do commercio conjunctamente com o documento comprovativo do pagamento do competents sello, sem o que a referida transcrição se não fará.	
4	Reconhecimento de foreiros, cada um, não sendo a importancia do fóro superior a 10\$000 réis	\$100
	De mais de 10\$000 réis	1 p. c.

Passaportes

No governo civil de Lisboa :

Passados a nacionaes ou estrangeiros para fóra do reino e possessões ultramarinas. 1\$000

Nos demais governos civis :

A estrangeiros para fóra do reino. 1\$000

A nacionaes para fóra do reino pelo mar ou pela raia secca. 1\$000

Referendas

No governo civil de Lisboa :

Em passaportes estrangeiros para fóra do reino e possessões ultramarinas. 1\$000

Nos demais governos civis :

Em passaportes estrangeiros para fóra do reino. . . . 1\$000

Bilhetes de residencia

No governo civil de Lisboa :

Referendas ou bilhetes permittindo a residencia a estrangeiros por 3, 6, 12 mezes.....	\$400
--	-------

Nos demais governos civis :

Referendas ou bilhetes permittindo a residencia por 3 mezes.....	\$050
Idem por 6 mezes.....	\$100
Idem por 9 ".....	\$150
Idem por 12 ".....	\$200

Nas administrações do concelho :

Referendas ou bilhetes permittindo a residencia por 3 mezes.....	\$050
Idem por 6 mezes.....	\$100
Idem por 9 ".....	\$150
Idem por 12 ".....	\$200

Salvos-conductos

Nas administrações do concelho :

A estrangeiros.....	\$040
---------------------	-------

Vistos nos passaportes

Nas administrações do concelho :

A estrangeiros pela permissão de entrada.....	\$040
---	-------

Equação de tempo

Como o sol se retarda umas vezes, outras se accelera, ou parece estacionario, idearam os astrônomos para maior facilidade dos seus calculos, reduzir estes movimentos deseguaes, a um tempo e movimento igual e médio. É o que se chama— Equação do tempo, ou differença entre o tempo verdadeiro e o tempo uniforme, mostrado pela seguinte taboa, em relação aos dias do mez. Entre outros usos serve tambem para regular os relógios. Se ao ponto do meio dia marcado em uma boa meridiana o relógio mostrar os minutos e segundos declarados na tabella para antes, ou depois do meio dia verdadeiro, sabe-se que está certo.

Os minutos que levam o signal + devem exceder ao meio dia verdadeiro, e os que levam o signal — devem faltar para elle.

TABOIA DA EQUAÇÃO DO TEMPO

<i>Janeiro</i>			<i>Fevereiro</i>			<i>Março</i>		
DIA	EQ. DO TEMP.		DIA	EQ. DO TEMP.		DIA	EQ. DO TEMP.	
		m. s.			m. s.			m. s.
5	+	5 42	5	+	14 18	5	+	11 44
10	+	7 50	10	+	14 32	10	+	10 30
15	+	9 44	15	+	14 26	15	+	9 8
20	+	11 21	20	+	14 1	20	+	7 40
25	+	12 39	25	+	13 20	25	+	6 8
30	+	13 36	28	+	12 48	30	+	4 35
<i>Abril</i>			<i>Maiio</i>			<i>Junho</i>		
5	+	2 46	5	—	3 29	5	—	1 55
10	+	1 21	10	—	3 49	10	—	0 59
15	—	0 2	15	—	3 53	15	+	0 1
20	—	1 7	20	—	3 46	20	+	1 6
25	—	2 7	25	—	3 25	25	+	2 10
30	—	2 55	30	—	2 51	30	+	3 11
<i>Julho</i>			<i>Agosto</i>			<i>Setembro</i>		
5	+	1 8	5	+	5 42	5	—	1 23
10	+	4 56	10	+	5 6	10	—	3
15	+	5 34	15	+	4 16	15	—	4 48
20	+	5 58	20	+	3 12	20	—	6 33
25	+	6 9	25	+	1 56	25	—	8 18
30	+	6 6	30	+	0 30	30	—	9 57
<i>Outubro</i>			<i>Novembro</i>			<i>Dezembro</i>		
5	—	11 30	5	—	16 14	5	—	9 10
10	—	12 54	10	—	15 54	10	—	6 59
15	—	14 6	15	—	15 13	15	—	4 37
20	—	15 4	20	—	14 11	20	—	2 10
25	—	15 47	25	—	12 49	25	+	0 19
30	—	16 14	30	—	11 8	30	+	2 47

NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL

MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.		OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.		MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.		OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MÉDIO.	
Janeiro	1	7 h.	20'	4 h.	48'	Julho	1	4 h.	40'	7 h.	28'
	9		21		54		9		44		25
	17		18	5	2		17		50		22
	25		14		11		25		57		16
Fevereiro	1		8		20	Agosto	1	5	2		10
	9		0		29		9		9		1
	17	6	51		38		17		17	6	51
	25		41		46		25		24		40
Março	1		35		51	Setembro	1		30		30
	9		23	6	00		9		37		18
	17		11		7		17		45		5
	25	5	58		14		25		52	5	52
Abril	1		47		21	Outubro	1		57		42
	9		34		29		9	6	4		30
	17		23		36		17		13		18
	25		12		44		25		20		9
Maio	1		4		49	Novembro	1		28	4	59
	9	4	56		57		9		37		51
	17		48	7	4		17		46		44
	25		42		11		25		55		39
Junho	1		38		16	Dezembro	5	7	2		37
	9		36		22		10		8		36
	17		36		24		20		14		38
	25		38		27		30		18		42

CHARADAS, ENIGMAS E LOGOGRIFOS

DO ALMANACH DE 1877

Pag.	Decifrações	Pag.	Decifrações
116	Pavida.	172	Cada um enterra seu pae consoante pode.
117	Agradecimento.	174	Desmoralisar.
120	Agarrotado.	176	A prudencia vence o valor.
123	Sapo.	177	Rosa — Omar — Sala — Aral.
125	Idalina.	182	Cariama.
126	Castrametação.	183	Atabale.
131	Desamor.	187	Camboata.
136	Lavapé.	190	Patarata.
139	Maracujá.	192	Autos.
143	Amada.	197	Merecimento.
144		203	Arara.
	VIOLETA	206	Hespanha — Sardenha.
	A singela flôr que nasce entre espinhos e abrolhos em seu calice recebe as lagrimas de meus olhos.	207	Jacaré.
146	Ennes.	209	Mythologista.
147	Escala.	215	Virgem Maria deslum- brante perola.
148	Cavaria.	220	Metaphisica.
155	Socotorino. ¹	221	Par.
157	Externo.	224	Logomachia.
158	Semiramis. ²	225	Cantagallo.
160	Esopo.	230	Rosinha.
164	Armario.	233	Godos, Alanos e Unos viveram seculos an- tes de Christo.
165	Metallographia.	234	Capido.
167	Seraphim.		
169	Abatido.		
170	Misericordia.		

¹ Notaram, e com razão, alguns decifradores que n'este logogri-
pho não se menciona a 3.^a syllaba.

² Sahio por engano, marcando uma syllaba de mais.

Pag.	Decifrações	Pag.	Decifrações
238	Desafio.	320	Bolivia.
241	Salmão.	323	Bocage — Macedo.
247	Agamemnon.	324	Martello.
252	Viriato.	326	Varapau.
253	Fabordão.	327	Loanda.
255	Cimballo.	330	Europa.
258	Samão.	333	Milton.
263	Patarata.	334	As syllabas <i>olo</i> .
265	Giria.	335	Diadema.
267	Só Deus é grande.	339	Ch. — Iria.
268	Tabaco.	339	Ch. enig. — <i>Dá vida, sus- tenta e mata (Arpão)</i> .
271	Baioneta.	343	Jaboti.
273	Xaca — Ayam — Caro — amor.	344	Castellar.
275	Deolinda.	347	Dovida por duvida.
281	Alcibiades.	348	Pedaço.
282	Papa — alar — pate — area.	351	Pedido.
284	Bule-bule.	355	Carocha.
287	Ermano.	356	Domoça (Semana).
290	Marrocos.	358	Quixote.
294	Microcosmo.	360	Ch. Falsabraga.
298	Nespereira.	360	Enig. O que deve não repousa como quer.
300	Patacão.	362	Vaganáo.
301	Palavras e plumas o vento as leva.	366	Desatar.
304	Deus super omnia.	367	Caloteiro.
307	Bru-bru.	371	Papada.
309	Paro — rico — anil — olor.	376	Maria.
312	Galla-galla.	379	Biscoito.
314	Monopleurobranches.	380	Artemisia.
316	Gaiola.	386	Osiris — Siris — Iris.
317	Amisade.	390	Sofá.
319	Caneca.	396	D'ora a hora Deus me- lhora.
		398	Praia.

TABELLA DOS SIGNAES DE INCENDIO

Com indicação do numero de badaladas e postos encarregados dos toques

EM LISBOA

S. Engracia, B. Antonio..	11	B. do Sapato e V. de S. Ant. Regedoria e Cabeço de Bola
S. Vicente, Santo Estevão.	12	Eso. Geraes, Chaf. de Dentro
Graça	13	Calçada do Monte.
S. Thiago, Sé, S. Christov.	14	Loyos, Aljube, G. do Cast.
Carmo, Conceição Nova ..	15	Q. do Carmo, G. do Deposit.
S. Nicolau.....	16	Praça da Figueira.
Soccorro.....	17	Mouraria.
S. José	18	Passeio (lado do norte).
Pena.....	19	Conv. da Encarnação.
Bemposta, Anjos, Penha de França.....	20	Campo de Sant'Anna, Arroios, Monte Agudo.
S. Sebastião.....	21	Quartel de Santa Rita.
Coração de Jesus		Largo de Santa Martha.
Monserrate.....	22	Amoreiras.
S. Mamede.....		Collegio dos Nobres.
S. Isabel.....	23	Rua Nova da Estrella.
Estrella	24	Buenos Ayres e Boa Morte.
Lapa.....		Rua do Pau da Bandeira.
Necessidades.....	25	Praça de Armas.
S. Francisco de Paula	26	Pampulha.
Santos-o-Velho.....	27	Inglezinhas.
Paulistas	28	Junto á Igreja.
Chagas.....	29	Rua das Flores.
S. Roque	30	Travessa da Queimada.
Martyres	31	Governo Civil.
S. Paulo.....	32	Caes do Sôfres.
<i>Para cessarem os toques..</i>	7	

EM BELEM E OLIVAES

Olivaes.....	33	Casa do regedor.
Ajuda — Boa Hora.....	34	Calçada de D. Vasco.
Alcantara — S. Pedro....	35	Praça de Armas.
Belem — Casa Pia.....	36	Guarda da Casa Pia.
Bemfica e S. Sebastião ...	37	Casas dos regedores.
Carnide e Odivellas.....	38	

NO PORTO

Sé.....	5	Guarda do Aljube.
Santo Ildefonso.....	6	Guarda do quartel geral.
Orfãos.....	7	Jardim de S. Lazaro.
Bomfim.....	8	Guarda do Bomfim.
Santa Catharina.....	9	Guarda do Boião.
Trindade.....	10	Idem.
Cedofeita.....	11	Hospital de D. Pedro V.
Lapa.....	12	Quartel d'infant. n.º 18.
Carmo.....	13	Guarda do Carmo.
Clerigos.....	14	Guarda da praça do Anjo.
Victoria.....	15	Guarda da Relação.
Misericórdia.....	16	Guarda de S. Domingos.
Collegio.....	17	Idem.
S. Nicolau.....	18	Guarda da alfandega.
S. João Novo.....	19	Guarda do mesmo edificio.
S. Pedro de Miragaya....	20	Porta Nobre.
Massarellos.....	21	Guarda de Massarellos.
Boa Viagem.....	22	Idem.
Villa Nova.....	23	Casa da guarda.
Campanhã.....	24	Casa do regedor.
Campanhã de Baixo.....	25	Idem.
Paranhos.....	26	Idem.
Lordello.....	27	Guarda do Trem do Ouro.
Foz.....	28	Guarda do salva-vidas.
<i>Para cessarem os leques..</i>	3	

EM COIMBRA

Sé Nova.....	10
S. Christovão.....	11
S. Bartholomeu.....	12
Santa Cruz.....	13
Santa Clara.....	14
Santo Antonio dos Olivass.....	15

ECLIPSES DO ANNO DE 1878

3 de Fevereiro

Eclipse annular do sol, invisivel em Lisboa. — Principia ás 5 h., 19 m. e 8 s. da manhã; e acaba ás 10 h., 22 m. e 9 s. da manhã.

17 de Fevereiro

Eclipse parcial da lua, invisivel em Lisboa. — Principia ás 8 h., 5 m. e 2 s. da manhã; e acaba á 1 h., 4 m. e 1 s. da tarde.

Grandeza do eclipse 0,840 do diametro lunar — 10,08 digitos.

29 de Julho

Eclipse total do sol, invisivel em Lisboa. — Principia ás 6 h., 41 m. e 8 s. da tarde; e acaba ás 11 h., 39 m. e 4 s. da tarde.

13 e 13 de Agosto

Eclipse parcial da lua, visivel em Lisboa.

		h.	m.	s.	
Entra a lua na penumbra	dia 12	8	46	2	da tarde
Entra a lua na sombra..	"	10	6	1	"
Meio do eclipse	"	11	32	1	"
Sahe a lua da sombra...	dia 13	0	58	0	da manhã
Sahe a lua da penumbra	"	2	17	9	"

6 de Maio

Passagem de mercurio pelo disco do sol, parte visivel em Lisboa. — Ingresso ás 2 h., 37 m. e 29 s. da tarde; egresso ás 10 h., 11 m. e 24 s. da tarde.

MARÉS

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.º dia de lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de preamar e baixamar

em qualquer dia. Se desejarmos saber, por exemplo, os preamares e baixamares do dia 15 de janeiro, procuraremos este dia na folhinha, e veremos ser o 12.º dia da lua, e procurando na 1.ª columna da tabella o n.º 12, acharemos na mesma linha horizontal o que desejamos.

Quando na tabella das primeiras marés se notam marés da tarde, as da manhã d'esse dia são as segundas do dia antecedente, como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29.

Tabella das preamares e baixamares no Tejo

IDADE DA LUA	Preamar		Baixamar	
	DA MANHÃ	DA TARDE	DA MANHÃ	DA TARDE
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.
1 16	2 55	3 20	9 7	9 32
2 17	3 44	4 9	9 57	10 22
3 18	4 34	4 59	10 46	11 11
4 19	5 24	5 49	11 36	
5 20	6 13	6 38	0 1	0 26
6 21	7 3	7 28	0 51	1 15
7 22	7 53	8 18	1 40	2 5
8 23	8 42	9 7	2 30	2 55
9 24	9 32	9 57	3 20	3 44
10 25	10 22	10 46	4 9	4 34
11 26	11 11	11 36	4 59	5 24
12 27		0 1	5 49	6 13
13 28	0 26	0 51	6 38	7 3
14 29	1 15	1 40	7 28	7 53
15 30	2 5	2 30	8 18	8 42

N. B. As horas das marés do dia 1 da lua, são as mesmas do dia 16; as do dia 2, das do dia 17; e assim por diante. O dia 8 da lua é quarto crescente, e o dia 23 quarto minguante, o dia 15 é lua cheia e o dia 30 lua nova.

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero.....	17
Cyclo solar.....	11
Indicção romana.....	6
Epacta.....	26
Letra dominical.....	F

TEMPORAS

Março.....	13, 15 e 16	Setembro....	18, 20 e 21
Junho.....	12, 14 e 15	Dezembro....	18, 20 e 21

FESTAS MOVEIS

Séptuagesima 17 de Fevereiro.	Pentecostes....	9 de Junho.
Cinza..... 6 de Março.	SS. Trindade... 16	"
Paschoa.... 21 de Abril.	Corpo de Deus.. 20	"
Rogações... 27, 28 e 29 de Maio.	Coração de Jesus 28	"
Ascensão... 30 de Maio.	Advento.....	1 de Dez.

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO

Primavera — 20 de Março ás 5 h. e 7 m. da tarde.
Estio — 21 de Junho á 1 h. e 27 m. da tarde.
Outono — 23 de Setembro ás 3 h. e 41 m. da manhã.
Inverno — 21 de Dezembro ás 10 h. da manhã.

BENÇÕES MATRIMONIAES

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinza até ao 1.º domingo, depois da Paschoa, e desde a 1.ª deminga de Advento até dia de Reis, em que são prohibidas.

FOLIINHA PORTUGUEZA

SIGNO DE



AQUARIO

- 1 DE JANEIRO. *Terça.* ✕ CIRCUNCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio, B. de Buspe. S. Alfredo, adv. contra a colica e a dór de pedra. *Festa nas freg. de S. André e S. Marinha, Salvador, Graça, Barreiro e Seixal. e a N. Senhora do Bel-m na freg. da Magdalena, Ind. em varias igr. Grande gala. Cortejo.*
- 2 *Quarta.* S. Isidoro, B. M.
- 3 ● *Quinta.* S. Antero, P. M. S. Aprigio, B. S. Geneveva, V. Ind. no conv. do Desaygravo em todas as quintas feiras do anno; e como a da Porciuncula na igr. das religiosas do Sacramento na 1.^a quinta feira de cada mez, e hora solemne da Instituição do SS. em todas as quintas feiras do anno, das 8 ás 9 h. da noite com Ind. L. nova á 1 h. e 29 m. da tarde.
- 4 *Sexta.* S. Gregorio, B. S. Tito. Com. as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula na sua igr. com Ind. *Prim. da nov. M. N. Senhora de Jesus. Exp. do SS. em todas as 1.^{as} sextas feiras dos mezes na Cap. do Senhor Jesus dos Perdões na freg. da Magdalena.*
- 5 *Sabbado.* S. Simeão Estelyta. S. Apolinaria. Vesp. de *instrumental na Sé, e ao escurecer com. as matinas.*

- 6 DE JANEIRO. Domingo. DIA DE REIS. César, Belchior e Balthazar, adv. contra accidentes epilepticos e perigos de caminhos. Festa na freg. dos Santos Reis (ao Campo Grande). Offerta na Sé, a que assistem SS. MM. Ind. no Lorito e Plen. em Santo Amaro no 1.º domingo de cada mez. Benção na Menino Deus**
- 7 Segunda. S. Theodor. S. Tillon, Ab. adv. contra as febres. Abrem-se os tribunaes e permittem-se os casamentos sollemnes.**
- 8 Terça. S. Lourenço Justiniano. Vesp. de instrumental na freg. de S. Julião.**
- 9 Quarta. S. Julião, M. Festa na sua freg.**
- 10 Quinta. S. Paulo, 1.º eremita. S. Gonçalo de Amaranthe, D. Festa da Conceição na freg. de S. Julião.**
- 11 Sexta. S. Hygino, P. M. S. Honorata, V. Princ. as nov. do SS. Nome de Jesus, de S. Sebastião, e de N. Senhora da Divina Providencia. Q. cresc. ás 6 h. e 13 m. da tarde.**
- 12 Sabbado. S. Satyro, M.**
- 13 Domingo (1.º depois dos Reis). NOSSA SENHORA DE JESUS. S. Hilario, B. Festa na freg. das Mercês. Ind. em S. Domingos para os irmãos dos Passos no 2.º domingo de cada mez.**
- 14 Segunda. S. Felix de Nole. O B. Bernardino de Carleone, Capuchõ. Princ. a nov. dos Desposorios de N. Senhora.**
- 15 Terça. S. Amaro, Ab. adv. contra os achaques de pernas e braços. Festa na sua igr. a Santo Amaro, Conceição Velha, e em Desagravo no cono; do mesmo nome em Lausperrne. Com. as visitas á capella de S. Amaro até no fim do mez.**
- 16 Quarta. Os Santos Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. Com. os dias de Santa Engracia na Sé para desagravar o SS. Sacramento.**
- 17 Quinta. S. Antão, Ab. adv. contra as erysipelas.**

- 18 DE JANEIRO. **D.** Santa A. Cadeira de S. Pedro, em Roma. S. Prisca, V. M. L. *cheia de 11 h. p. 37 m. da tarde.*
- 19 **Sabbado.** S. Canuto, M. Vesp. e mat. na igr. de S. Sebastião.
- 20 **Domingo.** (2.º) SS. NOME DE JESUS. N. Senhora da Divina Providencia. S. Sebastião, M. adv. contra a peste. *Festa na igr. do Hospital de S. José, e de instrumental em S. Sebastião da Pedreira, feita pela corporação dos marceneiros, de que é patrono. Proc. de manhã. Ind. plen. na erm. da Ascensão.*
- 21 **Segunda** (Jej. no Patriarchado). S. Ignez, V. M.
- 22 **Terça** (~~X~~ no Patr. e no Algarve). S. Vicente e S. Anastazio, adv. contra as doenças de qualquer genero. *Festa em S. Vicente de Fora, na Sé, S. Sebastião e S. Catharina.*
- 23 **Quarta.** Os Desposorios de N. Senhora com S. José. S. Raymundo de Peñaforte, adv. contra as febres. *Ind. nos conv. do Carmo e plen. nos de S. Domingos.*
- 24 **Quinta.** N. Senhora da Paz. S. Timotheo, B. M. O B. Marcolino, D. Princ. a nov. da Purificação.
- 25 **C Sexta.** A Conversão de S. Paulo, Ap. *Festa e Lausp. na sua freg. Q. ming. ás 8 h. e 15 m. da tarde,*
- 26 **Sabbado.** S. Polycarpo, B. M. S. Paula, V. *Festa a S. Sebastião na freg. de S. Paulo; Dedição da Igr. do Colleginho. Obito da Imperatriz Duqueza de Bragança.*
- 27 **Domingo.** (3.º) S. João Chrysostomo. *Festa principal do Sagrado Coração de Maria no most. da Encarnação e a N. Senhora da Piedade na freg. de S. Paulo.*
- 28 **Segunda.** S. Cyrillo, B. A B. Veronica, A. Princ. a nov. das Chagas de Christo na sua igr. por musica instrumental.

29 DE JANEIRO. *Terça.* S. Francisco de Salles. *Festa e Lausp. nas Salesias a S. Francisco de Salles. Festa e ind. no igr. da Visitação a S. Francisco de Salles.*

30 Quarta. S. Martinho. S. Jacintha.

31 Quinta. S. Pedro Nolasco. S. Cyro, M.

SIGNO DE



PISCIS

- 1 DE FEVEREIRO.** *Sexta.* (*Jej., excepto nos bispados d'Elvas e Vizeu*). S. Ignacio, B. M. adv. contra os males do coração. S. Brigida, V.
- 2 Sabbado.** ✠ PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA. *Festa nos Terceiros do Carmo, ermida da Victoria, S. Thiago e S. Martinho, na Sé, e na Parochial igr. de N. Senhora da Purificação em Bucellas. L. nova ás 7 h. e 43 m. da manhã.*
- 3 Domingo.** (4.º) S. Braz, B. M. adv. contra as doenças de garganta. O B. Odorico, F. *Festa a S. Braz na Conceição Velha, em Santa Luzia, Sé, e na freg. dos Martyres.*
- 4 Segunda.** S. André Corsino, B. *Fallecimento da prinzeza a Senhora D. Amelia.*
- 5 Terça.** S. Agueda, V. M. adv. contra as dores nos peitos. Os MM. do Japão. *Matinas na igr. das Chagas. Ind. nos conv. de S. Francisco.*
- 6 Quarta.** As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M. *Festa e Lausp. na igr. das Chagas, e Te Deum de tarde. Festa ao Senhor Jesus dos Desamparados, com Jub. para os irmãos no most. da Encarnação. Ind. na erm. da Gloria ao Cardal da Graça.*

- 7 DE FEVEREIRO. Quinta. S. Aquilão, Ab. S. Ricardo. Festa de S. Urbano na igr. das Chagas.
- 8 Sexta. S. João da Matta, fund. da Ord. da Ss. Trind. Inl. e Benç. nos seus conv.
- 9 Sabbado. S. Apolonia, V. M. adv. contra a dor dos dentes. Festa na casa de Correção, ás Moniças.
- 10 Domingo. (5.º) S. Escolastica, V. Festa da archi-confraria do Ss. Coração de Maria e Exp. do Ss. Sacramento nas igr. das Comendadeiras da Encarnação. Q. cresc. aos 43 m. da tarde.
- 11 Segunda. S. Lazaro, B. Os fundadores dos Servitas.
- 12 Terça. S. Eulalia. V. M.
- 13 Quarta. S. Gregorio II.
- 14 Quinta. S. Valentim, M. Vesp. da trasladação de S. Antonio na sua igr., a que costuma assistir a Câmara Municipal.
- 15 Sexta. Trasladação de S. Antonio. Fs. Faustino e Jovita. Festa em S. Antonio da Sé.
- 16 Sabbado. S. Porphyrio, M.
- 17 Domingo da Septuagesima. S. Faustino. Com. os Dom. da Madre de Deus. Faz 83 annas a Ser. Sr.ª Infanta D. Antonia, irmã d'El-rei. Peq. gala. L. cheia ás 10 h: e 43 m. da manhã.
- 18 Segunda. S. Theotonio, 1.º prior de S. Cruz de Coimbra. S. Semião, B. M.
- 19 Terça. S. Conrado, F. O B. Alvaro de Cordova.
- 20 Quarta. S. Eleuterio, B. M.
- 21 Quinta. S. Maximiano, B. M. S. Angela de Mericia, V. M.
- 22 Sexta. S. Margarida de Cortona. A Cadeira de S. Pedro em Antiochia.
- 23 Sabbado. (Jej.) S. Lazaro, Menga.
- 24 Domingo da Sexagesima. S. Mathias, Ap. S. Sergio, M. Q. ming. ás 2 h. e 38 m. da manhã.
- 25 Segunda. S. Cesario. O B. Sebastião de Aparicio, F.
- 26 Terça. S. Torquato, Arceb. de Braga.

- 27 DE FEVEREIRO. *Quarta.* S. Leandro. A B. Bastachia.
V. F.
28 *Quinta.* S. Romão, Ab.

SIGNO DE



ARIES

- 1 DE MARÇO. *Sexta.* S. Adrião, M. S. Rozendo. *Ind.*
nos conv. de S. Domingos e na igr. da Esperança
em todas as sextas feiras d'este mez.
- 2 *Sabbado* S. Simplicio, P. Anos da *princesa Clotilde,*
fils de Victor Manuel.
- 3 *Domingo da Quinquagesima.* S. Hemiterio. *Ind. das 40*
horas na Sé, Corpo Santo e S. Luiz Rei da França
por occasião da Exp. do SS. Sacramento até terça
feira de completas.
- 4 ● *Segunda* S. Casimiro. S. Lutio, P. M. L. *nova ás*
2 h. e 43 m. da manhã.
- 5 *Terça.* S. Theophilo, B.
- 6 *Quarta feira de Cinza.* (*Jej. até á Paschoa*). S. Ollega-
rio. Benção da Cinza na egr. do Corpo Santo,
Martyres e na Sé por musica instrumental. Pro-
hibem-se os bençãos matrimoniaes até á Paschoa.
- 7 *Quinta.* S. Thomaz d'Aquino.
- 8 *Sexta.* S. João de Deus.
- 9 *Sabbado.* S. Francisca Romana.
- 10 *Domingo.* (1.º *da Quaresma*). S. Militão e seus 39
Comp. MM. Proc. em S. Antão do Tujal, Villa
Franco e Cascos. Princ. a nov. de S. José na freg.
dos Martyres por musica instrumental.
- 11 *Segunda.* S. Cathido, M.
- 12 ☾ *Terça.* S. Gregorio, P. *adv. contra as dores do esto-*
mago. Q. cresc. ás 3 h. e 27 m. da manhã.

- 13 **DE MARÇO. Quarta. (Temp.)** A D. Sancha, V.; Inf. de Portugal.
- 14 **Quinta.** Trasladação de S. Boaventura. *Vai a imagem do Senhor dos Passos da Graça para a igr. de S. Roque. Annos de El-Rei Victor Emmanuel, do principe Umberto e da Imperatriz do Brazil.*
- 15 **Sexta. (Temp.)** S. Henrique. *Proc. dos Passos da Graça. Com. a nov. do SS. Sacramento.*
- 16 **Sabbado (Temp.)** S. Cyriaco, M. *Com. a nov. da Anunciação de N. Senhora.*
- 17 **Domingo (2.º da Quaresma).** S. Patricio, Ap. da Irlanda. *Proc. em Sacavem.*
- 18 ☉ **Segunda.** S. Gabriel Arch. S. Narciso, Arc. *L. cheia às 8 h. e 33 m. da tarde.*
- 19 **Terça.** S. José, para alcançar de Deus boa morte. *Festa e Lausp. na sua freg., igr. do Hospital de S. José, freg. dos Martyres e em Belem, e com Jub. para os irmãos, no most. da Encarnação. Faz 21 annos a Ser. Sr.ª D. Maria José Beatriz, 3.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 20 **Quarta.** S. Martinho Dumienso, Arc. de Braga. *Com. a Primavera.*
- 21 **Quinta.** S. Bento, Ab. adv. contra as mordeduras de insectos venenosos. *Festa do Santo no most. da Encarnação.*
- 22 **Sexta.** S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena, D. *Annos do Imperador Frederico Guilherme.*
- 23 **Sabbado.** S. Felix e seus comp. MM. *Matinas na freg. do Sacramento.*
- 24 **Domingo. (3.º da Quaresma).** Instituição do SS. Sacramento. *Festa e Lausp. de instrumental na freg. do Sacramento. Ind. como a da Porciuncula em todas as igr. em que estiver o SS. Sacramento, ou que tiverem a sua invocação. Proc. dos Passos em Oeiras, Alverca e dos Terc. de S. Francisco na Arruda.*

- 25 DE MARÇO. C. Segunda. ✠ ANNUNCIACÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa e Lausp. na freg. e no most. da Encarnação e conv. de Santa Joanna. Q. ming. ás 4 h. e 16 m. da tarde.*
- 26 Terça. S. Ludgero, B. S. Braulio, B.
- 27 Quarta. S. Roberto, B. S. Zozimo.
- 28 Quinta. S. Alexandre, M. S. Castor e S. Dorothea, MM.
- 29 Sexta. S. Bertholdo, C. S. Jonas e seus Comp. MM.
Proc. de Passos em Belem e festa no Desterro.
- 30 Sabbado. S. João Climaco, A.
- 31 Domingo (4.º da Quaresma). S. Balbina, V. S. Benjamin, M.



- 1 DE ABRIL. Segunda. As Chagas de S. Catharina de Sena.
- 2 ● Terça. S. Francisco de Paula. *Festa e Lausp. na sua egr. L. nova ás 8 h. e 40 m. da tarde.*
- 3 Quarta. S. Ricardo, B. S. Benedicto, F.
- 4 Quinta. S. Izidoro, Arc. de Sevilha.
- 5 Sexta. S. Vicente Ferrer, D.
- 6 Sabbado. S. Marcellino, M. *Princ. o septenario das Dóres de N. Senhora em S. Nicolau, S. Justa, S. Francisco de Paula, Magdalena, ermida das Dóres á Boa Morte, Guia e S. Antonio da Sé.*
- 7 Domingo da Paizão. S. Epifanio, B. M. *Benção no Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz, e Santo António do Tojal.*
- 8 Segunda. S. Amancio. O B. Clemente de Ozino, A. *Faz annos o rei da Dinamarca.*

- 9 DE ABRIL. *Terça*. Traslado de S. Mónica. S. Procoro.
- 10 ☽ *Quarta*. S. Ezequiel, propheta. Q. *cresc.* às 2 h. e 21 m. da tarde.
- 11 *Quinta*. S. Leão I, P. O B. André do Monte Real, A.
- 12 *Sexta*. As 7 Dores de N. Senhora. S. Victor, M. *Festa e Lausp.* na erm. das Dores, freg. de S. Nicolau, Santa Justa e nas mais igr. onde houver septenario. *Festa e exposição do SS.* na Guia. *Festa em Santo Antonio da Sé e em Santa Joanna.*
- 13 *Sabbado*. S. Hermenegildo, M.
- 14 *Domingo de Ramos*. S. Tiburcio e S. Valeriano. MM. *Officio de Ramos em varias igr. Festa na Sé com instrumental. Proc. do Triumpho de tarde da Cap. dos Terceiros do Carmo, Madre de Deus, Campo Grande, Loures e Almada.*
- 15 *Segunda*. S. Lucio, F. S. Basilissa e S. Anastacia, MM. *Princ. as ferias.*
- 16 *Terça*. S. Engracia, V. M. Port.
- 17 ☉ *Quarta feira de Trevas*. S. Aniceto, P. M. *Officio de Trevas na Sé, Martyres e em varias igr. L. cheia às 5 h. e 23 m. da manhã.*
- 18 *Quinta feira de Endoenças* (✠ do meio dia em diante). S. Galdino, B. e Cardeal. *Festa de instrumental na Sé. Ceremonia do Lavapés nos Martyres e Ajuda.*
- 19 *Sexta feira de Paixão* (✠ até ao meio dia). S. Hermodogenes, M. *Officio da Paixão em varias igr Proc. do Enterro na Graça, Santa Isabel, Mercês, S. Joanna, e em Belem.*
- 20 *Sabbado de Alleluia*. S. Ignez de Montepoliciano, V. *Princ. a nov. de N. Senhora dos Prazeres. Laudainha e antiphona de N. Senhora com instrumental na igr. das Chagas.*
- 21 *Domingo de Paschoa*. S. Anselmo, Arc. de Cantuaria. *Festa de instrumental na Sé. Benção Papal. Festa em todas as freg. Princ. a nov. de S. Catharina de Sena. Pequena gala.*

- 22 DE ABRIL. Segunda. S. Sottero e S. Caio, PP. MM.
Aniv. do Obito da Ser. Sr.^a Infanta D. Isabel Maria.
- 23 Terça. S. Jorge, defensor do reino. Festa e Lausp. na sua freg.
- 24 **C** Quarta. S. Fidelis de Sigmaringa, M. Princ a nov. da Luçenção da Santa Cruz. Q. ming. às 7 h. e 59 m. da manhã.
- 25 Quinta. S. Marcos, Evang. Proc. da Saude.
- 26 Sexta. S. Pedro de Rates, M. Princ. as nov. de N. Senhora do Resgate e N. Senhora Mãe de Deus e dos Humens.
- 27 Sabbado. S. Tertuliano, B. S. Turibio.
- 28 Domingo da Paschoela. FUGIDA DE N. SENHORA PARA O EGYPTO. Patrocínio de S. José. S. Vital e S. Prudencio. Festa a N. Senhora das Angustias em S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos e sermão nas freg. do Sacramento e Magdalena.
- 29 Segunda N. Senhora dos Prazeres. S. Pedro, M. adv. contra a pedra que destroe as sementeiras. Festa em S. Christovão e com Lausp. na freg. da Pena. Annos da Princeza D. Maria Thereza, filha do Imperador do Brazil. Oultorga da Carta Constitucional. Gr. gala. Cortejo. Acabam as ferias.
- 30 Terça. S. Catharina de Sena, V. D. Festa na igr. dos Paulistas. Preparação para o mez de Maria nas igr. e cap. onde se effectua este exercicio.

SIGNO DE



GEMINIS

- 1 DE MAIO. Quarta. S. Filippe e S. Thiago, Ap. Com. Com. o mez de Maria nas egr. do Crucifixo, Milagres, Bom Successo, Magdalena, S. Paulo, S. Luiz Rei de França e outras. Pronome de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I. Peq. gala.

- 2 DE MAIO. ● Quinta. S. Mafalda, Inf. de Portugal.
L. nova aos 16 m. da tarde.
- 3 Sexta. Invenção da Santa Cruz.
- 4 Sabbado. S. Monica, mãe de S. Agostinho. Princ. a
nov. de N. Senhora dos Martyres por musica ins-
trumental.
- 5 Domingo do Bom Pastor. MATERNIDADE DE N. SENHORA.
S. Pio v. S. Angelo, M. Festa na igr. dos Mar-
tyres a S. Maria Egypciaca pela irmandade dos Ar-
cheiros; ao Patrocinio de S. José na igr. da Es-
trela; a N. Senhora do Resgate, na sua erm., e
ao Senhor Jesus dos Perdões, na freg. da Magda-
lena.
- 6 Segunda. S. João ant portam latinam, patrono dos
livreiros.
- 7 Terça. S. Estanislau, P. M. Festa da coroação de es-
pinhos de N. Senhor, no conv. de S. Joanna. Princ.
a nov. de S. João Nepomuceno.
- 8 Quarta. Apparição de S. Miguel Archanjo. Festa na
sua igr.
- 9 ☉ Quinta. S. Gregorio Nazianzeno, B. Q. cresc. ás 9
h. e 58 m. da tarde.
- 10 Sexta. S. Antonino, Arc. de Florença. Festa ao Pa-
trocinio de S. José na egr. das Albertas.
- 11 Sabbado. S. Anastacio, M.
- 12 Domingo. S. Joanna, princeza de Portugal, V. D. Festa
no seu conv.
- 13 Segunda. N. Senhora dos Martyres. S. Pedro Regalado.
Festa na sua freg. Com. e nov. de S. Rita nas
freg. de S. Julião e Ajuda. Faz annos Sua San-
tidade o Papa Pio IX.
- 14 Terça. S. Gil. Ind. como a da Porciuncula em des-
agravo pelo desacato em Palmella, em todas as
egr., cap. e erm. em que estiver o SS., ou tiverem
a sua invocação.
- 15 Quarta. S. Isidoro, lavrador.

- 16 DE MAIO. ⊕ *Quinta.* S. João Nepomuceno, M. adv. dos energúmenos. S. Ubaldio, B. *Festa na ogr. do Colpo Santo pela Ordem Terç. - de S. Francisco. L. cheia á 1 h. e 57 m. da tarde.*
- 17 *Sexta.* S. Pascoal Baylão, F. S. Possidonio. *Princ. a nov. de S. Filippe Nery.*
- 18 *Sabbado.* S. Venancio, M. adv. contra as quedas.
- 19 *Domingo.* S. Pedro Celestino, P. S. Ivo, F.
- 20 *Segunda.* S. Bernardino de Sena, F.
- 21 *Terça.* S. Manço, M., 1.º B. d'Evora. *Com. a nov. da Ascensão na sua ermida.*
- 22 *Quarta.* S. Rita de Cassia, V. S. Quitéria, V. M. adv. contra a mordedura de cães damnados.
- 23 *Quinta.* S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio, B. M.
- 24 C *Sexta.* N. Senhora Auxiliadora dos Christãos. S. Afra, M. Q. *ming. á 1 h. e 8 m. da manhã: Anos da Rainha Victoria de Inglaterra.*
- 25 *Sabbado.* S. Gregorió VII, P.
- 26 *Domingo.* S. Filippe Nery, fund. da Congregação do Oratorio.
- 27 *Segunda.* (Lad. Abst. de carne e proc.) S. João, P. M.
- 28 *Terça.* (Lad. Abst. de carne e proc.) S. Germano, B.
- 29 *Quarta.* (Jej., lad. e proc.) S. Maximo, B. S. Theodosia, V. *Embarca o cyrio do Cabo.*
- 30 *Quinta.* ✕ ASCENSÃO DO SENHOR. S. Fernando, rei de Castella. *Festa na freg. do Sacramento, Santa Martha, e conv. de Santa Clara. Faz-se a hora nos Martyres, S. Julião e no Sacramento. Festa, Lausp. e Ind na erm. da Ascensão. Nome de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Peq. gala.*
- 31 *Sexta.* S. Petronilla, V. O B. Diogo Salomonio, D. *Princ. a nov. do Pentecostes.*



- 1 DE JUNHO. ● *Sabbado*. S. Firmo, M. S. Fortunato, Presbytero. *Com. a trezena de S. Antonio na sua igr. L. nova a 1 h. e 14 m. da manhã.*
- 2 *Domingo*. S. Marcellino, B. S. Pedro. *Proc. do Corpo de Deus, no Salvador.*
- 3 *Segunda*. S. Paula, V. M. S. Ovidio, Arc. de Braga, adv. contra o mal d'ouvidos. *Desembarca o cyrio do Cabo.*
- 4 *Terça*. S. Quirino, B. M. S. Francisco Caracciolo. *Trasladação de S. Pedro, M. D.*
- 5 *Quarta*. S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.
- 6 *Quinta*. S. Norberto, M. S. Alexandre, B. M.
- 7 *Sexta*. S. Roberto, Ab. S. Paulo, B. de Constantino-
pla. *Com. a nov. da Ss. Trindade.*
- 8 ☾ *Sabbado*. (*Jej.*) S. Salustiano. S. Syria, V. adv. contra as febres. *Q. crec. a 3 h. e 21 m. da manhã.*
- 9 DOMINGO DE PENTECOSTES. S. Primo e S. Feliciano. *Festa de instrumental na Sé. Sae. da freg. de S. Pedro em Alcantara o cyrio de N. Senhora das Mercês para Agualva.*
- 10 *Segunda*. S. Margarida, rainha de Escoria.
- 11 *Terça*. S. Bernabé, Ap. *Princ. a nov. do Corpo de Deus, e a da Senhora da Conceição da Rocha na Sé. Chegada do cyrio das Mercês.*
- 12 *Quarta*. (*Temp. jej.*) S. João de S. Facundo.
- 13 *Quinta* (✕ *no Patriarchado*). S. Antonio de Lisboa, deparador das cousas perdidas. *Festa de instrumental na sua igr. a que assiste a camara municipal de Lisboa.*

- 14 DE JUNHO. ☉ *Sexta.* (Temp. jej.) S. Basílio Mágnô.
L. chein as 11 h. e 17 m. da tarde.
- 15 *Sabbado.* (Temp. jej.) S. Vito, S. Modesto, S. Crescencia, MM. S. Abrahão, Ab. adv. contra e dema-
siado chôro das creanças. Com a nov. de S. João
Baptista. Matinas na freg. da Encarnação.
- 16 DOMINGO DA SS. TRINDADE. S. João Francisco Regis.
- 17 *Segunda.* S. Manuel e seus Ir. adv. da paciencia, MM.
A B. Thereza. Festa da irmandade dos Clerigos
Pobres, a que assiste como juiz S. Eminencia, na
freg. da Encarnação.
- 18 *Terça.* S. Leoncio, M. S. Amando. S. Caçogero, Conf.
adv. contra o mal das hernias e tentações do de-
monio.
- 19 *Quarta.* (Jej.) S. Joanna de Falconeri, V. Festa de
Desag. no most. da Encarnação. Princ. a nov. do
Coração de Jesus na Mãgdalena e egr. de S. Pa-
tricio. Proc. do Corpo de Deus da freg. dos Mar-
tyres.
- 20 *Quinta.* ✠ CORPO DE DEUS. S. Silverio, M. Proc. da
Cidade. Festa nos conv. de S. Clara e de S. Joana.
Princ. a nov. de S. Pedro. Peq gula.
- 21 *Sexta.* S. Luiz. Gonzaga. Princ. as nov. da Pureza
de N. Senhora e a de N. Senhora Mãe de Deus e
dos Homens. Com. o estio.
- 22 ☾ *Sabbado.* (Jej.) S. Paulino. Q. ming. às 6 h. e 41
m. da tarde.
- 23 *Domingo.* S. João, Sacerdote.
- 24 *Segunda.* ✠ Nascimento de S. João Baptista, adv. con-
tra as dores de cabeça. Festa na Penha de Fran-
ça, S. João da Praça, Lumiar, Almada e Alcochete.
- 25 *Terça.* S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M. S. Tude,
adv. contra a tosse.
- 26 *Quarta.* S. João e S. Paula, Iir. MM.
- 27 *Quinta.* (J j.) S. Theodorico, Ab. Proc. do Corpo de
Deus na Sé, de tarde.

- 28 DE JUNHO. Sexta. ✠ O SS. CONAÇÃO DE JESUS. S. Leão II, P. Festa na Estrella, a que assistem SS. MM., Gran-Cruzes e Commendadores. Festa nas Francezinhas, Santa Clara; e a N. Senhora Mãe dos Afflicto, nas religiosas do Sacramento. Festa e proc. na igr. de Jesus. Peq. gala.
- 29 Sabbado. ✠ S. Pedro e S. Paulo, Ap. Festa na igr. de S. Pedro em Alcantara, nos Inglexinhos, Lumiar, Cintra e Seixal.
- 30 ● Domingo. A PUREZA DE N. SENHORA, N. Senhora Mãe de Deus e dos Homens. S. Marçal, B. adv. contra os incendios. Festa na freg. de S. Mamede a N. Senhora Mãe de Deus e Homens. Festa na Graça. L. nova ás 11 h. e 87 m. da manhã.

SIGNO



DE LEO

- 1 DE JULHO. Segunda. S. Theodorico, Ab. S. Julio, M.
- 2 Terça. Visitação de N. Senhora. Festa em S. Roque e nas Salesias.
- 3 Quarta. S. Jacinto, M. S. Heliodoro, B.
- 4 Quinta. S. Isabel, Rainha de Portugal. Festa e Lausp. na sua freg.
- 5 Sexta. S. Athanasio, M. O Bemaventurado Miguel dos Santos, adv. contra os cançros e tumores.
- 6 Sabbado. S. Domingas, V. M. Princ. a nov. de S. Camillo.
- 7 ☾ Domingo. S. Pulcheria, V. Com. a nov. de N. Senhora do Monte do Carmo. Q. cresc. ás 7 h. e 46 m. da manhã.
- 8 Segunda. S. Procopio, M.
- 9 Terça. S. Veronica Juliana, capuch.
- 10 Quarta. S. Januario e seus 6 Irm. MM. Princ. a nov. de Santa Justa.

- 11 ~~11~~ **JULHO**. *Quinta*. S. Pio, P. M. *Traslad. de S. Bento.*
- 12 *Sexta*. S. João Gualberto, Ab.
- 13 *Sabbado*. S. Anacleto, P. M. *Faz 17 annos a Ser. Sr.^a D. Maria Anna, 5.^a filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 14 **⊕** *Domingo*. N. SENHORA DO PATROCINIO. S. Boaventura, B. L. *cheis ás 10 h. e 21 m. da manhã.*
- 15 *Segunda*. S. Camillo de Lelis. *Festa do Santo na freg. da Magdalena.*
- 16 *Terça*. Triunpho da Santa Cruz. N. Senhora do Monte do Carmo. *Festa em S. Nicolau, igr. das Albertas, conv. da Estrella e egr. dos Terc. do Carmo.*
- 17 *Quarta*. S. Aleixo.
- 18 *Quinta*. S. Symphorosa e seus 6 filhos MM.
- 19 *Sexta*. S. Vicente de Paulo. S. Justa. *Festa e Lausp. na freg. de S. Justa. Princ. a nov. da Senhora S. Anna.*
- 20 *Sabbado*. S. Elias, Propheta. *Festa ao Santo na cap. do Carmo.*
- 21 *Domingo*. O ANJO CUSTODIO DO REINO. S. Praxedes, V. *Festa na freg. do Sacramento, Faz 35 annos a Ser. Sr.^a Infanta D. Maria Anna, irmã de El-Rei. Peq. gala.*
- 22 **C** *Segunda*. S. Maria Madgalena. *Festa e Lausp. na sua freg. Q. ming. ás 11 h. e 42 m. da manhã.*
- 23 *Terça*. S. Apolinario, B. M. adv. contra as quebra-duras. S. Liborio, B. adv. contra a dôr de pedra.
- 24 *Quarta*. S. Christina, V. M. S. Francisco Solano, F. *Desembarque do Exercito Constitucional em Lisboa.*
- 25 *Quinta*. S. Thiago, Ap. adv. contra os perigos da gnera. S. Christovão, M. adv. contra o fastio. *Festa em S. Thiago. Festa e Lausp. em S. Christovão.*
- 26 *Sexta*. S. Symphronico, S. Olympio e S. Theódulo, MM. *Com. a nov. de S. Domingos.*
- 27 *Sabbado*. S. Pantaleão, medico.

- 28 DE JULHO. Domingo.** S. ANNA; ~~MAR~~ DA ~~MAR~~ DE DEUS, adv. contra a esterilidade dos casados. S. Innocencio e S. Victor, PP. *Festa de instrumental nas freiras de Sant'Anna, Santa Joanna, e claustros da Sê. Festa em Bemfica, e no Livramento em Alcantara.*
- 29** ● *Segunda.* S. Martha, V. adv: contra a lagarta e pulgão que destrue as vinhas. *Festa na sua igr. Princ. a nov. de S. Caetano. L. nova ás 9 h. e 6 m. da tarde.*
- 30 Terça.** S. Rufino, M. As Ss. Donatilla e Maxima;
- 31 Quarta.** S. Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de J sus., Conf., adv. contra os partos perigosos. *Juramento da Carta. Faz 13 annos o Ser. Sr. Infante D. Affonso. Gr. gala. Cortejo.*



- 1 DE AGOSTO. Quinta.** S. Pedro ad Vincula. Os Martyres de Chellas. Os Ss. Machabeus Irm. MM.
- 2 Sexta.** N. Senhora dos Anjos.
- 3 Subbad.** Invenção de S. Estevão, Proto-martyr. S. Ermillo, M. *Princ. a nov. de S. Clara.*
- 4 Domingo.** S. Domingos, conf. adv. contra as febres. S. Tertuliano, M. *Festa no conv. de S. Joanna.*
- 5** ● *Segunda.* N. Senhora das Neves. *Festa na freg. do Soccorro. Faz 26 annos a Ser. Sr.ª D. Maria das Neves, filha do Sr. D. Miguel de Bragança. Q. cresc. aos 45 m. da tarde.*
- 6 Terça.** Transfiguração de Christo. Sant'Iago, Eremita. *Festa na igreja do Salvador. Com. a nov. de N. Senhora d'Assumpção.*

- 7 DE AGOSTO. *Quarta*. S. Castano. S. Alberto, conf.
adv. contra as sessões. S. Severino. M. O B. Vicente
da Águila. *Princ. e nov. de S. Roque.*
- 8 *Quinta*. S. Cyriaco e seus CC. MM.
- 9 *Sexta*. S. Romão, M. adv. contra as mordeduras de
cães damnad-s. O B. João de Salerno, D. Com. e
nov. de S. Joaquim.
- 10 *Sabbado*. S. Lourenço, M. patrono dos navegantes. S.
Filomena, V. M. *Festa e Lausp. na freg. de S. Lourenço.*
- 11 *Domingo*. S. Tiburcio e S. Suzana, VV. MM.
- 12 *Segunda*. S. Clara, V. E. S. Graciliano, N. *Festa
na sua igr. e na das Francesinhas. L. cheia ás
11 h. e 42 m. da tarde.*
- 13 *Terça*. S. Hypolito e S. Cassiano, MM.
- 14 *Quarta*, (Jaj.) S. Eusebio. O B. Sancho. *Sas o cyrio
de N. Senhora do Rosario da freg. da Magdalena
para o Barreiro.*
- 15 *Quinta*. ✕ ASSUMPCÃO DE N. SENHORA. S. Alipio, B.
*Festa na Sé com instrumental, e festa e ind. em
varias igr., e na sua ermida aos Paulistas, e ar-
raial no Barreiro.*
- 16 *Sexta*. S. Roque, adv. contra a peste. *Festa na igr.
de S. Roque. Com. e nov. do Sagrado Coração de
Maria.*
- 17 *Sabbado*. S. Mamede, M. adv. contra a falta de leite
nas mulheres que criam. *Festa e Lausp. na sua freg.*
- 18 *Domingo*. S. Joaquim, Pae de N. Senhora.
- 19 *Segunda*. S. Luiz, B. F. *Princ. e nov. de S. Agosti-
nha.*
- 20 *Terça*. S. Bernardo, Ab. S. Leovigildo.
- 21 *Quarta*. S. Joanna Francisca de Chantel, Viuva.
*Festa a Santa Umbelina nas Salezias. Q. ming. ás
3 h. e 36 m. da manhã.*
- 22 *Quinta*. S. Timotheo, M.
- 23 *Sexta*. S. Filippe Benicio, S. Liberato e seus CC. MM.

- 24 DE AGOSTO. *Sabbado*. S. Bartholomeu, Ap. adv. contra o medo. *Faz 23 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Thersza, 2.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 25 *Domingo*. O SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA. S. Luiz, Rei de França. *Festa na sua erm. ao Campo Grande, no most. da Encarnação e na egr. de S. Luiz da nação franceza.*
- 26 *Segunda*. S. Zeférino, P. M. S. Gener, M.
- 27 *Terça*. S. José de Calazans. S. Rufo, B.
- 28 ● *Quarta*. S. Agostinho, B. e Dr. da Igr. *L. nova às 5 h. e 26 m. da manhã.*
- 29 *Quinta*. Degoção de S. João Baptista. S. Sabina.
- 30 *Sexta*. S. Rosa de Lima, V. D. S. Fiacrio, conf. adv. contra os caneros. *Com. as nov. da N. Senhora das Necessidades e de N. Senhora da Luz.*
- 31 *Sabbado*. S. Raymundo Nonnato, Cardeal. *Festa em S. Martha.*

SIGNO DE



LIBRA

- 1 DE SETEMBRO. *Domingo*. S. Egydio, Ab. *Princ. a nov. de S. Nicolau Tolentino. Com. as ferias.*
- 2 *Segunda*. S. Estevão, Rei da Hungria. S. Brocardo.
- 3 ☾ *Terça*. S. Eufêmia, V. M. Q. *cresc. às 7 h. e 52 m. da tarde.*
- 4 *Quarta*. S. Rosa de Viterbo, V. F. S. Candida.
- 5 *Quinta*. S. Antonino, M. O B. Gentil, M. F.
- 6 *Sexta*. S. Libania, V. A.
- 7 *Sabbado*. Ss. João e Anastacio, MM.

- 5 DE SETEMBRO.** Domingo. NATIVIDADE DE N. SENHORA. S. Adrião, M. adv. contra a peste e quebra-duras. Festa a N. Senhora a Franco na freg. de S. Thiago, pela corporação dos cereeiros. Festa e Lousp. na erm. da Victoria. Festa no Loreto, Necessidades, Luz, Guia e Linda a Velha. Nome de S. M. a Rainha a Sr.^a D. Maria Pia. Peq. gala.
- 9 Segunda. S. Sergio, P. A. B. Seraphina, viuva.
- 10 Terça. S. Nicolau Tolentino, conf. adv. contra as seções torções.
- 11 \odot Quarta. S. Theodora. L. cheia ás 3 h. e 15 m. da tarde.
- 12 Quinta. S. Anta, V. M. S. Juvencio. Anniv. do commercio da Sr.^a Infanta D. Antonia.
- 13 Sexta. S. Philippe, M.
- 14 Sabbado. Exaltação da Santa Cruz. Festa na sua igr., Graça, Francezinhas e no conv. das Albertas.
- 15 Domingo. O SS. NOME DE MARIA. AS DORES DE N. SENHORA. Festa na igr. das Francezinhas, Graça, S. Nicolau, erm. das Dores, Santos-o-Velho e Belem. Arrayal na Cruz Quebrada. Princ. a nov. de N. Senhora das Mercês.
- 16 Segunda. Traslado de S. Vicente, M.
- 17 Terça. S. Pedro d'Arbues. As Chagas de S. Francisco.
- 18 Quarta. (Temp. jej.) S. José de Cupertino, F. S. Thomaz de Villa Nova, B.
- 19 \odot Quinta. S. Januario e seus CC. MM. Apparição de N. Senhora em La Salette, no anno de 1846. Festa nas Albertas. Q. ming. ás 5 h. e 56 m. da tarde.
- 20 Sexta. (Temp. jej.) S. Eustachio e seus CC. MM. Com. a nov. de S. Miguel.
- 21 Sabbado. (Temp. jej.) S. Matheus, Ap. e Ev. S. Migenia, Princeza.
- 22 Domingo. S. Mauricio e seus CC. MM.
- 23 Segunda. S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M. Com. o Outono.

- 26 DE SETEMBRO. Terça. N. Senhora das Mercês. S. Geraldo, C. Festa e Lusp. na freg. das Mercês. Aniv. do falleimento (1834) do Sr. D. Pedro IV.
- 28 Quarta. S. Firmino, B. M. Princ. a nov. de S. Francisco de Assis na egr. do Corpo Santo.
- 29 ● Quinta. S. Cypriano e S. Justina, MM. L. nova á 1 h. e 36 m. da tarde.
- 27 Sexta. S. Cosme e S. Damião, MM. Princ. a nov. de N. Senhora do Rosario.
- 28 Sabbado. S. Wenceslau. Festa da Dedicção da igreja parochial do Sacramento. Faz 15 annos S. A. R. o Principe D. Carlos Fernando. Gr. gala. Cortejo. Não ha desp.
- 29 Domingo. S. Miguel Archanjo. Festa nas freg. de S. Miguel, Sacramento, S. Paulo, Anjos e no most. da Encarnação.
- 30 Segunda. S. Jeronymo, adv. contra os raios. Acabam as ferias. Festa e feira em Belem.

SIGNO DE



SCORPIO

- 1 DE OUTUBRO. Terça. Ss. Verissimo, Maximo e Julia. Festa e Lusp. na freg. de Santos.
- 2 Quarta Os Anjos da Guarda.
- 3 ☾ Quinta. S. Candido, M. S. Maximiano, B. Q. cresc. as 6 h. e 27 m. da manhã.
- 4 Sexta. S. Francisco d'Assis. Festa no Corpo Santo, Jesus, freiras de Santa Clara, Sant'Anna e no Socorro.
- 5 Sabbado. S. Placido e os seus CC. MM.

- 6 DE OUTUBRO. Domingo. O SS. ROSARIO DE N. SENHORA. S. Bruno. Proc. do Rosario nas religiosas do Bom Sucesso, S. Joanna e Sant'Anna. Festa a S. Miguel em Santos-o-Velho. Festa nas religiosas do Sacramento, as Necessidades, conv. de S. Joanna na igr. de S. Nicolau. Com. a nov. de S. Thereza. Aniv. do consorcio de SS. MM. Peq. gala.
- 7 Segunda. S. Marcos, P.
- 8 Terça. S. Brigida, viuva, adv. contra as dores de cabeça. Festa na sua igr.
- 9 Quarta. S. Dionysio, B. de Paris. Festa em Odivellas.
- 10 Quinta. S. Francisco de Borja, Padroeiro do reino e conquistas, adv. contra os terremotos. Princ. a nov. de S. Pedro d'Alcantara.
- 11 Sexta. S. Firmino, B. S. Germano, B. M. L. cheia ás 8 h. e 20 m. da manhã.
- 12 Sabbado. S. Cypriano, B. M.
- 13 Domingo. N. SENHORA DOS REMEDIOS. S. Eduardo, Rei de Inglaterra, adv. contra a gotta coral e desmaios. Festa na Sé, e com Lausp. na egreja do Ruto. Princ. a feira do Campo Grande.
- 14 Segunda. S. Calisto, P. M. S. Gaudencio, B. M. Festa das Palmellons na Penha de França.
- 15 Terça. S. Thereza de Jesus, V. C. Ind. nos seus conv. e nos do Carmo, e em S. Lourenço. Festa no conv. da Estrella. Princ. a nov. de S. Raphael.
- 16 Quarta. S. Martiniano, M. A. Faz 31 annos S. M. a Rainha a Sr^a D. Maria Pia. Gr. gala. Cortejo.
- 17 Quinta. S. Hedwiges, viuva duqueza da Polonia.
- 18 Sexta. S. Lucas Ev.
- 19 Sabbado. S. Pedro d'Alcantara, F. conf. adv. universal para conseguir o que lhe pedirem, Festa na sua freg. em Alcantara. Q. ming. ás 6 h. e 36 m. da manhã.
- 20 Domingo. S. João Cancio, adv. contra as febres. S. Iria, V. M. Port.

- 21 DE OUTUBRO.** Segunda. S. Ursula e suas CC. VV. MM.
Festa das Onze mil Virgens na egr. de S. Martha.
- 22 Terça.** Dedicção da Basilica de Mafra. S. Maria Salomé.
- 23 Quarta.** S. Romão, B. S. João Capistrano, F.
- 24 Quinta.** S. Raphael, Archanjo, adv. dos enfermos e caminhantes.
- 25 ● Sexta.** S. Chrispim e S. Chrispiniano, Irm. MM.
Festa na sua erm. Conquista de Lisboa por D. Afonso Henriques. L. nova ás 10 horas e 24 m. da tarde.
- 26 Sabbado.** S. Evaristo, B. M.
- 27 Domingo.** Os Martyres de Evora. *Festa das Onze mil Virgens no conv. de S. Joanna.*
- 28 Segunda.** S. Simão e S. Judas, Ap.
- 29 Terça.** Traslado de S. Isabel, Rainha de Portugal. *Faz 62 annos S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Gr. gala. Cortejo. Não ha desp.*
- 30 Quarta.** S. Serapião, B. C.
- 31 Quinta.** (Jej.) S. Quintino, M. adv. contra a surdez e mal d'ouvidos. *Faz 40 annos S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I. Gr. gala. Cortejo. Não ha desp.*

SIGNO DE



SAGITARIO

- 1 ○ DE NOVEMBRO.** Sexta. ✕ FESTA DE TODOS OS SANTOS.
Festa e Lausp. na erm. dos Terremotos ao Senhor Jesus da Via Sacra, em S. Engracia, e de tarde proc. por voto, pelo terremoto de 1755. Festa e proc. por voto em Cacilhas. Princ: á nov. do Patrocinio de N. Senhora. Q. creso. ás 9 h. e 17 m. da tarde.

- 2 DE NOVEMBRO. *Sabbado*. Commemoração dos Defuntos. S. Victorino, M.
- 3 *Domingo*. S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda.
- 4 *Segunda*. S. Carlos Borromeu, Arc. Card. adv. contra a peste. *Faz 31 annos o Sr. Infante D. Augusto. Pronome de S. A. o Principe Real. Peq. gala.*
- 5 *Terça*. S. Zacharias e S. Isabel, paes de S. João Baptista. *Fallecimento do Sr. Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei.*
- 6 *Quarta*. S. Severo, B. M. *Princ. a nov. de S. Gertrudes.*
- 7 *Quinta*. S. Florencio, B. *Princ. a nov. do Bemaventurado Gonçalo de Lagos.*
- 8 *Sexta*. S. Severiano, e seus tres Irm. MM.
- 9 *Sabbado*. (*Jej., excepto nos bispados de Coimbra e Aveiro e no priorado do Crato*). S. Theodoro, M. Dedicção da Basilica do Salvador.
- 10 ⊕ *Domingo*. O PATROCÍNIO DE N. SENHORA. S. André Avelino, conf. adv. contra os accidentes epilecticos. *L. cheia ás 2 h. da manhã.*
- 11 *Segunda*. S. Martinho, B. *Festa na freg. de S. Thiago. Anniv. do fallecimento de S. M. o Senhor D. Pedro V.*
- 12 *Terça*. S. Martinho, P. M. S. Diogo, F. *Com. a nov. da Apresentação de N. Senhora.*
- 13 *Quarta*. S. Eugenio, B. de Toledo. Os Santos das Ordens de S. Agostinho, S. Bento, e SS. Trindade.
- 14 *Quinta*. *Traslad. de S. Paulo, 1.º Eremita. Os Santos da Ordem do Carmo.*
- 15 *Sexta*. Dedic. da Basilica do SS. Coração de Jesus. *Festa no conv. do Coração de Jesus. Anniv. do fallecimento da Sr.ª D. Maria II.*
- 16 *Sabbado*. S. Gonçalo de Lagos, A. Port. *Princ. a nov. de S. Catharina.*
- 17 C *Domingo*. S. Gregorio Thaumaturgo, B. *Q. ming. ás 5 h. e 24 m. da tarde.*

- 18 DE NOVEMBRO. *Segunda*. S. Romão, M. Dedição da Basilica dos Santos Apostolos.
- 19 *Terça*. S. Isabel, Rainha da Hungria, F.
- 20 *Quarta*. S. Feliz de Valois, Fundador dos Trinos.
- 21 *Quinta*. APRESENTAÇÃO DE N. SENHORA Santos Demetrio e Honorio. S. Columbano. *Ind. em varias igr.*
- 22 *Sexta*. S. Cecilia, V. M. *Festa de instrumental na igr. das Martyres a que assistem SS. MM.*
- 23 *Sabbado* S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.
- 24 ● *Domingo*. S. João da Cruz, C. *Com. a nov. de S. Francisco Xavier. L. nova ás 8 h. e 36 m. da manhã.*
- 25 *Segunda*. S. Catharina, V. *Festa na sua freg. Com. a nov. de S. Barbara.*
- 26 *Terça*. S. Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delfina, V. F.
- 27 *Quarta*. S. Margarida de Sabeia, D. *Princ. a nov. de S. Nicolau.*
- 28 *Quinta*. S. Gregorio III, P. *Faz 16 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Antonia, 6.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 29 *Sexta*. S. Saturnino, M. Os Santos das tres Ordens de S. Francisco. *Com. a nov. de N. Senhora da Conceição nas igr. da Conceição Nova e Velha, Martyres, Loreto, e em outras.*
- 30 *Sabbado*. S. André, Ap. *Festa na freg. S. André.*

SIGNO DE



• CAPRICORNIO

- 1 ☾ DE DEZEMBRO. *Domingo* (1.º do Advento). S. Eloy, *Festa na erm. da Victoria. Prohibem-se as benções matrimoniaes até dia de Reis. Acclamação de El-Rei D. João IV em 1640. Peq. gala. Q, cresc. ás 4 h. e 4 m. da tarde.*

- 2 **DE DEZEMBRO.** Segunda. S. Bibiana, V. M. S. *Aurélia, M. Annos do Imperador do Brazil D. Pedro II.*
- 3 Terça. S. Francisco Xavier, I. Ap. das Indias. *Festa na igr. de S. Roque e Colleyinho.*
- 4 Quarta. S. Barbara, V. M. adv. contra trovões e raios. *Officio de Santa Cecilia na freg. dos Martyres. Festa de Santa Barbara em 8 Julho.*
- 5 Quinta. S. Geraldo, Arc. de Braga. S. Sabbas. A B. Isabel Bona. V. F.
- 6 Sexta. (Jej.) S. Nicolau, B. adv. das donzellas pobres e desamparadas. *Festa na sua freg.*
- 7 Sabbado. (Jej.) S. Ambrosio, B. e Dt. da Igr. *Matinas na Sé.*
- 8 Domingo (2.º do Adv.). A Conceição de N. Senhora, Padroeira do Reino. *Festa de Pontifical na Sé, a que assistem SS. MM. Bênção Papal. Festa na freg. da Conceição, Lototo e Conceição Velha. Gr. gala.*
- 9 ☉ Segunda. S. Leocadia, V. M. L. cheia ás 7 h. e 16 m da tarde.
- 10 Terça. Traslado da Santa Casa do Loreto.
- 11 Quarta. S. Damaso, P. Port.
- 12 Quinta. S. Justino, M.
- 13 Sexta. (Jej.) S. Luzia, V. M. adv. contra as doenças d'olhos. *Festa na igr. das Chagas, capella de S. Braz e S. Luzia. Missa e oração fúnebre por alma de El-Rei D. Manuel em S. Roque.*
- 14 Sabbado. (Jej.) S. Angelo, M.
- 15 Domingo (3.º do Adv.). S. Euzebio. *Festa da Conceição na igr. da Guia.*
- 16 Segunda. As Virgens de Africa, MM. Princ. a nov. do Natal na igr. do Menino Deus e no Colleyio das orphãs de S. Pedro d'Alcantara. *Annos do Rei da Belgica.*
- 17 C Terça. S. Bartholomeu de S. Geminiano. S. Lazaro, Q. ming. ás 2 h. e 29 m. da manhã.

- 18 **DE DEZEMBRO.** *Quarta (Temp. Jej.) N. Senhora do Ó. Festa em S. Francisco de Paula. Festa de N. Senhora do Amparo em Bemfica.*
- 19 *Quinta. S. Fausta, mãe de S. Anastacia.*
- 20 *Sexta. (Tem. Jej.) S. Domingos de Sillos, Ab.*
- 21 *Sabbado. (Temp. Jej.) S. Thomé, Ap. Festa na sua igr. Com, o inverno.*
- 22 *Domingo (4.º do Adv.). S. Honorato, M. S. Flamiano, M.*
- 23 *Segunda. S. Servulo, adv. contra a paralytia. S. Victoria, V. M. O B. Nicolau Factor, F. Princ. a nov. da Circumcisão.*
- 24 ● *Terça. (Jej.) S. Gregorio, M. Matinas na Sé, com instrumental, no Menino Deus e S. Pedro d'Alcantara. Férias até aos Reis. L. nova às 11 h. e 50 m. da manhã.*
- 25 *Quarta. ✠ NASCIMENTO DE N. SENHOR JESU-CHRISTO. Festa de instrumental na Sé. Jubileo no arcebis-pado de Braga, por 8 dias no patriarchado. Festa em varias igr. Pequena gala.*
- 26 *Quinta. S. Estevão Proto-martyr. Festa e Lausp. na sua igr.*
- 27 *Sexta. S. João Ap. e Ev. adv. contra o veneno e patrono dos typographos. Fallecimento do Sr. Infante D. João, irmão de El-Rei.*
- 28 *Sabbado. Os Santos Innocentes. M. Com. a nov. dos Reis. Está patente ao publico a Santa Casa da Misericordia. Festa. na igr. de S. Roque.*
- 29 *Domingo. S. Thomaz, Arc. de Cantuaria, M. Festa na igr. dos Inglezinhos. Festa de N. Senhora da Conceição e Caridade, na freg. da Magdalena.*
- 30 *Segunda. S. Sabino, B. M.*
- 31 C *Terça. S. Silvestre, P. Te-Deum na Sé, S. Nicolau, Conceição Nova, Magdalena e em S. Mamede, onde tem logar a distribuição dos santos protectores, e em todas as cathedraes e collegiadas. Q. cresc. á 1 h. e 23 m. da tarde.*

VARIÉDADES

Respeito á velhice. — Os cabellos brancos, nuncios d'uma idade avançada, teem sido respeitados em todos os tempos. Valerio Maximo faz algures menção da honra que os embaixadores de Lacedemonia prestaram

Entre os romanes, mesmo depois da extinção da republica, encontram-se vestigios d'este antigo respeito pela velhice. No governo de Tiberto, o jóven Sylla,



no theatro de Athenas a um velho que não tinha podido encontrar logar entre os seus concidadãos. Os embaixadores levantaram-se e fizeram-no sentar entresi.

soberbo do seu nascimento, assistindo a um combate de gladiadores, negou-se a um acto de cortezia para com Domicio Corburlu, antigo pretor. Corburlu queixou-se ao Senado, o negocio foi discutido, e os paes de Sylla foram obrigados a dar uma satisfação ao velho magistrado, desconsiderado por seu filho.

CHARADA I (NOVISSIMA)

2, 1, 2, 2. — Ádeus; a segunda irmã de Gad corre com doenças continuas.

Simaão Lucio Ribeiro (Fornos d'Algodres).

Adelina Patti. — A mais celebre e perfeita cantora dos nossos dias, nasceu em Madrid, quando sua mãe, meio soprano, ali cantava em 1843. Seu pae, tenor de pouca importancia, obrigou-a a cantar escalas quando ainda mal podia pronunciar as primeiras palavras, conseguindo que sua filha, apenas com oito annos, se estreiasse no theatro lyrico de Nova York, ao lado da Bosio, cantora então das mais célebres.

Dos oito aos dezeseite annos vagueou pelo Novo Mundo, estudando sempre. Em seguida veio á Europa, por onde viajou um anno, colhendo n'esse tempo 600:000 francos ! (108:000\$000 réis.)

Em Londres, na *Somnambula*, excitou um enthusiasmo frenetico ; em Páris foi comparada por Scudo, o maior entendedor de canto italiano, á Catalani. Desde 1869 que canta em S. Petersburgo, onde casou com o marquez de Caux, e em Vienna, onde canta todas as primaveras. Na segunda representação que deu em S. Petersburgo, houve quem dêsse por um camarote 504\$000 réis, e por uma cadeira 94\$500 réis. As flores com] que lhe juncam o palco todas as noites, importariam em milhares de rublos. Os diamantes que em presentes lhe deram no primeiro anno valem muitos contos de réis. A principio pagavam-lhe por cada representação 1:080\$000 réis, no segundo anno 9:000\$000 réis por mez. O repertorio da Patti é quasi todo italiano ; do repertorio allemão canta *D. João, Fausto Julieta, Mireille, Dinorah, Estrella do Norte, e Huguenotes.*

A sua voz de soprano agudo, alcança tres oitavas, subindo até ao *mi superior*, com sonoridade egual em todos os registros. É o mais perfeito instrumento vocal que uma cantora pôde desejar ! Um musico da orchestra de S. Petersburgo, disse que acompanhando esta privilegiada cantora durante sete epochas, nem uma só vez conseguiu notar no seu orgão vocal a mais pequena desentoação, ou equívoco de tom. O seu trilo em tres notas é um dos verdadeiros milagres da vocalisação ; no terceiro acto da *Lu-*

cia desafia a propria flauta de Ciardi. A marquez de Caux é baixa e extremamente delicada, mas nem por isso deixa de ser bella, e os seus olhos são formosissimos.

Arthur Abranches Nogueira.

OS TRES AMORES

I

Minha alma é como a fronte sonhadora
do louço bardo, que Ferrara chora...
Sou Tasso!... a primavera de teus risos
da minha vida as solidões enflora...
longe de ti eu bebo os teus perfumes,
sigo na terra de teu passo os lumes...
— Tu és Eleonora...

II

Meu coração desmaia pensativo,
scismando em tua rosa predilecta.
Sou teu pallido amante vaporoso,
sou teu Romeu... teu languido poéta!...
Sonho-te ás vezes virgem seminúa,
roubo-te um casto beijo á luz da lua...
E tu és Julieta.

III

Na volupia das noites andaluzas
o sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... donzellas amorosas,
vós conheceis-me os threnos na viola!
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és Julia, a Hespanhola!...

Castro Alves (Bahia),

Uma lição de sabedoria (Senegambia).

— Retrauco, antigo e poderoso rei manjaco da Costa-de-Baixo, tinha tres sobrinhos; dos quaes o segundo se chamava Jon-Curto: e não obstante o costume fundamental do reino que dá o barrete ao filho primogenito da irmã, quando esta tem mais de um, só pensava em acertar na escolha de um dos tres que melhor lhe herdasse não só o barrete, mas tambem as suas boas qualidades; tão boas que lhe grangearam a fortuna e o prestigio, e lhe consolidaram a tripeça regia. No rustico paço abatia-se um boi para o sustento diario, e o rei um dia ordena intencionalmente aos sobrinhos, que d'hora ávante, e revesando-se, talhassem a carne e a dividissem. Depois observou-os de soslaio, e os sobrinhos, não se dando por achados, lançavam na cuia da balança mais carne para si e para os seus, e menos carne e mais ossos para os seus contrarios, menos o Jon-Curto; porque o fiel da balança em suas mãos nunca oscilou mais para o seu quinhão que para o quinhão dos que não eram seus amigos.

Este principe, apesar da opposição que se lhe fez, cingio o barrete encarnado, e com o seu governo não desmentio a sabedoria do rei defunto. Foi um bom rei, justo e magnanimo como o havia sido seu tio.

M. M. de Barros (Bissau).

CHARADA-ENIGMA (PITTORESCA)



A. A. B. O. (Paredes de Coitra).

Paredes de Coura. — Eis a topographia d'esta importante comarca, incontestavelmente uma das mais ricas do alto Minho: Fica a 405 kilometros N. de Lisboa e a 45 da capital da provincia. Tem por limitrophes os concelhos seguintes: pelo N. Valença e Monsão, a O. Villa Nova de Cerveira e Caminha, ao S. Ponte do Lima, e a L. Arcos de Val-de-Vez. Paredes é a séde da comarca. Está hoje uma povoação florescente e em breve acompanhará de perto qualquer das villas mais proximas. De pouco precisa para attingir esse fim; de viação publica, apenas, que, como todos sabem, é o mais poderoso agente para o progresso material e moral das povoações. A comarca tem 21 freguezias, com mais de 3:000 fogos, occupando uma área de 15 kilometros quadrados aproximadamente. O solo é muito productivo, maximè em milho (de que exporta grande quantidade), vinho, centeio, feijão, batatas, fructas, etc. Foi, talvez, devido mais á sua prodigiosa uberdade, do que á topographia especial, que mereceu dos poderes publicos a contemplação de ser elevada a comarca de 3.^a classe, pela lei de 16 de abril de 1874.

Parte archeologica. — Ha em differentes freguezias d'esta comarca evidentes vestigios de povoações antigas, sobretudo do tempo dos romanos e arabes. Em Cossourado ainda se chama *cidade* a um morro proximo á igreja. Diz-se que foi aqui a cidade de *Arnoya*, onde passava um ramal de uma das cinco vias militares, que de Braga partiam para differentes partes. Conhece-se perfeitamente ter havido fossos, trincheiras, etc., e tambem consta terem sido d'aqui as grandes columnas que se vêem na aldeia d'Antas.

Em Bico, Christello, Castanheira, Romarigães, Formariz, Ferreira e Insalde tambem ha vestigios de construcções romanas, taes como fortins, acampamentos, minas, etc. Na ultima das freguezias citadas ha os sitios do Forninho do Ouro e Torre Velha, que provam exuberantemente a existencia remota de minas em exploração e d'uma fortaleza. D'estas, porém, nada resta. Tambem parece fóra de duvida ter

aqui sido a cidade lusitana Cauca. Paredes, S. Martinho de Coura, e Cossourado, disputam igualmente essas honras. De Cauca era natural, diz-se, Theodosio o *Magno*, que, por morte de Valentiano II, foi imperador do Occidente. Diz Argote (*Memorias do arcebispado de Braga*) que o rio Coura se chamou outr'ora *Belion*. No primeiro seculo da nossa era chamava-se *Froylano*, e crêem muitos que este rio seja o *Benis*, de que falla o eminente geographo Strabão. É abundante em peixe: trutas (saborosissimas), bogas e escalhos. Conflue com o Minho entre Seixas e Caminha.

Na casa de Aborim de S. Pedro de Formariz nasceu D. Antonio Mendes de Carvalho, 1.º bispo d'Elvas. Fôra nomeado para este elevado cargo por El-Rei D. Sebastião e confirmado pelo papa Pio V em bulla de 9 de junho de 1570. Ha tambem quem diga que o douto prelado era natural de Ferreira, da casa do Paço.

Foi em Travanca, proximo a Lisoiras e Penim, que em 9 e 10 d'agosto de 1662 o conde de Prado, governador das armas no Minho, desbaratou, apesar da desigualdade de forças, o exercito gallego commandado por D. Balthazar de Roxas e Pantoja.

D. Affonso III deu foros a Paredes em junho de 1257, segundo consta do livro 2.º de Doações d'este monarcha.

M. J. da Cunha Brandão.

LOGOGRIPHO I

Deus dos ventos, 2, 7, 6, 7	Mas — ligeiro 6, 2, 4, 2
mandai <i>vento</i> , 1, 5, 6	e bem quente, 1, 7, 6
d'esse <i>vento</i> 2, 5, 3, 7	p'ra que aquente 4, 2, 6, 6, 7
oriental. 2, 7, 7.	um animal. 5, 3, 1, 7

Só por letras, e com geito,
dás co'o nome do sujeito.

João A. Nunes (Madeira).

Deus vermelho. — Frequentando eu a aula de theologia tinha por condiscipulo um sujeito, que a muitas das perguntas que o professor lhe fazia, dava ás vezes respostas tão disparatadas, que os mais sisudos dos seus discipulos mal podiam ficar serios diante d'ellas.

Por exemplo: Perguntou-lhe n'uma occasião e que entendia por *Deus encarnado*?

Respondeu sem hesitar: — *Deus vermelho.*

O professor coroou a resposta com a mais estrondosa gargalhada, e vio-se obrigado a dizer-lhe que procurasse outro officio, deixando de aquecer inutilmente o banco escolar.

B. Frederico (Cabo-Verde).

REZA

Quando á noite cansada repousares
na fria solidão do quarto teu,
eleva ao nosso Deus teu pensamento
e uma prece murmura, anjo do céo,
pelo homem, talvez, bem desgraçado
q'as esp'ranças do mundo já perdeu.

Quando a aurora raiar, e os passarinhos
saltitarem alegres no arvoredado,
saudando o sol nascente, que apparece
surgindo d'entre as nuvens como a medo,
eu te peço, mulher, reza por mim
uma breve oração dita em segredo.

E quando o sol tombar além no occaso,
deixando o mundo envolto na tristeza,
recorda-te de mim n'essa hora santa,
de amor e de saudade e de incerteza;
pedindo á Santa Virgem que me dê
nas horas do soffrer mais fortaleza.

Martinho Rodrigues (Ceará — Brazil).

O profano com o divino. — Ha na freguezia de S. João de Villaboa, que fica cêrca de 2 kilometros ao norte d'esta villa de Barceltos, e marginando

n'ella ha. Um legado instituido em 19 de junho de 1580 por Francisco de Gouvêa e sua mulher Isabel Ferraz, manda, que na 1.ª oitava de Pentecostes, se celebre n'essa ermida uma



pelo sul com a estrada publica, que d'ella se-gue a Vianna do Castello, uma ermida, cujo orago é o Esprito Santo, chamado de Gouvêa, que do nome do instituidor de uma capella, que

missa rezada, e ter sempre n'esse dia (são palavras textuaes) *uma fogaça de bom meio alqueire de trigo para quem quizer lustrar.*

Ignoro se houve commutação na ultima parte do legado, porque actualmente da-se uma fogaça de trigo do valor de 80 réis a quem no arraial, que na tarde d'esse dia ali se faz, melhor *cantar ao desafio*, o que, attrahindo centenaes de pessoas que ali concorrem para applaudirem o bucolico certamen, serve de engôdo ás que primam e capricham em cantar ao desafio.

Os mais afamados cantores e cantadeiras de freguezias, ainda longinquas, ali vão, não só para disputarem a posse

da *saborosa* gulodice, como para verem se desbancam os seus antagonistas e ostentarem a pujança de seus pulmões stentorios, e o fertilissimo estro que os inspira, metrificando as mais das vezes em toantes, os mais alentados disparates e desconchavos, que muitas vezes offendem a moral e a decencia.

A que fim visaria quem commutou tão extravagantemente o primitivo legado? Se não quiz deixar um monumento de sua excentricidade e extravagancia, quiz por certo, que nos évos futuros constasse que elle fôra *dilettantissimo* n'aquelle genero de certamen.

Para os nossos maiores, pelo que collijo, era a *fogaça* uma ambrozia deliciosa, o que não depõe a favor da delicadeza do seu paladar.

Sob o termo *Tamo*, diz Viterbo no seu Elucidario, o seguinte :

« De todas as bodas, que algum dia se celebravam em Lamego, e em todo o seu jugado no mez de fevereiro, se n'ellas se tangia *adufe*, tinha o mordomo do rei a melhor fogaça, que vinha ao *Tamo*, e, se o tangiam sem mandado do mordomo, não se avindo com elle, eram os noivos demandados perante o juiz: o noivo e noiva juravam qual fôra a melhor fogaça que viera ao *Tamo*, e essa davam ao mordomo.»

Sempre fogaça, e tanta demanda por causa d'ella, roboram o meu juizo a respeito do pessimo paladar dos nossos antigos, correndo parellhas com elle tambem, por causa do *adufe*, a delicadeza do ouvido!

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Barcellos).

CHARADA III (NOVISSIMA)

2, 1 — A extremidade no navio é um peixe.

* * * (Casa Branca).

O queijo. — Não se sabe com certeza qual a epocha em que principiou a fabricar-se d'queijo. Entretanto é de supôr que essa epocha não seja muito remota, se attendermos a que nem no Antigo Testamento, nem nos annaes das civilisações grega, egypcia e assyria se faz menção de similhante alimento. A mesma incerteza se dá com relação ao paiz em que esse fabrico primeiro teve logar. Segundo uns, foi na Helveçia; segundo outros, na Sequania. Julio Capitolino diz que os queijos só foram conhecidos dos romanos depois da conquista das Gallias e da Germania; Columella porém affirma que antes d'esse tempo já elle era conhecido dos camponezes romanos. Seja porém o que fôr, o que é certo é que o queijo é um alimento geralmente apreciado, não obstante o que contra elle escreveu Mathiolle no seculo passado, e o seu fabrico acha-se actualmente bastante aperfeiçoado. Entre os que mais celebridade teem adquirido, citaremos os queijos de Gruyère e de Sarnen, na Suissa; o parmesão, na Italia; os de Roquefort, de Brie e de Gerome, em França; o Chester, Gloucester e o Warwiskir, em Inglaterra; o de Hollanda; e entre nós o da serra da Estrella e o da provincia do Alemtejo.

Edwardo Roseiro de Mattos Coelho (Mação).

CHARADA IV

<p>Esta parte, como está, não tem significação; mas trocada a prima letra, não morreu nas aguas, não. 1</p>	<p>Tambem estas, eu affirmo, que não valem nada, não; mas trocada a prima letra, da mulher adornos são. 2</p>
--	--

Oh! que bellas, meu leitor,
 oh! que bellas que estas são!...
 estas que, por vida minha,
 n'este livro escriptas vão!

José Lopes Viegas (Olhão).

Sentença de um juiz ordinario.

— Em certo tribunal na provincia do Minho houve uma pendencia entre um proprietario d'uma vinha, e um rapaz que lhe furtára alguns cachos de uvas. Este chamou aquelle a uma acção de policia correccional por lhe ter batido, e o outro por elle lhe haver furtado as uvas.

O furto, já se vê, era insignificante; mas o ferimento correspondia á gravidade do furto. O bom do juiz ordinario senta-se no tribunal, ouve uma e outra parte, e as testemunhas de defeza e accusação, e sahe-se da entallação em que o metteram os eleitores, tão bons como elle, com a seguinte textual

SENTENÇA

« Não topo motivo de grande Crime Considero tam Criminoso hum Como otro nem o autor debia dar no rapas porque não á Lei de bater por isso foi dar cauza desordem Condano anbos nas Custas e nada mais hoje 12 de Julho de 1849 — *Billasboas.* »

Respondo pela veracidade do facto e do texto da sentença que existe em um cartorio da provincia.

J. L. Alvares de Sousa (Villa Nova da Cerveira).

Pasquim.— O Conservatorio dramatico do Rio de Janeiro é composto de um presidente e de quatro membros chamados vogaes.

Certo critico, querendo molestal-o, fez-lhe a seguinte quadra satyrica :

« Dizem que o conservatorio
conseguiria ser recto
se, em vez de só ter vogaes,
tivesse todo o alphabeto. »

A. M. da Silva (Brazileiro — Rio de Janeiro).

AO LUAR

Das brumas d'estio chovia, de leve,
o pranto de neve nos lagos, a flux;
e o manto azulado das noites serenas,
brilhantes phalenas bordavam de luz!

E a fada dos sonhos da infancia dourada,
da lyra inspirada nos cantos de amor,
dormia, da relva na verde folhagem,
envolta em roupagem de candido alvor.

Que noite sublime! na terra harmonias;
no mar ardentias; perfumes no ar...
O céo adornado de fulgidas galas
que magicas fallas me veio acordar!

Dormia e sonhava: nos labios, a medo,
virgineo segredo de amor desfolhou;
tremia sonhando, e da palpebra humida
a pérola túmida ardente rolou!

E quanta esperanza brotou-me no seio!
Na mente o receio murmura: quem és?!...
Que vagos enlevos ao vél-a abatida...
ao vél-a dormida tão bella! — a meus pés!

Eu quêdo-me em extasi... e a virgem dormia!...
e... meiga, sorria da bruma ao palor!...
Tomei-a nos braços!... ao peito enlacei-a!...
e — louco! — acordei-a n'um beijo de amor!!

Seus pallidos raios em frocos a lua
desprende e fluctua, qual manto fugaz;
e foge a donzella sentida e chorosa
— visão enganosa d'um sonho fallaz! —

Aos tibios perfumes de mil nenuphares,
nos longos palmares embalde a busquei!
romeiro das trevas nos longos caminhos
sómente os espinhos da vida encontrei!

João Guerra (Santos — Brazil).

LOGOGRIPHO II

(POR LETRAS)

Al Señor João Machado Gonçalves, de Olhão

Va mi pobre logogrifo
á sufrir hartos tormentos,
por que el lector enemigo
lo desgarrá para verlo.

Pero es español... no importa:
será decifrado y muerto;
que él es caza muy mesquiña
para tam buenos monteros.

Una mujer celebrada,—7, 6, 9
tan querida y tan hermosa,—4, 5, 2, 3, 5
puede *esta* lira pulsar—9, 8, 1, 9,
que por *este* es sonora—5, 3, 2, 7,
Esto lo hace el alma mia,—5, 4, 9, 2
desde que *la* conoció:—1, 8, 3, 4, 9
sus cantos tiernos escueho,—9, 6, 7
quando ella en *esta* bebió—8, 3, 6, 7, 2, 5.

CONCEPTO ()

¿El concepto?... ¡no lo sé!...
contodo siempre diré
que cuando *ella* se nos muestra,
todo es gala, todo es fiesta.

Un toledano.

Grandezas e distancias dos mundos.—É curioso o processo que Leconturier, no seu livro intitulado *Panorama des Mondes*, nos ensina para julgarmos das grandezas e distancias dos planetas:

Se quizermos fazer uma idéa das relações, tamanhos e distancias que existem entre as diferentes partes do systema solar—escolhamos um vasto terreno bem plano e colloquemos no centro uma esphera de 65 centímetros de diametro. Esta esphera representará o *Sol* e será o centro das diferentes orbitas planetarias.

Trace-se em volta uma circumferencia de 40 metros de

diametro, colloque-se sobre ella um grãosinho de milho e teremos a imagem comparativa de *Mercurio* e da sua orbita em relação ao sol.

N'uma circumferencia de 70 metros de diametro colloque-se um grão de ervilha, isto será a imagem de *Venus* e da sua orbita.

A *Terra* com a sua orbita será representada por um grão de ervilha maiorzinho, collocado sobre uma circumferencia de 100 metros de diametro.

Marte será uma cabeça de alfinete e a sua orbita uma circumferencia d'um diametro de 160 metros.

O grupo dos *planetas telescopicos* será representado por 60 grãosinhos de areia collocados sobre outras tantas orbitas formadas de circumferencias entrelaçadas e d'um diametro de 270 a 290 metros.

Jupiter será uma boa laranja, e a sua orbita uma circumferencia de 520 metros de diametro.

Uma bola de bilhar representará *Saturno* e uma circumferencia de 1:000 metros de diametro será a sua orbita.

Uranus terá por imagem uma grande cereja, e a sua orbita uma circumferencia de 1:960 metros de diametro.

Finalmente: *Neptuno* será representado por uma ameixa e a sua orbita por uma circumferencia de 3 kilometros aproximadamente !

.....
Se quizessemos fazer a experiencia, não encontraríamos em nenhuma cidade do mundo uma praça com a superficie para isso necessaria, e n'uma planicie apropriada para tal, collocando-nos nós no ponto determinado para a orbita de *Neptuno*, não veríamos nenhum dos outros planetas; e todavia a comparação feita pelo auctor do *Panorama dos Mundos* é exacta e engenhosa.

Na metaphysica dos numeros a nossa razão concebe e estima as grandezas que a nossa vista não pode apreciar nos espaços incommensuraveis.

Verediano Carvalho (Rio de Janeiro).

Gustavo da Suecia e Fernando de Napoles.— Gustavo III, rei da Suecia, na sua viagem á Italia, esteve em Napoles, aonde foi muito bem recebido por D. Fernando IV. N'um dia em que aquelle monarcha contára a este soberano o modo porque subira ao throno, os esforços que fizera e riscos qua passára... a rainha D. Maria Carolina, archi-duqueza d'Austria, interrompendo-o, perguntou-lhe «o que fazia n'esse tempo a rainha?» — Senhora, lhe responde Gustavo, na Suecia as rainhas não se intromettem nos negocios de estado — e continuou a sua narração. D. Fernando porém agradando-lhe o que ouvira, elevando a voz diz: «Agora conhece bem quanto mais juizo teem os reis da Suecia do que os de Napoles. Entende, minha mestra?»

Era este o tratamento que D. Fernando dava á sua real consorte, depois que ella lhe ensinára a ler e escrever, tão descurada fóra a educação d'aquelle principe.

Esta circumstancia, e o genio altivo e despotico da rainha impunha ao rei de tal modo, que em tudo o governava completamente.

A. M. B.

CHARADA V

—Talvez... eu cá não duvido, }
fica certo, que teimoso, }
nunca fui, meu caro amigo. } 2

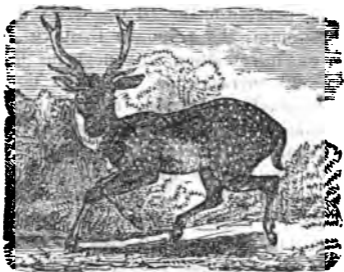
—Vê meu genio folgasão, } —Mas caminha n'um só pé!
repara bem como eu brinco } 2 áquillo está costumado?
do alto saltando ao chão. } Que tens com isso, Thomé?

Lembram-se? Sou mui prestante,
nas letras sou um luzeiro;
'té sou o braço direito
aqui do senhor Cordeiro.

S. (Africa).

Acteon. — Acteon, filho de Antonó (1.^a filha de Cadamo) e de Aristêo, era um caçador tão habil e tão apaixonado, que se considerava superior á propria Diana no exercicio venatorio.

Quiz um dia a sua desgraça, ou a sua fortuna, que desse a bella Diana a tomar banho n'uma fonte. A deusa banhio-se tanto d'este atrevimen-



dirigindo os seus passos como caçador para o valle de Gargaphia, na Beocia, ahí surpreh-

to, ou d'este aeaso, que lançou sobre o temerario espadanas de agua, para lhe perturbar a vista, dizendo-lhe ao mesmo tempo: — Vae, vae gabar-te de que viste Diana n'um banho. Em seguida metamorphoseou-o em cervo; e após, desconhecido por seus proprios cães, foi por estes devorado.

Camões na Ecloga 7.^a descreve perfeitamente n'uma oitava, o instante em que, começando a transformar-se em cervo, e já sem voz, accena aos seus companheiros de caça, que o procuram por toda a parte; e em que, já transformado, corre contra elle a multidão dos cães:

O's olhos e c'o gesto lhes fallava,
 que a voz humana já perdido tinha.
 Qualquer d'elles por elle então clamava,
 e a multidão de cães contra elle vinha.
 «Um cervo acude a vêr (qualquer gritava)
 «Acteon, onde estás? Acude asinha.
 Que tardar tanto é este? (Repetia)
 — É este! É este! o eco respondia.

As festas d'além do Cóa. — Em algumas freguezias d'este concelho, situadas na margem esquerda do rio Cóa, costuma fazer-se annualmente uma festa, que por a achar extérrica, julguei digna das paginas d'este livrinho. É assim:

Na vespera do dia designado para a festa, ao escure-

côres, e na esquerda um papel guarnecido de muitas fitas. Dirigem-se enfileirados, acompanhados de muita gente, e marchando ao som d'uma caixa de rufo, primeiro á porta da igreja e depois á porta do parochio. Em cada um d'estes sitios, o mordomo



cer, apparecem os tres mordomos a cavallo — um, vestido com os uniformes de capitão de infantaria, outro com os d'alferes da mesma arma, e o terceiro veste de anjo. Este vae no meio d'aquelles, e leva na mão direita uma bandeira de variadas

que vae vestido d'anjo, recita em voz alta grande numero de versos, nos quaes se narram os milagres e vida do Santo. Esta cerimonia é chamada por elles a *fama*, e termina sempre por — *Viva o Santo de tal!* O povo responde, gritando com toda a força: — *Viva! Viva!*

No dia seguinte ha funcção de igreja, a que assistem os mordomos, vestidos com os mesmos uniformes da vespera, com a differença de que o que vestia de anjo, veste

agora de 1.º sargento de infantaria, e tem na mão direita a bandeira. Acompanham de espadas n'as a precisão, e quando esta recolhe, collocam o Santo á porta principal da igreja, voltado com a frente para o povo. Os tres mordomos vão então postar-se a 10 ou 12 passos de distancia da imagem, e com vagarosos passos, ora um, ora outro, ora todos, se dirigem a ella, fazendo tantos e tão variados movimentos com as espadas, que é impossivel descreverem-se. Umas vezes, parece que vão dar uma estocada no Santo, outras que lhe vão cortar a cabeça, e afinal depõem-lhe as espadas e bandeira aos pés. Aquelles que pela primeira vez presenciarem a *venia*, como elles lhe chamam, difficil e muito difficil lhes será conter o riso. Segue-se a barbara corrida do gallo; depois reúnem-se 30 a 40 homens, armados de espingardas, formados a dois de fundo, e dirigem-se ás portas das casas dos novos mordomos, disparando tiros de polvora secca á voz de — *fogo* — que o capitão mordomo lhes dá. Á noite ha theatro, para o que improvisam um palco ao ar livre, e ali é representado, quasi sempre, a tragedia de *D. Ignéz de Castro*, e o entremez do *Gallego lorpa*. Com isto termina a festa.

José Maria Borrego (Almeida).

CHARADA VI

<p>Sou de diferentes côres, posso ser formosa, ou feia, seduzir-vos e encantar-vos como o canto da sereia. 2</p>	<p>Eu de duas naturezas participo, isso é verdade, e presto grandes serviços, ou na aldeia, ou na cidade. 2</p>
---	--

Salve! vem beijar-te, doira-te
 o sol assim que amanhece,
 ou doirado, ou entre névoas,
 quem te vio nunca te esquece.

Luiz Antonio Silva Prudencio (Galveias).

Caminho do inferno.—Tendo Carlos V nomeado bispo das Indias ao padre Gerardo Fialho, frade de S. Francisco, de vida mui virtuosa e exemplar, e mandando-lhe o secretario d'estado a noticia, respondeu elle :

—Faça V. S.^a presente a S. M., que o officio de bispo é de muito trabalho para quem o servir como deve; que eu conheço a minha insufficiencia, que o ser provido n'elle sería caminhar para o inferno, e o ter de dar a volta pelas Indias parece-me grande rodeio.

Augusto Gerardo Sterlicon (Abrantes).

RECITATIVO

Sem ti a vida mal supporto e quero;
que te venero com fervente ardor;
é esse o sonho que me doura a vida;
és a guarida de meu pobre amor.

Quando teus labios se desprendem bellos
os teus anhellos dão-me um paraíso,
dá-me tambem encantadora, linda,
a dita infinda em divinal sorriso.

Por onde passas a ventura brota;
és uma nota que desperta amor;
entre os teus braços, aspirando encantos,
seccam meus prantos, desconheço a dôr.

Queira a fortuna prolongar-te a vida,
sempre acolhida dos favores seus;
e eu contigo, bemdizendo a sorte,
esqueça a morte nos enlêvos teus.

L. (Pernambuco — Recife).

Vomita, ladrão!—Uma manhã, ainda cedi-
nho, entra no hotequim do sr. X., o sr. Z., e pede que
lhe sirvam café. Emquanto lh'o vão preparar, lobriga

elle no armario fronteiro uma garrafa contendo capilé, levanta-se cautelosamente para não ser presentido, corre ao armario, toma a garrafa, e de um trago vasa no voraz estomago o seu conteúdo.

O sr. X., que já desconfiára da *probidade* do sr. Z., percebeu-lhe a *artimanha*, e quando voltou a servil-o, finge ignorar o factó; olha com disfarce para o armario, coça a cabeça, e interroga-o: — O' sr. Z., vossemecê por acaso bebeu do liquido contido n'aquella garrafa?! Diga, diga! que d'aqui a dois minutos já o não poderei salvar! Aquella garrafa, sr. Z., continha uma poção arseniosa! Ai! meu Deus! Que desgraça!

Dada esta explicação, o sr. Z., começa a cambalear e a tremer, e acaba por confessar que effectivamente tinha bebido o conteúdo da garrafa.

Era isto mesmo o que o sr. X. queria ouvir! Immediatamente manda vir um grande cangirão com agua morna, e começa a applicar ao paciente copo sobre copo, até que, não podendo o estomago do desgraçado contêr tamanha quantidade de agua, a deita fora a jorros, conjuntamente com o capilé que havia bebido!

É então que o sr. X., ufano com o bom resultado obtido, e com a graça que lhe é propria, lhe brada em altas vozes: — *Vomita, ladrão! vomita!...*

M. J. F. G. (Barcellos).

Questão de ferra. — Certo camponio teve seus dares e tomares com um ferrador, e mandando-lhe no outro dia um cavallo para ferrar, o ferrador, que era de reserva, devolveu-lhe o cavallo como fôra. Encolerisou-se o camponio, e indo ao banco do ferrador, exclamou:

— Você, que está n'uma praça publica para ferrar todo o fiel patife, ha de dizer-me a razão porque não me quer ferrar a mim, que pago com o meu dinheiro?

V. C. (Macau).

Resposta ao pé da letra. — A certo individuo pouco amador das modas, e cujo fato era sempre de estrombolico feiito, disse um dia certo sujeito com intento de se rir:

— De que tempo é essa tua *casaca*?

— Do tempo em que tu a não vestias, responde o outro com toda a presteza.

Antonio Joaquim Ribeiro
(Cidade da Praia — Cabo-Verde).

Pyramo e Thisbe. — Quem não conhece a sentida historia de Pyramo e Thisbe, celebrada por tantos poetas desde Ovidio até hoje?

Pyramo era um mancebo assyriano, de Babylonia, que

amava perdidamente Thisbe, sua encantadora vizinha. Foram os seus amores contrariados pelos parentes de ambos, e elles, que não podiam viver senão um para o outro, resolveram por fim sub-



trahir-se á perseguição das suas familias, e combinaram encontrar-se uma noite junto de uma amoreira branca, proximo de Babylonia, para depois partirem juntos para outro paiz onde podessem unir o seu destino e viver felizes.

Thisbe, naturalmente impaciente, envolveu-se n'um veu e foi a primeira que caminhou para o sitio aprasado; mas quando ia ahi chegando viu uma leôa que acabava de espedaçar a sua presa, e que corria com a boca aberta

ainda cheia de sangue. Thisbe foge aterrada e deixa cair o veu sobre que a fera se precipita, dilacerando-o. D'ahi a pouco chega Pyramo, encontra o veu da sua amada todo ensanguentado, inquieta-se, chama por Thisbe, e vendo que ella lhe não responde, assalta-o a convicção d'uma grande desgraça. Thisbe, a sua querida Thisbe, foi presa das feras.

Si el tiempo con su corrida,
Thisbe mia, fuera parte
para llorando pagarte
rogara a Dios por la vida
hasta acabar de llorarte.

Mas el que llegó la suerte
a valer contigo tanto
no pagara solo un tanto
de su descuydo y tu muerte
con cien mil años de llanto.

Disse, e arrancando da espada enterra-a no proprio seio. Thisbe, que havia ouvido os seus gritos ~~correr~~, mas já tarde, porque encontra o seu Pyramo quasi expirando, e conhece que elle se matara porque a julgára morta. Abraça-o, bebe-lhe o ultimo alento com os seus beijos, e lavada em lagrimas exclama ao vêr tantas perfeições perdidas por sua causa :

Estos son aquellos ojos
que me llevaban tras ellos,
y estos los rubios cabellos
que mis tristezas y enojos
curava con solo vellos ?

Es este el rostro sin par
que tantas lagrimas cuesta ?
la hermosa boca es aquesta
de quein yo solia gozar
la dulce risa y respuesta ?¹

Diz, e mata-se com o mesmo ferro que havia roubado a vida ao seu amante, caindo inanimada junto d'elle.

O pé da amoreira foi tinto com o sangue de ambos, e foi desde então que, no dizer de Ovidio, os fructos de brancos, que eram, se tornaram rubros, como hoje os vemos.

Queimaram sobre a mesma fogueira os corpos dos dois desventurados, e a mesma urna ficou contendo as suas cinzas.

¹ Tanto estes formosos versos, como os antecedentes, são d'um poema ou historia de Pyramo e Thisbe, de Jorge de Montemayor, celebre poeta portuguez do seculo XVI, que os hespanhoes contam no seu catalogo, porque se criou em Hespanha, lá foi educado e em hespanhol escreveu todas as suas obras.

ULTRA

Oppõe a terra á vaga revoltosa
um tenue dique — a praia;
e a vaga, temerosa,
mal toca o dique prostra-se, desmaia.
E a vaga é a immensidade.
Nenhuma força a sua força eguala.
Porque não ha de o peito, que me estala
sob o poder que o esmaga,
tambem um dique oppôr a esta saudade,
bem como a praia á vaga?

Emygdio Gomes dos Reis (Lisboa).

AO CAHIR DAS FOLHAS

Do sul as nuvens sombrias
já desdobraram seu manto,
e o anjô das harmonias
vibrou seu ultimo canto.

Do vento o sopro ligeiro
as folhas arroja ao chão:
solta o hymno derradeiro
o cantor da solidão.

É tudo sombrio e triste,
qual peito ormo d'amor:
nem um só aroma existe
de murcha, pendida flôr.

Brando murmurio das aguas,
junto ao salgueiro virente,
desperta agora só magoas
no despenhar da torrente.

Flores e tudo o que o prado
tinha de bello e gentil,
jaz quasi extincto, mirrado,
sem os orvalhos d'abril.

Venturas, quanto hana terra
que faça entrever os ceus,
ao prado, aos bosques e á serra
deram seu ultimo adeus!

D'amor as juras constantes
não mais a selva escutou:
suspiros, risos d'amantes,
aos ceus a brisa levou...

Agora os mimos do prado
o louco procura em vão:
— é tudo extincto, acabado —
diz-lhe a voz da solidão!...

Antonio J. Ramos. (Evora).

Uma fabula oriental. — Dizem os escriptores persas, que o sultão Mahmoud, pelas guerras que promoveu, e pela tyrannia de que usou, opprimindo o povo, tinha quasi despovoado os seus estados, em que se

d'elles nos conta a seguinte fabula :
Tinha Mahmoud um vizir, que



não via senão ruina e miseria. É a proposito d'este sultão que um

pretendia ter aprendido d'um certo derviche a intelligencia da linguagem das aves, de modo que nenhuma d'ellas podia abrir o bico sem que elle deixasse de explicar o que queria dizer. Uma tarde em que o imperador e elle voltavam da caça, ouviram dois mochos que soltavam os seus pios, pousados sobre uma arvore, que estava proxima d'umas grandes ruinas.

— Bem desejava eu saber o que estes dois mochos estão dizendo um ao outro. Prestae os ouvidos, e dae-me uma conta fiel dos seus discursos.

O vizir aproximou-se da arvore com ares de quem prestava toda a attenção, e voltando d'ahi a pouco, disse :

— Senhor eu entendi uma parte da sua conversa, mas não posso dizer-vos sobre que era.

O sultão não se contentou com esta resposta, e instou com o seu ministro para que lhe repetisse palavra por palavra o que as aves diziam.

— Pois que vós o ordenaes, replicou o vizir, sabereis

que um d'estes mochos tem um filho, e o outro uma filha, e que tratavam de os casar, mas o pae do filho dizia ao companheiro: «Meu irmão, eu consinto n'este casamento comtanto que vós deis á vossa filha cincoenta aldeias arruinadas para o seu dote.» A isto replicou o pae da filha: «Em lugar de cincoenta eu lhe darei quinheentas se quizerdes, assim Deus queira conceder uma longa vida ao nosso sultão Mahmoud! Enquanto elle reinar sobre nós, nunca nos faltarão villas e aldeias arruinadas.»

A historia accrescenta que o sultão ficou tão impressionado com esta fabula, que mudou de vida reedificando as aldeias, e olhando d'ahi por diante pelo bem do povo.

ADEUS

Eu digo adeus aos logares,
que para sempre deixei:
esses logares queridos,
onde cresci, onde amei!
Lindas boninas do campo,
eu nunca mais as verei:
nunca mais os seus perfumes,
contente respirarei!

E os *mal-me-querer* do prado,
onde em creança saltei!...
para enfeitar minhas tranças,
nunca mais os colherei!

As meigas auras da tarde,
eu nunca mais sentirei,
agitar os meus cabellos,
nos logares em que amei!

O meu banho *crystallino*,
eu nunca mais gozarei,
nunca mais em suas agoas,
meu corpo mergulharei!

E o cajaseiro gigante,
a cuja sombra brinquei!?...
nunca mais da sua cópa,
doce sombra gozarei!

Eu digo adeus aos logares,
que soluçando deixei!
Adeus, oh! tempo de flores,
que jámais olvidarei!!

D. Anna Alexandrina Cavalcanti d'Albuquerque
(Pernambuco).

Artigo. — Foi cidade antiquissima da Lusitania, a 18 leguas de Lisboa, na margem esquerda do rio Tejo, em cujas ruinas está edificada a Chamusca, uma das villas mais ricas e importantes de Portugal, no Ribatejo.

Floresceu por muitos annos esta importante cidade, e os aricienses, crescidos em numero, tiveram que sair a edificar novas povoações como Al-Merin, Scalabis, e Aurantes, hoje Almeirim, Santarem e Abrantes.

No anno 63 antes de Christo, veio á Hespanha o pretor Julio Cesar, com um grande exercito, para reprimir os herminios, habitantes da Serra da Estrella, que não queriam sujeitar-se ás rigorosas imposições do Senado Romano,

Vencidos e socegados os serranos, nome porque tambem eram conhecidos os herminios, continuava J. Cesar as suas conquistas para o norte, mas vio-se obrigado a retroceder logo que soube de nova rebellião d'estes povos, ajudados pelos scalabitanos e aricienses, que desejavam pôr um dique ás barbaridades commettidas pelo pretor para com os seus vencidos, e ao proposito de estender a dominação romana ás povoações d'estes contornos.

Organisou-se, pois, um exercito mixto que impedisse a marcha de J. Cesar, mas o numero dos lusitanos era muito limitado, e não podéra aproveitar-se das embuscadas que preparou, por isso recolheu aos seus arraiaes, e esperou ali os romanos, que foram acampar junto d'um regato a 500 metros da cidade, em sitio que hoje tem o nome de Ribeiro de Arraiolos, em vez de Ribeiro dos Arraiaes d'então.

Esperavam uns e outros serem primeiro accommettidos, porque temiam quer a derrota, quer o desdouro para o nome romano tão celebrado; até que J. Cesar, tomando a offensiva, venceu os lusitanos, e erigio depois no monte proximo um templo para render graças aos Deuses pelo bom exito das suas armas: templo de que ainda ha vestigios, e em cujas ruinas se edificou a actual igreja de S. Sebastião.

Estavam então os aricienses bloqueiados pelos romanos, seus vencedores, e a todo o custo e perigo de vida aproveitavam a escuridão da noite para sahirem, saltando as muralhas, e buscarem fóra os viveres, e agua a uma fonte que ainda agora dá ao valle onde existe o seu nome — Valle da Fontinha.

O sitio prolongava-se, e dia a dia se apertava mais o cir-

culo de vida em que a gente de J. Cesar os obrigava a viver, até que na vespera de se cumprir a ordem de saquear e arrazar a cidade, Ulma, capitão dos sitiados, sabendo da proxima catastrophe, fugio com alguns dos seus companheiros, contemplou chorando do cume do monte contiguo, actual Oiteiro do Pranto, o acabamento da terra que tanto amára, e depois de andarem errantes pelos montes algum tempo, fundaram, a 6 kilometros de distancia, nova povoação a que poz o seu nome, e hoje por corrupção se denomina Ulme.

Satisfeito J. Cesar com a derrota d'esta nobre gente, dispoz-se a partir para França, mas antes de se retirar foi por elle confiada a guarda das ruinas d'Aricio a alguns soldados romanos, que fraternisaram com os indigenas que não haviam podido acompanhar Ulma, e todos deram começo á edificação de nova cidade apellidada Val-verde, nome porque, pela amenidade e fertilidade do terreno, era conhecida e ainda hoje é, o valle que fica entre o Oiteiro do Pranto e o de S. Sebastião.

Por muitos annos durou esta nova cidade sob a protecção dos imperadores romanos, mas foi muito estragada pela invasão dos barbaros, e depois pelos mouros, quando vieram á Peninsula.

Em 1431 da era vulgar, querendo Ruy Gomes da Silva ¹ deixar o bulicio da cõrte de D. João I, foi em busca de terreno proprio para edificar um palacio em que vivesse com as commodidades e deleites que bastassem para olvidar os trabalhos que lhe acabrunhavam o espirito, e só em Val-verde encontrou o que desejava.

Edificado o primeiro palacio para este principe, começou elle reedificando a cidade assaz deteriorada pelos barbaros do Norte, e em memoria da busca a que procedera, poz-lhe o nome de *Chambusca*, que a corrupção fez mudar em *Chamusca*.

Foram por este tempo dados os foros de villa á Chamusca e Ulme, e offercidas a Ruy Gomes, neto do referido principe d'Ebuli, como consta dos foraes da camara.

Entre o Oiteiro de S. Sebastião e do Pranto, um pouco a nascente, fecha o Val-verde, um monte bem alto com uma

¹ Principe d'Ebuli.

egreja no cume, edificação do primeiro Ruy Gomes, votada ao Senhor do Bomfim, em cuja capella se acha sepultado, como determinára, e ainda hoje se lê n'uma lapide da capella-mór, em sumidos caracteres, o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ RUY GOMES DA SILVA,
DO CONSELHO DOS REYS QUEM SEUS AVÓS FORAM

Alfredo Ariosto Placido de Moncada e Oliveira
(Chamusca)

LOGOGRIPHO III

A primeira co'a segunda
toda arvore contém,
e se a prima repetires
tambem d'arvore nos vem...

A tércia unida á segunda
no verão é cousa rara,
mas se chega o duro inverno
para nós é sempre cara.

As mesmas inverte, e põe
no final — interjeição ;
terás homem paciente,
muitas vezes mandrião.

Tércia, e quarta unida á quinta,
como humilde se apresenta !
Porém que paz, quê alegria,
a ventura n'ella ostenta !...

Se a ultima do meu todo
pospozeres á terceira,
vinde aqui, q'has-de encontral-a
n'esta terra brazileira.

Agora a quinta repete,
e junta-as depois á quarta,
se a comeres com excesso
ella, de certo, te farta.

A quarta sem consoante
vem á segunda juntar,
sem ser pão — é alimento
que o indio sabe arranjar.

Se o meu todo quizeres decifrar
o litoral costeia do Brazil,
has de vêl-a, por certo, á beira mar,
a mirar-se na agoa, e tão gentil !

M. R. I. Ç. (Cantagallo — Brazil).

Noticiámos no *Almanach* do anno preterito o fallecimento do nosso estimavel collaborador, o sr. doutor Aca-
cio Mergulhão Neves Cabral, de Armamar. Hoje seu pae,
ainda inconsolavel por tão irreparavel perda, vem dizer
o ultimo adeus a este livrinho, que enriquecia com o seu
nome desde 1861.

Ha dôres que despedaçam.

CHARADA VII

Assim galas abandona,
quem perdeu um filho q'rido : — 2
Só dira morte anhelou,
por culpa do fementido. — 2

Para este caro livrinho
em verso um feudo solvia ;
hoje mirrou-se o meu estro,
a dôr matou a poesia.

Um anjo, minhas delicias,
chamou-o Deus para si.
Quem podia disputar-lh'o ?
Pref'rencias não adduzi.

Junto dos côros celestes
eil-o a entoar o seu hymno,
pelo pae, pela familia
implora o verbo divino.

Se da terrea prisão solta
a minha alma ao céu se erguer,
encontrarei o meu anjo,
findará meu padecer.

Adeus porém, meu livrinho,
vae o meu feudo acabar,
feneceu o feudatario,
seu viver é vegetar.

João Maria Mergulhão Neves Cabral
(S. Romão d'Armamar).

Quadro incompleto. — Mostravam a um
veterano um magnifico quadro, representando os castellos,
cidades e tropheus, que um marechal de França havia
tomado.

— Não está completo, diz o veterano, tudo o que elle
tomou não está ahí, porque não vejo o meu prêt.

Antonio d'Artiaga Soutto Maior
(Cidade da Praia de S. Thiago).

O' Hara Burke. — Assim como ha homens a quem são indifferentes as lagrimas, ou o jubilo de seus semelhantes, que não tem em conta alguma os acontecimentos politicos, os eventos da sciencia, as transformações sociaes; outros ha que, por uma admiravel delicadeza de sentimentos e largueza de animo, são irresistivelmente impellidos para commettimentos audazes e grandiosos, nos quaes não poucas vezes encontram desastroso e prematuro termo á existencia.

Martyres sublimes a quem a memoria dos homens só muito tarde costuma pagar a sagrada divida de gratidão. E que de martyres tem produzido a religião, a arte, a poesia, a fé, e a sciencia!

Depois dos martyres da fé e d'entre os da sciencia, os mais heroicos, os mais sublimes, os mais admiraveis, são incontestavelmente os navegantes e os exploradores que, n'estes ultimos tempos, seguem uns os vestigios dos La Perouse, dos Franklins, dos Bellot, e outros empreendem atravessar a Australia do Sul ao Norte.

« Em Melbourne, capital d'esta parte do mundo, diz um escriptor ¹, em uma collina pela qual passa a arteria mais populosa da cidade, destaca-se um alto pedestal que supporta um grupo em bronze de irreprehensivel execução. Tres homens estão n'elle representados, apoiando-se fraternalmente, e sondando com o olhar o infinito! Um d'elles é o chefe, tudo o annuncia: porte heroico, figura distincta e ares de authoridade. E todavia os fatos despedaçados, os membros de esqueletos, rostos emmagrecidos e olhares moribundos, mostram que expiram de fadiga e de fome, abandonados no meio dos desertos!

« Este chefe é Burke; estes homens são seus infelizes companheiros! Mas Burke, este unico nome, talvez apenas conhecido na Europa, é ali popularissimo e faz pulsar os corações. Este nome é hoje para toda a Australia mais do que o de Cariolano para a antiga Roma. Todas as descobertas de aventureiros exploradores, no continente aus-

¹ Comte de Beauvoir — *Voyages.*

traliano, são de nenhuma importancia em comparação da gloria de Burke, que foi o primeiro a atravessal-o de parte a parte, do Oceano Austral ao Oceano Pacifico! Heroicos esforços, sobrehumana constancia, exploração audaz, que fizeram de Burke um grande homem; mas a sua nobre ambição, ambição de descobertas levadas ao fanatismo, não lhe deixou gozar do seu triumpho, e este monumento perpetua a lembrança do instante em que teve a unica coisa que faltava ainda á sua gloria — a consagração que dá a desventura!

Nenhum heroe teve mais desditoso fim. Que transe doloroso o de Burke correndo para o Norte, átravez o deserto, procurando o oceano, e não achando senão um oceano de pedras seccas; morrendo de fome e tendo ainda cem leguas a percorrer para achar viveres; expirando por ter querido emprehender uma grande missão e sentindo, depois de nobremente a terminar, que talvez o mundo ignorasse a sua ultima obra.

Melbourne, que não conta vinte annos de existencia, esculpiu gloriosamente no bronze a memoria dos seus mais inclitos heroes. Portugal, passados tres seculos, deixa ainda dormir no esquecimento a de Bartholomeu Dias, a de Vasco da Gama e tantas outras!!!

M. Alves de Sousa (Castello Branco).

CHARADA-ENIGMA (PITTORESCA)

1-1 { **A Q C B B C n' I A**

J. Telles.

Pergunta e resposta. — *P.* Qual é o literato brasileiro que excede ao francez Alfonso Karr?
R. É o conselheiro *Alencar* (José de).

A. M. da Silva (Brazileiro — Rio de Janeiro).

Grandeza d'alma. — Em 6 de outubro de 1779 o capitão de fragata Ducouedic de Kergoualer, que commandava a *Vigilante*, encontrou-se com a fragata inglesa *Quebec*.

Immediatamente se pozeram em linha de combate, tra-

que não havia vantagem do lado de nenhum combatente.



vando-se uma luta de quatro horas, luita sangüinolenta em

De repente a fragata *Quebec* apresenta um aspecto horri-
vel. O incendio havia-se manifestado com intensidade por
todas as partes. Todos os marinheiros que puderam lan-
çar-se ao mar, foram abrigar-se sob o pavilhão francez. a
bordo da *Vigilante*. Ducouedic, ao recebê-los, fez algumas
exclamações, finalizando com estas palavras: « Fizestes
admiravelmente o vosso dever, e como a vossa fragata se
destruiu com o pavilhão erguido, sereis aqui tratados, não
como prisioneiros de guerra, porém como irmãos recolhi-
dos de um naufragio.»

Ouvindo estas palavras de uma alma inteiramente grande
e nobre, os marinheiros francezes e inglezes derramaram
copiosas lagrimas, trocando aquelles com estes metade de
suas vestes. Os odios desapareceram n'aquelle instante, e
desde então não houve distincções entre ambas as nacio-
nalidades.

No meio de tudo houve um homem que não procurou
salvar-se, e que morreu intrepido e sereno devorado pelas

chammas, porque nunca largou o seu posto de honra. Foi o valente Famer, commandante da *Quebec*.

Eduardo de Carvalho (Pernambuco — Recife).

BELLEZAS DA ARCADIA

Excerpto do *Idyllio XIII*
de Antonio Diniz da Cruz e Silva

Os dois pastores Elpino e Tirse cantam as suas amadas.

ELPINO

Oh formosa Licori, inda mais branca
que a branca nata, muito mais córada
que as córadas maçãs: antes que esprema,
tinto de mosto o rustico Serralvo,
no cheiroso lagar as roxas uvas,
vejam meus olhos teus formosos olhos.

TIRSE

Oh bellissima Alcipe, inda mais bella
que a estrella da manhã, que o borbuhante
crystallino reflexo das estrellas,
antes que o sol a meus saudosos olhos
tres vezes appareça, e tres se esconda,
meus olhos vejam teu sereno rosto.

ELPINO

Busca a cabra a giesta, o lobo a cabra,
o cheiroso tomilho a bella abelha,
da frigida ribeira o niveo cisne
as aguas vagarosas; mas Elpino
só da linda Licori os olhos busca,
cada um vae correndo após seu gosto.

TIRSE

Teme o lobo o rafeiro, a ovelha o lobo,
o ligeiro veado a subtil rede,
e os vãos latidos do sagaz sabujo
o timido coelho : porém Tirse
só teme as iras da formosa Alcipe,
o seu estrago cada qual receia.

ELPINO

Outro dia cahio em minhas redes
um par de pombos brancos como a neve;
de entre as ramas corri logo a buscal-o,
e ao prendel-os lhes disse alvoroçado:
se meus rusticos dons Licori acceita,
de Licori sereis, aves ditosas.

TIRSE

Hontem ao collo da malhada ovelha,
do rebanho esperança, a curva ponta
de um cervo pendurei, porque o mau olho
de invejosa pastora a não offenda.
Feliz ovelha, pasee a molle relva,
feliz ovelha, que has de ser de Alcipe.

Em tão formosos versos o canto do doutor Theotónio Gomes de Carvalho (Tirse), rivalisa com o do author do *Hyssope*, Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elpino).

Cercal. — É uma freguezia do concelho do Cadaval e do arceprelado d'Obidos, do qual dista cerca de vinte kilometros. Tem 110 fogos, com 400 almas de população, e era das tres villas do duque de Cadaval. Está situada n'uma das abas da serra da Neve, do lado do nascente, ao longo da estrada real que liga Lisboa com as Caldas da Rainha. A sua posição torna-a quasi a principal das freguezias e logares que a rodeiam, taes são Tagarro, Al-

coentre, Barro-Miguel, Alguber, Peral, Quinta de S. Antonio, Rio Maior e outras. É sadia, bem lavada do norte, e com excellente agua, elemento que muito concorre para que ali não grassem febres. A invasão franceza causou-lhe immensos estragos, queimando-lhe casas e cearas, e chegando a fazer cavallariça da egreja parochial. A freguezia era rica, porque era apresentada pelo cabido patriarchal, que a fornecia de adereços e vestimentas para o culto divino; o logar não o era menos, porque ainda nos fins do seculo passado chegou a contar dezeseite sacerdotes que d'ali eram naturaes, e não menos de quatro capellas. Hoje está reduzido a uma capella unica, onde está a freguezia, porque a propria está servindo de cemiterio.

A egreja actual, que antes tinha a invocação de S. Sebastião, e hoje a de S. Vicente Martyr, é de construcção muito acanhada. Tinha um só altar, e hoje tem tres, devido a um donativo que, segundo consta, lhe fizera D. João IV. Como quer que seja, a porta principal, que é de pau santo, tem em letras de metal a era de 1671. Proximo está uma casa de um só andar, que tem na parede da frente uma lapide cravada, onde se lê a seguinte inscripção :

Aqui pouzo
u ELRei Do
N J^o o QUART
O E D
1645

Os habitantes eram um pouco dados a rixas, valentias e vinho. Hoje o trabalho vae-os morigerando, sendo a cultura de cereaes, e a criação de gados na charneca a sua principal industria.

Tem o Cercal duas feiras no anno, um bom chafariz, de muito boa agua, mandado edificar por D. Maria I; uma eschola publica com casa propria, um albergue para recolher os pobres, botica, duas lojas, e duas modestas

hospedarias. N'uma d'ellas, na do sr. Moreira, já se hospedaram SS. MM. a Sr.^a D. Maria II, os Srs. D. Fernando, D. Pedro V, D. Luiz, a Sr.^a D. Maria Pia, o imperador do Brazil, Ministros nacionaes e estrangeiros, e todos á uma tem elogiado o bom chá que ali se faz. Não é por habilidade da hospedeira, nem pela excellencia da planta, é pura e simplesmente pela excellencia da agua em que a infundem, e d'ahi vem que alguns amadores tem chegado mesmo a levar d'ali algumas bilhas d'ella, para a saborearem egual nas suas casas.

Dizem que nas proximidades do Cercal está um thesoiro enterrado pelos soldados de Junot. São boatos sem nenhum fundamento para acreditar, nem para descrever.

P.* J. T. T. R.

LOGOGRIPHO IV

Se a terceira duplicares,
collocando-a após primeira,
verás logo com certeza.
veloz ave brasileira.

Inda a tércia ajunta agora
á final e derradeira:
e de novo te apparece
outra ave brasileira.

Antepõe á tércia a quarta;
muda letra na terceira;
tens um fruto que sazóna
lá na terra brasileira,

A segunda, collocada
atraz logo da primeira,
é porção de toda a planta
portugueza ou brasileira.

Uma parte do meu todo,
alterando-lhe a terceira,
— não duvides — inda indica
produção que é brasileira.

Afinal, mudando letras
na tércia e derradeira,
acharás no mesmo todo
ave ainda brasileira.

Que mistura! Jesus! Credo!
Quantas coisas brasileiras!
No Brazil encontras prima
com segunda e derradeiras.

J. J. da Costa Macedo. (Faro).

Anagramma. — No topo d'uma escada, no edificio do extinto convento de Franciscanos, da cidade de Angra do Heroismo, existe uma capelinha aonde, outr'ora, os religiosos tinham collocada uma imagem da Virgem; e na parte inferior da mesma capelinha se lê em azulejos a saudação angelica — *Ave Maria, gratia plena; Dominus tecum...* anagrammada pela seguinte forma:

ANAGRAMMA

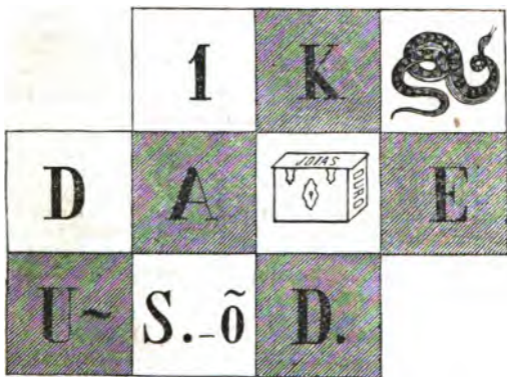
Dei para inventa sum; ergo, immaculata.

Achei este anagramma digno do Almanach de Lembranças.

G. R. C. Lima (Angra do Heroismo).

ENIGMA III

(SALTO DE CAVALLO)



Começa na casa A.

Antonio Maria d'Almeida (Collares).

Almanach de Lembranças...

A cidade da Ribeira Grande.—

Quando o viajante do alto da fortaleza da antiga cidade da Ribeira Grande, deita uma vista d'olhos sobre as ruínas famosas que apresenta a antiga capital da provincia de Cabo-Verde, e contempla, com admiração, os venerandos restos do tempo passado, o centro da antiga civilização africana, o emporio do commercio, transformada hoje em um quasi ermo de ruínas cobertas de ortigas e abrolhos, sente confranger-se-lhe o espirito em presença de tão edificante quadro!

Elevou-se outr'ora ao fastigio da gloria por uma população numerosa, e por sacerdotes respeitaveis ¹, que, illuminados pela luz sagrada do Evangelho, atidos sómente aos bens eternos, abandonando patrios lares, atravessando mares intrataveis, vinham, como enviados celestes, annunciar a boa nova ou emancipação dos povos, enlaçando por uma cadeia d'ouro a Europa com a Africa, e confraternizando por estreitos mas suaves laços, o ethiópico com o caucasico, porque ambos são descendentes d'um pae commum; porém hoje existe soterrada, occultando a sua radiante belleza, no meio de montões de ruínas. Assim como na Africa a vida se esvae com a rapidez d'uma centella que serpea e morre, assim como uma planta que de manhã se vê mimosa, cheia de seiva e louçania, e de tarde se vê estiolada pelo assopro calido do maligno *africus*, tal se encontra hoje a rainha das terras africanas, vergando ao destino que a abate.

Situada na costa de SO da ilha de S. Thiago, á beira-mar, rodeada de serras alcantiladas e flanqueada por duas ribeiras, que vão confluir n'uma alagôa á beira-mar, existe a antiga cidade da Ribeira Grande, recommendavel pela abundancia d'agua que encerra no seu seio, e pela fertilidade do seu solo.

Dotada, outr'ora, de sumptuosos edificios, assim religiosos como profanos, apenas existe em soffrivel estado a antiga sé, monumento primoroso, que disputava perfeição á do Funchal, e o unico que, havendo resistido em parte ao camartello do tempo e á impiedade do vandalismo, se mostra ainda em sua primeva magestade.

Tambem está menos mal conservada a igreja da Senhora do Rosario; mas estão em ruínas o palacio episcopal, o con-

¹ Refiro-me sómente áquelles sacerdotes que se recommendavam pela exemplaridade da sua vida e não áquelles tartufos bem demascarados pelo distincto *Molière*.

vento, a misericórdia, as egrejas de S. Pedro Apostolo, S. Braz, S. Roque e outras.

Remontando-me aos antigos tempos, parece que vejo aquelle numeroso concurso de romeiros que vinham de todas as partes trazer as suas offerendas e render acções de graças!

Que festas, que de regosijos n'esses soberbos edificios, hoje convertidos em tristes restos!

Affigura-se-me ver ainda o inclito e talentoso padre Antonio Vieira ¹, do alto da tribuna sagrada, proferir o seu verbo de fogo contra o espirito do seculo; o virtuoso e incançavel bispo D. Frei Francisco da Cruz, reunindo, como Salomão, os operarios para a construcção da magnifica fabrica; mas vejo tambem o reverso do quadro, e sinto os meus olhos distillarem copiosos prantos, que protestam contra o meu enthusiasmo.

É a reminiscencia dos piratas que infestavam os mares por essa occasião (1712), chegando a saquear quasi toda a riqueza que havia na cidade.

Oh! se a gloria e a riqueza n'este pélagos de amarguras consiste em espoliar os outros, como a hyena que se ceva nos despojos mortaes, maldita seja a memoria de taes monstros.

B. Frederico (Santo Antão Cabo Verde).

CHARADA IX

Todas tres associadas,
prima, ultima e primeira,
não perfazem senão uma,
inutil sem companheira. — 2

Sendo boa, sou prezada,
todos me querem gozar;
sendo má, ninguem me quer,
alimento-me a voar. — 2

Se tarefa tens marcada,
mil negocios a tratar,
o todo d'esta charada
te fará talvez suar —

R. (Paredes de Coura).

¹ Na Sé cathedral de Cabo-Verde prégou o padre Antonio Vieira, parase-me que na sua viagem para o Maranhão.

Primavera. — Entra a primavera, e o nosso grande poeta, paraphraseando a ode de Horacio — *Ad Torquatum*, exclama :

Fogem as neves frias
dos altos montes quando reverdecem
as arvores sombrias ;
as verdes hervas crecem,
e o prado ameno de mil côres tecem.



Zephiro brando expira ;
suas settas amor affia agora ;
Progne triste suspira,
e Philomela chora ;
o céu da fresca terra se namora.

.....

Emquanto as officinas
dos Cyclopes Vulcano está queimando,
vão colhendo boninas
as nymphas, e cantando
a terra co'o ligeiro pé tocando.
Desce do aspero monte
Diana já cansada da espessura,
buscando a clara fonte,
onde por sorte dura
perdeu Actéo a natural figura.

Depois accrescenta, tirando d'aqui argumento para mostrar a instabilidade da vida humana :

Assim se vae passando
a verde Primavera e o secco Estio :
o Outono vem entrando,
e logo o Inverno frio,
que tambem passará por certo fio.
Ir-se-ha embranquecendo
com a frigida neve o secco monte,
e Jupiter chovendo
turbará a clara fonte,
temerá o marinheiro a Oriente ;
porque, emfim, tudo passa ;
não sabe o tempo ter firmeza em nada,
e a nossa vida escassa
foge tão apressada
que quando se começa é acabada.

Xaca, philosopho indio. — Os japonezes o olhavam como seu legislador.

Elle os persuadio que para ganharem o céo era necessario pronunciarem muitas e muitas vezes estas cinco palavras : *Noma-Mio Foren-Qui i Quio*, porem ainda não teve um unico interprete que podesse adivinhar a sua significação.

Este povo, ao qual *Xaca* ensinou a *Metempsicose* e a *Theologia* idolátrica dos chinezes, o collocou entre os deuses de primeira ordem.

Ha mesmo uma seita de Bonzes, na qual *Xaca* é olhado como o primeiro deus do imperio.

A historia de sua vida, diz, que sua mãe, estando para o dar á luz, sonhou que pariria um elephante com o lado esquerdo branco.

E eis a razão porque, em consequencia d'esta fabula, os reis de Sião, Tonquim e da China, eram extremamente apaixonados pelos elefantes d'este genero.

Os brachmanes dizem que este philosopho soffreu 80 mil vezes a *Metempsicose*, e que a sua alma passou para muitos animaes de diferentes especies.

Rufino B. F. Leal (Arruda).

JURAMENTO DE AMOR

MADRIGAL

Não te engano, Marília (repetia
o loiro Anfrizo á duvidosa amante)
amar-te-hei sempre. E d'este amor constante
o meigo juramento lhe escrevia.
Mas o pranto suave, que a ternura
aos olhos lhe chamava
da mimosa escriptura
as começadas letras apagava;
e p'ra maior desgraça, oh! sorte dura!
tentando renovar o que escrevêra,
pobre Anfrizo! já tudo lhe esquecêra.

D. Francisca de Paula Possolo da Costa

(Poesias)

LOGOGRIPHO V (ACROSTICO)

(POR LETRAS)

Emquanto o não fiz não soube. — 1, 10.

De isto havia na Turquia — 3, 12, 11, 10.

E se de o lançar approve — 11, 12, 13, 8.

Raro é haver de dia — 9, 10, 1, 4, 5, 6, 7, 8.

Vista que em ninguém houve. — 1, 2, 5, 3, 14.

Musical é esta agora — 6, 8, 13, 12.

Oma vez q'está rompendo, — 13, 2, 12.

Imagine-o quem se adora. — 5, 8.

Malvez o estejas comendo, — 11, 8, 3, 4.

O que é sempre antes da hora. — 3, 4, 11, 8.

Fui encontral-a em Paris, — 6, 7, 13, 12, 13, 14.

Vonde ia n'um colxão. — 1, 12, 5.

Oisa que mulher não diz, — 4, 11, 12, 11, 4.

Inherente ao mandrião. — 8, 6, 10, 8, 9, 2, 11, 12, 13, 4.

Meva vida não feliz. — 9, 8, 1, 11, 12, 13, 6.

De um poeta produção. — 4, 5, 14, 7, 11, 12.

Cum caminho encurtador. — 9, 4, 5, 11, 12.

Aalente... é de bota abaixo, — 9, 8, 3, 8.

Infunde ao nescio terror. — 1, 4, 5, 11, 12.

Dá similhaças de macho, — 12, 9, 5, 8.

O que ás brazas dá odôr. — 2, 5, 6, 4, 5, 9, 8.

Já lestes o logogripho?

Inda não 'stá decifrado?

Quereis agora o conceito?

É um *acto condemnado*.

G. da Silva Torres

D. Clementina da Silva Torres.

CHARADA X

Ao meu primo Augusto P. Amaral

Nas lagrimas ardentes que derrama
o pobre e lamentavel exilado
quando triste se lembra dos que ama,
da patria que deixou amargurado,
da terna esposa por quem o pobre clama,
no seu dormir por sonhos mil quebrado,
eu existo, e se lá não existira
taes prantos derramar jámais sentira — 1

E depois quando volta o exilado,
do desterro onde misero jazia,
para a esposa, que só de ter chorado
amortecidos olhos já trazia;
no sorriso me vês do esposo amado
e na mutua placida alegria — 1
Sim; ver-me-has n'aquelle grande amor
do qual a ausencia não murchou o ardor — 1

Agora tu, se o nome saber queres
da consorte do pobre desterrado,
poderei dizer-te só que entre as mulheres
é um nome formoso e namorado.
E se por satisfeito te não deres;
redobra d'atencção, toma cuidado,

Jorge de Vasconcellos (Runa).

Para não desconsolar ninguém.

— Havia um francez que dizia sempre quando se zangava com alguém:

— Seu pedaço de maroto! Você é o penultimo canalha que ha no mundo!

— Penultimo! porque é'elle só o penultimo? — perguntaram-lhe uma vez, ao que o francez respondeu:

— Penultimo, digo eu, *para não desconsolar ninguém.*
Já era caridade!

A DONZELLA E O POËTA

(FABULA)

DONZELLA

O meu album é um jardim ;
dás-me para elle uma flôr ?
estou certa que dizes «sim»
generoso cultivador.

POËTA

O teu album enfeitára,
cumpriria teu empenho,
se no meu jardim achara
melhores flôres que tenho.

Não se dão em meu jardim
a rosa, cravo, açucena,
jacintho, dhalia, jasmim,
tulipa, lilaz, verbena.

Vegetam n'elle sómente
chaga viva, rôxo lirio,
triste saudade, pungente
goivo, rosa de martyrio.

Não hei-de a chaga enviar-te,
pondo-t'em cruel tortura,
porque não sei indicar-te
o balsamo da sua cura.

O lirio diz — sentimento,
dôr funda do coração,
cruel, moral soffrimento.

Nada, nada, o lirio não !

Diz a saudade «rigôres»
e vedam conselhos sabios
que tão castos puros labios
libem taça d'amargôres.

Dar-t'um goivo não cumpria ;
é emblema de tristura,
que record'a campã fria,
a funérea sepultura.

Não te dou a flôr que resta,
porque rosa de martyrio
pode ser causa funesta
de bem funesto delirio.

DONZELLA

Um que as coisas considera
já um conselho me deu :
— para o seu album acceite
de flôres copia profusa. —

Mesmo as flôres que pondera,
alegre fosse, ou triste eu,
não eram melhor enfeite
que o conceito da recusa ?

Manuel Lopes Maia (Gavião).

Sopapos além tumulo!— Certo sujeito, que tem um filhinho, que dá indícios de ter o diabo no corpo, saio um dia de casa, zangadissimo, e entrando na de um seu amigo, perguntou-lhe: — Porque razão aquelle estupor do Cicero disse que os mais doces folares, que a natureza deu aos homens, são os filhos?— É porque Cicero (respondeu o amigo, que tambem lá tem os seus porquês) escreveu isso, quando voltou do desterro; e a um homem que acaba o seu degredo, a alegria tira-lhe a cabeça do seu logar. Ora leva lá para o tabaco, meu bom Cicero!... Vai dizer: *Quid dulcius hominum generi á natura datum est, quam sui cuique liberi?*

José Lopes Viegas (Olhão).

ANTES DO COMBATE

(Fragmento de Ossian)

.....
Ó chefe dos combates, meu pae, ouve do filho teu a supplica: retira-te d'aqui e vae juntar-te ao rei de Morven; tuâ gloria me cede. Se na guerra, eu succumbir, meu pae, d'aquella virgem, da filha de Toscar, que eu tanto adoro, te lembra, ó Ossian, vae consolal-a! Sim, eu a vejo triste e debruçada á beira do regato; as bellas faces afogueadas mostra; seus cabellos sobre o seio espalhados; da montanha em torno volve os olhos, e por Oscar ella chama e suspira. Se eu morrer diz-lhe, ó chefe, que fui para a collina juntar-me co'os heroes, e que minha alma embalada nas nuvens, a encontral-a, vôando na amplidão, irá depressa.

— Eleva, Oscar, eleva antes meu tumulo :
o combate ceder-te hoje não quero;
mas quero ao lado teu erguer meu braço,
derrubar inimigos, ensinando-te
a vencel-os brioso. Mas, ó filho,
se meus dias findarem, eu te peço
que em minha campa arvóres esta espada,
a ponta do veado, e este meu arco,
e, depois, com singela pedra escura
meu sombrio jazigo triste marca.
Nenhum ente me resta a confiar-te!
Evir-Allin perdi! A terna filha
de Branno generoso, para sempre
de mim é separada!

.....

D. Maria Adelaide Fernandes Prata
(Fingal — poema).

CHARADA-LOGOGRIPHO

(GRAMMATICAL)

O meu todo é substantivo,
um verbo será também;
do conceito da charada
ficam scientes. Pois bem,
se este todo dividirem
pelo meio em duas partes,
dois substantivos, dois verbos
acharão sem malas artes.
Tomando das letras todas
apenas cinco primeiras
tem-se um verbo; outro se faz
com as duas derradeiras.

Tirem seis e claramente
um substantivo verão,
e se ás avessas o lerem
outro ainda encontrarão.
Se depois das letras todas
tiram cinco em boas meças,
terão um verbo ás direitas
um substantivo ás avessas.
Agora invertam as letras,
tirem quatro, e a direito
se lerá um substantivo,
e um verbo do outro geito.

Ramos d'Abreu (Lisboa).

EDITAL DE UM FISCAL



Prohibe-se inteiramente que as cabras andem nas «ruas soltas» e que os «bodes tambem andem soltos nos dias de procissão;» prohibe-se que andem soltos os porcos, grandes e pequenos, e todos os mais animaes damninhos e ferozes.

Isto é de lei; e depois não digam que sou malvado.

Alvares da Cruz (Cachoeira — Rio G. do Sul.)

LOGOGRIPHO VI

Mulher sem par — 1, 2, 8, 4, 8, 6

No Tejo vês. — 1, 8, 7, 3

É linda flôr! — 4, 5, 6, 7, 3

D'este maltez.

A. M. N. (Alvito).

O Mestre d'Aviz e o Prior do Crato. — Ambos filhos naturaes e ambos clerigos, vivendo quando era ameaçada a patria, D. João, Mestre d'Aviz, e D. Antonio, Prior do Crato, assemelham-se.



Os loiros que cingem a fronte de D. João, nos fazem vêr n'elle um heroe! — Em Lisboa, defende-se heroicamente contra os horrores d'um assédio; em Aljubarrota, hasteia gloriosa a nossa bandeira sobre a ossada de um inimigo poderoso!

E o Prior do Crato? Porque passa tão ignorado na historia? Pois não se manifestou elle contra essa usurpação que, durante sessenta annos, tanto nos aviltára?

A nação, violenta e profundamente abalada pelo desastre de Alcacer, vê Castella aproximar-se! Debalde invoca as tradições d'um passado glorioso; e se alguns de seus filhos em cujo peito se aloja ainda o amor da patria, querem combater por ella, veem-se prostrados, sem forças!...

Ergue-se D. Antonio a propugnar por tão justa causa, mas fal-o recuar a espada do duque d'Alba. E o que podia elle com um exercito muito inferior ao castelhano, e

menos disciplinado, não tendo por si a espada d'um Nuno Álvares Pereira e não possuindo a pericia militar do Mestre d'Aviz? Eis porque foi derrotado junto á ponte de Alcantara.

D. João, favoreceu-o a sorte. — A nação queria-o, vio n'elle o seu defensor, e depois elegeu-o e proclamou-o seu rei! D. Antonio, perseguido pelo influxo de sua má estrella, vio prostrados os seus planos, esvaecidos os seus sonhos de poderio!... E por cumulo da infelicidade, foi acabar longe da patria, que em vão tentára salvar!

Recruta n.º 1.

SAUDADES

I

Eu quiz um canto entretecer de flores,
e as mais viçosas com ardor busquei;
tristes saudades e funereos goivos,
foram as flores que em minh'alma achei;

Ermo canteiro solitario e pobre,
aonde a esp'rança já não vem florir;
mas inda assim desprenderei meus carmes
que regam prantos d'um cruel sentir.

Alma tão q'rida que fugiste ao mundo,
e me deixaste só, entregue á dôr!
vem, inclina-te, escuta o triste canto,
meus tristes hymnos de saudade e amor.

Amor que como a nuvem te dissipas,
visão d'uma hora que não volta mais;
meus encantados sonhos de poesia,
o que é feito de vós, aonde estaes?

Longe, bem longe, onde só reinam trevas;
sumiram-se na escura cerração,
vivem na campa que o teu corpo esconde,
e deixaram-me em lucto o coração.

Diz-me, n'essa hora d'um soffrer tremendo,
em que a vida gelando expira alfim,
cruzou-te pela mente a minha imagem?
Diz — suspiraste uma só vez por mim?

Diz-me, no instante de suprema angustia,
quando a alma se libra e vóá a Deus,
no teu ultimo olhar que ao mundo déste,
não foi p'ra mim o derradeiro adeus?

Esta incerteza me tortura e esmaga;
porém, descança, ó alma minha irmã,
que o coração em tudo te adivinha,
e sempre me acompanha. De manhã,

Se acaso escuto o susurrar do vento,
que agita as flores n'um perpassar veloz,
ou o regato que a meus pés deslisa,
eu julgo ouvir-te o meigo som da voz!

Quando á tardinha, ao despedir do dia,
eu vejo a lua despontar sem véo,
supponho ver a tua fronte pallida,
no astro lindo que illumina o céo.

Se por noite alta suspirar escuto
no denso pinheiral que se ergue além,
evoca-te minha alma em sobresalto,
e digo: eis chega! visitar-me vem!

Descança em paz! E deslisa e ó lagrimas
d'acerba mágua, que me vem pungir;
cedo, bem cedo me verás comtigo,
que eu sinto a vida para ti fugir.

Dona G. C. (Lisboa).

● **Mosteiro d'Alcobaça.** — Foi edificado por D. Afonso I em cumprimento do voto que fez pela tomada de Santarem aos mouros. A primeira pedra foi lançada por este rei, e a segunda por seu irmão D. Pedro Afonso em 2 de Fevereiro de 1148.

Da primitiva pode dizer-se que nada resta, porque em 1195, reinando D. Sancho I, *Miramolin* degolou os munges e destruiu o edificio, que depois foi reformado com maior grandeza. A reedificação terminou em 1220, reinando D. Affonso II; D. Diniz edificou-lhe um excellente claustro; D. Manoel ampliou a capella-mór, a sacristia e o coro, exemplo que imitaram os seus successores.

O portico da igreja é magnifico; e a igreja tem 18 columnas que vão formar o tecto.

A *sala dos reis* era riquissima não só pelo trabalho, como pelos objectos de valor que tinha; n'ella está a celebre caldeira de cobre que tomámos aos castelhanos na gloriosa batalha d'Aljubarrota a 14 de agosto de 1385. Na *sala dos tumulos* estão os restos mortaes de D. Affonso II, D. Affonso III, D. Pedro Affonso, irmão do fundador, e das rainhas D. Urraca D. Brites, e D. Ignez de Castro, que em geral são obras de primoroso trabalho artistico, especialmente os de D. Pedro e D. Ignez de Castro. N'estes, posto que em 1808 os francezes lhe partissem alguns bocados (imaginando encontrar algumas joias) ¹, pode ainda admirar-se o primor, com que foram lavrados.

O altar-mór, que é edificante e tem figuras riquissimas, possuía algumas de prata de tamanho natural, mas essas... desapareceram; é cercado de oito capellas construidas por D. Manuel, e posto que o seu trabalho seja de talha dourada, acha-se ainda em soffrivel estado. D'estas a principal é a do Senhor Jesus dos Passos, cuja imagem é uma perfeita esculptura. Tem tambem alguns quadros de valor.

O côro é do seculo XIV, e passa por obra de muito merito entre os entendidos.

A sacristia é d'um trabalho que em poucas partes se pode admirar; o tecto é de labores riquissimos, a mobilia é de ebano, com embutidos de madreperola e marfim.

Mas tudo isto, meu Deus! em que estado!

O convento era destinado a alojar centenaes de frades; cercava-se de cinco formosos claustros, por meio dos quaes passa o rio Côa, e estendia o seu poder a treze villas e tres portos de mar. A *sala da livraria*, obra prima do

¹ Não foram só os tumulos que partiram, demoliram tudo o que poderam, e não contentes ainda, lançaram o fogo ao convento, de que felizmente só ardeu uma capella.

nosso seculo, continha uma magnifica bibliotheca, talvez das primeiras do paiz, e algumas obras d'arte, havendo entre ellas alguns quadros que se attribuem a Grão Vasco. Estes foram para a Academia das Bellas Artes de Lisboa, e o resto foi *caridosamente* transportado para a capital, encontrando-se ainda hoje as estantes, e com ellas uma grande parte dos livros, nas catacumbas do palacio das côrtes. No mosteiro d'Alcobaça floresceram entre outros escriptores de boa nota, Fr. Bernardo de Brito, e Fr. Antonio Brandão, o grande historiador do seculo XVII.

N'uma parte do convento que não é destinada ao culto religioso, estão hoje: a Camara Municipal, Repartição de Fazenda, Administração do Conselho, Conservatoria, Tribunal judicial, Cadeia, Repartição de pesos e medidas, Aula regia, Theatro, e n'um dos jardins dos claustros houve ha annos uma praça de touros!... O resto do edificio serve de palheiros, cavallariças, deposito de madeiras (!!!) etc. As cellas são hoje dormitorio de muitas familias pobres da villa. Dentre em pouco tempo de tão grandioso monumento só existirão ruinas !!

Resta-nos ainda fallar da cosinha. É digna do tão grandioso edificio; tem 32 metros de comprimento por 14 de altura; passa pelo meio d'ella um braço de rio Côa, tem tanques e grandes mesas de marmore.

No tempo dos frades sustentavam estes 200 pobres e mais. Ainda vivem algumas pessoas d'esse tempo e que maldizem os que deixam arruinar a este pento um mosteiro que no seu genero era seguramente o maior de Portugal.

«Se podesse, dizia um distincto escriptor, com um sopro de vida levantar as cinzas de seus antepassados, ellas tremiriam de indignação e terror, vendo n'aquelle estado o edificio que erigiram com intuitos tão piedosos e tão santos.»

Manuel Vieira Natividade (Alcobaça).

Má lingua. — Passeiavam dois amigos, e apontando um d'elles para um grande palacio, que tinha feito um ministro, disse:

— Este não foi dos seus passados.

— Não; foi dos presentes, respondeu o companheiro.

LOGOGRIPHO VII

À eminente logographista a Ex.^{ma} Sr.^a D. Annalia Vieira do Nascimento

N'um jardim, aonde as flores
eram lindas, d'encantar :
qual seria a mais formosa,
começam a disputar.—3, 7, 8, 2, 4, 3.

Todas q'riam ser rainha,
cada uma a palma queria ;
e seus lindos predicados
expunham com ufanía.—9, 8, 1, 2, 9, 5.

Suas sympathicas côres
algumas patenteavam ;
olores gratos, inebriantes,
estas de si exalavam.—9, 5, 4, 9, 6, 4, 1, 9, 5.

Nenhuma d'ellas cedia ;
dando sempre á taramela,
cada uma se mostrava
mais seductora e mais bella.—3, 7, 1, 9.

Appar'ceu, então, no campo
animada, linda flôr ;
e logo ao vê-la, d'inveja
succumbem, perdem a côr !

José Carrilho Ayres Garcia (Almodovar).

D. Filippa de Vilhena. — Preparava-se o grande movimento nacional, que devia n'um momento quebrar as cadeias, com que nossos pulsos algemava a Hespanha. A patria espesinhada e agonisante implorava de seus filhos sublimes feitos de heroismo, para levantar-se da degradação, em que a pozeram sessenta annos de captiveiro.

A agitação crescia, e os conjurados redobravam de esforços, para o feliz exito de sua arriscadissima empreza. O santo amor da liberdade inflammava todos os corações.

Entre os feitos heroicos, praticados pelos nossos avós n'essa arrojada empreza, avulta o acto de heroismo e dedicação d'uma senhora, cujo nome desde então ficou archivado nas mais brilhantes paginas da historia patria.

É D. Filippa de Vilhena, condessa de Athougua. Sabendo o patriotico feito que se preparava, volve os olhos para a espada de seu marido, como ella, viuva. Aquella espada, ennobrecida pelo conde de Athougua nas guerras da India, não devia em occasião tão solemne ficar na bainha. Seus filhos eram ainda imberbes ; mas que importa ? para os fidalgos d'aquellas eras, o dever de defender a patria não se media pela idade, mas pelo sangue.

A nobre senhora tomou uma resolução magnanima. Sacrificando a ternura maternal no altar da patria, abraçada em frenetico enthusiasmo pela autonomia nacional, offerece seus filhos aos conjurados, não querendo perder a occasião de os augmentar em honra, com tão heroico feito.

Chama-os, veste-lhes as armas ; e entregando ao mais velho, D. Jeronymo de Athayde, a espada de seu pae, diz-lhes : «Ide, meus filhos, libertar a patria ; se as forças e o sexo m'o permittissem, de boa vontade vos seguiria, para vencer, ou morrer comvosco, pelo bem de meu paiz.»

P.º José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Annuncio do «Harper's Review».

— «A quem mandar seis vintens em dinheiro e nota da sua idade, côr dos olhos e dos cabellos, remetter-sê-ha pela volta do correio uma correcta photographia do seu futuro marido, ou da sua futura esposa, com o nome d'elle ou d'ella, e a data do casamento. Carta a W. Fox P. O. Drawer, 42, Fultonville, N. Y.»

Acreditem que não é pèta !

Que terra para maravilhas, que não é esta de Nova-York !!

Gentilezas dos Balantas.— Balantas, ou Balandras, se chama um povo da Guiné portugueza, que habita, entre outros territorios, na margem direita do rio Geba, junto ao reino d'Antulla, na ilha de Bissáo.



Não tem regulos, como os outros gentios, mas formam uma como confederação, em que os grandes são os mais refinados ladrões, a quem todos respeitam, e os que tem mais numerosa descendencia masculina. O caso que vou relatar, mostra o atrazo e a indole d'estes miseraveis.

É costume e uso inveterado entre elles, fazerem grandes demonstrações de pezar na morte dos parentes mais proximos ; estas são manifestadas por grande numero de tiros, maior de garrafas d'aguardente, que se bebem, e matança de vaccas.

Ha pouco mais de um anno, existia e deve existir ainda, um homem de 50 ou 60 annós, cuja mãe talvez não fosse menos de centenaria ; ora, o piedoso filho, re-

ceando morrer primeiro do que ella, e não ter por isso o gosto de patentear o seu sentimento pela sua morte, todos os dias a collocava ao sol para se mirrar mais depressa, até que para encurtar o tempo carregou uma espingarda, e, arrepiá dizel-o, a sangue frio a disparou sobre a pobre, que lhe dera o ser!

Apenas a mãe cahio exanime começou o filho a chorar em altas vozes, e ás lastimas seguiram-se os funeraes, que duraram uns poucos de dias, e que consistiram nos desordenados festejos a que já me referi.

Marcellino da Costa Ribeiro (Guiné).

BARBAROXA

(VERSÃO DE RUCKERT)

O imperador Frederico,
Barbaroxa nomeado,
em castello subterraneo
existe como encantado ;

Elle vive ainda hoje,
(nunca deixou d'existir),
mas no castello encantado
vive só para dormir.

Levou comsigo do reino
a grande magnificencia,
e ha de voltar ainda
depois de bem longa ausencia.

É de marfim a cadeira
onde o imperador se senta,
é marmórea a grande meza
onde sua fronte assenta.

Sua barba não é branca,
mas sim tem do fogo a côr,
e já atravessou a meza
em que sóe o queixo pôr.

Com somno abana a cabeça,
pisca o olho meio aberto,
e a um rapaz faz signal,
quando passa tempo certo.

« Vai fóra, anão do castello »
lhe diz o velho em turpor,
« e repara se inda os corvos
voam do monte ao redor ;

E, se por acaso os corvos
ainda lá estão a voar,
deverei eu encantado
outros cem annos ficar. »

C. da Fonseca (Aveiro).

ENIGMA IV

(POR LETRAS)

Minha primeira é primeira ;	A quinta no livro está ;
a segunda e a terceira	a terceira é sexta, olé !
são o mesmo — tal e qual ;	e a setima, que o fim dá,
a minha quarta é vogal.	igual á primeira é.

O meu todo ná excellencia
para a poesia pendeu.
Procura n'este Almanach
o meu nome. Quem sou eu ?

P. B. de Saes (Santos — Brazil).

A Virgem da Confiança. ¹ —

Astro de luz na senda espinhosa da vida ! estrella brilhante nas vagas ondulantes da noite, brisa que passas na estação calmosa, esperança do nauta nos precipícios do mar, guia do christão no labutar da vida humana, eu te saúdo e te venero, Senhora ! Lá n'essa habitação celeste, d'onde vélas por nós, não queiraes, desamparar-nos n'este valle de lagrimas ; e não te esqueças de nós, ó Mãe dos peccadores ; mas attende-nos, Senhora, nas nossas afflicções, tu que és a consolação dos afflictos, como ainda hoje te canta a Igreja. Aqui tens este humilde servo, filho teu, que em nome d'aquella, que ainda ha pouco jazia no leito da dôr, vem hoje á tua presença tributar-te um eterno reconhecimento, e aconselhar a teus filhos, que chamem sempre por ti nas suas afflicções, porque tu ouvil-os-has ; *petite et accipietis* ; pedi e receberéis, diz S. Matheus. Todos nós, meus irmãos, sabemos que a vida é mais ou menos cortada de dôres, porque tem momentos mais ou menos amargos ; mas em taes circumstancias en-

¹ Extracto de um sermão de um voto prégado a Nossa Senhora da Confiança, que se venera na sua capella na freguezia de Pedrogam Pequeno, na mais alta montanha da margem esquerda do rio Zezere.

contramos auxilio na protecção de Maria. Recorramos pois a ella, e ouvir-nos-ha, assim como ouviu aquella piedosa mulher, que se vio ás portas da morte, triste, pallida, cadaverica, quasi sem alentos, mas não sem esperança, porque com ella invocou a que é refugio de todos os peccadores, e mãe de todas as misericordias.

.....

Albino S. D. C.

A THOMAZ RIBEIRO

Bem hajas ! rei da poesia
que espargiste luz celeste
na sombra que m'envolvia ;
e qual risonha esperança
apontaste-me a bonança,
apoz tormentosa lida,
na minha patria querida,
nosso amado Portugal.

Se me é tão doce a certeza,
de que do exilio, no olvido,
póde echoar um gemido,
na minha terra natal ;
vê que suave surpresa
foi o saber que os meus versos,
fragmentos d'hymno, dispersos,
do livro da criação,
subirão a ti, poeta !
a ti, que cingiste a fronte
com louros immarcessiveis
de soberano condão ;
a ti, que dás n'um sorriso
idéas do Paraíso,
esperanças de perdão,

ás almas mais insensiveis,
ao mais duro coração.

Eu sei de cór os teus versos ;
escuto nos — *Sons que passam*
a tua voz inspirada,
qual harpa ao longe vibrada
pela mão dos serafins.
Oh ! invejo os que te cercam
e que entre risos e encantos,
uma grinalda te offertam
onde festivos, se abraçam,
lirios, rosas e jasmims.

E foi lembrarte o meu nome
o de um irmão que adoraste ?
outro tempo em que sonhaste ?
uma ventura ? um affecto ?
meu nome foi indiscreto,
mas implora o teu indulto ;
se afastaste a noite densa
em que buscava um abrigo ;
conserva-o sempre contigo,
que estando em teu seio occulto,
não quer maior recompensa.

D. Adelina Amelia Lopes Vieira (Rio de Janeiro).

Flór da Rosa. — Acha-se situada n'uma planície, a um kilometro de distancia para sul da historica villa do Crato; os seus arrabaldes não são dos mais agradaveis, por isso que não possuem mimosas vinhas, hortas e pomares, que tanto embellezam as terras que povoam; comtudo os campos são cultivados e bastante productivos.

Ignora-se a data da sua fundação, mas suppõe-se que tivera começo no principio do reinado de El-Rei D. João I.

Tem um formoso templo acastellado, de architectura toscana, mas acha-se ha muito deteriorado, e a sua maior ruina proveio-lhe das tropas francezas o haverem transformado em aquartelamento. No interior da igreja estão collocados dois tumulos de marmore de soberbo lavor; um situado no cruzeiro, e outro na entrada da capella mór; teem ambos inscrições gravadas, porém torna-se difficul-tosa a leitura por se acharem demasiadamente sumidas. É natural, e creê-se, que pertencem a familias distinctas.

Os seus habitantes são laboriosos, e occupam-se quasi em geral, no fabrico da louça de barro, sendo esta tão solida e tão perfeita que talvez rivalise com a que se fabrica em Extremoz.

Fazem-se annualmente n'esta povoação tres feiras, uma em janeiro, outra em março e a ultima em agosto; a qualquer d'ellas concorre gado de todas as especies, principalmente o suino, e bem assim generos de diferentes industrias. Na provincia do Alemtejo passam como mercados de primeira ordem. As mulheres teem dois trajos, um é o do uso domestico, e outro é o de ver a Deus, como ellas lhe chamam; aquelle iguala-se nas suas fórmãs ao trajar de qualquer dos nossos povos, mas este é realmente exquisito; vestem uma saia de panno preto e cobrem a cabeça com uma mantilha da mesma droga e côr, deixando cair sobre o rosto um véo que nos faz lembrar uma parodia feita a antigas avós.

A virgem invocada com o nome de Senhora das Neves

é muito venerada pelos aldeões, que lhe fazem com a maior pompa uma festividade annual, havendo na vespera grande arraial nocturno.

Alfredo Augusto de Brito Moutinho.

CHARADA XII (ADDICIONADA) ¹

(POR LETRAS)

Elle — de vêr um homem comendo — sentado sobre
uma — de tábuas, e tendo ao lado as — de Camões.

CHARADA XIII (ADDICIONADA)

(POR SYLLABAS)

Ora — fuja d'essa — antes que lhe dê algum —.

Joaquim A. de Sousa Telles de Mattos (Evora).



O MALDIZENTE

(Tradução do grego)

Tu, que com a lingua fêres, monstro és,
não animal; c'os dentes fere o cão,
co'a ponta o cervo, tu cervo não és;
o leão co'as unhas, tu não és leão.
E se leão, ou cão, ou cervo és,
se leão, vai-te onde os leões estão,
se cão o mesmo leão te despedace,
se cervo, o mesmo cão te corra e cace.

Dr. Antonio Ferreira.

¹ O artificio d'estas charadas, é exactamente o inverso das decapitadas, que se adivinham por subtracção successiva de letras, ou syllabas, emquanto que estas se decifram por addição de letras ou syllabas. por isso que o seu author lhes chama *addicionadas*, ou *addidas*.

Receita para casamentos. — Dizia um sujeito muito nosso conhecido, que quem quizesse casar as filhas as devia mostrar, levando-as muitas vezes não só a passeios, praias e theatros, como de quando em quando a visitar outras terras, para que bem as vissem, porque os santos de casa nem sempre fazem o milagre. Em confirmação d'esta doutrina, tambem n'uma comedia hespanhola dos fins do seculo xvii — *La dicha por el desprecio*, encontramos os seguintes versos, que o author põe na bocca de Florela, uma espiritada que sabia bem o que lhe convinha. Dizia ella :

Qui si todas las mujeres
aguardan á que las vean,
las sirvan, las enamoren,
las requiebren y pretendan,
casaránse tarde, ó nunca ;
que si un platero á su tienda

no sacase cada día
las joyas y las cadenas,
y las tuviese encerradas,
sin hacer mas diligencia,
como era posible hurtarlas,
era imposible venderlas.

LOGOGRIPO VIII

À distincta logogriphista Ex^{ma}. Sra. D. Adelia Josephina de Castro Fonseca

Offereço-vos, Senhora,
em signal de gratidão,
este simples logogripho
de facil decifração.

Se a quarta repetes, em brandos affagos
divago nos lagos, nos mares talvez ;
não sou brasileira, porém africana,
tambem indiana se acaso me crês.

A tércia e primeira — furor inclemente
na seita do crente fatal Mahomet ;
mas quarta com tércia — socego, humildade,
e até santidade nas azas da fé.

Tu vês um adverbio nas duas primeiras,
mas nas derradeiras no verbo o verás ;
a prima um adverbio tambem foi outr'ora,
porém d'ella agora ninguem caso faz.

CONCEITO

Não zombem do suicida infortunado...
A vida foi-lhe um carcere de angustias...
Amargas provações de negra sina,
escarneo, zombaria, vilipendios,
apupadas crueis da plebe insana,
tudo, tudo soffreu resignado,
sem desprender um timido queixume...
Amava... e, n'essa idéa encantadora
de febre e de loucura, resumia
um mundo inteiro de ventura e sonhos!
Descuidoso da sorte que arrastava,
vivia só por *ella*... Contemplal-a,
ouvir-lhe a voz cadente, harmoniosa
como um gorgeio d'ave, soccorrel-a
no imminente perigo, e ter em paga
um olhar, um sorriso, um nada apenas
d'aquella por quem dava a propria vida,
eis toda a aspiração que palpitava
n'aquelle coração sincero e puro
como um beijo de mãe! Não zombem d'elle
Cumprio na terra seu fadario inglorio,
e foi viver no céo — patria dos justos.

D. Annalia Vieira do Nascimento.
(Portalegre — Brazil).

Nomes arabicos. — Pela historia dos arabes, que dominaram a Hespanha, sabemos que era costume entre elles dar sempre, ou quasi sempre, a suas filhas, nomes de significação agradavel. Ahi vão alguns para comprovar o que dizemos.

Sobeiha, aurora; *Radhia*, aprazivel; *Noeima*, graciosa; *Saida*, feliz; *Soeida*, venturosa; *Selima*, pacifica; *Amina*, fiel; *Zahra*, flor; *Zahira*, florida; *Borihá*, clara; *Safa*, pura; *Naziha*, deliciosa; *Kinza*, thesoiro; *Lulu*, perola; *Maliha*, formosa.

As flores. — Leva-nos muitas vezes o pensamento para um campo florido, ou para um jardim cultivado.

Que esmalte ! que côres ! que perfumes ! que riqueza !

frescor, e com todo o seu brilho : ha porventura entre homens tintas tão vivas e



Colhemos ao acaso a primeira flor que nos cae debaixo da mão ; vem cheia de

tão doces ? A purpura dos reis, comparada á sua finissima contextura não é senão um cilicio grosseiro.

Ainda que seja pouco bella, poder-se-ha imaginar n'outra coisa uma tão grande symetria como no seu todo, uma tão regular ordenança como nas suas folhas, uma tão grande exactidão como nas suas proporções ?

Porém, esta flor que de manhã é tão bella, murchará até á noite ; amanhã será queimada pelos raios ardentes do sol, penderá no outro dia sem vigor, e sem brilho.

Assim é a sorte do homem, o mais perfeito, o mais illustrado, o mais engenhoso, o mais rico de gloria !

Arthur d'Andrade (Chaves).

Injurias. — Dá prova de uma grande alma, dizia Confucio, o que as paga com beneficios.

Ericeira. — A 40 kil. ao S. de Peniche, sobre um pequeno golpho, na costa do Atlantico, está situada esta pequena e antiquissima villa, de cuja origem não ha noticia. O matreiro Philippe II, usurpando-a a D. Antonio prior de Crato, filho natural do infante D. Luiz, deu-a a Luiz Alvares de Azevedo, de juro e herdade, passando por morte d'este a uma sua filha, religiosa do convento de Odivellas. D. Diogo de Menezes, a quem Philippe IV fez primeiro conde da Ericeira em 1 de março de 1622, comprou-a com as respectivas rendas, direitos de peixe, etc., á abbadessa do mesmo convento, pela somma de 8:000 cruzados. O palacio, dos côndes da Ericeira, que nunca chegara a concluir-se, existe ainda em ruinas na rua do Paço da mesma villa. O tronco d'esta illustre familia que se distinguio por tantos titulos, foi D. Fernando de Menezes, cognominado o *Roxo*, pae de Henrique de Menezes, vice-rei da India.

A Ericeira assenta sobre uma rocha elevadissima, minada na base pelas ondas. O porto chamado da *Ribeira* forma um reconcavo quasi circular, orlado de grandes rochedos, deixando aberta uma estreita garganta, onde aportam embarcações de pequeno lote. Fica-lhe ao lado um pequeno forte, que o desamparo e acção do tempo têm posto em completa ruina. Foi mandado construir por D. Pedro II, pelos annos de 1700.

No calçamento das ruas e acceio exterior das casas, leva a Ericeira as lampas ás praias mais concorridas das cercanias de Lisboa.

A origem do seu nome provém de *ouriço*, que tanto abunda em toda a sua costa, e a que antigamente se chamava *eyriço*.

Conta 5 egrejas: a de *S. Pedro*, orago da freguezia, reedificada no seculo passado, concorrendo para isso com avultada esmola o sr. D. João V; a *Misericordia* (outr'ora do Espirito Santo), fundada em 1678 por Francisco Lopes Franco, tendo um pequeno hospital com bons rendimentos;

a de *Santa Martha*, no extremo S. da villa, em cujo largo tinha logar antigamente a feira de S. Thiago; e as de *S. Antonio* e *S. Sebastião*, de acanhadas dimensões e quasi abandonadas.

No edificio que outr'ora servio de cadeia e casa da camara, hoje reedificado, estabeleceu-se no reinado do Sr. D. Pedro V, de saudosissima memoria, uma escola regia para o sexo masculino, sob a direcção do intelligente professor, o Sr. Joaquim Elysiario Ferreira. É actualmente frequentada por cerca de 400 alumnos.

Além da espaçosa praça de D. Luiz e largo de S. Antonio, situados nos mais bellos pontos da villa, e onde afflue grande numero de pessoas nas calmosas noites de estio, tornam-se notaveis os passeios das Furnas e S. Sebastião, d'onde a vista abrange toda a risonha e garrida Ericeira, envolta no seu manto de resplendente alvura, a mirar-se vaidosa no azulado espelho das aguas.

Os ericeirenses são geralmente affaveis e hospitaleiros, amigos do trabalho e de indole pacifica. Pode dizer-se, sem medo de errar, que d'esta mimosa pérola do Atlantico tem sahido os mais affeitos e intrepidos marinheiros de todas as costas do reino.

D'este singelo cantinho do meu Portugal, onde me fugio a mais fagueira quadra da vida entre os risos e as alegrias da descuidosa infancia, falla-me a doce e branca imagem da saudade avivando-me n'alma a dôr que tanto atormentou o desditoso Ovidio, no seu desterro do Ponto.

Eduardo Mattos (Portuguez — Pernambuco).

CHARADA XIV (NOVISSIMA)

Ao Ill.^{mo} Sr. Simão Navarro

2, 1. — Este liquido aperta este insecto.

D. Joanna Tavares (Covilhã).

LOGOGRIPO IX

(IMITAÇÃO)

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelia Josephina de Castro Fonseca (Bahia)

A terceira com a quarta,
com outros, que muitos são,
vê-se tranquillo entre ursos,
entre cães, entre um leão!

A minha sexta invertida,
se na primeira acabar,
veio á luz ha muitos seculos
para alegria nos dar.

A quinta com a segunda
é téla para vestir ;
tecido pouco encorpado
nada custa a descobrir.

Sem inverter quarta e quarta,
mas sómente repetida,
já foram moda, mas acho
ser *coisa* mui divertida...

Não varreu muito miolo
a segunda após a quarta ;
mas tem sido vasculhada
por impostores á farta.

A quarta com a primeira
do côro celestial
não consta que fosse expulso,
qual outro genio do mal.

Seu nome figura nos fastos d'Athenas,
no tempo famoso da Grecia immortal :
irmão de bastantes em feitos preclaros,
não é d'elles todos o mais colossal.

Uma senhora conimbricense.

Guarda avançada original. — O azeite, o inoffensivo azeite, que tanto nos delicia o paladar, e que é indispensavel em grande numero de *pitêus*, não tem sido, como o petroleo, um agente poderoso para horripaveis devastações, taes como as de Paris, Carthagen a e Alcoy, mas tambem já representou um papel importante no seculo XIV na foz do Guadalquivir. Eis o caso :

Partira de Lisboa a esquadra portugueza, enviada por D. Fernando I. contra Henrique II, o *heroe de Montiel*; fôra confiado o commando ao almirante Lançarote Pessanha, que se limitára a fazer cruzeiro nas alturas de S. Lucas de Barrameda por mais d'um anno, causando todavia

serios prejuizos aos castelhanos. Aproximara-se o inverno, por fatalidade rigorosissimo. A esquadra vergava sob o peso de um desanimo incrível, e, apesar de todos os cuidados de D. Fernando, definhava-se de frio, de fome e de doenças. Tal era a intemperie da estação! Em tão criticas circumstancias resolve o almirante entrar no rio, e vae a esquadra lançar ferro a bastante distancia da foz. Apparece inesperadamente a esquadra hespanhola sob o commando do celebre almirante Boca-Negra, e os nossos ficam perfeitamente bloqueados, mas... *para grandes males, grandes remedios!*

Lançarote havia, dias antes, apresado dois navios, cuja carregação constava de pipas de azeite.

Tem a luminosa idéa de lhe lançar fogo, e por meio da corrente do rio, arrojal-as ao inimigo; á concepção da idéa segue-se a immediata execução, e Boca-Negra, á vista de tal *guarda avançada*, teve de se fazer ao largo. A esquadra portugueza, precedida pelo azeite em chammas, passa incolume em presença do inimigo!

M. J. da Cunha Brandão.

VIDA POR AMOR

És linda, meu anjo, tão meiga, tão bella
qual candido lyrio, qual rosa d'abril;
faz pena que o sol em seu fogo te creste,
e vêr-te assim presa d'acesso febril.

Ó pallida rosa! Podessem meus votos
ás faces voltar-te o perdido rubor!
Podessem meus annos c'os teus ajuntar-se,
e a vida te dera par troca d'amor.

D. Maria da Gloria Ferreira Guerreiro
(Vizeu — Fragozella)

CANTA!

Ai! quantas vezes, ó triste,
esse teu saudoso pranto
desafogaste no canto!

Ai! quantas vezes sentiste | Ao cantar-te acode a infância
mais precisão de chorar!... | com seus sorrisos e flores;
Ai! canta, canta, que ha prantos, | feres notas que te fallam
no teu plangente cantar! | como fallavam amores.

Outras são suspiros d'alma,
mas todas tem seu gozar...
Ai! canta, canta, ave triste,
quando quizeres chorar.

Camillo Castello Branco
(*Ultimos Versos*)

ENIGMA V



Guilherme d'Alcantara G. de P. (Bragança).

Ponta do Sol — Ao *Ex.^{mo} Sr. Nuno Pestana.*

— Esta villa e freguezia é uma das mais pittorescas e apraziveis da nossa perola do Oceano. — Está situada na costa de cima, sul da ilha da Madeira, e d'ista 25 kilometros ao oeste do Funchal. Tem por brazão d'armas o sol em campo azul no meio do escudo, cercado da inscripção: «*Benedictus Dominus Deus Israel, quia visitavit fecit redemptionem,*» e o seu foral foi concedido por El-Rei D. Manuel em 4 de julho de 1515. A sua população é de 7:056 habitantes; e a de todo o concelho de que ella é cabeça de 16:707. O seu porto é pessimo, tendo-se comtudo ultimamente construido a expensas do governo um bellissimo caes, que se torna quasi desnecessario, por isso que nenhum barco pode aportar a elle á mais leve agitação das ondas. É porém mais uma obra de recreio para os habitantes. Em seguida a este levanta-se, em altura grandiosa, um immenso rochedo denegrado, que, similhando colosso impassivel, parece ameaçar quem pela primeira vez ali desembarca. Tem o seu porto mui poucos barcos de pesca; possuindo todavia uma boa praça de peixe, mandada levantar pela actual vereação, de que é presidente Francisco Antonio d'Ornellas. O peixe é pouco, porém afflue dos diversos pontos da ilha.

Ha n'esta villa e freguezia uma igreja matriz com invocação de Nossa Senhora da Luz, e diversas ermidas; ~~uma~~ fabrica de assucar, a vapor; varios tearos domesticos de lã e algodão, e duas escolas regias de instrucção primaria, sendo uma do sexo masculino e outra do sexo feminino.

Além dos paços do Concelho, encontram-se ali varios predios de gosto moderno, sendo talvez o principal o do sr. Januario Ferreira, fronteiro á rua ou estrada que da villa se dirige aos sitios das Adegas e Monte.

O seu clima é bastante ameno e o solo é fertil, abundando muito em cereaes, canna doce, e saborosissima fructa. A pequena distancia da villa, no sitio do Piquinho, onde gratas e suavissimas recordações me prendem parte

da vida, é bello contemplar as innumeráveis e graciosas perspectivas que a fértil natureza nos apresenta.

As arvores fructíferas, que revestem as alcantiladas penedias d'este sitio; os aromas e fragranças das flores; as lindas vivendas, cobertas de colmo, que se levantam nos outeiros e montes; a vastidão do Oceano, que d'ali se divisa, tudo nos extasia e nos prende a imaginação para a elevarmos aos pés do Creador!

Vaz Martins (Camara de Lobos — Madeira).

O TEU CABELLO

Ai! Rosinda, quando miro
os anneis do teu cabello
assetinado e tão bello,
arfa-me o peito, suspiro.

Dás-me uma trança, Rosinda,
das tuas madeixas d'oiro?
Adoro o cabello loiro!...
e não t'o dissera ainda.

Gostava de unil-o a mim!
beijal-o! chamar-lhe meu!
Que queres... se vejo o céo
nas tranças do cherubim!...

Porque me negas a trança,
das tuas madeixas d'oiro?
adoro o cabello loiro,
os caracoes de creança!

Se 'ao menos dar-me quizesstes
uma onda d'essas madeixas,
em paga d'estas endeixas
talvez ventura me désses.

Francisco Jacobetty.

O amor e o casamento. — O amor é physica; o casamento é chimica. No amor, como na physica, ha a attracção de duas almas. No casamento, como na chimica, ha a sua fusão. Estas definições são da *Estrangeira*, a nova peça de Dumas filho, que fez tanta bulha em França.

MENESTREIS DO TYROL



Cantamos longe da patria
que alegre nos vio nascer;
mas cantamos a chorar!...
Nosso fado é padecer!...
Vivemos para cantar,
cantamos para viver.

Só depois de haver corrido
por essas terras estranhas,
se apreciam as montanhas,
do nosso bello paiz!
É só lá que o céo existe,
é só lá que se é feliz.

Só na patria se respira!
ella é só que nos inspira!
é só lá que ao som da lyra
pode o bardo, o trovador,
com delicia e com amor,
seus cantos acompanhar!
Ai! montanhas do Tyrol!
é só lá que brilha o sol!
só lá sabe o rouxinol
com ternura gorgear.

À MEMORIA

DO

CONDE DE PORTO ALEGRE

I

Jaz morto o bravo Conde! Peito ingente,
affeito ás lides de aguerridas pugnas,
não sente a vida palpitar-lhe ardente,
não mais s'inflamma de spartano ardor!
Jaz morto o bravo Conde! A patria em lucto,
banhada a frente de eternal tristeza,
paga-lhe agora maternal tributo
chorando o luctador!

Impassivel heroe, que tinha n'alma
sagrado fogo a crepitar sem termo...
Na frente augusta, resplendente e calma,
brilhou-lhe a c'rôa d'immortaes laureis!
na vanguarda das bellicas cohortes
tinha a victoria a scintillar no gladio,
tomando praças, assaltando fortes
dos imigos crueis!

Á coragem sem par de um Leonidas
juntava de Aristídes a virtude;
em Moron, Tuyuty, luctas renhidas,
vio as hordas brutaes cair-lhe aos pés!
Agua inundada nos clarões da gloria,
elevou-se das honras ao fastigio!
foi grande nos applausos da victoria!
foi grande no revez!

Ao rapido fulgôr das bombardeiras,
aos terriveis embates da metralha,
commandava as belligeras fileiras
inundado das chammas do canhão!

Affrontando da morte os mil perigos,
destruindo abatizes dos vallados,
desfraldava nas plagas de inimigos
brazileo pavilhão !

III

Tal foi a vida heroica do guerreiro,
que envolveu-se da morte em fundo abysmo
sem ouvir, no suspiro derradeiro,
o bramir dos canhões, que tanto amou !
Typo severo dos romanos vultos,
peito expansivo em sentimentos nobres,
que á liberdade consagrava cultos,
a campa nos roubou !

Á sombra dos cyprestes funerarios
repousa o forte, que viveu de luctas,
infundindo na mente dos contrarios
respeito á valentia da nação !
A frente, que elevou-se altiva e nobre,
agora é descórada no sepulchro !
a pedra tumular protege e cobre
o grande cidadão !

Curvemos hoje a frente entristecida
ante a desgraça, que o ferio de morte ;
o bravo consagrava toda a vida
ás glorias do Brazil, que estremeceu !
Era o typo perfeito do soldado,
austéro cumpridor da disciplina ;
lamentemos um braço denodado
que a patria engrandeceu !

Descança luctador ! Teus altos feitos
vivem na historia da brazílea terra !
Se em nossos corações ergueste preitos,
n'elles todos tambem perdurarás !

Tu que, arrojado, conquistaste um nome
— excelsa gloria do Brazil inteiro —
tu tens auréola d'immortal renome!
Tu sempre viverás!

Damasceno Vieira (Porto Alegre — Brazil).

CHARADA XV

Minha prima, é a primeira — 1
segunda prima, de tres. — 1
Minha terceira, é a tércia — 1
a quarta é prima, bem vês.

Eu acho mal entendido dar conceito a uma charada : é dizer ao caçador que atire á lebre deitada.	Mas emfim, costume é lei, cumprir leis é um dever : é mulher — e tenho dito, nem tenho mais que dizer.
---	---

F. A. d'Almeida (Sines).

A Casa da Moura. — A tres kilometros ao nascente d'esta villa de Turquel (concelho d'Alcobaça), n'uma eminencia a que dão o nome de *Cabeço de Turquel*, contigua á serra de Albardos, existe uma caverna a que os povos d'estes sitios chamam—*Casa da Moura*.

A aberta ou porta da caverna, estreita e de fórma irregularmente ogival, é talhada na rocha. Segue-se um como corredor de alguns metros de comprimento, o qual conduz a uma espaçosa estancia, cujo aspecto original e phantastico nos traz á imaginação os esplendentes palacios de fadas descriptos nos contos orientaes. Grandes stalactites, de formas variadas e caprichosas, reflectindo a luz nas gotas de agua que oscilam em seus numerosos pingentes, assemelham-se a coruscantes lampadarios. Stalagmites enormes representam á phantasia já estatuas, já mausoleos. Aqui parece deparar-se-nos um órgão, com os respectivos canudos; além julgamos avistar esbeltas columnas e exqui-

sitas balaustradas. Por toda a parte fuma decoração phantastica e extravagante.

D'este recinto parte uma extensa galeria, que antigamente communicava com o exterior pela parte opposta á actual entrada.

O distincto archeologo sr. Joaquim Possidonio da Silva, vindo ha alguns annos aqui observar esta gruta, e mandando n'ella proceder a excavações, encontrou alguns despojos animaes envoltos em cinza.

Nos arredores da crypta topam-se muitos fragmentos de pedra gypsosa crystallizada. N'uma planicie adjacente vêem-se grandes moles graniticas destacadas, figurando tumulos gigantes. Estas pedras são consideradas por alguns como *dolmens*; porém a sua grandeza descommunal, e outras rasões, nos levam antes a crêr que para ali seriam arrojadas por algum accidente natural, durante os tempos geologicos.

José Diogo Ribeiro (Turquel).

LOGOGRIPHO X

(POR LETRAS)

Se tu me deres um c } 13, 16, 7, 3, 14, 5, 5
sabio, astrologo profundo. }
Dou-te aqui uma cidade, — 2, 19, 15, 12, 21, 6
mais um nome de deidade, — 17, 4, 9, 13, 1
e inda outro, se quizer. — 14, 8, 10, 19, 20, 1
Este aqui, e em todo o mundo } 11, 15, 10, 18, 21
é bem duro de roer. }

São tres palavras, não uma,
e não ha duvida alguma.
Se me queres decifrar,
é comigo que has-de andar.

João Sá (Rio de Janeiro).

Epitaphio do marechal Rantzau.

— Rantzau, marechal de França, foi um bravo general do seculo xvii. No cerco de Dole, em 1636, perdeu um olho; em 1646, no cerco d'Arras, perdeu uma perna, e ficou aleijado d'uma das mãos; n'outra batalha perdeu um braço, e n'um recontro uma orelha. Foi um martyr da guerra. Quando morreu fizeram-lhe o seguinte epitaphio :

*Du corps du grand Rantzau tu n'as qu'une des parts ;
L'autre moitié resta dans les plaines de Mars.
Il dispersa partout ses membres et sa gloire.
Tout abatu qu'il fut, il demeura vainquer.
Son sang fut en cent lieux le prix de la victoire,
Et Mars ne lui laissa rien d'entier que le cœur.*



ADORATE DOMINUM!

SONETO

Adoro-vos, senhor, nos salsos mares ;
adoro-vos nas fontes crystallinas :
adoro-vos na relva das campinas :
adoro-vos nos astros a milhares :

Adoro-vos das aves nos cantares :
adoro-vos nos cedros das collinas :
adoro-vos no mimo das boninas :
adoro-vos nos fructos dos pomares :

Adoro-vos na voz da tempestade :
adoro-vos do raio na presteza :
adoro-vos dos céos na immensidade :

Adoro-vos do orbe na grandeza :
adoro-vos, Divina Magestade,
adoro-vos em toda a natureza !

Gonçalo R. C. Lima (Ilha Terceira).

Ilha de Maio. — Uma das ilhas do archipelago de Cabo Verde, situada na latitude N. 15° 49' 30'', e na longitude O. do meridiano de Lisboa 14° 17' 15'',

O seu comprimento anda por 15 k., com 7 de largura e 12 de circumferencia. É plana, mas apresenta quatro montes elevados : S. Antonio, Penoso, Branco e Batalha. A população anda por 4:000 almas. A povoação principal é denominada *Porto Inglez*. Das aldeias, poucas, que ha no interior, algumas teem apenas duas ou tres casas, se assim se podem chamar pequenas cabanas cobertas de palha.

A povoação está assente sobre um plano inclinado formado de camadas de areia e pedra calcaria ; comtudo o seu aspecto não seria desagradavel á vista, se todas as casas estivessem rebocadas e caiadas. Infelizmente, o que se vê são casas derrubadas, aqui e ali montes de pedra, dando-lhe a apparencia d'uma aldeia que soffreu algum cataclismo. Por entre estes desmoronamentos vêem-se apenas surgir a casa da alfandega, a nova igreja ainda em construcção (obras de Santa Engracia), meia duzia de edificios pertencentes a particulares ; e do lado sul um velho fortim (unico) com o pomposo nome de *Forte D. Leopoldina*, onde algumas vezes tremula a bandeira bicolor, á sombra da qual se conservam mudas, vendo passar os seculos, tres peças encravadas!

Ao norte da povoação, na praia da Salina, existe hoje uma ponte e um pequeno caminho de ferro, propriedade d'um particular, para o serviço do embarque do sal.

A ilha não é muito insalubre, não obstante estar sob influencias meteorologicas, que muito concorrem para o desenvolvimento das doenças proprias do clima ; e estamos certos, que, se todas as camaras municipaes olhassem com mais attenção para o aceio da povoação, esta se tornaria mais saudavel ainda.

A um kilometro de distancia (pouco mais ou menos) da casa da alfandega, ha uma salina natural, com que a

natureza dotou a ilha. Em tempos que não vão muito longe, produzia mais de 12:000 meios de sal, medida do rano; hoje só produzirá de 1:000 a 2:000, porque uma grande parte d'ella, mais de metade, jaz entupida pela accumulção de pedras e terra que as chuvas para ali seem arrastado, e em breve deixará de existir, se o governo lhe não prestar a devida attenção.

Já alguém se lembrou que o mais conveniente seria arrendal-a, mas eu tenho-o como o peor dos alvitres, porque a tornaria o monopolio de um só, sendo, como é, a unica riqueza da ilha, a que o povo recorre para tirar os parcos meios de vida.

Haja uma boa limpeza, bons fiscaes do governo, rateie-se o sal entre o povo, e os rendimentos publicos triplicarão.

J. S. A. (Ilha de Maio).

SAUDADE

À Ex.^{ma} familia Mendonça, em testemunho de profundo sentimento pela morte de sua filha e irmã D. Isabel Mendonça e Povoas

Ai! gentil Isabel, irmã das graças,
quam cedo nos deixaste em soledade!
ai! que d'encantos teu sepulchro esconde,
linda virgem, de quem resta a saudade!

Que é feito ao brilho dos teus verdes annos,
e ao fulgor que ostentavas tanto a flux?
extinguio-se, findou, e aos que te choram,
densas trevas deixaste em vez de luz!

E fugindo e negando a luz á terra
foste aos bons n'outra esphera ser farol?
ai! creio, porque a senda da virtude
radiante a seguiste como o sol.

Dona A. E. d'Almeida Brito (Lageosa).

Os amigos de Petrarcha. — Viveis sempre só? dizia alguém a Petrarcha.

— Eu, só! — Estou sempre rodeado d'amigos.

— Amigos! Quem são elles? Onde estão? D'onde vem? Eu nunca os vejo.

— Os meus amigos são, numerosos, e todos pessoas dis-

as condições. E são tão discretos, tão reservados! Nunca questionam comigo! Pelo contrario, respondem



tinctas. São de todos os paizes; homens de estado, grandes poetas, oradores, sabios, homens de todas

sempre sem hesitação a todas as minhas perguntas.

— Gracejaes!

— Longe d'isso. Estes amigos que me são tão caros, tão beneficos, tão uteis, quereis vel-os?

E Petrarcha, levantando uma cortina, deixou vêr uma longa fileira de livros.

Arthur d'Andrade (Chaves).

CHARADA XVI (DECAPITADA)

(DO FIM PARA O PRINCIPIO)

Sou um polypo vulgar,
de mulher um nome sou;
é o sol que me produz,
entre as cycladas estou.

Joaquim de C. Fonseca (Bahia).

O juramento no interior da ilha de S. Thiago. — É ainda hoje costume em muitas das freguezias d'esta ilha, resolver as questões de pouca monta, por meio d'um juramento a que chamam *Jurá*



ná Sán Manél, que é esta a maior prova porque póde passar um indigena.

Pouco tempo ha que eu presenciei um d'estes casos, da seguinte fórma :

Queixava-se um individuo ao juiz eleito da freguezia de

*** que lhe haviam roubado uma cabra, e que todos os indícios o levavam a crer que o ladrão tinha sido um tal Pedro. O juiz manda intimar a Pedro, interroga-o, e este nega. O queixoso pede então ao juiz lhe faça jurar *nã. São Manel*; este differe, e o accusado promptifica-se, mas, quando lhe apresentam um crucifixo, que para este fim deitam sobre uma mesa, e cobrem com um panno preto, o accusado titubia, e acaba por dizer:—Senhor juiz, eu roubei, é verdade, porque tinha fome; mande-me prender, mas peça ao Santo que me não faça mal.

Escusado é dizer que o juiz satisfez a este tão justo pedido do pobre indigena.

Quando a alguém que tem prestado este juramento succede alguma desgraça, é porque o juramento foi falso, e é olhado por todos como o maior dos perjuros.

Antonio Joaquim Ribeiro.

(Cidade da Praia—Cabo-Verde).

LOGOGRIPHO XI (ENIGMATICO)

Eu conheci um sujeito,
d'este todo natural,
que, por muito fazer mal
com primeira e quarta apoz,
foi, depois d'um crime atroz,
n'uma prisão eucerrado.
Farto de estar engaiolado
logra a prisão arrombar
Com a tércia, mais segunda,

e ia-se já a safar.
Porém, ó magua profunda!
ó desgraça não prevista!
quando menos o esperava,
e já contente sorria,
a quarta o denunciava
á policia vigilante,
que de fugido tratante
andava ha muito na pista.

M. Dias (Covilhã).

Rabo de Peixe. — É o nome de uma aldeia, a mais consideravel dos Açores. Situada na ilha de S. Miguel, em terreno plano e fertilissimo, á beira mar, Rabo de Peixe faz grande commercio em milho, trigo, feijão,

fructa e vinho. Tem igualmente grande abundancia de peixe e muito gado.

A povoação do *Pico de Pedra*, no interior, e a das *Calhetas*, situada tambem á beira-mar, sobre uma pequena rocha, são dependencias desta aldeia, que conta perto de 4:000 habitantes e 1:000 fogos, pouco mais ou menos. A população é quasi toda de lavradores.

Eis aqui uma aldeola bem feliz; e tem um nome tão insignificante!

A. X. da Silva Pereira (Lisboa).



NÃO ÉS ESTATUA

A M. L. S. P.

És bella como é bella a estrella d'alva
de nitido esplendor banhando a terra.

A. P. de Miranda.

Quando choras, Maria, és tão formosa
como a virgem ao pé da cruz que salva;
se sorriem teus labios côr de rosa
és bella como é bella a estrella d'alva.

E se os thesoiros da alma sonhadora
teu olhar fulgurante me descerra,
és, querida, formosa como a aurora
de nitido esplendor banhando a terra.

D. Amelia Rebello.

CHARADA XVII (EM QUADRO)

Um tonante levou esta.
Amparo sou d'animaes.
Um peixe de negro sangue.
Guardo campos e casaes.

M. F. (Villa Flor).

Olinda. — A uma legoa para o norte da cidade do Recife, demora a historica Olinda. Visitei-a ha tres annos, nas vespervas do meu regresso á patria. Era um domingo de sol entre nuvens e calor ardentissimo.

Ruas ingremes, tortuosas, mal calçadas, desertas, onde a herva cresce livremente, ladeadas de edificios, na sua maioria, velhos e em ruinas; aqui e além um convento de paredes derrocadas ou negras; d'onde aonde um massiço de arbustos a surdir d'entre a casaria: eis um pallido esboço de Olinda.

Comtudo na época dos banhos de mar, a velha cidade assume um aspecto mais animado e ridente. Por esse tempo visita-a numerosa sociedade, as ruas, ao entardecer, enchem-se de passeantes, e á noite, atravez de muitas janellas largamente abertas, côam-se os sons suavissimos do piano.

Que alegria então! Que festa em cada casa!... Mas depois lá volta fatalmente a época da tristeza, do silencio, da solidão, e Olinda recahe no seu antigo lethargo. Dir-se-ia um velho, cujo coração alanceado por muitissimas dores só de longe a longe se entreabre a um raio de ventura, para logo se fechar mais sombrio...

Quando a visitei, era, como disse, um domingo, Olinda estava deserta, atravesssei algumas ruas, onde pairava um silencio verdadeiramente tumular. Ao subir por uma d'ellas, deparou-se-me á direita um convento. Em frente d'elle, occulta pela ramagem de muitas arvores, via-se uma pobre cruz, denegrida e só. Entrei no convento. O atrio humido e lobrego confrangia-me o coração. Penetrei no claustro... sempre o mesmo silencio, a mesma solidão, sempre... Sahi d'ali, e pouco depois achava-me no adro d'outro convento situado n'um ponto culminante. D'ahi então, que panorama esplendido me foi dado gozar! Lá em baixo a cidade d'onde me não vinha um rumor; acima de mim um céu nevoento; ao longe o alvejar do Recife; á direita e em frente extensas planicies cobertas de pujante vegetação;

á esquerda o mar, e n'elle um vapor, navegando vagaroso a pouca distancia da terra...

Não foi sem saudade, que lancei o olhar de despedida áquella formosa paisagem. De boa vontade ali ficaria horas inteiras. Masurgia partir...

D'ahi a minutos o trem que me reconduzia ao Recife, punha-se em movimento. Eu sentia-me oppresso de melancolia. E quem se não entristecerá se lhe occorre esta idéa: nunca mais te verei?

Ruy Blas (Mattozinhos).

ENIGMA VI

De verbo neutro pessoa
n'estas duas podes ver ;
e lá no fim da existencia
qualquer póde assim dizer.

A primeira após segunda
crê que o mesmo inda ha deser.
No todo um mulliplo podes
de tres pares tambem ter.

Reynaldo Casimiro Rodrigues da Silva (Bahia).

A UMA CRENÇA

Peregrina e doce imagem,
celeste e loira visão,
que conheces a linguagem
da candura e da paixão ;

Creança bella, adorada,
que vives sempre a sorrir,
nutrindo n'alma inspirada
os desejos do porvir ;

Candido lyrio dos valles,
onde é eterno o verdor,
que só inclinas o calix
da viração ao rumor ;

Anjo casto que aviventas
os sonhos celestiaes,
esperança que alimentas
o coração de teus paes ;

Prenuncio de uma ventura
que o homem vive a sonhar ;
alma cheia de ternura
que a todos sabe encantar ;

Deus te offerte o immenso brilho
do seu celeste poder ;
Deus te aponte sempre o trilho
da moral e do dever !

Eduardo de Carvalho (Recife — Pernambuco).

CHARADA XVIII (DECAPITADA)

Que saudades tenho do tempo de creança!... Ainda hoje choro, quando me recordo do solar — com o seu —, onde brincava com meus dois pequenos irmãos. Que formoso — ! Hoje só me restam essas venturosas recordações; e se ás vezes — é por então acreditar na fabulosa —, que para mim hoje é —

A. Corrêa de Campos (Lobão).

UMA CARTA

Ao meu amigo M. C. C., que, tendo ido passar o verão ao campo, — não quiz regressar a Lisboa antes do dia de S. Martinho

Quizeste lá ficar... Bem hajias tu, amigo !
Quem não ficára ahí juntamente contigo!...
É obvia a razão que para isso allegas ;
agora que o licôr ás lôbregas adegas
dá luz e vida, quem, n'um jubiloso esto,
contigo não bradará em grita : « Oh, sim ! protesto,
que não sei de prazer algum melhor do que este...
Não achas isto, ó mundo ? E' que inda não bebeste...
de copazio em punho, a tresbordar delicias ;
dos anjos sinto em mim as divinaes caricias!...
«E então *elle* agora, que está!... — Na linda côr
nunca rosas assim mostrou ainda amor !
interpondo-se ao sol a *crystallina* taça,
esmorecem do astro os raios — não é graça !
aquillo é como bago enorme de romã
espremidos no copo ; ou melhor : tão louçã
como a celeste côr, feliz por excellencia,
que a espaços tremeluz nas faces da innocencia!...
«E o aroma que *elle* exhala?... ai, meu Deus! que delirio!
não ha jardim nenhum, nem mesmo no empyreo,
que dê um tal perfume ; exultam as narinas
sómente ao aspirar emanações tão finas...

Aproximar a gente as fossas do tonel
é dar ao pensamento um vasto mar de mel,
onde dores não ha, nem prantos, nem tristezas;
nem tredas ambições no peito sempre accezas,
nem intrigas cruéis, nem vaidades fataes.
Vogam todos ali, felizes, immortaes,
vendo remar á prôa elegantes barqueiras,
que vellam, quaes Vestaes, o fogo das fogueiras.
Ilusões do seu mundo, e que aos tristes adejos
nos furtam com amor em doidejantes beijos!...

« E fallam-me em partir, em voltar p'ra Lisboa,
como se houvesse ali panacêa tão boa!...

Lá ia eu agora entrar n'essa masmorra
deixando cá ficar, mesmo em cima da borra,
o nectar que encantára o saudoso Noé!
O filho de meu pae tão tolo é que não é...
— Irei, oh! sim, irei, já que o feroz destino
tão breve termo põe ao que é bom, o mofo! —
Mas, antes, quero aurir a flor das *cameocas*,
quero olvidar aqui as minhas enxaquecas
e passear nadando em ondas de bom vinho
todo o dia feliz do grande São Martinho;
quero inundar o rosto em opulentas dornas,
gozar até ao fim o dom, que, ó Deus, entornas,
e que mais uma vez vou celebrar *ad hoc*
pondo a bocca ao tonel no logar do batoque!...»

Fazes bem, amigo, fazes;
são no mundo assaz fallazes
os prazeres genuinos,
e não deve desprezal-os
quem os apanha tão finos;
durma-se embora ao sorvel-os
como os moles arganazes;
se acordado não ha vél-os...
— Fazes bem, amigo, fazes.

A. Salazar d'Eça Jordão.

CHARADA XIX (NOVISSIMA)

1, 2. — Em versos é um poeta tolo.

D. Maria José de C. Fonseca (Bahia):

Contribuição de sangue. — Fui um dia assistir ao sorteamento do contingente para o exercito. Rapazes recenseados poucos estavam presentes. As mães, essas creaturas abençoadas que sentem mais que os filhos

seus filhos, sentença que para ellas não tem meio termo : ou felicidade ou desgraça. Pobres mães ! Quantas lá vi que não comprehendendo que a sorte lhes tinha sido favoravel derramavam lagrimas de desconforto ! Outras compre-



os seus revêzes de fortuna, as mães estavam lá. A cada nome que o secretario pronunciava estremezia um coração materno ; e com os olhos fitos no presidente, as mães esperavam o numero que devia corresponder ao nome dos

hendendo que a sorte as favorecera tambem choravam, mas choravam de alegria !

É bem digna de lastima a mãe que sabe que o numero correspondente ao nome de seu filho está comprehendido nos cinco ou sete que a freguezia dá. Mas... nós não podemos aquilatar aquelle soffrimento porque apenas vemos lagrimas !

Uma pobre velha que lá estava não tinha mais que um filho, que estava recenseado. Era viuva. Não podia provar que o filho lhe servia de arrimo, porque Deus lhe tinha concedido alguns haveres. Talvez por isso fosse perder seu filho !

Pobre mulher !

O filho fôï chamado, e ella levantando-se, parecia como que suspensa dos labios do presidente. Adivinhava-se-lhe uma oração no pensamento.

Tres, disse o presidente lendo o numero que tirara da urna. A velha empalideceu; nem as lagrimas vieram mitigar aquelle grande soffrimento !

.....
Sahi pedindo mentalmente a Deus que houvesse misericordia d'aquelles corações de mãe !

X. V. (Funchal).

CONHECIMENTO DA FORTUNA

(De Gil Vicente)

Quem tem tempo e espera tempo,
tem maré e espera maré,
tem vento e espera vento,
não teve conhecimento
da fortuna que coisa é.

LOGOGRIPHO XII

(POR LETRAS)

É villa nas batalhas afamada — 6, 3, 8, 5, 6, 4.
É de lá que tu viestes, ó rainha; — 4, 9, 3, 2.
nos versos d'um poeta decantada. — 5, 8, 5, 6.
dizendo que não eras tão damninha. — 7, 4.

O meu reino é mui extenso,
dos antigos adorado,
e por homens de bom senso
sempre muito procurado.

Hibernia (Guimarães).

Obsequio de caridade. — Falleceu n'um dos concelhos do interior da provincia d'Angola um estrangeiro, e o chefe mandou, pelo seu escrivão Cambaxi, convidar os seus administrados pela forma e orthographia seguinte: «Fulano encarrega-me de convidar aos senhores abaixo, para que amanhã as 6 horas da manhã comparecerem no vapor *Cunga* afim de levarem para eternidade a sua alma o inglez que Deus foi servido hoje ter acabado a sua existencia, pelo que espera que lhes fação este obsequio de caridade.»

V. (Loanda).

A MEMÓRIA DO BARÃO DE BARTH ¹

Quando ás tormentas da vida,
em qu'alma o corpo abysmára,
réfuge o gasto saltida;
o tiro que elle dispára
com fria, gélida calma,
tem por bucha as folhas seccas
das mirradas flores d'alma.

THOMAS RICHIERO — *D. Jayme.*

Matares-te quando é já tão curta a vida !...
Quando Deus lhe marcou tão curto espaço
na breve duração,
não foi para a passarmos em delicias...
brandós sonhos d'amor, docés caricias,
foi para expiação !...

Ser philosopho é isto ?! Ah ! longe, longe
principios que nos levam a pôr termo
á vida, com tal fim !..

Se da philosophia é esta a essencia...
antes uma fé cega e sem demencia
eu quero para mim...

¹ Sabeo explorador allemão, que se suicidou em Loanda, com um tiro de revolver, no dia 7 de setembro de 1876.

Quando por alta noite te embebias
co'a vista e com a mente pelo espaço
os astros indagando ;
só mundos descobriste e suas leis ?!...
e não, d'elles acima, o Rei dos reis
que a todos impoz mando ;

Que os seres distribue, as leis lhe imprime,
os destinos lhes marca, — a que não temos
direito a pôr um termo ?

Tua sciencia é vã se isto não viste...
e o rude cérebro onde a fé presiste
vale mais que o teu enfermo !...

Toda a sciencia é vã se não descobre,
como término Deus, e como intuito
a perfeição humana :
aquelle que a mente embebe nos espaços,
se ali não soube lêr tão claros traços,
já tem a mente insana...

Se isto assim é, se tu assim o crias,
e, obreiro do progresso, trabalhavas
para destinos novos,
porque te precipitas no caminho
deixando do trabalho, tão mesquinho,
tão triste exemplo aos povos ?!

Vês, se estudas os átomos tenuíssimos,
lhes indagas a essencia, e descriminas
a idade e formação,
que o homem decompõe e recompõe ;
mas onde nada encontra nada põe,
que o seu poder é vão !...

Crês tu, que após de nós nem rasto ou sombra
ficará ?... e que, átomos perdidos
na cosmica materia,
não volvemos a ter fórmulas completas
com que vamos brilhar, novos planetas,
na região sidéria ?...

Se Deus o pensamento nos concede
que anhela o infinito descobrir,
e que era o teu fanal...

se o mysterio é p'ra nós a eterna ancia,
como existe nas flôres a fragrancia
em nós ha o immortal !...

.....
Das tres grandes virtudes que a sciencia
do Senhor outorgou a cada homem
como divina herança,
a humilde não tiveste — a *caridade*?
a *fé*, que até o rude persuade...
nem sequer — a *esperança*?...

Onde termina, onde se occulta a fonte,
a torrente caudal da vida humana,
gênesis infinito?!...

Descobriste-a tu?... julgaste ousado...
e ao veres do mysterio o véo rasgado...
soltaste o extremo grito?...

Não soltaste, impossivel; porque ao homem
não foi dado indagar dos sóes brilhantes
que Deus está guardando...
mais que tu em sciencia, em fé sou rico...
em quanto, sabio, partes, crente eu fico...
fico em Deus esperando!...

J. B. Ferrão (Loanda).

CHARADA XX

Bem sei que d'entre irmãs foi-me preciso tirar esta q'apresento aqui para a charada formar.—1. Mas que vejo?!... Isto que é?	Lenços sujos de rapé, anágoas, fronhas, camisas, lençoes e toalhas, lisas, corpinhos, chambres, mantós, calças brancas, paletots.
--	---

E que mais, meu charadista?
Será possivel qu'exista
leitor que fique a scismar
no todo d'esta charada,
tão facil de decifrar?

P. Filho (Madre de Deus — Bahia).

ENIGMA VII

*Canis familiaris e
A. B.*



A. A. B. O. (Paredes de Coura).

Nossa Senhora do Livramento de Minas do Rio de Contas. — No vasto sertão da provincia da Bahia, distante quasi cem leguas da capital, e na margem direita do rio Brumado, cuja agua é excellente, está situada a aprazivel villa de Nossa Senhora do Livramento de Minas do Rio de Contas, uma das mais antigas e de mais nomeada do centro da mesma provincia.

Esta villa possui tres egrejas, que são: a respectiva matriz sob a invocação do SS. Sacramento, a capella da Senhora do Rosario, e a de Sant'Anna, que ainda se acha em construcção. Possui, igualmente, um espaçoso cemiterio.

As suas ruas, posto que não sejam bem alinhadas, são espaçosas e planas. Não me esquecerei do bello edificio onde funcçionam a Camara Municipal, o tribunal do jury, etc., e em cujo pavimento terreo estão situadas as prisões dos criminosos e o quartel do destacamento. É, pode-se dizer, o melhor edificio que existe n'esta localidade, e,

segundo consta de um alfarrabio archivado na secretaria da referida Camara, o começo da sua edificação teve logar a 24 de Janeiro de 1809.

A comarca do Rio de Contas já foi muito grande, mas hoje está reduzida a um só termo; e este divide-se em treze districtos de subdelegacia, dos quaes pertencem á freguezia do SS. Sacramento, quatro; á do Bom Jesus, cinco; á de Nossa Senhora do Carmo, tres; e á de Vila Velha, um.

A população livre de todo o termo de Minas do Rio de Contas é de 50:920 almas, e a escrava de 8:973, segundo o recenseamento ultimamente publicado.

Esta villa, assentada como se acha em um terreno quasi agreste, não offerece em sua circumvizinhança essa fertilidade que seria para desejar; mas, em compensação, possui muitas officinas, cujas obras teem grande extracção, especialmente as de ferro, que são excellentes; e em seu termo contam-se diversas localidades que seriam outros tantos mananciaes de riqueza agricola, se a lavoira não fosse tratada entre nós com tanto desleixo. Mencionarei a immensa planicie de Villa Velha, Paramerin, Casa de Telha, Gravatá, Furna, Catolés, etc., cujos habitantes se dão á criação do gado vaccum e á cultura da cana de assucar, mandioca, café, fumo e cereaes, que conduzem ao mercado d'esta villa, onde ha uma feira todos os sabbados, se bem que nos outros dias da semana não seja vedado fazerem suas vendas.

O rio Brumado, de que acima fallei, tem a sua origem na serra das Almas, distante cerca de quatro leguas d'esta mesma villa, onde recebe as aguas dos dois corregos, Gambá e Sacavém, depois de ser engrossado por muitos riachos que n'elle desembocam. Este rio é, segundo affirmam, riquissimo em oiro, e na verdade assim o attestam os vestigios das innumeradas lavras que se vêem em ambas as suas margens, d'onde, segundo as tradições, extrahiram os antigos mineiros quantidade prodigiosa d'aquelle metal.

Oxalá que os habitantes de Minas do Rio de Contas tivessem a dita de ver entre elles uma companhia de homens intelligentes e práticos nos trabalhos da mineração !...

Argemiro C. de Oliveira

(Minas do Rio de Contas, Bahia — Brazil).

CORO DE PASTORAS

O pôr do sol

Já fenêce o dia
da nossa alegria ;
já os passarinhos
veem para os ninhos ;
já a fera bruta
corre para a gruta.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura !

Já o girasol
chora pelo sol,
a Clici constante
pelo seu amante ;
já a rosa bella
se esconde da estrella.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura !

Já Phebo cahindo
vae de nós fugindo ;
já Diana espera
que a chamem da esphera ;
já a luz doirada
está desmaiada.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura

Já a doce ida
vae na despedida ;
já a voz sonora
pousa sem demora ;
já os eccos seus
só dizem — adéus !

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura !

Soror Maria do Céu.

Cegueira d'amantes. — Porque é que chamam cego a quem ama ?

— É porque o amor é cego.

— Não ; é porque o amante em geral faz como o cego, apregua a sua paixão por praças e ruas.

Constancia de S. Francisco Xavier. — Dava Deus uma volta ao tercedor com os trabalhos, pobreza, misérias, fomes, sedes, enfermidades, penas, dôres, afflicções, angustias ; e Xavier respondia : mais.

mais, e mais. Dava outra volta com os perigos, tempestades, naufragios, com todos os elementos, e a mesma natureza conjurados contra uma vida, com a fereza dos barbaros, com a crueldade dos tyranos, com a pertinacia dos demonios, com venenos,



Dava outra volta com perseguições, odios, invejas, iras, traições, affrontas, injurias, desprezos, com tantas accusações falsas, publicas, horrendas, contra a innocencia, contra a virtude, contra o zelo da honra de Deus, e salvação das almas ; e Xavier

serpentes, feras, armas, cruces, mortes, e mil generos de mortes ; e Xavier, mais, mais, mais.

P.^o Antonio Vieira
(Sermões).

Valor das coisas. — Poucas coisas desejariamos com ardor, se conhecessemos perfeitamente o que desejamos — diz La Rochefoucauld. Quererá isto dizer que não ha nada no mundo que valha os sacrificios do homem ? Não o acreditamos.

MEU PAE

Pae !... sublime, altiva idéa !...
vem mostrar-nos a cadêa,
que nos prende ao Creador !...
Pae !... que nome ! que doçura !
é symbolo de ternura,
é um nome todo amor !!

Quem na minha tenra infancia,
com suave tolerancia,
nos brinquedos infantís,
e depois, na adolescencia,
me deu, d'alma e prudencia,
mil conselhos varonis ?...

Quem me fez olhar o mundo,
conhecer-lhe bem o fundo,
p'r'os os baixios lhe evitar ?
Quem me deu barco veleiro,
com que pudesse ligeiro
aos seus baldões escapar ?

Quem nest'alma, ainda infante,
preparou vigor distante
co'o alimento da instrucção ?...
Quem fogosa a juventude,
com exemplos de virtude,
me prendeu no coração ?...

Foi meu pae ! o meu amigo !...
que por mim receia o p'rigo,
que p'ra mim só ditas quer !...
foi o meu anjo terrestre,
de meus dias causa e mestre,
e d'elles meigo prazer !...

.....
.....

Ai ! que nuvem negra esta,
que as alegrias me empesta,
derramando amargo fel !
que saudade, tão vehemente,
me põe n'alma acerbamente
dor e lucto, o mais cruel !

Minha mãe...—Será fraqueza
não combater a tristeza,
que a orphandade contém ?...
Murcha a planta á falta d'agua
mas compensa-me esta magua
ter um pae como ninguem !!

Vae para ell'toda minh'alma
na mais doce, branda calma,
da affeição do trovador ;
Deus no céo, meu pae na terra,
é por quem o peito encerra
grato, puro, eterno amor

José d'Ornellas (Abrunheira).

LOGOGRIPHO XIII (ACROSTICO)

(POR LETRAS)

Offerecido á illustrada Coelheira Ilhavense

- ▶quelle artista divino, — 1, 17, 10, 13, 19
●ue já o Garret cantou, — 4, 20, 6, 16, 13, 15, 20, 4
◄m outro vate peregrino — 7, 13, 15, 20, 4, 10, 6
■mmensamente inspirou. — 9, 15, 21, 2, 22
✚or muitos annos seguidos — 18, 9, 10, 13, 6, 20, 19
● grande artista, senhores, — 3, 11, 16, 13, 7, 18, 6
◄ns quadros fez mui gabados, — 22, 8, 10, 9, 4, 8, 14, 10
◄om mui lindos coloridos, — 13, 10, 13, 4, 20, 6, 16
●nde ovelhas e pastores — 4, 3, 1, 17, 10, 12, 9, 2, 3.
◄e viam — sempre pintados. — 18, 6, 22, 8, 13, 12, 19, 16
■uito longe, bem distante, — 2, 15, 8, 13, 7, 6, 20, 4
■ste pintor existio, — 16, 4, 15, 8, 9, 10, 10, 14
■é dizem q'assim findou—10, 14, 22, 13, 12, 15, 4, 20, 19
■odo alegre e fulgurante,—18, 10, 4, 16, 21, 15, 8, 9, 13, 10, 6
■ que d'isto se cobrio — 7, 4, 3, 3, 19, 10
■al a morte lhe chegou. — 2, 8, 10, 6, 18, 6, 16.
●utro pintor eminente — 8, 14, 15, 13, 21, 10, 22.
■eporou, triste, coitado, — 5, 2, 10, 18, 13, 19
■sse talento sem par, — 20, 13, 6, 12, 9, 15, 14, 22
■ascido—nobre, potente,—4, 10, 13, 22, 8, 6, 5, 10, 4, 8, 2
■errivel — mas reforçado — 2, 8, 8, 13, 3, 4
■ que—lá—foi descansar! — 5, 4, 10, 15, 21, 13, 10, 19

Agassiz, Buffon, Cuvier,
Adanson e muitos mais,
conheciam certamente
esta classe d'animaes.

Accureio Urbano (Rio de Janeiro).

A feitiçaria em Guiné. — Abundam no rio Farim (presidio portuguez na Guiné) os lagartos do mar, ou crocodilos, os quaes se lançam ao homem e o devoram, sempre que para isso se lhe offerece ensejo, mas os grumetes do presidio, assim como todos os pretos d'esta costa africana, em vez de tomarem estes animaes pelo que elles são realmente, consideram-nos sempre como feitiçeiros, e principalmente como velhas que assim se disfarçam; e ellas, as pobres velhas, são sempre accusadas dós maleficios acontecidos.

Em 1873 succedeu ser arrebatado, e devorado por um crocodilo, um moço tocador de bombolão (especie de tambor), e logo uns certos espertalhões acharam que se devia tirar devassa para castigar os feitiçeiros, ou feitiçeiras, quem quer que ellas fossem. Assim se fez, e a devassa accusou as tres mulheres mais velhas que havia no presidio, as quaes não só foram consideradas como auctoras d'aquelle factó, mas por deducção analogica, d'outros identicos acontecidos em differentes occasiões.

Á sentença seguio-se a execução. Pegaram nas pobres velhas os pretos mais idosos, porque aos mais novos ainda não era permittida tão grande honra, apertaram-lhes os pulsos bem apertados, com cordas, atraz das costas, abriam-lhes com uma faca uma cruz na testa, e outra entre as espaduas, e suspenderam-as depois de uma trave. Ahi descarregaram sobre ellas tantas pranchadas que as deixaram por mortas!

Uma das victimas era mãe d'um padre, Philippe da Silva Pinto, que depois de haver cursado os estudos ecclesiasticos em Santarem (Portugal), foi ser parochó em Geba, e falleceu n'aquelle presidio, se me não engano, em 1868.

Este morticinio deu brado, e os principaes influentes (chamava-se um José Lomba, o outro Simina) foram presos, conduzidos á cidade da Praia de Cabo Verde, e ahi condemnados a alguns mezes de prisão.

Faz o que pode a justiça civil, mas por mais que faça,

não conseguirá desarraigá-las as inveteradas superstições que infamam estes selvagens.

A primeira necessidade é de mestres que os ensinem, desbravando a rudeza d'estes gentios. A segunda é de padres que os eduquem, e lhes dêem educação moral e religiosa, porque só essa os poderá arrancar ao caminho das trevas, para lhes mostrar o da verdade.

P.º João Chrysostomo dos Santos (Cacheu).

TRISTEZA!

**Ao meu particular amigo Antonio de Seiça
Ferrer e Silva, de Botão**

Todos cantam qualquer coisa,
canta a ave apenas poisa,
e eu não hei de cantar?
canto, sim, cruel desgraça,
que me deu amarga taça
de fel que me ha de matar!...

Canta a ave d'alegria,
e eu canto noite e dia
uma tristeza sem fim;
canta o poeta acções nobres,
chorando cantam os pobres,
cantando, vivem assim.

Eu, que passo triste a vida,
que não tenho alma querida,
que me suavise a dor,
eu canto os meus soffrimentos,
minhas megoas, meus tormentos;
sou da tristeza o cantor.

E, assim d'esta maneira,
cantando a brisa fagueira,
que nos traz a madrugada,
vai deslizando esta vida,
e vindo, sem ser sentida,
a morte tão desejada!...

Eu canto a minha desdita,
a minha sorte maldita,
que ninguem quiz partilhar;
canto uma cruel saudade;
sim, canto na adversidade!
minha desgraça sem par!...

Triste de quem o destino
sempre cruel e ferino
nem uma vez lhe sorrio...
ai! triste de quem, como eu,
sua mãe não conheceu,
nem suas fallas ouviu!...

J. A. Lopes Ferreira (Anadia).

O moleiro e o escrivão de fazenda. — Um moleiro foi á repartição de fazenda do seu concelho, cujo escrivão era seu freguez, perguntar em que décima estava collectado.

O escrivão disse-lhe que se achava collectado em décima predial, industrial e pessoal.

— Com todos os diabos!... em tres décimas?!... irra!...

— Meu amigo, é o que eu aqui vejo!

— Ó sr. escrivão de fazenda, eu bem sei a quem devo isso: a decima predial devo-a ao meu visinho Antunes, por me malsinar o meu campo Peniqueiro, que foi o dote da minha Francisca quando casei com ella; a industrial ao papa-moscas do Regedor, por eu lhe tirar de mais quatro maquinas na fornada; e a décima pessoal devo-a ao meu burrico em ter rinchado á sua porta.

E voltou pela porta fóra, dando uma arrojada no burro, e cantando em altas vozes:

Quando fôr a tua fornada
ao moinho para moer,
hei de tirar dez maquinas
P'r'ó meu burrinho roer.

Henrique Vicente Corrêa de Sá (Feira, Travanca).

CHARADA XXI

Sou da natureza filha, é n'ella que sempre existo; e assim vou sempre, prestando serviços como tens visto. — 1	N'esta agora repetida um termo tão infantil, não têrás dito uma vez, mas eu e tu mais de mil. — 1
Eu sou muito procurada lá na estação sequiosa, seja mais, ou menos dura, não é questão duvidosa. — 1	Só no interior da Africa onde foi meu nascimento, me encontrarás, porque ali já existo ha muito tempo.

M. Antonio (Lagoa — Algarve).

OS FRÉMITOS DA NOITE

A Joaquim Pestana

Quero amar!... n'um seio puro
fruir ventura e prazer,
vêr despentar o futuro
no riso d'uma mulher ;

D'uns labios rubros, mimosos
como o abrir d'uma flôr,
morrer nos beijos saudosos ;
viver nos sonhos do amor ;

Desatar n'uns hombros bellos
loiras tranças de setim,
e dormir-lhe entre os cabellos
sobre um cóllo de marfim ;

Sentir estuar no seio
o bater do coração,
depois a mudez do enleio,
depois... morrer de paixão !

Quero amar ! n'uns olhos lindos
beber a vida a cantar,
e lêr segredos infindos
como os das ondas do mar.

Então á luz fascinante
d'um meigo olhar seductor,
de langor febricitante,

libando o nectar do amor ;

Soltarei meu hymno ardente
como a rubra luz do sol,
como um harpejo fremente,
como a voz do rouxinol ;

Suave como o perfume
que ao valle a briza levou,
consolador como o lume
da estrella que despontou ;

Risonho como as esp'ranças
que a alma sente a sonhar,
e meigo como as creanças,
e doce como o luar.

.....
.....

Oh sim eu quero amar ! tenho trint'annos,
minha lyra de poéta, suspirosa,
d'ardente volupia,
sonha amores febris, loucos, insanos,
nos beijos da mulher terna e formosa,
que Deus á terra envia.

Luiz d'O. Pinto Coelho ; (Madeira).

ENIGMA VIII

(SALTO DE CAVALLO)

Uma oitava de versos septisyllabos de um poeta bahiano.

(fos	tu	da	lhar :	(ra	da	da	do
um	me	(mens	ria	vi	o	(ter-	mar :
do	(sam	per	a	(jo	ni	gui-	te
ta-	teu	a	da-	ri-	(um	e	e
(dar-	q'ue-	so,	(bei-	eter-	um	dou-	lan-
lan-	de ;	dè	sor-	por	teu	mar	ra
xis-	(te-	to-	de	per	ter-	per	har
dou	gui	te	(hia	da	o	um	(Se

Começa na casa 1 e acaba na casa 64.

Ramos d'Abreu.

Pigmeus. — Ha quem os tenha tomado ao serio, dizendo que eram individuos que tinham um covado de altura, e que se achavam na Ethiopia, ou na India, quando não passam de uma phantasia de poétas, a começar em Homero. Não existem pigmeus, nem a nossa caricatura tem a pretensão de os representar. O nosso Bluteau falla d'um certo auctor moderno, e escriptor de nota, que fun-



dando-se em incertas memorias, e sem formar duvida alguma em materia tão pouco verosimil, diz como coisa asentada :

« Que os pigmeus vivem só oito annos, e que as femeas parem cinco de cada ventre ; que logo depois de nascidos os paes os escondem em umas tocas, por medo dos grous, que os engolem como nabos ; que são tão sobrios que uma perna de cotovia é para elles um banquete, porque o seu comer ordinario é um assado de tres moscas, e os espetos são espinhos de ouriço cacheiro, ou para assados mais corpulentos espinhos de porco espinho ; que os vasos em que

bebem são caroços de cereja ; que cada bebida são duas ou tres gotas d'orvalho, que elles colhem na primavera, e conservam em ovos de avestruz, que lhes servem de talhas ; que os seus pratos são escamas de gorazes, e as suas tigelas cascas de bolotas.»

E vae por diante com coisas d'este jaez ! *Histoire de rire*— O P.^o Bluteau, com a boa critica de que deu muitas vezes documento, e até com certa graça, diz :

«Que poderei eu dizer de uma gente que não é gente ? Direi que os pigmeus são epitomes do genero humano, embriões da posteridade de Adão, e fragmentos da sua descendencia ; bonecos com alma, titeres sem rodas nem cordas, e bonifrates com gesto proprio e natural movimento.»

Depois conclue :

«Atraz de tão pequenina, tão sumida, tão breve, tão miuda, tão contrahida, e tão minima gente, não posso ir adiante. Até da imaginação voaram os pigmeus ; já os não vejo, nem por pensamento.»

LOGOGRIPHO XIV

Á maviosa poetiza a Ex.^{ma} Sr.^a D. Amelia Rebello, auctora da poesia **O** que foi, publicada a pag. 185 do Almanach de 1877, a qual serve de contextura a este logogrifho

Foi rosa formosissima que abrio. — 13, 8, 10, 20, 18, 21
quando o sol entre buvens de mil côres

tão lindo despontou, — 11, 14, 8, 21, 1, 19

e suaves aromas esparzio ; — 4, 21, 24, 15, 3, 15, 11, 14, 21

rosa que invejas deu ás outras flores — 4, 21, 12, 23, 3, 11, 21

e de tarde murchou. — 21, 9, 23, 3, 3, 10.

Foi onda de corrente crystallina,
que entre a relva mimosa vae ligeira

fugindo a murmurar ; — 21, 14, 14, 19, 5, 10.

beija amorosa a flor que se lh'inclina, — 22, 21, 14, 11, 13, 10, 16, 21

refresca a brisa que a osculou fagueira, — 19, 24, 1, 21

passa p'ra não voltar. — 15, 13, 19, 4, 21.

Foi urna primorosa de saphyra,—14, 11, 20, 15, 14, 21, 14, 8, 10
que perfumes trazidos do Oriente — 11, 20, 4, 15, 24, 7, 26
bem caros encerrou ; — 25, 2, 22, 2, 3, 9

que em mystico sacrario só se abrira,—21, 14, 4, 21, 20, 10
mas um dia impia mão, — mão indifferente
ao tocar-lhe a quebrou.—18, 4, 19, 24, 26, 4, 3, 21, 17, 25, 21

Foi estrella cadente, luminosa, — 12, 15, 25, 15, 19, 14, 10
brilhando, em céo formoso, desprendida

que breve se perdeu ;—13, 21, 14, 21, 6, 15, 3, 15, 24, 15
foi harpa que souo tão maviosa! — 15, 26, 3, 5, 4, 21
mas cada corda lhe estalou sentida — 21, 3, 21, 2, 1, 15
e ao quebrar gemeu. — 26, 20, 1, 21.

Este affecto tão vivo, e tão sereno,
que alegre, socegada, em santa crença
a minh'alma gozou,

foi canto que expirou, singelo e ameno,
sonho d'ouro, do qual tua indifferença
sem dó me despertou.

São duas as palavras que constituem o conceito do lo-
gogripho, a primeira das quaes termina no algarismo 10.

F. L. de Caceres (Evora).

A ARAGEM

(IMITAÇÃO)

Lá quando a aragem pelo arbusto passa
em noite amena, muda a terra e o céo,
creio ser ella uma harmonia santa,
o echo triste de um suspiro teu.

O seu murmurio, que sorrindo escuto,
então, de manso, segredar-me vem :

•Ella te adora ; meditando affagos,
•ella suspira, pensa em ti tambem.

• Ha pouco ainda seu nevado seio
• arfou cem vezes d'afeição por ti ;
• outras cem vezes murmurou teu nome
• por entre os labios que sorrinde vi.

• N'estes instantes de fugaz ventura
• ella se entrega ás illusões tambem ;
• eu mesma ha pouco recolhi seus beijos
• que d'amor casto repassados vem. »

E a brisa ainda mil segredos conta
e vae fugindo, namorando a flor :
e eu fico triste, pensativo, e mudo
sem outro sonho, sem ter outro amor !

Illusões virgens de meu peito ardente
ai ! se mentidas vos verei por fim...
fugí, deixae-me desde já tranquillo,
não mais vos veja, não cureis de mim !

Meu pensamento, sem prisões na terra,
irá no espaço triste e só vagar,
qual secca folha que sem rumo voa,
ou boia incerta no raivoso mar.

Porém, ai louco ! — como pode est'alma
viver no mundo solitaria e só ?!
Quem póde erguel-a desde o pó aos astros,
e quem dos astros abatel-a ao pó ?!

Só tu, ó virgem, que d'amor eterno
meus sonhos doiras, mas só tu... e Deus ;
tu a existencia me darás na terra,
Elle a ventura me dará nos céos !

J. C. Furtado d'Antas (Tondella).

Guerra Franco-Prussiana. — As batalhas mais importantes que se feriram n'esta sanguinolenta lucta até á quéda de Napoleão III, são resumidamente as seguintes :

26 de julho de 1870. **Combate de Niederbronn.** — O general Bernis, á testa d'um esquadrão de caçadores,

derrota uma avançada de cavallaria badense; commandada pelo conde Zeppelin, o qual é o unico que consegue escapar-se (*Bom principio!*)

2 de agosto. **Combate de Sarrebruck.** — A acção, dirigida pelo general Frossard, começa ás 11 horas da manhã e termina á 4 da tarde. Foi n'este combate que se verificou o ensaio das metralhadoras, e em que o príncipe imperial recebeu o seu *baptismo de sangue*.

4 de agosto. **Batalha de Wissemburgo.** — Primeiro cheque soffrido pelas armas francezas. Os allemães entram na Alsacia. Morte do general francez Douay. Os turcos deixam-se matar junto ás peças que haviam tomado; antes que obedecer ao toque de retirada.

6 de agosto. **Batalha de Reichshoffen** (ou de **Woerth**, segundo os prussianos). — Começou ás 8 horas, sendo os francezes quem abriu o fogo. Ás 2 horas o combate se trava em toda a linha, na extensão de legua e meia. Pelas 4 horas os francezes batem em retirada, perdendo 12:000 homens.

Foi nesta memoravel retirada, commandada por MacMahon, que houve a celebre carga d'um regimento de *courageiros negros*. Estes bravos retiveram por espaço de uma hora um exercito inteiro, sendo por fim despedaçados!

12 de agosto. **Batalha de Gravelotte.** — Os prussianos, postados nos pontos mais altos da villa, começam um vivissimo fogo, que vae incendiar os bosques por onde o exercito francez ha de passar. Pelas 2 horas o combate era terrivel. Calcula-se em 120:000 homens os engajados na acção. Morte de muitos generaes. As perdas, de um e outro lado, sobem a 40:000 homens. O exercito francez é forçado a retirar-se para Metz, deixando aberto aos prussianos o caminho de Paris.

18 de agosto. **Batalha de Saint Privat.** — Daron desde o meio-dia até ás 5 horas. O exercito allemão era commandado pelo proprio rei da Prussia. Nova derrota dos francezes, que se retiram, sendo o general Barrail

quem, á testa de sete esquadrões e duas baterias, protege a retirada.

31 de agosto. **Combate de Remilly.** — Foi dado unicamente entre a artilharia dos dois exercitos. Ainda d'esta vez os allemães levam a vantagem. Entram em Bazeilles, pondo a cidade a ferro e a fogo. São mortos 2:000 habitantes. O exercito francez, sem retirada possivel, concentra-se em Sédan, satisfazendo assim os planos de Moltke.

1 de setembro. **Batalha de Sédan.** — N'este dia havia um grande nevoeiro. O combate começou de manhã, junto a Bazeilles. Ás 8 horas a grande bateria que fazia frente a Sédan rompeu o fogo. O general Mac-Mahon, ferido por um estilhaço, é substituido pelo general Wimpffen. N'uma hora os francezes são completamente envolvidos no plató que domina Sédan, e a cidade incendiada pelos obuzes prussianos. Uma hora depois os francezes são póstos em debandada, fugindo uns para as fronteiras belgas e outros para Sédan. Napoleão escreve ao rei da Prussia: *Não podendo morrer no meio das minhas tropas, deponho a minha espada nas mãos de Vossa Magestade.* A que o rei Guilherme responde: *Acceito a espada de Vossa Magestade, e peço-lhe queira ter a bondade de nomear um dos seus officiaes para tratar da capitulação do exercito, que tão valentemente se tem batido debaixo das suas ordens.*

O general Vinoy, que de Paris havia partido em socorro de Mac-Mahon, chegado a Mezières, sabe do desastre de Sédan, e retira-se apressadamente para Paris, sendo perseguido pelos prussianos.

4 de setembro. O corpo legislativo pronuncia a quéda do imperio e a republica é proclamada.

Assim findou o primeiro acto d'esta tragedia, que havia trazer comsigo as scenas commoventes do governo da defeza nacional, e as atrocidades dos homens da Communa.

E digam lá que a França não é o paiz mais civilisado do mundo!

A. X. da Silva Pereira.

A HARPA DO DESCRENTE

N'um baile, em salão festivo,
mirando vasto jardim,
cabisbaixo e pensativo,
meditava o bardo assim :

«Não sei que lyra secreta, «que voz d'estranha harmonia «vibra em nós a melodia «festival, «se a mulher, forma concreta «dos sonhos d'alma poetisa, «sem nos fallar nos suavisa «nosso mal.	«De luz a mente se inunda, «nossa alma aos céos se dilata, «se a imagem d'ella retrata «casto amor; «acalma-se a dor mais funda «que em silencio se devora, «e o coração nos implora «seu fervor.»
--	---

N'isto, o odôr da magnolia
succedeu ao do jasmim :
e, subito, na harpa eólia,
o bardo gemeu assim :

«Mas, ah!... quem sopra ao rescaldo «que cinzas lhe não levante?... «que lhe dê mais de um instante «luz, calor?...	«Tudo esquece: na miragem «vôa a mente escandecida, «e volve extincta, descrida, «louca e só!
«Inda n'elle a mente escaldo; «n'elle ainda o peito aqueço; «mas, ah de mim! durmo... e esqueço «no torpor!	«Tudo passa; e, na passagem, «da vida após a alvorada, «toda a essencia nacarada «cae no pó!»

Da harpa ao som derradeiro,
a voz do bardo expirou :
raiyava o dia fagueiro...
festiva a noite passou...

Dura fogo e pau facho. — Posso dizer sem medo de ser contrariado, que a Flora brasileira é a mais rica de todo o mundo, e que ainda ali não está inteiramente explorada; é opinião minha, se bem que é opinião pouco auctorisada, que ás mais perfectas collecções que sabios herbolarios e naturalistas teem organizado, ainda falta pelo menos uma terça parte dos individuos que n'ellas devidamente tinham o seu lugar.

Archivarei n'este livro o prestimo que tõem as madeiras *dura fogo e pau facho*, de naturezas diametralmente opostas. A *dura fogo* é uma qualidade de madeira silvestre que tem a propriedade de cabalmente auctorisar o nome que tem; um rôlo d'este pau, depois de se queimar uma pequena parte de uma das extremidades, conserva o lume, mezes e annos sem perigo, e o que é mais, sem dar signal de si, quando não exposto a uma corrente ar. Para se accender, todas as vezes que seja preciso, bastará soprar a parte queimada, que immediatamente levanta chamma, que dura por espaço d'um minuto. Acha-se este pau em todas as cozinhas das povoações do centro das provincias do norte.

O *pau facho* tambem justifica o nome; um pedaço d'este pau, depois de massado com um martello, substitue com vantagem um archote, porque não é fumarento como elle, e produz uma luz pura, clara e brilhante, que não tem o risco de apagar-se.

João Vieira d'Azevedo (Moimenta da Beira).

CHARADA XXII (DUPLICADA)

Ás direitas vegetal
cá da terra brasileira; — 2
ás avessas, debes crer-me,
uma especie de palmeira.

Narciso Fefco (Barbacena — Minas — Brazil).

Misericórdia de Deus. — Vós fostes ao mar buscar os pescadores para os fazer discipulos vossos. Fostes buscar o publicano peccador Matheus, para o fazer evangelista vosso, Fostes buscar a desconsolada viuva de

Naim, para lhe resuscitardes seu filho. Fostes buscar a piscina para sarar o paralytico desamparado trinta e oito annos dos homens. Fostes buscar Tyro, e Sidonia, para enriquecerdes a peccadora Cananéa. Fostes buscar a casa do fariseu, para santificardes



a peccadora Magdalena. Fostes buscar a casa de S. Pedro para sarardes sua sogra. Tomastes o menino por onde sabieis que Zacheu, pequeno de corpo, e de virtudes, e grande em peccados, havia de desejar de vos ver, para pordes n'elle vossos

suaavissimos olhos, serdes seu hospede, e santificardes sua pessoa, e casa. Fostes buscar as casas dos errados peccadores para comerdes com elles. Fostes ao paço de Samaria ao meiodia, cheio de calma e suor, buscar a peccadora Samaritana, para lhe dardes da vossa agua viva. Fostes-vos muitas vezes encontrar com muitos cegos para os alumiardes; com muitos endemoninhados para os livrardes; com muitos leprosos para os curardes; com muitos desconsolados para os recreardes; com muitos peccadores para lhes perdoardes; com muitos errados para os

doutrinardes, e encaminhardes; com muitos duros para os abrandardes, e com muitos esquecidos, e descuidados do seu bem para lh'o offerecerdes. Nenhum passo destes que não fosse para fazer mercês.

Fr. Thomé de Jesus

(Trabalhos da Jesus).

O luxo feminino. — Muitas mulheres, diz Afonso Karr, não se apercebem d'uma coisa, e é que no meio de esplendidas *toilettes* uma rica e nobre simplicidade, tem sempre muito successo. Supponde um

salão onde todas as mulheres tenham a cabeça consellada de pedras, e uma só chegue com os cabellos sem enfeites, mas formosos cabellos — de quem julgaes que será o triumpho? Oh! Não o duvideis um momento — Da que se revestio



de nobre simplicidade — da que chegou ultima. Lá diz um poeta:

*Signe orgueilleux de grandeur souveraine,
rouge turban plissé sur la tête des rois,
non, tu n'as pas l'éclat de ces tresses d'ebène,
qui couronnent son front, et que nattent mes doigts*

L A G R I M A S

Sobre o Tumulo

DE

D. ADELINA DE PAULA TEIXEIRA

(Fallecida na cidade do Porto em 28 de Junho de 1876)

A SEU IRMÃO

Sobre uma campa mal cerrada ainda
vertamos uma lagrima sincera,
paguemos um tributo de amizade
depondo sobre a lage esta corôa
de goives e saudades.

DAMASCENO VIEIRA.

Era o anjo do lar e da innocencia,
— celeste raio de fulgente estrella
que na terra passou, na terra ingrata,
sonhando eulêvos, divinaes affectos
que nos mundos da luz sómente existem!
Na fronte pensativa de creança
raiaua-lhe essa luz mysteriosa
dos eleitos de Deus! Tinha em su'alma
sacrario de virtude estranho ao crime,
que a todos enlevava em seus perfumes,
qual o incenso que sobe aos pés do Eterno
das aras do seu templo. Immaculado
era o seu pensamento, o seu sorriso,
como a prece d'um anjo em seus mysterios!

Oh! não lhe perturbeis o somno eterno
de celestes visões tão povoado!...
Deixai, deixai que o riso de seus labios
seja constante em mim, em Deus constante!
Que valem prantos? Lagrimas que importam?
Teve origem no céu, ao céu pertence,
era estrangeira aqui. Porque choral-a,
se foi gotta de luz, aos infinitos
alada no cortejo dos archanjos,
mandados do Senhor buscal-a á terra,
no diadema de Deus brilhar mais pura?

Crente, firme na fé que existe um ente
todo bondade, luz, — principio eterno
que ños exalta acima de ños mesmos,
viveu, mas d'esse amor que é todo espirito
sellado pela mão da providencia
*no coração de um anjo.*¹

Oh! sim de um anjo,
pairando pelas fauces dos abysmos
d'este perverso chaos de horror e crime,
sem o brilho manchar de suas azas!
Das terrenas paixões não soube o travo,
e a essencia do meu Deus que tinha n'alma
não a manchou no lodo d'este mundo!

Fugia como rôla assustadiça
das mentirosas pompas d'esta vida,
das gallas do prazer, das alegrias,
do baile que seduz a mocidade,
dos luxosos salões que nos deslumbram,
do ar abafadiço que corrompe,
e as flores do coração enerva e mata!

Como talvez o anjo da saudade,
chorando uma illusão que vio desfeita,
buscava a solidão, ermo profundo
vergada ao pensamento das tristezas,
— dorida apprehensão de uma alma santa!
Mas se a ventura lhe sorria a trechos,
como era vel-a então serena e pura,
no seio perfumoso da familia,
scismar tristezas, mas tristezas doces
prantos verter, mas prantos de alegria!

Oh! celeste visão! Nos aureos mundos,
onde tu'alma foi buscar guarida
dormes talvez! Oh! pomba mensageira
da esperanza e da fé! No seio morno
de tua santa mãe, que ha muito havia
fugido d'este vaile, corrupto, infame,
levando o coração afistulado
pela saudade lancinante... amarga

¹ Os versos grifados são do sr. C. Castello Branco.

dos ternos filhos que a chorar deixava,
descansas, — pobre filha do infortunio,
inundada na luz da eternidade!

Deus! que enchugaste o pranto aos infelizes,
que aos cegos deste luz, ás mães seus filhos,
que foste o Lazaro arrancar da cova!...
Espirito celeste, essencia eterna,
tu que és omnipotente, excelso, grande,
envia um raio de alegria ao menos,
ou ampara na fé do sacro lenho,
esse infeliz mancebo que succumbe
por tantos golpes d'infortunio immenso!

E tu, alma de Deus, a Deus votado,
particula de um ser celeste e puro,
que na terra passaste radiosa,
como gotta de luz cruzando o espaço
pelas caladas noutes do mysterio,
recebe n'essa célica morada
onde o premio colheste da virtude,
esta singela c'roa de cyprestes!...
Doloroso tributo que hoje venho
em nome do passado venturoso
depôr na fria pedra de um sepulchro
onde o teu corpo, ó filha da saudade,
para sempre repousa!

Oh! minha infancia
tão descuidosa e rica de attractivos,
já não te posso recordar ditoso!

Aceita, pois, em nome do passado,
dos brincos pueris da tenra idade,
o triste pranto que me orvalha as faces,
e as pobres flores que off'recer-te venho
n'esta grinalda humilde de saudades!
Rompendo os vinc'los da materia inutil
talvez minh'alma remontando espaços
possa bem cedo conversar cõtigo
n'esses mundos de luz e de verdade!

Silvino Vidal (Rio Grande do Sul — Brazil).

Elogio em boca própria. — Na cidade da Cachoeira (Bahia) havia outr'ora um sujeito que especulava em animaes, isto é occupava-se na compra e venda de burros que impingia aos miseros trapeiros por pre-

ços fabulosos, conseguindo assim não pequena fortuna. Desejando alguém vender um excellente cavallo que possuia,



e não acostumado a vendel-os, foi consultar o negociante sobre o preço que devia pedir. — Homem, respondeu elle:

fallando como quem se confessa, eu, de burros sempre entendo alguma coisa, mas para cavallos — sou uma besta !

José H. da S. Dutra (Santos — Brazil).

CHARADA XXIII

Assente na baixa Albania
faceira ali permanço ;
tambem um rio me banha,
tambem á Hespanha obedeço — ?

Como heroe d'antiga historia
este sob'rano reinou,
usurpador ambicioso
um vassallo o assassinou ! — ?

Ainda n'antiga historia,
sendo do throno senhor,
vingou a morte d'aquelle
executando o traidor.
Reinando teve por norma
justiça, patria, e honor !

Francisco Gonzaga Cicero de Sá (Cuiabá — Brazil).

LOGOGRIPHO XV

Eu bem sei que o logogrifho é como a forte muralha que em um lanço lhe caindo, já não resiste á metralha.	Comtudo sempre direi aos que entrarem no combate que hão de primeiro gemer para dar-lhe <i>xeque</i> — <i>mate</i> .
--	---

Sou dos gallos divindade, — 8, 2, 3, 11
 e coisa muito estimada, — 5, 6, 7, 8, 11
 tambem desordem do espirito, — 3, 11, 7, 8, 11
 e planta bem procurada. — 5, 11, 3, 7, 4
 Vale o mesmo que um signal, }
 isso lá de certo vale. } 3, 9, 7, 8, 4

Deus te livre d'assim ser, — 10, 11, 6, 1, 11
 e de ver alguem assim, — 4, 3, 3, 9, 7, 8, 4, 10, 11.
 Tem linhas, não tem que ver ; — 1, 2, 3, 2, 7, 8, 11
 é attrahida, e por fim — 1, 4, 7, 6, 7, 8, 4
 é de suppôr que assim fique. — 1, 2, 5, 6, 10, 4
 Não m'o dizes, meu amor ? — 4, 10, 2, 11, 8
 Não lhe vês correr a agua ? — 7, 6, 5, 11
 Não a amas, caçador ? — 10, 6, 9, 7, 4

Não é por minha vontade que lhe vou dar o conceito, comtudo elle ahi vae já que não ha outro geito.	Não supponham que o enredei para vos causar enfado, porque podia fazel-o ainda mais enredado.
--	--

D. Adelaide Costa (Madre de Deus — Bahia).

A verdadeira fidalguia. — Melhor é ser principio e origem de nobre familia e illustre casa, que fim e menoscabo d'ella. ¹ Extrema e lastimosa pobreza é

¹ N'uma comedia hespanhola — *Lorenzo me llamo*, tambem o auctor põe na bocca do mesmo Lourenço estes conceituosos versos :

De esta manera naci,
 Si es que la virtud se alaba,
 Que como en outros se acaba,
 My linage empleza en mi ;

	Por que son mejores hombres Los que sus linages hacen, Que aquellos que los deshacem, Adquiriendo viles nombres.
--	---

não ter o homem mais nobreza propria, que quanta se diriva de seus avós.

A verdadeira fidalguia é um tributo perpetuo, devido á virtude que os filhos de nobres são obrigados a pagar-lhe todos os dias de sua vida; e por isso não se alcança só nascendo, mas morrendo e vivendo. Ha fidalguias que não servem de mais no mundo que de offuscar, abater e eclip-sar a gloria de seus antepassados, e pôr n'ella maculas eternas. São alguns de tão mingoados espiritos, tão ce-gos nas opiniões, tão nescios nas altivezas, que não teem de fidalgos mais que o papo inchado de ar, assoprar e escarrar, satisfeitos com as alcunhas vãs, e appellidos fa-mosos de seus avós, quintos e sextos. D'estes parece que disse Salomão nas suas parabolâs — que apascentam os ventos, e seguem as aves que voam.

.....
Rasão teve Juvenal para dizer a Rublo Planco :

*Plance. Tu mes alto Drusorum sanguine, tanquam
Feceris ipse aliquid propter quod nobilis esses ;* ²

Se qualquer tábuâ podre, roida da traça e cheia de lodo pretendesse ter logar no throno d'el-rei, por ser cor-tada do monte Libano, ou do Thabor, o desatino seria grande.

D. Frei Amador Arraiz.
(Dialogos).

CHARADA XXIV

Coragem ! diz a primeira	<i>Affirmo</i> que isto que eu digo,	
não vos trema o coração—1		é verdade e toda inteira ;
cautela ! toda a prudencia ;		mais ainda — é necessario
cuidado ! toda a attenção — 2		como é o sol á videira.

Mattos da Silveira (S. Jorge — Vellas).

² Planco. O sangue que corre nas tuas veias incha tanto o teu orgulho, como se tu mesmo houveras sido factor da tua nobreza.

GORGEIOS

Sua face é tão louçan,
tem tal viço, é tão mimosa
como a pétala da rosa
aberta em fresca manhã.

Sua voz tem tal doçura,
é tão meiga, tão suave,
como o gorgeio de uma ave,
como a fonte que murmura.

O seu sorriso fascina,
seu olhar mata de amor ;
um é — o abrir da flôr,
outro é como a luz divina.

São tão longos seus cabellos,
tão negros, tão ondedos,
que me matam de cuidados,
que me atormentam de anhelos.

Tem tal graça seu andar,
é seu vulto tão garboso,
qual branco cysne formoso
em manso lago a nadar.

A sua mão é tão breve,
tão branca, tão torneada,
tão linda, qual mão de fada
tão alva, qual mão de neve.,

Su'alma pura sem véo
é tão casta, tão serena
como a mais candida penna
de um passarinho do céu.

Honorio Monteiro (Pernambuco — Recife).

CHARADA XXV

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Felicidade de Freitas Fernandes

Lá em Veneza nas gondolas,
por certo me encontrarás ; — 1
dos gondoleiros nos cantos
procura qu'encontrarás. — 1

Quando Veneza opulenta
a todos as leis dictava,
dizem que era rainha
e que sobre mim reinava. — 1

Eu pequena sou por certo,
grande é minha formosura ;
de opulencias sou despida,
porém sou rica em verdura.

Eu não tenho o Adriatico
em que me possa espejhar,
mas tenho o rapido Ave
a meus pés a susurrar.

F. F. F.
292

Fausto de El-Rei D. Manuel. — Foi mui musico de vontade, tanto que as mais das vezes que estava em despacho, e sempre pela sésta, e depois que se lançava na cama, era com musica; e assi para esta musica de camara, como para sua capella, tinha extremados cantores e tangedores, que lhe vinham de totalas partes da Europa, a

uma das melhores capellas de quantos reis e principes então viviam. Todolos domingos e dias santos jantava e ceava com musicas de chara-



que fazia grandes partidos, e dava ordenados com que se mantinham honradamente, e além d'isto lhe fazia outras mercês, pelo que tinha

melas, saquabuchas, cornetas, harpas, tamboris, e rabecas; e nas festas principaes com atabales e trombetas, que todos emquanto comia tangiam cada um por seu giro. Além d'estes tinha musicos moiriscos que cantavam e tangiam com alaudes e pandeiros, ao som dos quaes, e assim das charamelas, harpas, rabecas e tamboris, dançavam os moços fidalgos durante o jantar e ceia. O serviço da sua meza era esplendido, como a rei pertence. Continuamente todolos domingos e dias santos, e alguns de fazer, emquanto foi casado, dava serão ás damas e galantes, em que todos dançavam e bailavam, e elle algumas vezes. Foi o primeiro rei christão da Europa a que vieram elephantes da India, dos quaes teve cinco juntos, quatro machos e uma fema, que quando cavalgava pela cidade, ou caminhava, iam diante d'elle. A estes precedia (tão afastada que se não via) a ganga, ou rinoceronta; e atraz dos elephantes ia diante d'el-rei um cavallo acobertado persio, nas ancas do qual um caçador persio levava uma onça de caça que lhe man-

dára o rei de Ormuz. Com a qual pompa, atabales e trombetas cavalgava el-rei muitas vezes pela cidade, e quando caminhava.

.....

Deleitava-se muito no monte, e era bom besteiro, e caçador de vontade, para o que tinha muitos librees, sabujos e outros cães, com muitas e boas aves de presa, de diversas rêdes que mandava vir de fóra de seus reinos, mas ao montear e caça de gavião era mais inclinado, e a usava mais que a caça dos falcões. Nunca ia á caça sem levar musicos e instrumentos de camara, com que lhe tangiam e cantavam, fosse no campo, ou nas casas onde comia e repousava :

Damião de Góes
(Chronica de D. Manuel).



(Versão do hespanhol)

Tu és luz e não mostras resplendores,
azas não tens e aos cherubins egualas,
tu és flôr e não tens da flôr as galas,
és perfume e recusas teus olores ;

Do mar tu és a onda dos amores
e na praia do mundo não resvalas,
tu és a nuvem que o espaço escalas,
porém que vêr não deixas teus vapores ;

Tu d'alma és a musica inefavel,
sem que os acordes teus sejam ouvidos,
tu és iman, que occulto, és impalpavel ;

Tua attracção se exerce nos sentidos :
e tal és porque a *Fé* que aos ceus ascende
nossa humilde rasão não comprehende.

João Dantas de Sousa (Monção).

ENIGMA IX

(Aos charadistas d'este almanach)

A	E	E	E	A
H	B	T	R	H
O	P	O	L	O
S	C	I	G	S
A	N	N	N	A

N'este quadro aqui presente
acharás, caro leitor,
um poeta, um guerreiro,
um philosopho e um pintor.

Os Thugs charadistas (Arruda).

Centões. — São assim chamados os versos que para a composição d'um soneto, por exemplo, se vão buscar a um poeta, nunca tomando dois seguidamente, mas um d'uma parte, outro de outra; formando depois todos um sentido. Esta palavra vem do latim — *cento-centonis* — manta de retalhos — e effectivamente tal especie de poesia é, nem mais nem menos, uma verdadeira manta de retalhos, nunca, eloquente.

Ausonio, poeta latino do 4.º seculo, escreveu um poema, *Cento Nuptialis*, tirado dos versos do casto Virgilio, mas de tal modo, e com tal arte buscados e depois cerzidos, que a musa da moralidade velou a face.

André Nunes da Silva, um poeta nosso pouco conhecido, do seculo 17.º, escreveu um soneto em *centões*, tirado da *epopea* do nosso grande epico, para celebrar a victoria alcançada pelo conde de Villa Flór, D. Sancho Manuel, contra D. João d'Austria, filho illegitimo de Filippe IV de Castella, na memoravel batalha do Ameixial, ferida a 8 de junho de 1663.

Ahi vae o soneto, e em cada um dos seus versos marcado o logar de *Camões*, d'onde foi trazido :

SONETO

	Cant.	Estancia
Faz contra Luzitania vir Castella	IV	6. ^a
O filho de Filippe n'esta parte	I	75. ^a
Fervendo-lhe no peito o duro Marte	III	30. ^a
Das soberbas e varias gentes d'ella.	IV	57. ^a
Quando dá a grande e subita procella	VI	71. ^a
Um portuguez, mandado, logo parte,	VII	23. ^a
Treme a bandeira, vóa o estandarte	II	73. ^a
Com manha, exforço, e com benigna estrella.	VIII	25. ^a
Eis se ajunta o soberbo castelhano	III	34. ^a
Porque levasse ávante seu desejo	III	75. ^a
Tomando aquelle premio e doce gloria ;	IX	39. ^a
Mas nas mãos vae cair do Luzitano.	II	69. ^a
Sancho, de exforço, e d'animo sobejo	III	75. ^a
Que causa inda será de larga historia	IV	64. ^a

Já se vê que é um infimo soneto, mas difficilimo de fazer por causa das rimas obrigadas. Isto é, uma coisa que deu muito trabalho, e que para pouco presta.

SAUDADE ROXA

A morte de meu irmão A. S. Mello

Do exterminio quando na jornada,
o archanjo, ó romeiro d'alvorada,
a fronte te empanou,
a tu'alma trocando do martyrio,
o negro manto, por festivo cirio;
aos pés de Deus voou !...

Fugiste como o echo suspiroso,
da nota que o pastor fere saudoso,
na frauta sonolenta...
como a concha nas ondas marulhosas,
como as aves que fogem temerosas,
ao sopro da tormenta !...

Subiste ao éther no verdor dos annos,
despresaste este mundo só de enganos,
este abysmo sem luz ;
hoje dormes na arêna da verdade,
e eu te envio a fraternal saudade,
curvado aos pés da cruz !...

O. S. Mello (Rio de Janeiro).

SALVE RAINHA !

PARAPHRASE ¹

Salve dos anjos inclita Princeza !
Salve piedosa Mãe, por quem bradamos
os tristes degredados, que arrastamos
as cadêas de quem triumphaste ilibza !

¹ Feita alguns dias antes da morte do auctor.

A nós os olhos volve, aonde acceza
brilha a misericordia, em que esperamos :
as lagrimas consola, que choramos
no valle de amarguras e torpeza.

Virgem pura, das virgens soberana :
ouve os ais, os gemidos allivia
da fragil geração, da culpa insana.

Eia pois, oh Santissima Maria !
do misero desterro a turba humana
clemente á promettida patria guia.

Domingos dos Reis Quita.

CHARADA XXVI

Sou uma letra ; mas que letra ! Por certo d'algum valor ; sem ella nem eu nem tu viveriamos, leitor.	}	1	Se pertenco ás unidades como se deve suppôr, devo ahi ser encontrada pelo perspicaz leitor.	}	1
---	---	---	--	---	---

Marilia, de que te queixas ? de que te roube Dirceo o sincero coração ? Não te deu tambem o seu ? E tu, Marilia, primeiro não lhe lançaste o grilhão ?	}	2
---	---	---

.....

Permitte Senhor Deus, que extasiado
contemple a Omnipotencia do teu ser !
Maravilhas a mil ! delicias, gozos !
soffrimentos sem fim ! viver morrer !

Carlos E. de Moraes (Caneta — Pará).

Mãe e madrasta. — Sabeis, dizia Montesquieu, quem é a nossa mãe ? É a adversidade. A prosperidade não é mais que nossa madrasta.

LOGOGRIPO XVI

Ao meu amigo Jayme Cunhal d'Aguiar, residente na Africa

Qual não possui dos leitores,
o que dizem prima e duas,
se á segunda nós cortarmos
a final das letras suas?

Gosto d'ellas ; mas, tirando
á segunda o terço seu,
gostará alguém das mesmas
invertidas? menos eu.

Prima e tércia são custosas?
da segunda quem tem dó?
mas uma e tres são bem raras
onde existe — duas só.

Da segunda co'a terceira
é vulgar a tradição ;
dominou o nosso povo,
que lhe foi mais tarde á mão.

A segunda, sem dois terços
co'a terceira é boi bravio ;
a terceira co'os dois terços
dizem ser d'um homem pio.

Qual o homem que não tem
tres e uma p'r'a mulher?
se na cidade a não vires,
cá na serra a podem ver.

O meu todo, caro amigo,
não te canses que o não vês,
sem o papa analysares
da cabeça até aos pés.

Francisco Henriques da Cruz Coelho (Paranhos)

OS CAMINHOS DA VIDA

(IMITAÇÃO)

Ao Ill.^{mo} Sr. Antonio Celestino da Silva

Ha na vida uma estrada escabrosa,
outra cheia de luz divinal ;
e a seu gosto qualquer d'ellas póde
escolher para si o mortal.

Ai d'aquelle que ao fazer essa escolha
se guiar só por vãs illusões,
e deixar o caminho brilhante
pela estrada ruim das paixões.

Maldizendo da vida a amargura,
em espinhos trocadas as flores,
os seus senhos em fel convertidos,
soffrerá da desdita os rigores.

Não aquelle que o bem procurando
ao encontro da provida luz,
os seus passos seguio, confiado,
pela senda que á dita conduz.

Carmo e Sousa.

A disciplina de Frederico e de Napoleão. — Durante a campanha da Silesia, Frederico, rondando o acampamento, vio luz na barraca do capitão Ziertern, contra as suas ordens terminantes; pelo

dictat-vos e foi: « Amanhã morrerei no campo falso. »
Era esta a pena em que incorreu por aquella falta, e no dia seguinte foi com effeito executada.



que se dirige para ali, e sem lhe merecer perdão o estar elle a escrever a sua mulher, nem os serviços prestados, diz-lhe :
— Accrescentae á vossa carta o que vou

Depois da batalha de Arcole, que durou dois dias, Napoleão, visitando o campo, encontrou n'um posto avançado uma sentinella a dormir. Pega-lhe na arma, fazendo o serviço do soldado, até que este, acordando, se deita aos pés de Napoleão, exclamando que estava perdido. Não estava. Animando-o respondeu-lhe o general :

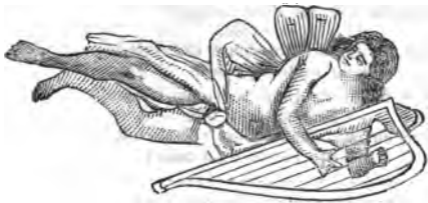
— Depois de tanto cansaço é justo que um valente como tu, cáia com somno e fadiga; perdôo-te, mas peço-te que escolhas melhor o tempo para descansares.

O genio de Napoleão levou as suas aguias a Berlin; a disciplina de Frederico levou o exercito allemão, a Paris.

A. M. B.

O ANJO DA NOITE

(PHANTASIA)



Disse um dia o Senhor a um dos anjos :
«vae sobre a terra, vae,
«e espalha entre os humanos essas benções
do meu amor de Pae.»

«Que estrada seguirás, tu, que de noite
á terra te encaminhas?
— Vou-me a peregrinar de casa em casa
p'ra vêr as creancinhas!

Abrio as azas candidas no espaço
o enviado dos céos ;
atravessando os mundos do infinito
rasgou da noite os véos.

Entrou nos regios paços ; os infantes,
nos berços de veludo,
da pluma entre o frouxel, sob os arminhos,
tinham frio comtudo !...

O Anjo do Senhor parou um pouco,
os berços contemplou.
— Ávante ! disse, e, retomando o vôo,
nas azas se librou.

Modesto era o casal, mas farto e alegre ;
a paz ali reinava ;
entre o pae e a mãe uma creança
dormindo se aninhava.

Respirava-se ali doce bafagem
de vivido calor,
co somno do innocente era velado
pelo materno amor.

O enviado de Deus sorrio-se e disse :
— Esta se frio tem,
terá em vez de arminhos e veludos
os braços de uma mãe !

.....
.....

Vouu... vouu... em lóbrego casebre,
no pendor da montanha,
sobre um feixe de palha ennegrecida,
eis uma scena estranha.

Um cadaver, de mãe, que se finara,
jazia, inerte, ali ;
os olhos entreabertos já não viam
o filho ao pé de si.

Ouvia-se gemer o pobresinho,
de frio tiritando,
que as mãosinhas erguia, arroxeadas,
o seio em vão buscando.

Então o ethéreo ser, as brancas azas
sobre o triste estendeu,
e ao bafejo celeste confortado
alfim adormeceu.

Ao despertar do somno milagroso,
a luz do sol propicio
encontra o triste orphão reclinado
no berço de um hospicio.

É porque o Justo Deus, que os mundos rege,
é sempre egual em tudo ;
aos ricos deu as pennas, os arminhos
e os berços de veludo ;

E ao pobre que se estorce entre as angustias,
e as agonias do horto,
que lucta n'este exílio em que vivemos,
dá celestial conforto!

Eis sobre elle se inclina, contemplando-o
com maternal amor,
aquella meiga virgem que é na terra
a benção do Senhor;

Aquella que transforma o pranto em riso
com branda suavidade;
aquella que por nome tem sómente
amor e caridade.

.....
O ethéreo mensageiro o vôo retoma
para a eterna Sião
e a voz de Jehovah lhe diz: — Bemvindo,
cumpriste a tua missão.»

D. Maria Rita Chiappe Cadet.

Mãe! — Vêde aquella mãe como se debruça no leve berço do tenro fructo dos seus amores. Com que anciedade explora os menores movimentos da creancinha, para lhe fruir um riso! Com que liberalidade lhe proporciona carinhos, para vêr entre-abrirem-se os labios do infante, e receber d'elle a caricia da innocencia! Que doçura nos olhos d'aquella mãe! e que nobre sentimento perpassa por aquelle espirito! Mãe! ente adoravel, completo quando cinges ao teu seio a branda vergontea da tua sympathica união, preenchida no altar. Em ti irradia uma luz do céo, quando te vês locupletada dos bens terrenos, abraçando e acariciando, muito junto do teu seio, o que, para ti, é thesoiro e vida.

— Dás-me essa creancinha, que t'a péso a oiro?

— Louco, tu, que julgas, que te cederia o que a natureza depoz no meu seio. Nunca! por que não m'a poderão arrancar d'estes braços, que serão de ferro, para salvar meu filho!

— Julgas a tua riqueza esse innocentinho, e amanhã a morte t'o arrancará do peito. Pobre misera, que não sabes que a sorte é implacável. Que poderão valer as tuas lagrimas e os teus rogos? Ficarão na terra, e o teu filho subirá ao céu.

— Mentas, mau espirito, que esta creança é minha; criei-a nas mais acerbos dôres, e dou-lhe agora o meu leite e as minhas caricias. Para Deus... sim... para Elle...

E os olhos da pobre se aljofram de lagrimas, d'essas lagrimas distilladas por um sentimento sincero que lhe aperta o coração, e lhe veem rolar, quentes, pela face, onde está traduzido o desespero.

Mãe! Palavra que os nossos labios pronunciam com amarga tristeza quando já não é da terra; santo influxo no nosso espirito quando a evocamos nas nossas tribulações; meiga conselheira quando apalpamos o infurtunio, tu és a mais perfeita obra de Deus quando cinges a tua corôa de martyrio e não vergas á desgraça: — Quando não sentes o desalento n'este peregrinar do mundo e não succumbes ás mil dôres que te ferem, até findar a tua ultima e a tua alta missão na terra.

Carneiro (Porto).

O BAPTISMO

Ao meu presadíssimo amigo, o sr. D. Alexandre Fillo!,
no dia em que foi baptisado seu filho Victor

Se é grande, immenso, o prazer, que no coração materno desperta o vagido terno, que sóta o filho ao nascer; se o pae o amor paterno sente no peito crescer, ouvindo ao tenrinho ser	seu debil lamento; eterno é o jubilo, a alegria, é o balsamo dos céos, que a alma lhes enche no dia em que o filho, amores seus, vae do baptismo na pia ser tambem filho de Deus!
---	---

A. de F. M. C. B. (Barquinha).

CHARADA XXVII

Cruel mensageira, funérea visita ;
que o peito te agita d'acerbo soffrer !
vislumbre da morte !... que d'almas convida
á triste guarida d'eternò jazer ! — 2

Que triste guarida !... Será ; 'inda assim,
riquezas sem fim absorve e derrama.
Terrível e meigo, feroz e amavel,
mysterio insondavel, real panorama. — 1

O todo é nome de joia
que mui pouco lustre tem,
coalhada, consistente,
que a terceira em ti contém.

Manoel Medeiros da Silva (Quartel de Caçadores n.º 11).

CREIO !

Eu soffro ; o corpo padece

.....

CASIMIRO DE ABBEU.

Oh cruz divina, se és do triste o amparo,
se ao impio rasgas a cegueira, ó cruz,
mostra á minh'alma um horisonte claro,
transporta um cego ás regiões da luz.

Ó cruz do Christo ! eu creio em ti, eu creio
no augusto martyr que de ti pendeu.

Oh ! n'essa fronte macerada eu leio
fundos vestigios de outra patria — o céo.

Os olhos baços onde, pairava a morte,
como em minha alma reflectir-se vem !
de eguaes espinhos me coroou a sorte,
na face]a affronta]me cuspio tambem.

Ai! p'ra que havia de brilhar a estrella
nas foscas trevas do meu crú viver,
se tão depressa se abraçou com ella
nuvem pesada que me fez tremer?

Tudo illusão! tudo illusão funesta
que dóe, que mata, que jámais esquece;
raio que lasca, que fulmina e cresta
o tronco altivo que jámais florece!

Amei-a, sim! E este amor ardente
que abriu meu peito a uma dôr infinda,
nem ella o sabe..., como não presente
o fogo vivo que me anima ainda.

Porém que vale do passado a ideia?
para que gemo, se ella folga e ri?
que valem prantos, se a falaz sereia
hoje diz — amo-o! E ámanhã — menti?

Ai! como custa este martyrio lento
após mil sonhos de innocente amor!
Ai! meus affectos! da desgraça o vento
sumiu-os todos na mansão da dôr!

Foi sonho d'alma por meu mal tão crido;
e o seio oppresso que o soffrer rasgou,
hoje sossobra, sem amor... descrido...
martyr d'affectos que o labéo manchou.

Oh! minto! Eu creio na sublime crença
que hoje me inunda de fulgente luz!
Eu creio, ó Christo, em tua dôr immensa,
creio no abrigo que me dás, ó cruz!

Narciso Corrêa de Lacerda (Porto).

A terra natal. — Das affeições do coração humano, a ultima talvez a desvanecer-se, se realmente se desvanece, é a que tem por objectivo a terra que nos vio nascer. Bebida com o leite da infancia, esta affeição enraiza-se e avigora-se em nós, ao passo que a rasão começa o seu dominio e que o mundo nos patenteia bellezas des-

apercebidas ao olhar da creança. Se não tem o delirio e a effervescencia do amor desvairado, tem em compensação a inquebrantabilidade d'uma amisade immorredoura. Vejamos o homicida que estanceia distante da terra que lhe escutou os primeiros vagidos, e cujo ar primeiro lhe bafejou a fronte. Cada movimento é um gesto de vingança, cada palavra um grito de exterminio. Os olhos injectados chispam scintellas côr de sangue. A lividez que o cobre é a dos precíto's. Assimilha-se ao tigre quando fareja o sangue da victima.

Mas eis que finalisa o praso do seu desterro. Já de volta para a patria, vão pouco e pouco despovoando-lhe a imaginação aquelles pensamentos sinistros, e a seu turno a vão occupando outros mais suaves e tranquillizadores. Já despe o ar sombrio que o caracterisava.

Aquella vehemente e devoradora sede de sangue do seu semelhante, dissipa-se e dá logar a uma anciedade indizível. Salta em terra e lança ainda uma derradeira vista ao elemento undoso. Vai n'esse olhar a renuncia solemne aos seus projectos de vingança: e a metamorphose que começou a operar-se n'elle desde o primeiro passo de volta para a patria, consumma-se. Corre pressuroso em demanda da terra que lhe foi berço. A lembrança de lhe pisar o solo dentro em pouco, é a varinha magica que o torna insensivel ao cansaço e ás fadigas. Chega, e os conterraneos, que viram sair um criminoso, saúdam agora um regenerado. Tudo tem para elle o cunho da novidade. Cada campo se lhe afigura um jardim, cada prado um Eden. O jubilo do presente faz que elle olvide as tribulações do passado. E julga-se feliz, e já lhe não é pesada a existencia.

Quem operou este salutar effeito? quem o regenerou? Foi o amor ao seu ninho; foi essa affeição que começou no berço e ha de terminar no tumulo. Disse o padre Bluteau que « a patria tem qualidades retentivas para os que nascem n'ella, e attractivos para os que d'ella se apartam. »

É esta uma verdade incontrastavel.

Extasiamo-nos ante a formosura de Veneza, ou ante a magnificencia de Roma, ou de Paris. É legitimo o nosso extasi, natural a nossa admiração. Mas nunca esse sentimento pôde proscreever a affeição que tributamos á nossa terra natal. O homem que tem o coração cerrado a este affecto, deve ser demasiado infeliz. Para esse não tem as aves melodiosos trillos, nem os calices das rosas inebriante aroma. Ha de ser bem negro o seu horisonte, bem nefasta a sua sina.

Manuel da Motta Manso (Soutello).

LOGOGRIPO XVII

Ao Ex.^{mo} Sr. Luiz Pereira de Lencastre e Menezes

A primeira e mais segunda, depois de breve mudança, faz assustar muita gente, faz tremer muita creança.		A terceira após primeira eu possuo e tu tambem ; mas o todo, caro amigo, isso lá nem todos tem.
--	--	--

Abel Augusto Corrêa de Pinho (Coimbra).

AS NUVENS

As nuvens da madrugada, pairando no céu azul, são berços de branca fada ao sabor do vento sul ; São anjos, que o céu encerra, condensados em vapor ; candidas virgens da terra, que se finaram d'amor ;		São brancas flores mimosas, fanadas inda em botão, que se espriam vaporosas como rolos d'algodão. As nuvens da madrugada desmaiam no céu azul, como as rosas d'alvorada ao leve sopro do sul.
--	--	--

Raymundo da Motta (Cabo Frio).

Paixões femininas. — A maior parte das mulheres, dizia M.^{mo} de Pompadour, preferem o prazer dos divertimentos ao prazer de serem amadas.

Maria de qua natus est Jesus. — Salve, rainha dos anjos, espelho da virgindade, typo da candura, estrella brilhante dos céos, cofre precioso de todos os beneficios, thesoiro inexaurível de todas as graças.

O sol ainda não illuminava o mundo; as vagas ainda

não agoitavam as praias; os montes ainda não erguiam as cristas, devasando as alturas; os rios ainda não serpavam pelos vales; os astros ainda não giravam no espaço; as flores ainda não matisavam os prados; a



terra ainda não se librava nos ares; o vento ainda não ondebava o bosque: nada existia, e tu já existias, Virgem Immaculada, emblema da castidade, mãe do Salvador. É que és eterna, como a Divindade que

trouxeste nas entranhas; infinita, como o Deus que concebeste; perfeita, como o Salvador que amamentaste. Consubstancias quanto ha de mais bello e divino nos céos; concentras todas as perfeições possiveis. És a flôr dos seraphins, o conjuncto de todos os prodigios, o prisma de todas as perfeições, o espelho da innocencia, e o compendio de todas as virtudes.

O cortejo das estrellas que recamam a abobada celeste; as flores que matisam os vergeis; as aves que com os seus gorgeios embellezam a natureza; as harmonias que saem do plectro e do alaude; os santos córos das virgens que glorificam o Eterno, te louvam e admiram, assim come te louva e admira toda a terra e todo o céo.

O teu sorriso serena as encapelladas vagas, reprime a furia dos ventos, acalma o impeto da procella, alumia as

trevas da noite e restitua a bonança, a paz e a alegria ao universo.

Surges no mundo, Virgem Immaculada, e conjunctamente surge uma nova ordem de coisas: a aurora da salvação e da vida assoma para todos os mortaes; a era do vicio e da impiedade finda; a emancipação do genero humano perfaz-se; os vaticinios da antiga lei verificam-se; a grandiosa obra da redempção da humanidade realisa-se; os mysterios do Golgotha tem o seu cumprimento; a maldita serpente que avassalava a terra esconde-se para sempre no seu antro; o homem, escravo de vis instinctos e abominaveis paixões, regenera-se, aprendendo na escola do Calvario os seus direitos, os seus gloriosos fins e o seu destino.

E quem é o agente d'esta revolução? Quem é o fundador d'esta nova era de felicidade? O fructo das tuas virginaes entranhas, Jesus, o que resgata com o seu sangue a humanidade inteira.

O sol não resplende côm tanto fulgor como as tuas graças; a rosa não tem tanta fragrancia como as tuas virtudes; a aurora não esclarece tanto com os seus arreboes como Tu com as tuas perfeições. És o elo que une o céu á terra; o porto de salvação onde se abrigam todos os extraviados; a fonte purissima d'onde brotam as aguas da abundancia; a estrella matutina que com os seus raios illumina o universo; o anjo benéfico que ampara os indigentes; a bussola que dirige os perdidos no naufragio da vida; o remedio de todas as dôres; o refrigerio de todos os males; o balsamo de todas as feridas e a mãe de todos os infelizes.

Salve! casta esposa de Sião, templo vivo da Divindade, fonte perenne das graças, arca santa da alliança, salvação de toda a progenie de Adão. Bemdito seja o teu nome, symbolo de poesia, d'amor, de misericordia, e de esperanza.

José Augusto da Cruz (Midões).

CHARADA XIV (NOVISSIMA)

2, 1. — Rouba este homem, porque é ladrão.

Adriano Ramos Pinto (Porto).

A MEU MARIDO

no dia dos seus annos

Feliz o rouxinol, traduz o seu amor
na lingua sem igual de magica harmonia,
e occulto de manhã no loireiral em flor
envia uma canção ao alvorecer do dia.

Mas eu, que sinto n'alma o fogo puro e santo
do mais acceso amor, d' affecto sem igual,
não tenho lyra onde ir modular um canto
p'ra vir saudar o esposo em seu feliz natal.

E nem ao menos posso a voz hoje soltar,
embarga-m'a no peito a força do sentir!...
só pulsa o coração, que sabe tanto amar,
mas esse fundo amor não posso traduzir.

Que sejas venturoso, é esse o meu anhelos,
dar-te felicidade é só minha ambição;
amar-te com delirio é sempre o meu desvelo,
é o que de prazer me inunda o coração.

Desdobra, as azas sólta, esp'rito emprehendedor,
desprende o vôo audaz nas vastas regiões;
tens cheio o coração de juvenil ardor,
caminha, corre, vôa ás nobres ambições!

Mas não esqueças nunca a esposa que te adora,
p'ra quem o maior gozo é só o de te amar,
que ri quando tu ris, se soffres ella chora,
p'ra quem é sol divino a luz do teu olhar.

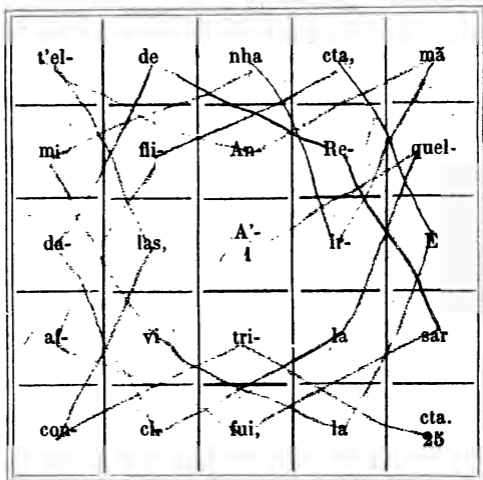
E deixa que hoje venha, em dia de teus annos,
depôr-te aos pés a vida, amor e coração;
e tu da alma nobre acolhe nos arcanos
um brado que traduz extrema adoração!

20 de Março.

D. Maria Leopoldina Furtado de Mendonça e Mattos.

CHARADA-ENIGMA (EM QUADRO)

(SALTO EQUESTRE)



Começa na casa 1 e acaba em 25. Depois de resolvido o enigma, resta decifrar a charada (em quadro).

A. A. B. O. (Paredes de Coura).

Os deuses manes. — Os deuses manes, entre os pagãos, não eram outra coisa mais que a alma e a cinza dos mortos. Usavam pôr na sepultura a inscrição «D. M.» e algumas vezes «D. M. S.», que quer dizer «*Diis manibus sacrum.*» Comtudo os antigos pagãos não tiveram todos as mesmas idéas a respeito dos manes: porque

uns os tomaram por almas separadas dos corpos; outros pelos deuses infernaes; e outros simplesmente por deuses ou genios tutelares dos defunctos.

Pretendiam alguns mythologistas que os grandes deuses celestes eram os deuses dos vivos; e que os deuses de segunda ordem, os manes em particular, eram os deuses dos mortos, os deuses bons, doces, benevolentes, que excitavam o seu espirito sobre os homens no silencio da noite.

Os romanos, ainda que não deificavam todos os mortos, comtudo criam que as almas dos homens de bem vinham a tornar-se especie de deuses; e invocavam os manes, como entidades benéficas e protectores dos homens. Era por isso que usavam enterrar os seus thesoiros nos sepulchros, persuadindo-se ter o dinheiro mais seguro n'estes logares do que em outra parte, visto que a «religião das sepulturas», estabelecida pela auctoridade das leis, ordenava que ellas fossem contempladas como logares religiosos e inviolaveis.

A. P. *Miranda Azevedo* (Lisboa).

LOGOGRIPHO XVIII

Ao meu amigo Eduardo Rozeiro de Mattos Coelho

«Das oito letras que eu tenho
«cinco d'ellas vogaes são,
«as outras são consoantes
«n'isso pois não ha questão.»

Muda a vogal á segunda,
junta prima repetida,
tendo no centro uma letra,
em bosques andou mettida.

O que ella foi n'outras eras,
não julgues ser brincadeira,
ficas sabendo se juntas
segunda é mais a primeira.

Pospõe á tércia uma letra,
consoante e não vogal,
terás da Grecia d'outr'ora
linda mulher sem rival.

Prima, quarta e outra letra
uma só e consoante,
sem muito custo verás
golfo, cidade importante.

Muitas mais combinações
poderia apresentar,
mas nada importa fazel-as,
pois é nome, e bem vulgar.

Anselmo Xavier (Benavente).

A MORTE DO POËTA

Era edificante e grandioso ouvir o moribundo dirigir-se a Deus: — Padre... nosso... que estaes... nos céos... — Fallar com a Virgem e pronunciar: Ave... Maria... cheia... de graça... E concluir: rogai... por nós... peccadores... agora... e na hora... da nossa... morte... — Depois repetir o mesmo, repetil-o emquanto ponde, e quando já o alento lhe fugia, apenas um leve rumor, que a tenuissima respiração afogava... — na... hora... da nossa... morte... Amen... Jesus...

DR. A. X. RODRIGUES CORDEIRO — *Esboço biographico do visconde de Castilho.*

Estas palavras do primoroso biographo de Castilho (ha de ser tão bom sentir lá da patria a voz orvalhada de pranto do amigo que ficou!...) estas poucas palavras encerram em sua singeleza um quadro dos mais sublimes!

Estando prestes a comparecer na presença d'Aquelle que em sua vida mortal afagára os pequeninos, torna-se infante na fé, na esperança e na candura o amigo das creancinhas.

— Padre... nosso... que estaes... nos céos...

Oh! como a oração, que Jesus ensinou aos rudes pescadores da Galiléa, fica bem n'aquelles labios, d'onde se derivavam sempre arroios de poesia!

! Ao descer á valla dos cadaveres, acha forças e consôlo em suas crenças, como qualquer filho do povo, o rival de Gessner e Shakspeare!

Vêde-o! n'aquella fronte magestosa, que escaldára a chama do genio, espalha-se a serenidade do justo.

Com os alvares do novo dia misturar-se-hiam talvez ainda (quem sabe?...) sombras fugitivas da infancia ao repetir em sancta paz a prece que entre beijos e caricias a mãe lhe ensinára no berço?!..

Pode alguém sondar os mysterios, distinguir e fixar as vagas tintas da alvorada do tumulto?!...

Ai! Musa latina e grega, sólta as madeixas e chora — morreu-te o amante...

Suas fallas eram favos do Hymetto. Fervem porém os ciu-mes?... — irrompem por aquelles labios borbotões de desespero!

Talento assombroso que sóta as agonias do *Bardo* e vae entreter-se em conversa de compadres com o velho Anacreonte !

E depois quem ha ahi que melhor soubesse contar as glorias portuguezas ?...

Em tua campa, ó vate, hão de brotar espontaneas as violetas, cuja fragrancia fará lembrar a suavidade de teus versos. Virão em saudoso bando os meninos e dirão : — É aqui !

Goivos e lyrios esparzidos por mãos angelicas, aquecerão ainda d'amor talvez as cinzas do finado...

Tua bella alma, poeta, voou certamente ao empyreo : e ao entrar aureolada de luz purissima, baloiçando-se em nuvem lucida de mysticas delicias, olhou e vio por certo a virgem a sorrir-se, apontando complacente e meiga para a tua *chacara*, que em caracteres aurifulgentes bordou em charpa celeste a mão d'um cherubim.

Junto ao throne do Altissimo exhala tuas queixas e gemidos, escriptor. Supplica-lhe com lagrimas que faça chover gotas de christianismo que avigorem e dulcifiquem as letras portuguezas !

.....
Quando eu era pequenito, ouvi bater as palmas, cantar hymnos na eschola, e, livre dos pavores que me infundia a palmatoria, disse saltando com enthusiasmo infantil, ao escutar enlevado amenas historias do A e do J : — Oh ! como a eschola é tão linda !

Hoje, sacerdote de Christo, tenho-me lembrado de ti, obreiro incansavel, no sancto sacrificio ; e venho, camponez humilde, venho trazer-te o amoroso presentinho de flôres silvestres, que se dão n'estas montanhas. Possa tua alma lá do céo sorrir-se, considerando o affecto com que as offereço. Bem sabes (pois ás almas bemditosas não são por certo occultos os arcanos dos corações...) bem sabes — a penna do rude aldeão, que após tremenda desgraça elle votára ao Senhor, nunca se maculou adulando mortos, afim de captar benevolencias de vivos.

Dorme, meu amigo da infancia, dorme teu somno placido na terra do sepulchro !

Venho desfolhar *saudades*, estas rosas bravas do monte sobre tua lousa funeraria. E ao fitar a sepultura em que jazes, coberta das minhas boninas campestres, digo suspi-

rando : — Ai quantos sem ventura desejariam repousar com tigo !...

Ahi tens minha pobre offerenda, meu cabaz de flôres. Descansa em paz!

P.^o F. S. C., (Castello de Paiva).

Galanteria d'um soldado. — Um joven soldado francez gemia em um leito do hospital, depois da ultima sangrenta batalha com os prussianos. Causando-lhe

dade, nova e linda, e disse-lhe : Porque invoca o nome de Deus ? Diga-me o que quer d'Elle, pois que eu sou sua



suas feridas violentas dôres, exclamava : Meu Deus ! Meu Deus ! A esta exclamação acudio logo uma irmã da cari-

filha. — N'esse caso, replicou o doente com um sorriso málucioso, a unica coisa que peço a Deus, é que me conceda a ventura de ser seu genro.

*** (Parnahiba — Piauhy.)

O estio. — O cálido estio abraza a superficie da terra e torna apraziveis as sombras. D'elle nos diz Camões n'uma das suas odes tão ricas de conceitos :



Já a calma nos deixou
sem flores as ribeiras deleitosas ;
já de todo seccou
candidos lirios, rubicundas rosas :
fogem do grave ardor os passarinhos
para o sombrio amparo dos seus ninhos.
Meneia os altos freixos
a branda viração de quando em quando ;
e d'entre varios seixos
o liquido crystal vae murmurando :
as gotas que das alvas pedras saltam
o prado, como pérolas, esmaltam.

Depois accrescenta, moralisando, como na *Primavera* :

O mar, que agora brando
é das nereidas candidas cortado,

logo se irá mostrando
todo em crespas escumas empolado ;
o soberbo furor do negro vento
fará por toda a parte movimento.

Lei é da natureza
mudar-se d'esta sorte o tempo leve ;
succeder á belleza
da Primavera — o fructo ; a elle — a neve ;
e tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera e Estio.

Tudo, emfim, faz mndança,
quanto o claro sol vê, quanto alumia ;
não se acha segurança
em tudo quanto alegre o bello dia ;
mudam-se as condições, muda-se a idade,
a bonança, os estados, e a vontade.

LOGOGRIPHO XIX

A primeira sem segunda :
— passando vida folgada —
inda mesmo nas tres, juntas,
não desejo, camarada.

A primeira com segunda
é de mais — ahi se diz...
para não ficar sem rima
quem tem cara tem nariz.

A primeira com a terceira
se uma letra lhe accrescêo
tem-no de certo a familia
do bravo que perecêo.

A segunda com um s
nome proprio ahi o tem,
e se juntar um diphtongo
só de gloria é que provém.

A segunda com terceira,
não se attende o do impostor,
mas fazemos o contrario
quando o sólta o orador.

A terceira só sem outra
tem lo tu no coração,
e se ahi o não encontras
n'uma arte o busca então.

A terceira c'a segunda
sendo um, valho por dois,
e se aqui não o decifras
guarda então para depois.

Eu faço parte d'um todo
alto, e baixo, posso ser ;
o que fôr assim sobeja-lhe
o que tem para viver.

T. S. (Bahia — Cachoeira).

CHARADA XXX

Meu leitor esta primeira, — 1
não vos digo, faz zangar. — 2
É da India uma bebida,
com certeza a vaes achar.

João Guilherme Chaves
(Iguape — Provincia de S. Paulo).

Inundações. — Em janeiro de 1877, assentado sobre uma eminencia de minha aldeia, admirava eu a inundação mais extraordinaria, que de ha muito não havia memoria. O riacho, que serpenteia no valle, tinha deixado o seu pequeno leito por onde deslisa placido e crystallino de verão, e estendia-se agora por toda a campina impetuoso e medonho.

As vinhas, as hortas, as varzeas, tudo estava submergido. Apenas dos pomares se viam as franças cabeceando batidas pela corrente. Ali eram madeiros, arvores, destroços mil, que a agua arrastava; acolá flocos de espuma, que brincavam sobre as aguas seguindo as ondulações da corrente.

Tudo impellia, tudo arrancava, tudo ameaçava destruir na sua passagem esta cheia immensa.

Junto a uma arvore rebalsou-se a agua; a principio resistio aquella, como resistira ao impeto do aquilão; mas a cheia engrossa, agua após agua vem reforçar a lucta: os ramos estremecem, as raizes desprendem-se, vacilla e eis que tomba.

Susurrando então um hymno de terror, lá corre o liquido elemento mais presuroso ainda em busca de novas combates e, qual furioso leão, arrasta ovante sobre seu dorso espumoso mais este tropheo de suas victorias.

Estavam em guerra aberta a parte solida e a parte liquida do globo.

Passados dias voltei como a pomba da arca a vêr se

já descobria a terra invadida por aquelle diluvio, e o que vi doeu-me deveras n'alma, e fiquei assim pensando :

As inundações são como as paixões, como as guerras, que tudo levam, tudo destroem e após si só deixam a desgraça e a fome. A inundaçào rouba aqui para ir deixar mais adiante, as guerras civis locupletam uns á custa da indigencia dos outros.

Era bem, pois, que aquelles, a quem a guerra reduzio á miseria, tivessem commissões philantropicas como as victimas das inundações memorandas d'este anno.

J. Machado Leal.

EGLOGA CHRISTÃ

Ditoso tu que lavras
tua terra com teus bois!...

ANTONIO FERREIRA (*Odes*)

Era elle, os bois, e um cão; mais nada; mais ninguem. Viuvo e solitario. Aquella terra além pertencia-lhe; a choça, a figueira, a arribana, e o *Galante* e o *Formoso*. Ali toda a semana levava o bom do Pedro a amanhar o torrão; e ao domingo, almoçado, e feita a oração na ermida, a meia legua, andava então sósinho, cabisbaixo, a passear no seu dominiosinho! Era um bom coração; respirava a innocencia d'aquelle viver brando. A mão da Providencia, quando o fez eniuvar, deixou-lhe os bois e o abrigo. Na sua solidão restava-lhe um amigo: o cão; um companheiro: o arado; um grande amor: o trabalho; e um consolo: a idéa do Senhor: a esp'rança de que um dia, ao abrir mão da relha, ia abraçar nos céos a sua pobre velha. E essa idéa o sustinha, e andava, olhos no céo, sem largar nunca o luto e o fumo no chapéo.

A tristeza melhora ; é um seio amigo, aberto.
Os tristes vêem a Deus mais tempo e de mais perto.
Fazia-me bem vê-lo ; e nos saudosos mezes
da eira, ou da lavoira, andava muitas vezes
cá de longe a espreital-o ; ia-me então depois
pôr mais a geito, ouvil-o a conversar co'os bois,
cantarolando a passo, e d'aguilhão no hombro
na terra á beira rio. Eu por traz do alto combro
escutava, não visto, a agreste melodia.
No passo lento e grave em que elle os conduzia,
o *Formoso* e o *Galante* iam leirando o chão.
Aquelle quadro a mim bastava-me ; oh ! e então,
casta melancolia ; ai ! como eu te gozava !
o meu doce Virgilio em minha alma habitava.
Eu sentia-me oppresso em vago infindo amor,
ao som da longa voz do rude lavrador,
cantando : — Arriba, boi ! *Galante* arriba ! arriba !
E o echo repetia a voz de riba em riba.

Julio de Castilho.

Usanças gastronomicas. — Sob esta epigraphe lêmos no *Almanach* de 1869 um artigo, que nos faz lembrar um uso identico ao que ali vem narrado, e é — no alto Minho e arredores de Monção, tanto ricos como pobres, matarem um cabrito na segunda feira immediata ao domingo de Paschoa.

Em Penafiel ha egual costume, mas é no dia de Corpo de Deus.

A familia que, apesar de todos os sacrificios, não pode obter o dinheiro necessario para comprar o animal, é tida como a mais miseravel da localidade.

A este respeito, e em prova do que dizemos, conta-se, que deixando certo individuo de pagar não sabemos que contribuição ou divida, alegando a sua extrema pobreza, foi processado.

O juiz ao lavar a sentença, fundou-a na allegação de

que o reu era tão pobre, que nem tinha comido cabrito no dia de *Corpus-Christi*, e absolveu-o.

Este caso deu-se ha annos. Se actualmente o juiz se contentasse com tão *justificativa* rasão, merecia a pena os habitantes d'aquella cidade privarem-se de comer cabrito no referido dia de Corpo de Deus, para se eximirem ao pagamento de quaesquer dividas. Experimentem sempre.

Justiniano d'Abreu.

A UMA CAMPONEZA

Eu não sei dizer quem és...
vejo-te a fronte envolvida,
na loura trança, cahida
da cabeça até aos pés!

Anda cá, deixa-me ver,
se te posso conhecer.

Quero ver-te a face linda,
e os teus olhos seductores,
que fazem morrer d'amores,
a quem nunca amou ainda!

Anda cá, deixa-me ver,
se te posso conhecer.

Quero ver-te a fronte altiva!
ver-te a bocca pequenina!
o teu fallar que captiva!
e a voz amena e divina!

Anda cá, deixa-me ver,
se te posso conhecer.

Eu tambem quero beijar-te
a fina e rosada mão,
quero tambem apertar-te
bem junto do coração.

Anda cá, deixa-me ver,
se te posso conhecer.

Assim juntos, nos meus braços,
em dulcissimo enleio,
bem apertado ao teu seio,
de um eterno amor nos laços...

Poderei então dizer
que te pude conhecer!

Silvestre Castanheiro.

Pensar e fallar. — Pensai duas vezes antes de fallar uma, e fallareis duas vezes melhor, dizia Plutarco.

CHARADA XXXI (DECAPITADA)

Vou fazer uma charada,
muito facil, pois não gosto,
de vêr gente atarantada,
ou causar a alguém desgosto.
Se uns são bons caçadores,
que lhes não custa suores
uma charada matar,
outro não é, e precisa,
que ella seja clara e liza,
para a poder decifrar.

Antes porém que comece,
darei duas palavrinhas,
para que ninguem tropece,
logo nas primeiras linhas.
Uma a uma, vai tirando
as letras e vão ficando,
outras palavras. Bem sei,
que é processo já sabido,
mas vai aqui repetido,
creio que mal não farei.

De acção feia, negra e vil,
que se occulta porque ha medo
que alguém haja tão subtil
que lhe divulgue o segredo,
é que as letras tirarás :

- «Que esta te foge, verás,»
- «com medo d'esta que vae ; »
- «mas queimou-se aqui, senão,»
- «afinava o rabeção ; »
- «mas nem poude dizer ai.»

F. G.

A montanha mais alta.— Ao que parece' o capitão inglez *Lawen*, descobrio em Nova-Guiné, ilha situada á vista da Australia, uma montanha de altura prodigiosa, a que deu o nome *Monte de Hercules*. A altura é de 10:929 metros acima do nivel do mar, enquanto o Everest, o cume mais elevado da Cordilheira de Hymalaia, mede apenas 8:839 metros.

O capitão *Lawen* só pôde subir a 8:435 metros. A esta altura o sangue rebentava-lhe pelos olhos e pelos ouvidos, e esteve em risco de morrer em consequencia da rarefacção do ar.

V. Alm. de 76, p. 308.

Bernardino José d'Araujo
(Villa da Barra de S. João — Brazil).

Reclamo d'um cégo. — Um cégo, que em Paris pedia esmola sentado á porta da pobre casa em que vivia, tinha para reclamo afixados n'ella uns maus versos,

mais proprios para fazer rir, do que para excitar a compaixão dos que se deinhoam a lê-los. — Aconselharam-lhe que pedisse ou-



tros a Piron, e um dia em que o cégo fôra advertido de que o poeta lhe passava pela porta, dirigio-se logo a elle e pediu-lh'os.

— Com todo o gosto, respondeu-lhe o auctor do *Metro-mania*; e na volta do passeio entregou-lhe esta sextilha, repassada de tocante sensibilidade :

Chrétien, au nom du Tout-Puissant,
faites-moi l'aumone en passant;
le malheureux qui la demande

ne verra point qui la fera ;
mais Dieu, qui voit tout, le verra ;
je le prirai qu'il vous le rende.

Quem d'ahi em diante parava a ler os versos que o pobre mendicante tinha escriptos na porta, quasi nunca deixava de lhe dar uma esmola, compadecido.

N'UM ALBUM

A quem vive pobre e triste,
que mal á pena resiste,
e de fraqueza a cair,
chegar-lhe um mendigo á porta
é para ficar absorta ;
'té dá vontade de rir !

Mas ólho para elle e digo :
« diga-me, senhor mendigo,
o que pretende de mim ?
Vem enfeitado com flores
das mais variadas côres,
e eu... não tenho jardim.

Irmão, faça a diligencia,
mas tenha agora paciencia,
aqui só reina a pobreza.
Ande, vá cobrar as sisas
por casa das poetisas,
ellas que o sentem á meza.

Mas... ouça, lembro-me agora !
espere, é pouca a demora,
se quer ir desenganado.
Eu tenho ali tres florinhas,
tão humildes, tão pobrinhas !
postas n'um vaso quebrado !

Veja, que fallo verdade,
aqui tem : uma saudade,
duas lagrimas de Jób.
Se quizer, póde guardal-as,
ainda que fui encontral-as
tão murchas que causam dó.

Mas, se forem bem guardadas,
não precisam cultivadas,
nem tem a haste espinhosa ;
e quando a alguém se dedicam,
as lagrimas multiplicam,
a saudade é mais viçosa.

Os meus desejos accete,
dou pouco, que lhe aproveite ;
porém não volte aqui mais.
Ninguem me tente com flôres,
não me trazem senão dôres,
não posso dar senão ais.

D. Maria José Furtado de Mendonça (Beira).

Excavações. — Houve tempo em que uma d'essas tempestades bravias, que passam desapercibidas, assolando uma existencia, desfechára contra mim.

Era pelo correr dos fins de 1857; e eu regressava de casa de minha irmã, onde passára o serão. Acompanhava-me um poeta distincto, que muito me honrou, permittindome appellidalo *meu mestre*; fallou-me da grandeza, toda harmoniosa, das obras de Deus; descreveu-me as orbitas dos planetas; e, propheta de jubilos, porque a sua alma estava tranquilla, antevio futuras felicidades ao genero humano, quando se diffundir a luz da sciencia!

Eu escutava-o, soffrendo a impaciencia. Rugia-me n'alma o inferno; que me importava a mim o céu?!

Deu meia noite. E ví um vulto deitado ao longo de uma porta: era um homem que dormia socegradamente, com a cabeça encostada a uma vassoura.

Parei um momento a contemplar aquelle quadro...

Ali, a força, o vigor, a innocencia da ignorancia repousando! Ao meu lado um homem fraco, pallido, com a mente mergulhada em illusões!...

— O que é? perguntou o poeta.

— É a resolução do problema da sciencia.

— Como?...

— E' um homem ahi a resfolgar tranquillo, sobre as pedras da calçada; tem por cabeceira a vassoura, o seu ganha-pão: e por docel o céu estrellado.

— Que quer dizer com isso?...

— Digo que é feliz; que não precisa da sciencia para o ser; que aparenta uma saude robusta, e uma consciencia tão placida, como esse somno que dorme.

— Sim; é verdade; são mui limitadas as suas precisões; não duvido que seja feliz.

— Pois então, sr. Castilho, deixemo-nos de antever paraísos! O mundo passará por todas as transformações materiaes, mas o coração humano ha de ser sempre o mesmo; feliz, quando fôr ignorante; desgraçado á proporção que a esphera da intelligencia se alargar!

O poeta calou-se; os eccos da noite não repetiram mais que as curtas expressões da nossa despedida á porta da minha casa.

E hoje que a sua alma, tão meiga como sublime, paira

pelos mundos desconhecidos, que terá ella sabido d'essas futuras harmonias, que restituiriam a humanidade ao primitivo Éden ? *Mysterio !*

D. Maria José da Silva Canuto.

SAUDOSA

Là repose.....
la plus belle de ce hameau.

BERANGER (Glicère).

Deus te guarde, sentinella
d'esta humilde sepultura,
onde dorme a virgem pura,
a virgem que eu tanto amei !

Cypreste, guardas a urna
do meu derradeiro sonho
d'um futuro bem risonho,
d'esp'rança em que me embalei...

Onde foste, minha crença,
minha fagueira esperança ?
Aonde existe a bonança
do céo do meu casto amor ?

N'esta humilde sepultura
que véla, guarda e vigia
com a sua sombra esguia
o cypreste velador,...

Quem me dera a tosca pedra
alevantar um instante
para vêr a minha amante
que a crúa morte roubou !

Quem me dera em tuas cinzas
poisar meus labios frementes,
pagar-lhe em beijos ardentes
os beijos que me outorgou !

E lá se vão muitos annos
que a morte d'ella lamento,
e não veio o esquecimento,
envolver-me nos seus véos !...

Sentinella, guarda a campa
que encerra a minha esperança,
que esconde a pobre creança,
que me fugio para Deus !

Henrique (Fronteira da Bolivia).

CHARADA XXXII

Minha primeira e segunda
tem a tércia e a derradeira ;
e ellas todas após juntas
fazem fructa brazileira.

D. Emilia da Natividade Ferreira (Vizeu — Fragozella).

À BEIRA MAR



Ó que saudades descem do espaço
na hora linda do entardecer!

e que suave melancolia
as tardas sombras nos vem trazer!

O sol fugio-nos; nas ondas rubidas
que além de manso vejo a tremer,
densa neblina, qual véo de noiva,
a terra prestes vem envolver.

Auras travessas, que o mar embaçam,
em beijos humidos nos vem dizer
misticas vozes que d'entre as fragas
soltam as vagas a referver.

D'entre as collinas ergue-se a lua
pavidas sombras vem descrever;
a noite surge. Deus! que saudades
na terra e mar! que doce viver!

NOVO CLARIM

Lessa da Palmeira, 30 de Setembro.
D. Leonor Adelaide de Figueiredo (Lamego).

Offerecimento infeliz.— Conta-se, não sei com que verdade, que certo allemão offereceu a um destemido general francez uma espada; isto no tempo em que a guerra da França com a Prussia estava assás eminente. O general ao recebê-la perguntou:

— Que quereis que faça com ella?

— Qué degoleis os entremettidos.

— Admira!... para mim sois vós o primeiro, e portanto cabe-me experimental-a.

E, sem perda de tempo, agradeceu a offerta com um golpe decisivo no pescoço do infeliz.

Tambem se conta que na batalha de Sedan foi morto este general, com tres balas e cinco cutiladas do inimigo. Feliz espada se assim foi!!!...

R.

ENIGMA X

Ao Ill.^{mo} Sr. Rufino B. F. Leal

(Auctor do de pag. 383 do Almanach de 1877)

Qual será a divindade,
que se uma letra perder
ás direitas, ou ás avéssas
na egreja a podeis ver?

Pois inda não fica n'isto,
e para mais graça ter,
perdendo ainda outra letra
divindade torna a ser.

João Augusto Nunes (Madeira).

URNA QUEBRADA

Nunca vi urna mais bella,
nem igual a posso achar.
Ainda choro por ella,
se ainda posso chorar.

N'ella tinha os meus thesouros,
as joias de mais valor,
os meus prantos, os meus louros,
minhas crenças, meu amor,

A aspiração ao futuro,
a adoração do ideal,
tudo o que ha de santo e puro,
de grandioso e divinal.

Alta noite, a sós comigo,
cheio de amor e de fé,
dizia-lhe o que eu não digo
a quem me escuta e me lê.

Era a minha confidente
na alegria e no pesar :
tudo o que a alma pensa e sente
tudo lhe eu ia contar.

E nunca tive reccio
de perder, quão louco eu sou !
as riquezas que em seu seio
por tanto tempo guardou.

Hoje d'ella nada resta,
da urna que tanto amei ;
e, das riquezas, só esta
que *saudade* chamarei.

A minha urna querida,
não sei bem quem a partio :
nas tempestades da vida
perdeu-se, e ninguem a vio.

Da urna despedaçada
os homens se esquecerão,
mas de mim será lembrada,
porque era — o meu coração.

Candido de Figueiredo.

Os Portuguezes e o dia de amanhã.— Também temos trabalhado por firmar o conceito de mandriões, em que somos tidos pelos estrangeiros, visto que adoramos a especie de divindade pagã chamada — *Amanhã*.

Entretanto, não é nosso proposito lisongear inclinações ruins da nossa nação, quando por ventura as tenha, nem fazer côro com os estrangeiros, que nos accusam de defeitos em que não sahimos da lei commum da humanidade.

Deus dotou o homem com a esperança de um futuro dilatado. O fisico sólta expressões de esperança até ao ultimo termo da doença, e apesar de conhecer quanto é perigosa. O nosso Bocage parece que tinha encarnado em si a humanidade quando exclamava moribundo :

... *Eu julgava*
em mim quasi immortal a essencia humana!

D'este providencial estado da alma nasce em todas as nações — não só em Portugal — a importancia do dia de *amanhã* ; também os francezes o teem — *Ademain les affaires*. Desde o celebre — *in crastinum res arduæ* — não tem havido, até hoje, sensivel melhoria n'esta tendencia do espirito humano.

Em todos os tempos e logares houve quem, pelos seus actos, protestasse contra ella ; e apontarei dois exemplos, ambos portuguezes, para o comprovar.

O fallecido professor, e saudoso fundador da escola de Mafra, *Dantas Pereira*, cuja indole era singularmente pacifica, entrava em verdadeiro furor quando lhe propunham, que deixasse para *amanhã* qualquer serviço.

O grande lavrador Raphael José da Cunha teve, entre outras, a ventura de encontrar, na pessoa de Frederico Tavares Bonacho, um guarda-livros tão robusto de compleição, como firme nos sentimentos d'honra. Soube apreciar-o, como provou pelas suas ultimas disposições.

Um dia porém tinha sido muito o trabalho. Entrou-se ainda pela noite com o serviço de escriptorio, e restava para escrever uma carta, aliás de somenos importancia.

Vencido pela fadiga, propoz o guarda-livros que ficasse a carta para o outro dia — *amanhã*. O amo annuo.

Tempos depois, dado caso semelhante, pareceu também annuir o lavrador ; mas levantando-se deu alguns passeios pelo escriptorio, e pediu um livro grosso d'uma estante.

Acudio com elle o guarda-livros : era um dictionario portuguez.

Procurou Raphael a fatal palavra *amanhã*, e disse ao amigo : « *Agora dê-me uma penna molhada, e uma regua para riscar esta palavra. Nem aqui a quero.* »

Que lição para o guarda-livros, para nós cultores do *amanhã*, e para os que accusam os portuguezes em geral, de um defeito de que tambem não estão isentos.

Tão certo é que por toda a parte ha um pedaço de mau caminho.

P. D. (Algures).

AO 2 DE JULHO DE 1876 EM PALMEIRAS

O Brazil que ha onze lustros
inda arrastava grilhões,
hoje ostenta seus brasões
por sobre as nações do mundo;
e, com semblante jucundo,
na vanguarda do progresso,
dá ás industrias ingresso,
ás artes cria expansão,
riscando as leis da oppressão.
Abre ao commercio franquia
dando á lavoura energia ;
o túnel rompe rochedos ;
e por cima dos torpêdos
em largos mares sulcando,
vae crespas ondas quebrando
a frota de ençouraçados,
que impõe os canhões raiados
ao Nero do Paraguay,
ao tyrannete que cae
para nunca mais s'erguer.

Vê-se o paiz florecer
no trilho da ferrea-via
disputando a galhardia
com o veloz telegramma.
Minerva que a mente inflamma
dos nossos homens de Estado,
colloca Marte a seu lado,
que sem ferir um fuzil
liberta o ventre servil ;
e cria a lei do sorteio,
extinguindo o cruel meio
de serem homens — *caçados*
e pela praça arrastados,
como o selvage imbecil.
Quebrou-se, emfim, no Brazil
a feroz arma d'esbulho :
eia pois, cheios de orgulho,
brademos com lealdade :
— Viva a sancta liberdade,
viva o dia dois de julho.

J. D. O. (Palmeiras — Bahia).

Como se descobriu a Edade de Pedra.—Ninguem ha hoje que não tenha ouvido fallar da *Edade de Pedra*, periodo da historia do genero humano, que talvez fosse de longuissima duração, mas do qual não existe nem resta vestigio algum nas tradições historicas.

Eis como a existencia d'ella se descobriu :

Ha alguns annos que uma commissão, nomeada pela socie-



dade dos antiquarios da provincia de Jutland, na Dinamarca, caminhava pelo litoral do mar do Norte, para ir explorar umas ruinas antiquissimas e n'ellas fazer excavações, quando um dos antiquarios, que simultaneamente estudava a historia natural, ficou atraz dos seus companheiros, e se poz com grande attenção e curiosidade a examinar uma ruma de conchas amontoadas em um dos pontos da costa.

— Que encontra de notavel n'essas conchas? perguntaram-lhe. Pertencem a especies vulgares perfeitamente conhecidas.

— É possivel, disse o naturalista; mas podem-me dizer porque é que todas ellas pertencem a diversas variedades comestiveis, e porque nem uma só está inteira? Estou vendo que todas foram abertas e que lhes comeram o conteúdo, e parece-me que n'uma epoca muito remota da nossa,

e da qual não ha memoria. Sou de opinião que, sem irmos mais longe, principiemos aqui as nossas escavações ; d'ellas saberemos muita coisa.

Effectivamente, pelas escavações, descobriram-se as facas que deviam ter servido para abrir as conchas, depois os machados, os martellos, etc., tudo de pedra d'uma excessiva dureza.

Como é que poderam fabricar taes instrumentos ?

É o que pouco depois se descobrio: encontraram-se rebolos de todos os tamanhos, appropriadissimos para aquelle genero de trabalho ; encontraram-se verdadeiras officinas cheias de restos de instrumentos por acabar, *tudo de pedra*.

Estes achados causaram sensação na Europa.

Novas investigações feitas em França, Inglaterra, Suissa e no norte d'Allemanha obtiveram os mesmos resultados que as dos sabios dinamarquezes.

Conveio-se, pois, que n'uma epoca indeterminada a Europa fôra habitada, em grande parte, por tribus cujas armas e utensilios eram todos de pedra, o que fez com que se dêsse a esta epoca, muito anterior á dos tempos historicos, o nome de *Edade de Pedra*.

A. P. da Costa Carneiro (Porto).

O CAIXEIRO E O DOMINGO

O pobre caixeiro trabalha seis dias durante a semana, trabalha a morrer ! e não satisfeito o patrão, que é injusto, 'té mesmo o domingo lhe não quer ceder !

Pois què ! n'esse dia que Deus escolhera p'ra ser o descanso de todo o mortal, não pode o caixeiro gozar liberdade, não pode ser livre !? Que vida infernal !

O proprio captivo descansa ao domingo, tem este direito, pois dá-lh'o o senhor, e o pobre caixeiro, por ordem do amo, até n'esse dia não deixa o labôr !

Não pode ir á missa, porquê logo cedo
mal tem almoçado lá vae trabalhar !
depois, quando deixa o lidar excessivo,
é tarde, são horas então de jantar !

Tambem d'este modo, não pode ir ao banho ;
cançado, aborrido p'ra mesa lá vae...
e quando elle acaba, se lhe é permittido
ir dar um passeio, é já noite... não vae.

E é d'esta sorte, soffrendo rigores,
depois que seis dias assás trabalhou,
que o pobre caixeiro, qual bronco selvagem,
o setimo passa, que Deus respeitou !

Fernando d'Araujo (Parahyba do Norte).

LOGOGRIPHO XX

Á musica esta pertence, — 1, 2, 5, 6
e no mar a podes ver. — 3, 6, 7, 4, 6
É livro bem conhecido — 3, 2, 3, 1, 2, 6,
entre pastores, podes crer. — 6, 3, 5, 2, 7

Dar alguma explicação
ao concluir é preceito ?
Homem franco e livre sou
por isso vos dou conceito.

A. Braziliense Carneiro (Santos — Brazil).

Horas d'ocio. — Despontá risónha a natureza,
com as auras do alvorecer ; o céu com o seu manto pur-
pureado, vivifica a criação, e despojando-se das saphiras
e esmeraldas, com que brilhava nas sombras da noite,
manifesta-se rutilante, enrubescendo-se com os raios dou-
rados do astro luminoso, que aclara os espaços. Então
toda a natureza se ergue ; a floresta secular balouça-se a
capricho da brisa, que a bafeja ; por entre a sua côma,
orvalhada pelo roscio da primavera, vagueiam innumerous

insectos e reptis, que se furtaram ao torpôr da noite, despertos pelo estímulo da vida natural. É então que nos pincaros mais elevados, e entre a espessura, a ave sóta as notas, que lhe inspira o desabrochar da hora matutina. É então que desde a tenra bonina, desde as papoulas purpureas, até aos choupos, até aos ulmeiros plantados á beira d'agua, se ergue a vida vegetal do somno comatoso, em que jazera engolfada pelas sombras da noite ! E quando o sol se levanta attrahem-nos as alamêdas dos passeios para gozo da sua poesia muda. Passeiemos, pois, dêem-se por um pouco treguas á politica ; ponhamos de parte a prosa rasteira da vida ordinaria ; recreêmo-nos com as myriades de flores, que a natureza espalhou pelo sólo, para satisfazer a nossa phantasia ; gozemos as brisas fagueiras — *sub tegmine fagi* — ; e posto de parte o nosso labutar de todos os dias, sigamos o preceito do bom Horacio, que nos excita á alegria e ao prazer.

F. T. Albano Gonçalves (Salvaterra).

O QUE É UM BEIJO

A...

Um beijo dá-nos a beber doçuras,
um beijo allivios antepõe á dôr,
um beijo é goso, quando assôma aos labios,
um beijo... um beijo... só é dado a amor !

Um beijo aviva as esperanças mortas,
acalma as dôres que o soffrer nos faz ;
um beijo alenta o coração descrido ;
é dom dos anjos, é ventura, é paz !

Um beijo illude, se a sorrir-nos triste
vem a saudade d'um passado bom ;
um beijo exalça novamente ás nuvens,
após um ai... um suspirado som.

Um beijo é doce, se os protestos marca ;...
de ternas fallas suspirado fim,
um beijo é doce, se pedido e acceito,
nos cae dos labios, que nos dizem «sim».

Um beijo alegre, se escondido e a furto
relembra instantes d'um sonhar feliz ;
um beijo nutre aspirações ferventes,
segredos d'alma muita vez nos diz.

Um beijo é paga dos martyrios leves,
que amante e amada se propõe soffrer ;
um beijo é premio dos affectos puros,
que as almas candidas só sabem ter.

Um beijo, impresso sobre mãos de neve,
desejos timidos revéla assás...
um beijo as faces colorindo... encanta...
a meigos labios a ventura trás.

Um beijo soffrego, um ideal sorriso,
é facho acceso de esmaltada luz ;
um beijo soffrego, inebria e céga,
inspira... enléva... ainda mais... seduz !

Um beijo é cofre de doçura infinda !
um beijo é calma, que suavisa a dôr !
um beijo é goso, quando assôma aos labios !
um beijo é fructo da expansão do amor !

D. C. Sanches de Frias (Portuguez — Pará).

CHARADA XXXIII (ENIGMATICA)

Ao Ill.^{mo} sr. Alfredo Adolpho de Aguiar Moutinho

(V. *Almanach de Lembranças* de 1873, pag. 107)

Prima, segunda e terceira
é uma oração inteira.
É uma ave, não é flor
ou do campo ou do jardim.

No canto traduz-se amor,
quem m'a dera junto a mim.
Notem bem : é oração
que tem o verbo no fim.

M. Alberto Flores (Santo Thyrso).

Vaes partir ! rouba-te aváro destino a tantos carinhos ;... como os lindos passarinhos vaes voar... voar sem fim!... Vaes partir, e longe, longe, eu tenho uns presentimentos não mais lembras os momentos que passaste junto a mim...

Ao colheres presurosa, as enfeitadas flores de tantos novos amores, vaes esquecer, bem o sei... essas noites em que, juntos, apertados n'um abraço, eu, deitado em teu regaço vezes tantas te beijei...

Vaes, que eu sei, contente, alegre, por entre novos encantos, entre gozos tantos ! tantos !... nosso passado esquecer !... Vaes que é forçoso ! Sim, parte em busca de novidades !... fiquem comigo as saudades do nosso antigo viver...

Deixa o pranto ao que padece e vae correndo ligeira, entregá-te feiticeira aos cantos d'outra paixão !... Vae que o mundo é todo flores a saudade, é sol que mata... banha-te em aguas de prata, dá mais vida ao coração...

Que importa, ao sol que se esconde, se o mendigo desfallece, porque os membros lhe arrafece da noite o torvo gear ? acaso vacilla ? acaso pára, o seu giro marcado ? volta ao caminho deixado ? altera o seu caminhar ?

Vae, parte, prosegue a senda riscada por mão da sorte... deixa a lucta ao que é mais forte, deixa a dôr ao que a bem diz... vaes, parte, que importam lagrimas se o sorrir enxuga o pranto ? se encanto, segue outro encanto ?... sim parte. Adeus — sê feliz...

Eduardo Avellar.

• CHARADA XXXIV (DECAPITADA)

À minha particular amiga D. Laura Cordeiro de Figueiredo

V. Ex.^a é tão boa, tão meiga, tão delicada que tudo me —. Faz bem, porque isso muito mais a —. Quem assim — esta vida, sabe ser boa filha de — ; mas peço-lhe que não — onde disse.

D. Ludovina Furtado (Faro).

A CESARIO DE AZEVEDO

Aqui longe do mundo, dos prazeres,
do céo risonho que namora Olinda,
os verdes mares perpassando airosa
a tua inspiração chegou. Bemvinda!

Triste mancebo, para quem o mundo
era lembrança negra, um sonho incerto;
eu, que já não pensava mais em gloria,
ouço o teu canto, estremecei; — desperto!

Meu pobre nome que a ninguem lembrava,
(que as affeições do mundo eu bem conheço);
achou um echo na tu'alma amiga,
feiz cantado por ti; eu t'o agradeço!

Que vale meu nome, a veia que deslisa,
a par do teu — corrente do Amazonas?
Tentas no vôo d'aguia, em que remontas,
leval'o acaso ás mais remotas zonas?

Ai! desiste! co'as chammas dos teus versos
cegas as multidões, prendes, abrazas!
o mundo não me vê; o pobre verme
occultas no candor das tuas azas!

Tu sim, comprehendeste a poesia!
o anjo da inspiração ferio-te o craneo;
como o rochedo que Moysés tocára,
saltou dos labios teus jorro espontaneo!

Tu nasceste poéta; os puros germens
de um celeste sentir em ti nasceram!
Deixa que eu viva aqui desconhecido,
cantor das *illusões que emmurcheceram*.¹

Tu, condôr que remonta p'ra as alturas,
topas candidas nuvens no caminho;
eu, pequeno volatil que estremece,
receio dos tufões, procuro o ninho.

¹ *Illusões Perdidas*, um volume de bellissimas poesias de Cesario de Azevedo.

Bem vês : cada um de nós demanda um terço;
 Segue, genio, caminha p'ra romagem ;
 enrama a fronte d'ouro, e pisa ufano,
 as flores que te lançam na passagem !
 Se acaso te disserem que eu pertencô
 á pleiade gentil dos Tolentinos,
 não é como poeta, mas sómente
 porque vivo cercado de meninos.

Juvéniano Monteiro (Pernambuco — Rio-Formoso).

LOGOGRIPHO XXI

À eximia charadista *D. Annalia Vieira do Nascimento*, do Brazil

Sem moer a paciência
 vaes tu já, leitor amigo,
 decifrar esta meada:
 faze só o que te digo.

Lá bem longe da cidade, — 7, 9, 6, 10
 n'este monte, caçador — 1, 4, 6, 2, 8, 5
 colhe prompto de tal herba, — 8, 5, 6, 4, 3, 1, 10
 e ainda d'uma flôr — 3, 4, 9, 4, 5
 esta porção que te indico. — 6, 5, 3, 1, 10
 Aproveita-lhe esta parte — 5, 3, 7, 10
 e da testa bem no centro, — 6, 7, 4, 5
 em tão grande quantidade — 3, 4, 8, 9, 5
 dá fricções; e d'este modo — 8, 1, 2, 5, 9
 sairáis homem notavel, — 1, 2, 9, 5, 7
 decifrando aqui um nome, — 8, 2, 9, 6, 5
 para todos estimavel. — 6, 7, 3, 1, 5, 9

Que não é vara nem metro
 cada um ha de cuidar;
 mas que serve para medir
 ninguem pôde duvidar.

Coelhoira Ilhaventô.

Os patinadores. — Têm os portuguezes grande amor por tudo quanto é novidade, e decidida vocação para imitarem quanto vêem.

Não são necessários exemplos para comprovar esta asserção, e se o fossem, de sobra os podíamos dar.

Nós, começando por imitar os costumes francezes, a sua



litteratura, a sua vida, acabámos por perder a feição nacional, e não somos nem portuguezes nem francezes.

Creemos que este facto é por si sufficiente para demonstrar o que avançamos.

Mas o nosso amor pela imitação vae ainda mais longe.

Quando em França appareceram os velocipedes, quizemos nós ser logo velocipedistas ; quando n'aquelle paiz se começou a patinar, quizemos pela mesma razão patinar logo tambem.

As pessoas que nunca assistiram a um espectáculo de *Skating Rink*, podem fazer idéa d'um patinador pela nossa gravura.

Vêr patinar não tem nenhum inconveniente, e até diverte ; mas patinar pode ter um contra... quebrar a cabeça.

Por isso aconselhando a todos que assistam a tal espectáculo, não nos atrevemos a dar-lhes de conselho que tomem parte n'elle.

Urbano de Castro.

ALTITUDE!

Na Cruz Alta do Bussaco

Ao Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Rodrigo Moraes Soares

Subamos ! inda mais ! ao elevado pincaro !
olha em torno de ti tudo o que a vista abrange,
olha de norte a sul, olha o poente esplendido,
e lá no fundo, o mar, como um enorme alfange.

Olha em cima o infinito, a luz, a immensa abobada,
digue do pensamento — o bello do ideal ;
em baixo, a nossos pés — o bello da materia,
tapetes de esmeralda, e lagos de crystal.

Em torno, a voz de Deus — o magico silencio,
e aqui, sobre este monte, erguida, triste e só,
a sacrosanta cruz, abrindo os braços lividos
entre os homens e Deus — entre o infinito e o pó.

É este o grande templo, o templo ideal, magnifico !
a abobada é o azul, e um altar cada monte ;
templo onde Deus está desaffrontado, amplissimo,
onde a vista se perde em busca d'horizonte.

Não têm a illuminação as rendilhadas lampadas
das grandes cathedraes, nem alto carrilhão,
nem sanctuarios d'ouro e porticos de marmore...
as obras do imperfeito honrando a perfeição!

Mas tem a grande luz — o sol! e, em vez de thuribulos,
de bronzeos carrilhões, de psalmos dos ascetas,
tem das aves do céu, os argentinos canticos,
o sibilar do vento, e os calix das violetas.

Oiha! Por toda a parte a natureza prodiga!
sem arte, nem limite, o panorama extenso!
nunca poudé a materia agrilhoar o espirito,
nunca poudé caber no limitado o immenso!

Acacio Antunes (Figueira).

ADEUS!

Partes para longes terras,
levas os olhos sem agua...
e eu, victima da magua,
fico desolado aqui!

Parte em breve, parte! Deixa-me
n'esta noite sem aurora...
levas-me a vida... e agora
vivo só, pensando em ti!

Mas vae, mas parte. É fadario.
Vae, prosegue o teu caminho,
pomba que foge do ninho
onde tão feliz viveu.

Vae, e se vires á noite
da lua um raio dourado,
é o meu olhar magoado,
que quer encontrar o teu.

É força partir?! Pois parte.
Está a chegar o instante,
em que eu, de ti tão distante,
só e triste vou ficar.

Quantas vezes eu passava
para te ver, e adorar-te!
e agora! ai! agora... Parte,
que só me resta chorar!...

Mas lá, donzella, se leres
meus versos d'alma atrancados,
d'amargo pranto banhados,
com sangue escriptos... então
confio que te commovas,
que te entristeças, deidade!
que chores, não de saudade,
nem d'amor... — de compaixão.

A. M. Souza Albuquerque (Coimbra).

Governo de Cabo-Verde. — Foi dos mais felizes o governo do conselheiro Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, abrangendo um periodo de seis annos.

Da *allocução* que devia dirigir ao successor no acto da posse, o secretario geral Eduardo A. de Sá Nogueira P. de Balsemão, encarregado do mesmo governo, por se haver ausentado para a metropole o governador Albuquerque, e que foi publicada nos jornaes de Lisboa, vemos que a receita da provincia, que era apenas de 107:064\$500 réis quando o conselheiro Albuquerque tomou posse do governo, subia quando o deixou, a 218:876\$576 réis.

Na mesma *allocução* se diz que houve grandes melhoramentos na provincia n'aquelle periodo, que tiveram regulamentos especiaes a repartição do correio, e das obras publicas, a do serviço marítimo, a da imprensa do governo, a das alfandegas, as escolas principal e d'instrucção primaria, e os hospitaes: e que tambem se regulou o serviço dos degradados; que se creou uma bibliotheca e um museu na capital da provincia; que se realisou a divisão da ilha de Santo Antão em dois concelhos; que se transferio a séde da comarca de Barlavento da ilha de S. Nicolau para a de Santo Antão; que se creou um corpo de policia na cidade da Praia, etc, etc.; e bem assim, que no mesmo governo se deram os tres seguintes factos d'alta importancia: a posse da ilha de Bolama, que era cubçada e estava occupada pelos inglezes; a abolição completa da escravidão em toda a provincia; e o estabelecimento do cabo submarino, que ligou o archipelago á Europa pelo telegrapho.

O documento a que nos referimos é importante e merece lêr-se, porque, além de bem escripto, deita muita luz no governo, cujo esboço geral traçou com muita precisão e clareza.

O sr. Eduardo A. de Sá Nogueira P. de Balsemão, de certo por modestia, nada disse do tempo em que governou a provincia: suppiremos nós essa lacuna, dizendo que nos 27 dias que s. ex.^a esteve á sua frente, mostrou mais uma vez a sua robusta intelligencia, a sua muita actividade e o seu inexcedivel amor pelo trabalho, publicando algumas providencias de reconhecida utilidade publica: taes como, a que prohibio as queimadas, sem licença da auctoridade administrativa; a que mandou inspecionar as cadeias,

duas vezes por semana, por facultativos; a que deu nomes ás praças e ruas da capital da provincia e que mandou pôr-lhes lettreiros, que nunca tiveram; e a que reuniu em uma só peça official tudo quanto se havia publicado anteriormente e estava em vigor, a respeito dos administradores de concelho da provincia, documento este importante e raros que inteiramente novo no seu genero, que muito seria para desejar que fosse imitado com relação a outros ramos de serviço publico.

Em tão poucos dias, e estando a cada instante á espera de novo governador, não se podia exigir mais do sr. Pinto de Balsemão.

A já conhecida competencia de s. ex.^a em assumptos de administração colonial, mais demonstrada ficou agora.

S. ex.^a, não só por isto, mas tambem pela lucta em que desde muitos annos se acha empenhado como adversario intransigente da escravidão, mostra-se um digno successor de seu fallecido tio o marquez de Sá da Bandeira, cuja memoria tão querida é a todos os portuguezes.

*** (Cabo-Verde).

ENIGMA XI

Qual é o jogo portuguez, de parar, que escrevendo-se só com tres letras, sendo uma vogal e duas consoantes, tem tres syllabas, nenhuma repetida, e acaba em i?

Obscura Transmontana.

SEM TITULO

Pobres sombras, meus cantos
são como a luz tristonha
d'um dia de Janeiro!
São como o sol que brilha
por entre o nevoeiro
que se desata em prantos.

A minha musa é triste;
não cinge a fronte pallida
de rosas e amarantho;
touca-a a flor da estêva,
e em vez de rico manto
envolve-se em lemiste.

Algarvia.

Presente d'um charlatão. — Hammersmith é uma aldeia sobre o Tamisa, a tres ou quatro milhas de Londres. Foi em Hammersmith, que um dia appareceu um charlatão d'estes que vendem remedios e drogas quasi

de graça, para curar toda a qualidade de doenças, e apurmando-se sobre o carro que lhe servia de botica, disse á multidão que o cercava:

— Patricios, foi n'esta aldeia que eu vi a luz do dia, foi n'esta aldeia que eu me eduquei, e porque d'aqui não me tem resultado senão fortunas, quero hoje fazer o presente



d'um escudo a quem o quizer acceitar. N'isto mette a mão n'um sacco, tira uma porção de pequenos embrulhos, e voltando-se para os que estavam á espera dos prometidos cinco schelings, acrescenta: Eu vendo esta droga, que serve para tirar as dores de cabeça, e curar muitos incommodos a cinco schelings e seis soldos cada pacotinho, mas que-

rendo beneficiar os meus patricios, abato os cinco schelings e só receberá os seis soldos.

A multidão agradeceu a tão fino velhaco a sua generosa offerta, e elle esgotou quasi toda a sua botica, «reputando-a por bom preço», mas só depois de cada um responder pelo seu vizinho, de modo que não houvesse estranhos entre os concorrentes, porque a sua intenção e a sua von-

tade, era beneficiar n'aquelle dia unicamente, os seus que-
ridissimos patricios, os habitantes de Hammersmith.

AMIGA, PORQUE CHORAS?

.....N'um rapido instante
a rosa fragrante seu brilho perdeu ;
mas ei-la, ditosa, mais linda, mais bella
explendida estrella fulgindo no céo.

M. MARINHO.

Tu choras a ausencia do anjo
que voou para outro archanjo,
que o chamara lá do céo ?
lamentas a flor singela,
tão franzina, pura e bella,
que á leve aragem pendeu ?

Choras a vaga brilhante
que, suave e n'um instante,
veio á praia terminar ?
lamentas essa ave implume
que voou entre o perfume
de maio, no despontar ?

Choras a estrella fulgida
que no horizonte da vida,
para sempre, se sumio ?
lamentas essa andorinha
que do inverno, que definha,
á tempestade fugio ?

Choras a perda do lyrio,
em presença do martyrio
que ao lado via crescer ?
lamentas a mariposa
que sobre o calix da rosa,
sem picar-se, foi morrer ?

Choras em tudo a que amavas,
a vida que idolatravas,
tua filha choras, sim ;
e á tua dor abraçada
a pranteias desolada,
qual Jacob a Benjamin.

Não chores que existe inda ;
a tua filha tão linda
vive aos pés do Creador !
Não viste como sorria,
da morte n'essa agonia,
o psalmo do teu amor ?!

Não chores que da tu'alma
esse pedaço era palma
da nossa Jerusalem !
onde entre, Gloria e Hosanna,
á Magestade Sob'rana,
dedicada foi tambem !

Não chores essa creança,
toda candura e esperança,
que o Senhor te entremostrou ;
era um astro peregrino,
era um cantico divino !
que ao Eterno se elevou !

D. Zulmira E. A. de Sá (Monsão).

LOGOGRIPO XXII.

(POR LETRAS)

Ora prove d'este peixe, — 1, 2, 3, 4, 5,
e diga que cheiro tem ; — 1, 2, 3, 4, 5
veja agora este instrumento — 1, 2, 3, 4, 5
que verbo lhe dá ? meu bem. — 1, 2, 3, 4, 5
Observe ainda este jogo — 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8
do seu relógio, meu bem ; — 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8
e diga que estofa é este — 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8
que passa voando além. — 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8

CONCEITO

Que o que diz o logogripho
não é vulgar — pode ser ;
mas de mulher ser um nome
lá isso não tem que ver.

D. Leonor Adelaide Dias Verani
(Ilha das Cobras — Rio de Janeiro).

A amizade (*De Florian*). — Terna amizade, delicias dos bons corações, tiveste no céo o teu nascimento e desceste sobre a terra ás primeiras tristezas do homem.

O Creador, sempre attento a alliviar por um beneficio cada um dos males da natureza, oppoz-te só a todas as penas. Sem ti, brincos eternos da sorte, passaríamos em prantos os longos instantes d'esta curta vida ; sem ti, fragéis bateis, privados de pilotos, sempre batidos por ventos contrarios, levados d'aqui e d'ali á mercê d'elles, sobre um mar semeado de escolhos, pereceríamos sem prantos de ninguem, ou escaparíamos para mais soffrer ainda ; mas tu tornas tranquillo o posto onde nos refugiamos durante a tempestade, e onde nos felicitamos depois do perigo.

Bemfeitora de todos os mortaes na dor, e no prazer, só tu, só tu dás alegrias que os remorsos e o terror não vem envenenar.

Draco (Mossoró — Brazil).

SABEDORIA D'ANIMAES

Tradução paraphrastica dos proverbios 24 e 29 (cap. 3.º) de Salomão



Quatro coisas bem pequenas
ha sobre a terra tambem,
que tem mais sabedoria
do que os mesmos sabios tem.

O governo das formigas,
povo fraco, mas contente,
que trabalha de verão
porque é sabio e previdente.

Dos coelhos a debil tropa,
que por cautella, ou por medo,
busca morada, e refugio
nos boracos do rochedo.

Sem ter chefe os gafanhotos
em bandos marcham fieis ;
a lagartixa co'as mãos
sobre ao palacio dos reis.

José Eloi Ottoni.

CHARADA XXXV

De lá e cá 'stou no meio. 4 |
principio do sol, da lua. 4 |
Sem mistura, unico, simples ;
se disser peixe... recua ?

É passageiro, assim, é ;
dura tanto quanto a rosa ;
e, se inda mais quer saber,
— é planta e flor venenosa.

Silva Freire (Bahia).

Porto-Santo. — Esta pequena ilha foi descoberta por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, em 1418. Está situada a 33°, 3' latitude norte, e 7°, 11' longitude oeste de Lisboa. Tem 20 kilometros de ex-



tensão e 7 de largura, desde a Praia, ao sul, até á Ponta da Fonte. Dista 50 kilometros da ilha da Madeira. A sua população está calculada em 1:792 habitantes, e 457 fogos. É notavel na historia, por ser a primeira em que Portugal fundou colonia, e ser o ponto de partida para novos e sublimes commettimentos, como disse Camões :

Assi fomos abrindo aquelles mares
que geração alguma não abrio,
as novas ilhas vendo, e os novos ares,
que o generoso Henrique descobrio.

Foi n'esta ilha que residio, por algum tempo, o celebre Christovão Colombo, ¹ o feliz descobridor do Novo Mundo,

¹ Christovão Colombo, diz a *Correspondencia de Portugal*, tem mais um monumento. Este ultimo foi erigido na cidade de Philadelphia. É já o terceiro. O nosso Pedro Alvares Cabral está esquecido há 300 an-

embora Americo Vespucio, mais tarde, lhe reuhasse o direito da sua immorretoira gloria. Diz a tradição que Christovão Colombo tambem habitou na cidade do Funchal, na casa que hoje denominam *granel do Poço*, pertencente ao sr. conde do Carvalhal.

Soffreu esta ilha, desde 1522 até 1538, o terrivel flagello da peste; e em 1566 tambem foi devastada por corsarios francezes.

Ainda hoje, no *Pico do Castello*, que mede 480 metros acima do nivel do mar, se admiram as ruinas de uma fortificação, d'onde os poucos habitantes se defendiam dos piratas barbarescos e hespanhoes.

Tem o Porto-Santo uma só villa chamada *Baleira*; duas escolas de instrucção primaria, uma do sexo masculino e outra do feminino, frequentadas por 63 alumnos; quatro ermidas e uma igreja matriz com a invocação de *Nossa Senhora da Piedade*. A primitiva igreja foi queimada por corsarios mouros em 1667, e reedificada, segundo dizem, pelos annos de 1699 a 1712. Ha outra igreja, de *Nossa Senhora da Graça*, que não chegaram a concluir; quizeram edificá-la pela milagrosa appareção de uma imagem, do mesmo nome, que ainda se venera na igreja principal. Produz esta ilha bastantes cereaes e muito vinho, calculando-se em 480 pipas a producção de 1876.

No reino animal, é muito abundante em gado bovino, pombos bravos, perdizes, coelhos e excellente peixe. As aguas, em geral, são poucas e quasi todas solóbras; porém o seu clima é ameno e sadio. Seus naturaes fabricam redes de pesta, bordados e chapéos de inferior qualidade; importam varios generos de consumo e manufacturas.

nos em uma sepultura raza em Santarem! Se cada portuguez que tem feito a sua fortuna na terra que aquelle navegador descobriu, tivesse contribuido com um vintem para um monumento a Pedro Alvares Cabral, esse monumento podia ser de oiro! Verdade, verdade. É vergonha, tanto para Portugal como para o Brazil, que Pedro Alvares Cabral não tenha ainda um monumento.»

Tem muita falta de combustivel, tanto que queimam estrume de gado em lugar de lenha.

O imposto sobre a pedra calcaria, que exporta para o Funchal e Camara de Lobos, foi desde novembro de 1875 a novembro do 1876, de 470\$700 réis.

Quando o Porto-Santo tiver um pequeno barco a vapor, de carreira regular entre o seu porto e o Funchal, verão seus habitantes affluir ás suas praias os dilectos filhos da Madeira, esses que anhelam a prosperidade e o bem-estar da nossa visinha irmã. A gravura representa a Casa da Camara da ilha de Porto-Santo.

Joaquim Pestana (Madeira).

EXIGENCIAS

Gostava de saber que estavas triste !
Vê tu que estranhas coisas tem o amor !
mas eu te explico : — aonde o amor existe
existe a sua irmã — existe a dor.

A alegria é ás vezes indifferença ;
mas a tristeza nunca ! Está contente,
é ri-se muitas vezes quem não pensa !...
soffre quem tem o coração doente.

E se é que me amas, pallido jasmim,
quando a saudade o seio te contriste
com certeza tu pensarás em mim !
E eis a rasão porque te quero triste !

Christovão Ayres.

CHARADA XXXVI

(POR ANTEPOSIÇÃO)

Primeira e segunda — animal. }
Segunda e primeira — vestidura. }₂

V. M. (Porto).

Sermão sem cabeça. — José Mendes de Carvalho era natural de Beja, bacharel formado em direito e advogado nos auditorios da mesma cidade.

Era dotado de bastante erudição, d'um espirito subtil e especialmente de muita graça ; mas a paixão pelas bebidas, arrastou-o quasi á loucura, inutilisando-o para todos os effeitos.

Conta-se d'elle a seguinte anecdota :

Vivia em Beja um padre por nome Banifacio, não muito entendido nas materias da sua profissão, mas que, não obstante a sua impericia, ainda assim prégarva.

Para uma festividade que é costume aqui fazer-se no dia da exaltação da Santa Cruz, a 14 de Setembro, e que se celebra na igreja de ao Pé da Cruz, foi o tal padre convidado a prégar.

Subio o sacerdote ao pulpito, mas esqueceu-se de se benzer. Proferio o thema, e foi por ali adiante como Deus foi servido. Ao descer do pulpito, encontrou o doutor Mendes a quem perguntou :

— Então, doutor, que tal achaste o sermão ?

— Assim, assim. Mas, aqui baixinho que ninguem nos ouve : Sermão da Cruz sem Cruz, só tu, Benifacio, na igreja de ao Pé da Cruz.

Joaquim Ignacio das Dores Marques (Beja).

CHARARADA-ENIGMA XXXVII (PITTORESCA)



J. Telles.

Á MEMORIA

DA

Ex.^{ma} Sr.^a D. Isabel Mendonça e Povoas

Vi-a bella ainda ; e era o meigo rosto
mimo composto de doçura e amor ;
nos lindos olhos tinha luz tão bella,
qual d'uma estrella o divinal fulgôr.

Mas já o sôpro do lethal veneno,
viver sereno lhe toldava a espaços ;
já da tristeza a conduzia ao cumulo,
para no tumulo deter-lhe os passos.

Na tua bella morada,
entrei um dia maguada,
ó linda flôr !
Ouvi soluços, gemidos,
dos caros paes opprimidos
por crua dôr.
Vi o piano fechado,
p'ra nunca mais ser vibrado,
por tua mão,
que quando as teclas corria
enlevava co'a harmonia
o coração !

Tinhas já subido ao céo,
rasgando da vida véo,
anjo querido ;
não te vi, mas sube, tal
estavas como no vall'
lyrio pendido.
Pois se me é custoso ver,
desfolhada flôr pender
triste no chão !
Como podia eu, querida,
vêr-te a face já sem vida ?
Não pude, não !

Voaste, pomba, p'ra melhor morada,
eras esp'rada na mansão de Deus !
Fugiste ao mundo na manhã da vida,
deixando, querida, a suspirar os teus.

Ai não te esqueçam os que sem confôrto
ficam n'um hórto a deplorar teu fim !
N'essa mansão, onde tudo é gozo,
anjo formoso, pede a Deus por mim.

D. Leopoldina de Jesus Paes Mamede (Guarda).

AO DESVANECIMENTO DE UMA DAMA

: Pela poesia de pag. 166. do Almanach de 1876

Vida alegre passar, e sem tormento ;
honras, respeito impôr ; folgar apoz ;
ter milhões, e não ser mudo avarento,
— *assim faria por... te ouvir a voz.*

Do infeliz esquecer cruel martyrio ;
doce taça esgotar, o fel transpôr ;
folgar e rir em perennal delirio,
— *assim faria por te ouvir... amor !*

O abysmo desprezar, zombar da morte,
como o que a vê diante, e não recua ;
sentir o pranto ao invejar-me a sorte,
assim faria por te ouvir... sou tua !

M. Pereira (S. Thiago de Cabo-Verde).

A NATUREZA

Ao Ex.^{mo} Sr. Luiz Soares de Sousa Henriques.

Emanação de Deus, obra gigante,
do nada tu surgiste, portentosa !
tão bella, tão soberba e deslumbrante,
que o mesmo Eterno Ser te achou formosa !

Milhões de mundos giram fulgurando
n'essa cúpula azul da immensidade,
nos quaes, ardentes soes vão derramando
a vida, a luz, calor, fecundidade.

E para vós a terra é grão d'areia
sumido na amplidão d'infindo espaço !
porém n'ella a razão soletra a idéa
do mystico poder de um forte braço !

A terra é vasta e formosa;
tem segredos mil e mil;
tem a montanha alterosa,
o valle, e as auras d'abril;
tem dilatadas campinas,
tem verdejantes collinas,
onde vão frescas neblinas
beijar-lhe a face gentil.

Tem escarpados rochedos,
tem da brisa almo frescor;
nos ramos dos arvoredos
gorgeia alado cantor.
As féras saltam bramidos;
e vae nos prados floridos
doido insecto com zunidos
haurir o nectar da flor.

Pela encosta semeados
alvejam lindos casaes,
aqui de menses bordados
além de verdes pinhaes.
Ha mil plantas diferentes,
com rubros fructos pendentés,
entre as flores rescendentés
de aromas celestiaes.

Brota a fontinha na serra,
sorpeia em fitas no val,
mais além rasgando a terra
fórma a torrente caudal!

E tu, ser humano, nas horas saudosas
da tarde, que aos crentes inspiram d'amor,
admira e contempla taes obras formosas,
levanta uma prece, bemdize ao Senhor!

Francisco A. Bello de Carvalho (Camara de Lobos).

Adversidade. — É o cadinho onde se apuram
os grandes caracteres, e os pequenos se evaporam.

Em seu furor, insano,
tenta lutar co'o oceano,
que triumphá d'ella ufano
bebendo-lhe o seu crystal.

O mar, a obra mais bella
das obras do Creador,
é sublime na procella
ou nos afagos d'amor.
Infinito é seu espaço,
cinge a terra n'um abraço,
e deita no seu regaço
thesouros de que é senhor.

Da noite o astro formoso
lhe vae a face oscular;
a terra dorme em repouso
do seu continuo lidar.
Só tu, poéta, é que vélas,
segredando co'a's estrellas
mudas queixas, que revélas
da lyra no suspirar.

Rompe as cortinas a aurora,
luz intensa vae fulgir;
a flor, que lagrimas chora,
vê-se nos prados sorrir,
porque o lúcido portento
vem dar vida, dar alento
té cruzar o firmamento...
depois nas aguas dormir.

Substancias alimentares. — A nutrição, esta função essencial ao ente vivo, pois sem ella não haveria resistencia vital, nem a assimilação e desassimilação, depende da elaboração dos alimentos na machina animal.

tancias que devem conter principios azotados, certa quantidade de principios proteicos ; gordura;



É certo que o nosso organismo necessita de alimentos com tres condições chemicas, de subs-

e finalmente, certa quantidade de combinações inorganicas contidas no corpo ; a agua e saés.

As experiencias têm demonstrado que a privação continua de qualquer d'estas substancias, causa a destruição do organismo, pois que para supprir as suas faltas vae perdendo os principios, que lhe davam vida.

Conforme a substancia, que exclusivamente se emprega para a nutrição, assim a morte tem logar em varias epochas.

O individuo, que não usa de substancias proteicas, pode morrer de completa inanição.

Os cães alimentados com assucar puro, com fecula, azeite, manteiga ou gomma, morrem quasi tão depressa, como quando se lhes dá agua pura ; morrem, pode dizer-se, com fome.

Clouet não quiz alimentar-se senão de batatas, que contêm muito pequena porção de albumina, e apenas bebia agua. Passado um mez estava tão magro, que continuandó n'este tratamento, morreria.

A mesma albumina e fibrina, que fazem parte de varias substancias, não nos deixariam viver por muito tempo; e se a existencia mais se prolonga, é porque o organismo animal conserva certa quantidade de gordura superflua, de que se pode ir alimentando.

Varias experiencias se têm feito em aves, alimentando-as sem saes inorganicos, e por ellas se vio que estes animaes, morrendo passado muito tempo, tinham os ossos amolecidos, delgados e com buracos. Tinha até desapparecido a parte terrosa d'estes mesmos ossos.

A falta de agua, causa a morte rapida, acompanhada de intensos phenomenos morbosos.

Vê-se, portanto, que sem a alimentação miúta, é impossivel que se passe boa vida, e ao mesmo tempo que o exame dos alimentos, sob o ponto de vista pratico, é da maior importancia, e muito mais na actualidade, em que vão degenerando as raças, e as vidas abreviando-se.

Muito conviria diffundir estes e outros principios de hygiene, em livros e compendios baratissimos, ao alcance do povo, subministrando-lhe conhecimentos que são de tanta vantagem para o seu desenvolvimento physico e moral. Assim imitariamos o que se faz nos paizes mais adiantados da Europa, e o que na Italia está praticando o celebre Mantegarra, com tanto applauso do publico.

Dr. Lino de Macedo.

SEGREDO

Ó vento que rumorejas
nas folhas dos salgueiraes,
leva contigo hem longe
o segredo de meus ais.

Mas se alguém por indiscreto,
for perguntar-te a verdade,
responde-lhe em confidencia
uma palayra: — saudade!

(Coimbra — Lapa dos Estalos.)

Ferreira de Mesquita.

A MORENINHA

Quando em alta noite
tu sonhas, poeta,
no leito adormido,
quem é essa virgem,
que a alma adivinha,
de traje garrido?

— É a moreninha.

Quando sósinho
meditas, mancebo,
em erma soidão,
quem é que figuras
que d'uma florinha
te offrece o botão?

— É a moreninha.

E quando n'um circulo
de damas gentis
respiras amor,
quem é a donzella
de quem depressinha
te lembras, cantor?

— É a moreninha.

E quando os desgostos
te affligem constantes
os dias da vida,
quem é essa deusa
que amor acarinha,
que a torna querida?

— É a moreninha.

Quem é essa nympha
por quem tu suspiras,
infeliz trovador:
mas que te despreza,
sem que, coitadinha,
compreenda o amor?

— É a moreninha.

R. (Pernambuco — Recife).

LOGOGRIPHO XXIII

(Offerecido aos mestres)

Já vistes, caro mestre, os quadros que d'Italia
tão ricos recebi de terna e amiga mão?

— São telas de Correggio, onde o pintor espalha
amena historia. Ouvi — presta vossa attenção:

Comece por este craneo — 12, 2, 14, 12, 7

de imperador, se quizer; — 10, 12, 9, 7, 11

e agora diga se o corpo — 12, 7, 6, 10

não é de gentil mulher. — 8, 5, 11, 13, 4, 7, 8, 8, 2

Este aqui foi marinheiro, — 7, 6, 10, 11, 12, 5
 que muito n'este cruzou; — 9, 5, 3, 4, 13, 14, 8, 10, 11, 12, 7
 este aqui foi magistrado, — 5, 8, 9, 7, 6, 10
 que nunca est'outro deixou. — 10, 6, 5, 14, 12, 2, 14
 Este foi mui celebrado — 12, 9, 2, 14, 5, 10
 entre povo bem alvar, — 9, 7, 12, 13, 5, 11, 12, 7, 12, 2
 e á procura d'esta planta, — 2, 3, 4, 13, 1, 7, 6, 10
 n'estas plagas foi vagar. — 12, 9, 2, 7, 14
 Com certeza este foi grego — 9, 5, 3, 4, 13, 11, 7
 de bella figura, não? — 5, 8, 13, 11, 12, 9, 2, 14, 2
 Este foi antigo sabio — 8, 9, 7
 de grande variação. — 8, 6, 10, 12, 9, 5, 7
 Este aqui foi grão guerreiro — 8, 5, 3, 4, 13, 7
 que sabias leis produzio, — 14, 10, 4, 7, 11
 porque tambem este mesmo — 9, 5, 1, 13
 tal graça lhe conferio. — 8, 9, 7, 6, 10
 Veja, em summa, esta figura — 8, 6, 10, 12, 9, 5, 14, 2
 ao lado d'este paiz. — 8, 2, 3, 10, 8, 7, 11, 2, 14, 7
 Adeus, mestre, aqui remato, — 12, 10, 8, 7
 pois não vê o qu'esta diz? — 8, 7, 11, 12, 10

CONCEITO

Ó mestre, se quizer saber quem sou,
 ao mytho vá, qu'ahi por certo estou.
 É de mais a derradeira,
 mas com ela se contou.

Elpidio A. do R. Lima (Rio de Janeiro).

CHARADA XXXVIII

Ao sr. José Lopes Viegas

Autor do logogripho a p. 139 do Almanach de 1877

Pela agua formado — 2
 na agua criado — 3
 no Perú achado.

D. Amelia F. (Algarve).

Valor d'um alfinete. — Um cavalheiro de industria dizia a um seu collega :

— Amigo, é precioso o alfinete que trazes na gravata.

— Achas que seja de gosto ?

— Muito. Pode-se saber o seu valor ?

— Homem, não t'o posso dizer, por que quando o tirei, não havia ninguem na loja para lh'o perguntar.

Julio Mendonça.

ESPERANÇA

Ao dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

Chorae, que a esperanza rebenta das lagrimas.

D. ANTONIO DA COSTA.

I

És d'Horeb o lume santo,
meu porvir de rosea aurora ;
és conforto no meu pranto,
doce allivio de quem chora.

És o ramo de oliveira
que annuncia amor e paz ;
és a terra hospitaleira
que a ventura sempre traz.

És de Deus o facho ardente,
que brilha na immensidade ;
d'harpa eólia o sem gemente
a carpir em soledade !...

És a virgem de meus sonhos ;
és a luz do pôr-do-sol ;
és os meus dias risonhos ;
és a voz do rouxinol !...

II

Fagueiros momentos me dizes, bondosa,
da sorte ao rigor !...

bem hajas, oh virgem, d'encantos saudosa,
de crenças e amor !

Eu quero na terra viver de teus sonhos,
celeste visão ;

sentir ao teu lado meus dias risonhos,
a cruz... o perdão !

Joaquim Pestana (Madeira).

Um bom geographo.— Houve uma ordem para que os navios procedentes do porto de Cadiz e seus immediatos, fizessem quarentena, em consequencia da febre amarella que ali se havia manifestado.

Indo certo official de saude a bordo de uma escuna, e perguntando ao capitão d'onde vinha, respondeu-lhe — que de Barcelona. — Então ha de fazer quarentena, accrescentou o official, por isso que vem de uma cidade mui proxima á de Cadiz. — Que diz vossemecê! exclamou o capitão muito admirado; Cadiz fica mui longe de Barcelona. — Vossemecê pensa que me logra, replicou então o outro, apontando para uma carta geographica, eu bem vejo que de um porto ao outro não ha mais que duas pollegadas de distancia.

C. M. (Rio Zaire).



(VERSÃO)

Se quando durmo viesses a meu leito
como a Petrarcha Laura apparecia...
verias, que ao teu sopro carinhoso
meu labio sequioso
s'abriria!

Se em minha fronte ardente se agitasse
um longo pesadelo, que atrophia,
e teu olhar baixasse luminoso,
o sonho pavoroso
brilharia!

Se nos meus labios em que lavra a chamma,
fogo ardente d'amor que Deus envia,
depozesses n'um beijo a essencia d'anjo,
minh'alma, lindo archanjo,
acordaria!

R. C. (Brazil).

LOGOGRIPHO XXIV

Vêde-a, ampla vestidura : é vestidura real. — 1. ^a e 2. ^a	Pode encontrar-se na igreja ou ver-se n'algum brasão—2. ^a e 3. ^a
Agora vede esta planta de paiz oriental. — 1. ^a e 3. ^a	Ha quem viva sepultado Aqui? n'esta escuridão? — 3. ^a e 2. ^a
Aqui, ainda, o que temos é do reino vegetal.—2. ^a e 1. ^a	Vede o todo : é precioso : que brilho, que ostentação !

L. P. Borges.

NA TUA

Come vedi — ancor nom m'abandonna.

DANTE.

N'esta plaga isolada que me assombra,
sem a luz de teus olhos, minha huri,
sabes tu quem eu vejo em minha sombra ?

A ti!... a ti!...

Náufrago... ai! de amor, entre os escolhos
da miragem fallaz qu'eu entrevi...
sabes tu em qu'estrella fito os olhos ?

Em ti!... em ti!...

Se a viração do mar me vem piedosa
seccar na face o pranto que verti...
por quem minh'alma esteve assim chorosa ?

Por ti!... por ti!...

Lá quando a lua, á noite, em aureos rastros,
vae transpondo serena o seu zenith,
tu sabes, flor! de quem — fallam-me os astros ?!

De ti!... de ti!...

Mas se viesses, formosa, esta tristeza,
Que mata... e não tem fim...
compassiva como és, talvez choráras...
tiveras dó de mim.

C. Gracchus (Rio de Janeiro).

CHARADA XXXIX

Ao meu amigo e habil charadista Luciano
Maria da Silva Fataça

Se a estas d'um animal certa parte pospozeres, terás, no meu todo, um nome muito usado entre as mulheres. 3	Estas indicam belleza, privilegio d'alguns seres ; e se um nada lhe antepões é um nome entre as mulheres. 2
--	--

P'r'o conceito esclarecer ;
(meu Fataça)
é um nome de mulher,
que tem graça.

Manuel Ignacio Jorge (Extremoz).

DO MAL O BEM

(VERSÃO DO HESPAÑHOL)

Não te culpo, mulher, por inconstante
desprezares altiva os meus amores ;
dominado, infeliz, por teus rigores.
inda mais te adorou meu peito amante.

Ao lér — ingratidão — em teu semblante
cresceu minha paixão com minhas dôres ;
porque ao sópro dos ventos rugidores
se torna a brasa acesa crepitante.

Teu desdem, se á minha alma ha arrancado,
por vezes, um ai triste e angustiado,
um consolo tambem lhe concedeu :

Por elle te amo mais ; porque acredita,
— se nos salva uma dôr grande, infinita,
com tua ingratidão — eu ganho o céo.

Nunes d'Azevedo (Monsão).

Consulta de viuva. — Segundo se lê na historia de *Frei Gerundio de Campazas*, apresentou-se certa viuva em casa do seu cura a pedir-lhe que a aconselhasse sobre se devia casar novamente; porque, dizia

ella, não podia estar sem alguém que a ajudasse no governo da casa, e tinha um criado muito bom, e muito zeloso, que podia substituir convenientemente o



marido que Deus chamara para si.

— Pois então casa-te com elle respon-
deu-lhe o cura.

— Mas se eu caso com elle pode ser que

de criado se queira fazer meu amo, abusando da posição que lhe dou.

— Pois bem, então não te cases, voltou-lhe o bom do padre.

— Não sei o que faça, porque eu não posso sósiãha com todo o trabalho que pesava sobre o meu marido, e preciso d'um companheiro que me ajude.

— Pois bem, então casa-te com esse moço.

— Mas se elle degenerar, se me tratar mal, se desperdiçar os meus bens?

— Bem, então não te cases.

E assim ia sempre respondendo o cura, sim ou não, segundo as proposições, e as réplicas que a viuva lhe fazia; mas por fim, conhecendo que ella na realidade tinha desejos de casar com o criado, porque dava a mostrar o

quanto gostava d'elle, disse-lhe que attendesse bem ao que diziam os sinos da egreja, e que procedesse segundo elles lhe aconselhassem.

Tocaram os sinos, e pareceu a ella, que elles diziam : *casu-te com elle, casa-te com elle!* Como isto era o que o coração lhe pedia, casou.

Não passou muito tempo que o marido se não transformasse em tyranno, e que ella de ama não passasse a ser escrava, e voltando a casa do cura, queixou-se do conselho que lhe havia dado, maldizendo a hora em que tinha ouvido os sinos.

— É que não ouviste bem o que diziam os sinos, respondeu o cura, e para que d'isto te convenças, eu t'os vou mandar tocar.

Tocaram os sinos, e á viuva pareceu então que elles diziam clara e distinctamente : *Não te cases tal! Não te cases tal!*

É que os trabalhos tinham-lhe dado os ouvidos da razão.

Os sinos eram os mesmos.

CHARADA XL

Sou lord, tenho assento a par dos pares, oh t' céos! — 1 mais uma vogal posposta, foi assim chamado Deus! — 1		Desabrido, não tem mel, nem avêso, nem direito, amargo mais do que fel... bofetada... com effeito! — 1
--	--	---

Templo magestoso, inda que em ruinas,
saúdo-te com respeito!

Monumento sublime, eu te contemplo
arfando-me este peito!

Filho da imaginação do immortal Phydias,
tu produzes em mim magico effeito!

Raymundo J. da S. Vianna (Maranhense — Brazil).

O. B. G.

(RECITATIVO)

Deus deu á t'ela, em que se passa a vida,
a mais suave e deleitosa c'ôr...

é toda ella gentilmente urdida
d'ess'aurea teia, que se chama amor!

Creanças, temos no amor paterno
doce effuvios dos jardins dos céos,
e os perfumes do beijar materno
são como as auras dos vergeis de Deths!

Vem os amplexos fraternaes ainda,
povoar noss'alma de suave olor...
e nunca, nunca n'este mundo finda
o doce júgo, que se chama amor!

Mais tarde surgem perfumados gesos...
eis duas vidas n'uma vida só...

eis os enlevos do amor de esposos
a encher de flores o mundano pó!

Depois?... os filhos, cujo affecto immenso
é como um élo que nos prende aos céos,
ou como nuvens de doirado incenso,
que, a terra, envia reverente a Deus!

Depois, os filhos, que o gelado outono
da vida, nosso perfumando estão,
quando, nos chega o derradeiro somno,
amor eterno a nossos ossos dão!

Por isso, ó filha, cujo affecto immenso
inunda est'alma de suave olor,
acceita, as nuvens de doirado incenso,
que hoje te envia o paternal amor!

Hoje que todos festejamos ledos
com justo orgulho o natalicio teu...
fujam da mente pensamentos trédos...
quem canta um anjo se aproxima ao céu!

Deus deu á tóla, em que se passa a vida,
a mais suave e delectosa cor...
é toda ella gentilmente urdida
dess'aurea teia, que se chama amor!

J. de V. F. (**).

Á gentileza e fineza de um modesto e illustrado cavalheiro, devemos este mimo litterario; que expressamente o produzio (a pedido nosso), para commémorarmos um anniversario. Reconhecidos lh'o agradecemos.

Um admirador (Porto-Alegre — Brazil).

ROSA MURCIA

A M...

Hontem ainda tão brilhante estavas
á sombra amiga da folhagem verde,
formoso emblema dos gentis amores,
flor das outras flores!

Que foi que assim te transtornou a forma?
quem o veludo te rasgou das folhas?
quem te curvou na haste delicada,
ó rosa malfadada?!

Para matar-te as purpurinas cores,
dos teus perfumes p'ra quebrar a urna,
basteu, ó flor, das flores a mais bella,
de uma noite a procella!

A nós, tambem, p'ra nos mudar o rosto
basta uma noite de pungente angustia,
quando de maguas nos inunda o peito
um temporal desfeito.

Quando o tufão da desesperança brame
no seio d'alma, sobre um mar de pranto,
e n'esse abysmo nos deixou perdidas
as illusões queridas...

«Salca de rugas a mais lisa fronte,
os labios cresta do coral mais vivo,
desmaia a face que tornou ciosa
a mais brilhante rosa.

.....
P'ra vós, a vida c'o perfume acaba :
mas nós vivemos, sem prazer, sem risos,
sem ter da esp'rança o doce aroma puro
sem crenças no futuro.

D. Amelia Rebello.

Originaes curiosos. — «Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. —
Inclusa remeto a V. S.^a a sobredita cuja, tenha cautella
com ella que é toda espertineca e airoza e talvez queira
passar por uma tia que é bem conhecida nessa terra, pois
tem tinha na cabeça. O maripozo já lhe foi buscar tres gar-
rafadas á Botica de Lagares e eu para tirar a responsabe-
lidade das minhas costas é a razão porque inclusa a re-
meto. — Deus guarde a V. S.^a C. de T. outubro de 1876.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. administrador do Concelho de Cêa —
O Juiz Eleito e Regedor substituto por alvará de 1867

F.....

«F... Parocho da freguezia de... Attesto que o mancebo
João, é filho de João L. Baptista e Ignatia Maria, d'esta
freguezia de... Tem a altura do pau que leva na mão até
á mossã que lhe foi feita, não o medi pelo metro porque
o não tinha cá. O que tudo juro in verbo sacerdotis...
Freguezia de... Agosto de 1867.

O Parocho

F.....

Os originaes d'estes documentos existem na administra-
ção do concelho de Cêa, e responsabilizo-me pela sua au-
thenticidade,

Brito Freire (Cêa).

Amigo
Amigo

LOGOGRIPHO XXV

Amigos : primeira e sexta setima, segunda e prima, é coisa que muito agrada, e que por isso se estima.

A segunda com a tércia, seis e prima em união, declaram que quem observa o faz com muita atenção.

A sexta com cinco e sete é alegre e é comprido : a sexta com quarta e quinta dizem um posto subido.

Segunda com tércia e prima busca-as em certo animal ; segunda com cinco e sete pedem uma busca igual.

Cinco, seis, quatro e mais tres é um futuro imperfeito ; um e dois, sete e mais seis têm morada em meu peito.

Dois e um, tres e mais sete está no decurso do anno : seis, sete, dois e mais um é cidade, não te engano.

Sexta, quarta, ou dois e tres, ou dois e cinco também, são tão irmãs, que parecem ser filhas da mesma mãe.

Seis com tres, e dois, e um, encontra-se na poesia ; dois e um, seis, cinco e um é nome de sympathia.

A primeira, dois e sete mostra superioridade ; a primeira, dois, e prima denota o mesmo em verdade.

Quarta e quinta, sexta e prima que dá séca saberás ; se vagares pelos campos, segunda e quarta ouvirás.

Um, dois, sete, seis, e um é um fructo, com certeza ; sexta, prima, tres e sete, fere, ou mata com presteza.

Segunda, com prima e sexta não medes, não tem medida : sexta com um, dois e um no campo se vê pendida.

Sexta e quarta, dois e sete nas aguas podemos vêr ; sexta com terceira e sexta dão-nos provas de prazer.

Por fim direi: entr'as arvores meu todo podes buscar, por letras, e não por syllabas : toca, toca a adivinhar.

M. R. C. Leão Dias (Azinhal).

CHARADA XLI (NOVISSIMA)

1, 2. — Este verbo é peccado que não se põe aqui.

Gaudencio de Lemos (Rio de Janeiro).

O CANTO DAS AVES

L'oiseau semble le véritable emblème du chrétien ici bas ; il préfère comme le fidèle la solitude au monde, le ciel à terre, et sa voix bénit sans cesser les merveilles du Créateur.

CHATEAUBRIAND.

As geladas cavernas do polo arctico, abrem as caliginosas fauces, e dão accesso ao inverno, que a passos apressados foga das regiões occidentaes.

A natureza adormecida como a crysallida, volta de novo á vida activa e fecunda. O céu, ha pouco velado por nuvens borrascosas, ostenta de novo o seu formoso azul, e as aguas turvas voltam á sua transparencia, a relva tismada á sua verdura, e nas veias das plantas referve de novo o sangue vivificador.

Nos paizes longinquos, palacios de inverno das aves emigradoras, fazem-se preparativos de jornada, e logo os nossos campos e os nossos bosques voltam a ser povoados.

Aos hospedes alados reúnem-se as aves que nos são conterraneas, e que, como nós, se submettem aos rigores do inverno, e a alegre cohorte, em mysteriosa combinação, reparte entre si as horas do dia e da noite, para n'ellas saudar a primavera, estação dos seus amores. Ao maior numero pertence o alvorecer do dia e o fenecer da tarde; aos mais abalisados na musica a calada da noite, e algumas horas no decorrer do dia.

Quando a primavera, por adiantada, vae vestindo os arvoredos, e as flores vão caindo desfolhadas das plantas que ainda ha pouco enfeitavam; quando alguma nuvem perdida na vastidão do céu vela a face do sol, e lhe diminue os ardores; ou quando as bagas de refrigerante chuva, effeitos da trovoadas que echoa ao longe, orvalham a terra, e pendem suspensas das folhas, como perolas engastadas em verde esmalte; occulta nos macissos de verdura, a ave côr de ébano, de bico dourado, a que chamamos melro, faz resoar no espaço o seu doce canto; canto melódico, como os sons das harpas eólias, arrebatador como creação de exímio maestro, mímoso como as rosas da primavera, alegre como a voz da infancia, suave como as brisas da tarde.

Ao ouvir a ave sonora, o homem dos campos suspende o rude trabalho, e elevando o coração a Deus, bendiz a grandeza das suas obras, e bendiz também a parte do goso, que n'ellas lhe concedeu.

O rouxinol reserva os seus cantos inspirados para a solidão das trevas, o gorgeador de Bernardim Ribeiro não quer que se lhe percam as notas nos bulícios e rumores da terra. Quando pois se tem desdobrado a escuridão e o silencio, quando a natureza, velada pelos luzeiros de Deus, repousa na immobildade, suspenso em tenue raminho, não longe do ninho aonde a esposa aquece a futura prole, e não longe também das habitações humanas, o «mago cantor da noite,» desprende torrentes de harmonia, que são talvez a expressão dos affectos de seu coração. O «principe dos musicos alados» preludia, e os gorgeios e notas agudas, que semelham requiebro e extases de prazer; as ternas melodias que exprimem as vagas tristezas da saudade; as pausas e os trinadoes, ou divagações phantasticas; as notas graves, ou hymnos de louvor e de acção de graças, a quem o creou tão rico de sentimento, de musica e de poesia, saem-lhe alternadamente do peito.

Recostado nas almofadas, o homem positivo ouve indifferente o rouxinol; mas delicia-se o scismador, que nasceu poeta, são-lhe enlevo esses cantos, e librando-se com elles nas azas do pensamento, com elles devaneia nas regiões aéreas.

D. Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osorio
(Bretiande).

VISÃO D'AMOR

A minha mulher

D. LEONOR EUGENIA PESSOA D'AMORIM

Minh'alma geme n'um soffrer intenso,
porque é immenso o infortunio meu!

Como dar fim a tão acerbas dores,
se os meus amores não os vejo eu?!

Quando suspiro com tristeza infinda,
a imagem linda do meu anjo vem
pura affagar-me, seductora e meiga,
qual é na veiga a oriental cecem!

Em vão meus braços te procuram q'rida,
conforto e vida de minh'alma, em vão!
rebenta o pranto; mas foi só delirio!
cresce o martyrio. Aonde estás visão!?

Se á tarde, ás horas em que o sol desmaia,
no mar se espraia e des'parece alfim,
a vista eu lanço com saudade ao largo,
e então que amargo é o soffrer p'ra mim!

Lembra-me a terna desvelada amiga,
a quem me liga o mais ardente amor;
e ao não te vêr, a desolada alma
é mar sem calma a — tempestade e a dôr!...

Victima triste de cruel ausencia,
ai! que inclemencia! que pungir atroz!
nauta sem rumo, caminheiro errante,
anhelo o instante de t'ouvir a voz!

José Pedro Gervasio da Rosa (Moita).

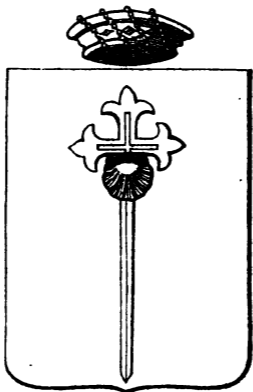
LIÇÕES DE LINGUISTICA

- Peralta* — Fructo que não está baixo.
Brincadeira — Tecido para assento.
Prolixo — Favoravel immundicia.
Beatriz — Lettra que representa.
Indolente — Professor da India.
Capote — Lettra para guardar agua.
Pachá — Instrumento de lavoura vindo da China.
Calmaria — Pó de marisco baptisado.
Regalo — Criminosa que canta.
Pedecura — Charlatão que estende a mão e põe bom o doente.

Antonio Ignacio Torres Bandeira (Pernambuco).

Arruda dos Vinhos. — A paginas 365 do *Almanach* de 1876, vem uma pequenina noticia ácerca d'esta villa, finalizando por algumas phrases bastante injustas. O nosso fim, porém, não é occupar-nos agora d'este

ponto; mas simplesmente apresentar alguns dados historicos, visto que tão omisso foi n'esta parte o auctor da referida noticia. Perde-se na noite dos tempos a data da sua fundação, sabendo-se apenas que foi



reedificada em 1160, recebendo n'essa epoca o foral, concedido por D. Afonso I; pertencen á ordem de S. Thiago da Espada, á qual a deu D. Sancho I; o seu ultimo donatario, foi o conde da Cunha, fallecido em 16 de março

de 1867. Em 1185, depois da batalha ferida em Santarem, cercaram-a os mouros, que a tomaram, abandonando-a em seguida em completo estado de ruina; porém, no anno de 1186, D. Sancho I cuidou da sua reedificação, e a fez povoar. O seu foral foi reformado em 15 de janeiro de 1517, por D. Manuel. A igreja matriz tem tres naves, datando a sua fundação do reinado d'este monarcha, se attendermos á architectura do portico principal. A Misericordia foi fundada em 1574 a expensas do povo. O hospital d'este estabelecimento de caridade, reformou-se, fazendo-se-lhe consideraveis melhoramentos, em 1875.

A Arruda é patria de alguns homens muito celebres e e illustres, taes como os governadores da India, Vicente

Pereira de Castro, e Antonio de Castro Sande; Antonio Paes de Sande, governador do Rio de Janeiro; e João de Macedo Corte Real, general de artilheria e governador de Pernambuco. As suas armas são como as representa a gravura, um escudo branco, tendo no centro uma espada, representando nos copos a cruz de S. Thiago, encimada por uma concha de peregrino, e sobre o escudo uma corôa de barão. Tem Commissão promotora de ensino, escolas para ambos os sexos, Bibliotheca Popular, Sociedade Musical, Theatro, e Gremio Recreativo, onde os socios encontram diversão por meio de musica, jogos, e leitura de jornaes politicos, litterarios e satyricos.

Os seus habitantes são essencialmente laboriosos e comedidos.

F. A. de Mattos (Arruda).

LOGOGRIPHO XXVI

(POR LETRAS)

Ao meu amigo Eduardo Mattos

Na botica. — 2, 8, 4, 10, 6, 5, 8, 10, 5

Na botica. — 3, 10, 9, 10, 8, 5

Na botica. — 4, 11, 3, 4, 7, 3, 5

Na botica. — 6, 2, 6, 5, 8, 11

Na botica. — 11, 6, 6, 5, 8, 10, 2, 1, 5

Na botica. — 7, 9, 5, 8, 10, 4, 5

Na botica. — 2, 3, 8, 10, 1, 11

Na botica. — 4, 5, 8, 10, 1, 5

CONCEITO

Do logogripho o conceito
é arte de muito agrado:
se dado te fôr sabel-a,
logo o terás decifrado.

J. Villa Nova (Portuguez — Pernambuco).

O Bussaco penitente.— Visitando um dia o veneravel P.^o Frei Antonio das Chagas, fundador do notavel seminario do Varatojo, o mosteiro e matta do Bussaco, ficou de tal modo impressionado com a austeridade, silencio e penitencia dos monges d'aquelle' eremiterio, e com o contraste saliente que observou entre a pobreza e humildade do convento e a riqueza e pompa da floresta, que, mesmo debaixo d'aquelle' ceo de verdura, compoz e dedicou ao Bussaco o seguinte

- SONETO

•N'este occulto deserto levantado,
ditosa habitação de santa gente,
o mesmo monte as asperezas sente,
de tanto espinho duramente ornado.

De folhas veste para que enlaçado
com as cadeias de hera penitente,
e entre arvores agrestes abstinente,
seja sempre dos ventos açoutado.

A profundo silencio se retira,
e desde a solidão a d'onde mora,
elevado chegar ao Céu aspira :

Pois remontando ao bem que humilde adora,
vozes os ventos são com que suspira,
olhos as fontes são por onde chora.»

Este soneto encontra-se na Chronica dos Carmelitas descalços de Fr. João do Sacramento, na parte que se occupa do mosteiro do Bussaco, e, que nos lembre, só foi publicado pelo *Jornal de Coimbra* do anno passado.

Eduardo Mendes (Coimbra).

CHARADA XLII (NOVÍSSIMA)

A ex.^{ma} sr.^a D. Francisca A. C. de Mattos

(Auctora da charada de pag. 356 do Almanach de 1877)

1, 2. — É a primeira donzella que pode ser santa.

João Carlos Massa Junior.

O gato e o rato. — Em uma das villas do Rio de Janeiro falleceu aos 98 annos de idade, um individuo de nome José Rato, Este homem era analphabeto, mas toda a sua conversação. a fazia em trovas e consoantes, mal rimadas muitas vezes, demonstrando maravilhosa facilidade de improviso, pelo que era sempre festejado, e procurado pela melhor gente do logar.

Conta-se d'elle um episodio que tem algum chiste, e que toda a villa registrou, pela impressão que produziu no momento.

Havia ali um portuguez conhecido por Manoel Gato. Quando deram a José Rato, a noticia da morte de Manoel Gato, disse elle promptamente :

Se chora a raça felina
alegra-se a ratazana ;
po' m os ratos viver
livres de tamanha gana.

Dos ratinhos d'esta terra
o mais infeliz sou eu,
que não ganho a liberdade
porque o gato já morreu.

A. M. da Silva (Brazileiro).

VISÃO CELESTE

Era no templo ; o orgão lentamente
magicos sons p'los ares desprendia ;
o acto era solemne e comnovente,
e o recinto inspirava-me poesia.

Etherea e meiga voz de virgem bella
pelas naves augustas ciciava,
como o triste gemer da philomella,
que entre as brenhas espessas soluçava.

Era a hora sombria e silenciosa !
Já o sol no occidente estava posto,
quando visão celeste e vaporosa
me veio um pouco illuminar o rosto.

Eu vi uma creança seductora,
conjuncto de belleza e de ternura,
tão rival de Heloísa encantadora,
quão virgem casta, immaculada e pura,

N'aquelle augusto santuario entrar
com passo delicado e andar garboso ;
vi-a junto de mim ajoelhar,
inclinando seu rosto tão formoso.

Não sei se sonho foi, se realidade,
que meus sentidos enleiou assim ;
ella tinha o semblante de deidade,
os labios mais vermelhos que o carmim.

Nos seus olhos fulgia a negra côr,
e a phantastica e doce languidez
que inebria, arrebatada com ardor,
e nos mergulha após na embriaguez.

Eram duas alampadas ardentes
que espalhavam no ar philtros subtis ;
lavas de puro amor incandescentes
que produziam tentações febris.

Compridas negras tranças de cabellos
cingiam sua fronte virginal,
e exhalavam de si aromas bellos,
mais bellos que os da terra oriental.

O vestido no peito um pouco aberto
mostrava do seu collo a fina alvura,
— fundo abysmo, magnetico e deserto —
para onde me attrahia a vã loucura.

O seu corpo de formas delicadas
a gentileza tinha d'uma ondina,
a doçura das flores nacaradas,
e a graça genial da Fornarina.

Era a virgem creança tão formosa
que, se a visse o sublime Raphael,
a engastára, na tela esplendorosa
eriada p'la luz do seu pincel.

.....
.....
.....
.....

Cessaram afinal os doces cantos !
o templo no silencio se envolveu ;
quebraram-se tambem os meus encantos
que a visão para sempre se escondeu !

Ficou porém gravada no meu peito
de tal modo essa imagem seductora,
que desde então a ella estou sujeito
por ardente paixão que me devora.

Adelino dos Santos Fernandes Vaz (Coimbra).

LOGOGRIPHO XXVII

(NOVISSIMA REFORMA REFORMADO ¹)

A insigne charadista e inspirada poetisa

D. ANNALIA VIEIRA DO NASCIMENTO

Amor é dom do céu, doce remedio
do seio macerado ;
em ermo arido e secco oasis mimoso ;
Iris em céu cerrado.

Amor dá côr á rosa, e doce aroma
á cecem desmaiada ;
dôma as iras do mar, e o mar acorde
ama a areia doirada.

Ao misero sem casa, sem arrimo,
mirrado, immerso em dôr,
dá caricias o amor, soccorros, mimos ;
caridade é amor.

Em seios sem amor só mora o odio,
ira, remorsos só ;
o mesmo rico assim, cercado d'oiro,
ai Deus ! merece dó !

É dom do céu,
raio de amor,
é sacro mimo
do Creador.

Uma desconhecida (Lisboa).

¹ Tenham em vista os menos versados n'esta especie de logogriphos, que n'este faltam 16 das letras do alphabeto, e que a palavra da sua significação se escreve com as 9 restantes.

O Paul da Serra. — Quasi na extremidade occidental da serrania que atravessa a Madeira de leste e oeste, encontramos o maior plano que contém a famosa ilha: é o Paul da Serra. Sem fontes, sem arvores, e sem coisa alguma notavel, é comtudo, em dias serenos, mui aprazivel e pittoresco.

Situado n'um lugar elevado e algum tanto inclinado para o sul, é o Paul sujeito a furiosos vendavaes, que o deixam frequentemente barbeado; e apenas, na primavera, he af-catifa o solo o matto rasteiro, como a relva, o feto (*pteris aquilina*, conhecido aqui pelo nome de feiteira), e um pequeno arbusto mui verde e odorifero, desconhecido n'outra parte da ilha, denominado *alecrim do Paul*.

Atravessa esta vasta planicie de norte a sul, ou do sul ao norte (como quizerem), um caminho que, sub-dividido em ramificações que vão dar a differentes freguezias do sul da ilha, é causa de, no inverno, se extraviarem muitas pessoas com a cerração. Houve ali uma casa d'abrigo, denominada do *meio Paul*, cuja estrutura parecia ser propria para resistir aos temporaes que se manifestam n'aquelle logar; as suas ruinas porém attestam-nos que póde mais a intemperie do tempo do que as mãos dos homens. Mal satisfaria, porem, o fim para que foi construida, porque, sem pessoa que permanente prestasse os devidos soccorros aos viajantes que procurassem amparo n'aquelle oásis, morreriam estes ali muitas vezes victimas do frio e da fome! Era um abrigo sem amparo.

A esquerda de quem desce para o sul, fica um plano ainda mais esteril e mais nivelado do que o resto do Paul, denominado *campo grande*, onde, diz o vulgo, se reúnem e ensaiam as feiticeiras, convocadas e dirigidas pelo respectivo instructor.

Habita o Paul, especialmente no estio, muito gado de differentes especies, e tambem ali ha grande quantidade de coelhos.

Manuel Gomes Paes (Madeira).

O scorpião e a tartaruga (FABULA). 1

— Um scorpião temido pelo seu veneno, tanto como pela sua má indole, emprehendeu uma viagem.

Chegou á margem d'um rio e deteve-se; vio que lhe

era impossível atravessal-o, e não tinha também desejo de voltar pelo caminho que trouxera. E n'esta situação que lhe apparece uma tartaruga, que compadecida de tal perplexidade, o tomou ás costas, e car-



regada com elle entrou no rio, nadando para opposta margem.

No trajecto ouviu a tartaruga certa bulha, parecendo-lhe que o scorpião lhe roia a concha.

— De d'onde vem esta bulha? perguntou ella ao seu companheiro.

— O que tu ouves, respondeu este, é o meu ferrão que eu procuro introduzir na tua concha. Sei perfeitamente que o não consigo, mas não posso desobedecer ao meu instincto, e rão.

A tartaruga vendo a perversidade do scorpião, disse logo de si para si: «O melhor que tenho a fazer é livrar este mau da sua propria malicia, e pôr os bons ao abrigo dos seus attentados. Se bem o pensou assim o fez. N'um bordo

1 Esta fabula é de Djami, um dos poetas mais notaveis da Persia, fallecido no anno 898 da Hegira, ou 1492 de J. Christo.

mergulha, saccode a oppressiva carga, e deixa-a sepultada no abysmo das aguas.

Finura d'um doido. — Em certo dia santo, ao sair da missa das onze, quando o parochio atravessava o adro por entre seus freguezes descobertos, afim de se dirigir para sua casa, toma-lhe o passo um homem doido,

— Verdade que v. s.^a é muito entendido, mas n'isto parece-me que está enganado.
— Não, filho, responde ainda, revestindo-se de paciencia; tão santos são os domingos, que até n'elles nada mais se devia fazer do que consagral-os a Deus por meio de orações e mais obras piedosas. Foi no domingo que o Senhor descansou.



e parando diante do respeitavel ecclesiastico, dirige-lhe a seguinte pergunta:
— O senhor padre vigario, todos os domingos são santos?
— São, meu filho, diz-lhe o padre; a Igreja os declarou taes, por consequencia não ha que duvidar.
— O senhor padre vigario, torna-lhe o doido, é

— Pois senhor padre vigario, nunca julguei que v. s.^a se enganasse com tanta facilidade.

— Oh filho, adeus, adeus; o Senhor S. José seja o teu advogado, para que te dê juizo na vida e na hora da morte, diz o padre, dando dois passos para se retirar.

— Oh senhor padre, diga-me pelas chagas de Christo, se pode acreditar que Domingos Armas, Domingos Coelho e Domingos Espindola (lavradores) sejam santos?

— Ó filho, a misericórdia do Senhor desça sobre nós. Apesar de seres doido tens mais finura do que eu suppunha. Adeus.

Assim terminou o reverendo passeio o dialogo, e tão atropalhado estava, que então é que se lembrou que ainda tinha na mão direita, e em posição de cortesia, o seu grande chapéu triangular, a que chamamos n'estas ilhas *chapeus de candieiro*.

João Nepomuceno de Mendonça (Ilha das Flores).



De Colley Cibber

(IMITAÇÃO)

Oh! dissei-me o que é a luz, a claridade,
esse bem que jámais gozar me é dado;
da vista me contaes almas venturas,
a mim que vivo em trévas, ás escuras,
céguinho desgraçado!

Fallaes-me do que vêdes portentoso,
dizeis que o sol se mostra resplendente;
eu sinto-lhe o calor: como é que o gera,
quando é dia, ou de noite, a grande esphera,
o astro refulgente?

Cada vez que repouso, ou me distraio,
eu crio para mim a noite ou dia;
e se eu me conservar sempre acordado,
o dia não me deixa, está-me ao lado,
de mim não se desvia.

Com triste suspirar ouço frequente,
que lamentaes a minha desventura;
porém d'um bem de mim nunca sabido,
sei tolerar a perda, e quasi olvidido
a minha, sorte escura!

Dezmo pois que eu possuia, inabulavel,
d'est'alma o bom humor a que m'entrego ;
emquanto vou cantando, sonoro,
sou um rei, um monarcha poderoso,
embora pobre cégo !

J. Fernandes da Silva (Aveiro).

ANGELICA ¹

Feliz da que vendo estrellas
ao pôr do sol da existencia,
quando se ala á ethera essencia
voeja e sobe para ellas.

Bem feliz quando vidente
disse, n'hora em que morreu:
— Mãe, como chamam no céo
quem vae da terra innocente?

— Anjo, filha, o que tu és ;
mas em que penas me abraças!
— Anjo, mãe! Olha estas azas
que eu tinha escondidas! vês?

E a mãe erguendo a cabeça
dizia ao céo tão dezerto ;
— Jesus! não queres decerto
que a pobre mãe endoideça?!

Ouve, escuta-me, Joannita,
pois queres deixar-me só?
és tão boa e não tens dó?
— Eu era boa e bonita,

Mas a tua filha morreu ;
vês esse astro como brilha ?
— Será nos meus olhos, filha!
— Talvez, mãe, que tudo é céo;

Se as tuas lagrimas bellas
assim me alumiam tanto,
bemdito seja o teu pranto
que vale mais que as estrellas.

A mãe só disse : — Jesus !
E ella erguendo-se de leve
abrio as azas de neve,
e foi seguindo essa luz.

Thomaz Ribeiro.

¹ Joannita morreu na infancia; e quão prometteadora de graças, de corpo, espirito e sentimento fora aquella infancia malograda! Quando se aproximou do termo começou de ver uma estrella que ardia dia e noite, e mostrava-a com insistencia a sua mãe. Quem sabe a que distancia se estende a vista do moribundo? Se todos podessem ver astros!...

A moral antiga, e a moderna. — Os velhos, assim como costumam exaltar as coisas da sua juventude, com o intuito de depreciarem as da actualidade, com a mesma má intenção gabam, e encarecem a pureza de costumes do seu tempo; quando é incontestavel, que a depravação moral nos seculos passados excede tanto a do presente, quanto este excede aquelles na diffusão das luzes do espirito.

Entre innumeraveis factos, que facil me fôra adduzir para comprovar esta asserção, apenas citarei um, que li no Promptuario Historico de *Fr. Manuel da Mealhada*, parte 4.^a, pag. 285: notem, que é um frade, quem o conta; diz elle:

«A ordem dos Hospitaleiros do *Espirito Santo* teve varios hospitaes em França. *Innocencio* 3.^o, no anno de 1198, confirmou-a, e entregou o cuidado do hospital de *Santa Maria in Sussia* em Roma, fundação sua, e que ainda existe, a *Guido*, filho de *Guilherme de Montpellier*, que em 1195 erigira um. Estando o Papa em oração, ouviu uma voz, que lhe dizia, que fosse pescar no *Tibre*; consultou o caso com os cardeaes; lançou a rede, e no primeiro lanço tirou 87, e no segundo 140 meninos abortivos, afogados por suas mães!! Foi para pôr cobro a tanta maldade, que fundou esse Hospital, cujo fim é curar os enfermos, crear creanças, e receber peregrinos.»

S. Vicente de Paulo instituiu em França os asylos para as creanças abandonadas; para o mesmo fim, e para evitar infanticidios, foram entre nós instituidas as *rodas* dos expostos.

Apesar de, ha mais de tres annos, se acharem fechadas essas *rodas*, dão-se acaso as atrocidades abominaveis, que *Fr. Manuel da Mealhada* refere? Não: logo a depravação moral dos seculos passados excede tanto a do presente, quanto este sobreleva aquelles na diffusão das luzes do espirito, e em todos os ramos de conhecimentos uteis.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Barcellos).

ENIGMA XIII
(SALTO DE CAVALLO)

Desprezando o quadrado central ou n.º 25

da	un	mon-	ra	gas-	ti-	le
te	vel	tan-	nha	só-	e-	val
pra-	mi-	eu	va ^s 48	quan-	so-	da
a-	ma	ri-		cho-	que	ma ;
nha	zer	ra-	de	do	in-	con-
a-	sor-	fun-	da	ta-	al-	dor
de	vi-	ten-	d	Na 1	um	va ;

Quatro versos hendecasyllabos.

Começa na casa 1 e acaba na 48.

Ociosos Parvonezes.

CHARADA XLIII (DECAPITADA)

O pau que — dá — para fazer — quando o —.

Guilherme de Carvalho (S. Thomé).

O ecco d'uma voz. — O distincto brasileiro Bernardo de Sousa Franco (visconde de Sousa Franco), quando deputado em uma certa legislatura, teve de accusar só, fortemente, e por muitas vezes, ao governo d'então, o que lhe valeu o appellido de *unidade opposicionista*.

Certo deputado amigo do governo, e muito espirituoso, em uma sessão procurava de um modo sarcastico e insistente ferir a *unidade opposicionista*, quando um espectador das galerias o interrompeu, arremedando o latir de um cão. O presidente e toda a camara bradaram contra o grosseiro insulto, mas o imperturbavel deputado exclamou:

— Sr. presidente, foi um *áparte* do sr. Sousa Franco.

— Engana-se, respondeu logo este, foi o ecco da voz do orador.

A. M. da Silva (Brazileiro — R. de Janeiro).

A CARIDADE

(SONETO)

Quando passar-te vejo, oh celeste deidade,
deixando no caminho um rasto luminoso,
sinto no coração não sei que doce goso,
e admiro pensativo, o anjo da caridade.

Mas quando em alta noite, á voz da tempestade
se junta da miseria o côro lamentoso,
e tu, archanjo bom, sorrindo-te piedoso
vaes sereno acalmar as dôres da orphandade;

É então que minha alma, idolatrando a tua,
tão sublime de amor, de peccados tão nua,
te segue jubitosa á tristonha morada:

E o orphão, que faminto anceava confôrto,
repassado de dôr, de fome semi-morto,
beija-te reanimado a mão abençoada.

F. J. Ramos.

AO POÉTA

(No album de Joaquim Pestana)

— Escuta, poeta: no horizonte vasto,
onde vòs arrojado o pensamento,
por entre um véo formoso, tenue e casto
o que entrevês além?

— Um monumento.

— Um monumento?

— Sim. Estatua viva,
que se veste d'um brilho sem igual,
que contém partes d'aguia e sensitiva,
que muito se assimilha ao immortal;
que repousa n'um throno fulgurante,
que entra no campo vasto da sciencia,
que n'elle colhe flôr inebriante...

— E o nome? o nome seu?

— A intelligencia!

— E esse dom sublime e poderoso,
que tanto abranger pode, anhelos tem?

— Oh! muitos! porque ancia um sacro gôzo,
que é como os mil carinhos d'uma mãe!

— Oh! dize! dize, poeta!...

— Pois almeja

o magno apreço das irmãs que adora:
Sabedoria e Gloria; e não se peja,
se alguma a desconhece, treme e chora!

— E depois?

— Muita vez a Estatua viva
tem-se visto luctar nos hrios seus;
perder a parte d'aguia, e sensitiva
afrouxando pedir justiça a Deus!

D. Hermenegilda de Lacerda. (Ilha da Fayal).

Domiciano. — Este imperador romano foi, sem duvida, um dos perseguidores que mais estragos fizeram nos arraiaes da religião nascente, e um dos tyrannos que mais envergonharam a purpura dos Cesares.

Subindo os degraus do poder, por morte de Tito, a aurora do seu governo foi auspiciosa; mas tanto se arredou depois da primeira expectação, que, por suas crueldades e extravagancias, fez resuscitar os tenebrosos dias de Nero.

Tertuliano chama-lhe «parte d'esse monstro», e Tacito «um vampiro que queria beber todo o sangue da republica.»

Á mais degradante laxidão de costumes, juntava a extravagancia mais louca.

Exigia que lhe chamassem *deus* nas petições que lhe eram dirigidas. Convocou em uma occasião o senado, para saber em que vaso devia comer de certo peixe. Passava dias inteiros no seu gabinete, divertindo-se a caçar moscas, á ponta d'alfinete.

Isto deu logar a que Vibio Prisco dissesse, uma vez em que lhe perguntavam se estava alguém com o imperador :
— Não ; nem sequer uma mosca !...

Mattos Ferreira (Crato).

LOGOGRIPHO XXVIII (ENIGMATICO)

Tem leitor ! muitos irmãos,
a segunda com terceira ;
e estes irmãos são tantos
como é um junto á primeira.

CONCEITO

Não desejo que tu soffras
prima, segunda e terceira

J. Antonio de Avellar Junior (Minas — Sete Lagôas).

Um conselho. — Perante o tribunal do jury compareceu um individuo accusado de haver furtado um relógio.

Repellia elle cheio de nobre indignação a accusação

infamante, e como homem de bem negava o facto com tanta vehemencia, que principiou por convencer da sua innocencia o mais honrado e leal dos advogados.

A convicção d'este era ponto essencial, mas não menos indispensavel era convencer tambem os juizes de facto.

Requeria-se para isso eloquencia, e como o advogado possuia bastante, apresentou uma defeza tão irresistivel,



que o réo foi absolvido, mostrando-se mesmo o promotor publico satisfeito com a sentença.

No mesmo dia depois dá sessão, recebeu o defensor a visita do seu cliente.

— Sr. doutor, disse este, V. s.^a prestou-me um serviço importantissimo; venho agradecer e ao mesmo tempo pedir um conselho.

— Que conselho, sr. F.? Diga, em que o posso ainda servir?

— Eu me explico: sabe que fui accusado de ter furtado um relógio.

— De certo; mas que quer vocemecê dizer com isso?

— V. s.^a provou aos juizes que não era verdade, de modo que elles já não tem nada que ver n'este assumpto.

— Sem duvida.

— Deseje portanto saber se posso agora usar d'elle?

— Usar de que? perguntou o advogado.

— Do relógio, respondeu com toda a naturalidade o ex-preso.

— Do relógio? repetio escandalizado o advogado. Pois o senhor tem o relógio?

— Se o tenho! E onde estaria o merito da defeza se assim não fosse?

Pela primeira vez na sua vida o honrado advogado não encontrou que dizer, contentando-se de pôr o insolente larapio pela porta fóra.

José da Silva Ramos (Portuguez — Parahiba).

CHARADA XLIII

Eu sou cousa de casados—2 é verdade, meus amigos, e tanto verdade fallo como a figueira dar figos.		Esta agora, meus senhores, nada tem de portugueza, é cousa, e cousa que só pertence á gente escocesa. — 1
---	--	--

Um conceito dos mais faceis
meu leitor, te vou eu dar:
eu sou pequeno instrumento
e sou um peixe do mar.

Francisco Silva (Castellãos).

Ir buscar lá... — Uma senhora examinava uma gravura no mostrador d'um livreiro. Emquanto satisfazia á sua curiosidade, um espirituoso importuno, vendo correr uma aranha sobre o chape da dama, aproxima-se d'ella, e diz-lhe batendo-lhe no hombro:

— Minha senhora, tem nas suas costas um animal!

A dama surprehendida, voltando-se responde:

— Ah! perdão, senhor, não sabia que estava ahí!...

*Antonio d'Artigã Souto Maior
(S. Thiago de Cabo Verde).*

YRA

(ROMANCE MICROSCOPICO)

Yra¹ primava na taba como a flor da urumbéba² que mais mel contém em seu calice. Tal era a doçura de sua indole! Eram meigos e avelludados seus olhos da côr da noite sem luar... Eram de mel os labios, rubros como tié...³ Seus braços, côr de canella, não podiam ser mais perfectos... Os cabellos negros e lustrosos desciam-lhe abaixo da curva da perna primorosa e serviam-lhe de manto.... Filha do pobre Pagé,⁴ não era de alta nobreza... mas os encantos peregrinos de que era dotada, davam-lhe a realza entre os seus... Mombóre⁵, o engeitado, fôra encontrado pelo velho Pajé na cavidade d'uma cajazeira secular, em cujo rama a cauan⁶ piou. Adoptou-o... Yra e Mombóre cresceram como irmãos...

Mombóre é guapo caçador das selvas... O seu cocar de pennas multicores, era manufacturado pelas mãos de Yra. A sua tanga tambem... Yra, a joven de mel, tinha doçuras inextgotaveis para Mombóre... E elle?

As aves mais bellas e melodiosas que podia apanhar vivas, eram para deleitar os ouvidos de Yra...; as flores mais suaves eram para seu delicado olfacto...; as fructas mais saborosas compartilhava-as com ella... Mombóre julgava-se um deus, quando Yra lhe aceitava as prendas....

Um dia o Emboába⁷ perdido achou guarida na gruta de Pajé, que com o seu prestigio, o livrou da furia antrophephaga dos seus companheiros.

Mombóre saudou o Emboába e ofertou-lhe generosa protecção na força do seu arco... Esforçou-se por obsequiar o hospede, e ao lado do velho Pagé, á noite, junto á lareira, contava-lhe, e a sua... irmã, enquanto esta lhes preparava a ceia, as aventuras da excursão do dia.

¹ Yra — mel, Lacerda, voc. Tupy.

² Urumbéba, cactus tricolor.

³ Tié, ave de plumagem rubra.

⁴ Pajé, felticeiro. Lac. voc. Tupi.

⁵ Mombóre, botar fora, repudiar. Idem, idem.

⁶ Cauan, ave tida pelos indios como agazeira, quando cantam pela manhã.

⁷ Emboába, europeu, homem branco.

Um dia notou Mombóre que os extremos de Yra diminuíam para com elle, e que a Emboába eram dispensados os seus mais cautelosos affectos.

Uma noite o velho Pagé contava as lendas da tribu e pre-sagiava catastrophes, quando de repente troveja a sussu-rana ¹ junto do penedo que lhes abrigava a gruta... Emboába fizera-se dextro atirador, graças ás lições ao Mombóre. — «Yra, exclama Mombóre, empunhando a aljava e o arco, olha se o Emboaba te merece que affronte a féra faminta, como por ti vou fazer!...»

Gonçalo, o Emboába, de um salto empunha seu arco, e, mais rapido que Mombóre, sumio-se na escuridão do um-broso bosque.....

Um rugido infernal se seguiu, semelhante ao do trovão e, minutos depois, Gonçalo apresenta a flécha ainda san-grenta que arrancára do ventre da féra.

Mais tarde volta Mombóre cabisbaixo e sinistro e vem participar da gloria do seu rival, que recebia das mãos de Yra a cúia de aluá ², enquanto que dos seus olhos jorrava sobre o europeu um diluvio de divinos olhares.

Mombóre estremeceu, e seus olhos injectaram-se...

O sol desdobra seu manto tépido sobre o bosque, sobre o penedo e sobre a cabeça do velho Pagé, que á porta da sua gruta aguardava a volta dos tres companheiros: sua filha, seu filho de adopção e o seu hospede protegido, que haviam ido para conduzir a onça, que á noite fôra morta.

O guanumby ³ pousou proximo ao velho, depois de vol-tear tres vezes em torno de sua cabeça octogenaria... — «Desgraça!... exclama o feiticeiro.» E dois gritos unisonos lhe feriram o ouvido apurado.... A cauan piou n'este mo-mento.... Dirigio o Pagé os tremulos passos para o lado d'onde vinha esse grito... Junto da fonte que serpeava em volta da gruta, sob copado e bem conhecido cajazeiro, pro-

¹ *Sussurana*, onça das mais ferozes.

² *Aluá*, bebida fermentada.

³ *Guanumby*, Colibri, consideram-o os indios como conductor das almas (Alencar).

ximo ao corpo inanimado, da sussurana, achavam-se dois cadaveres traspassados por uma só flecha envenenada!...

CONCLUSÃO

Do lado opposto da annosa arvore, na cavidade onde, ha vinte annos, encontrára o Pagé uma creança abandonada, o cadaver de Mombóre achava-se assentado, tendo o peito traspassado por uma setta envenenada!

O velho Pagé volta horrorizado, e vem cair sem vida sobre os dois primeiros cadaveres.....

O guanumby de novo esvoaçou tres vezes em torno da cabeça do velho morto.... A cauan elevando-se aos ares, deixou a antiga cajazeira, em que se achava pousada, e ao librar-se no espaço soltou tres pios funerarios!

Antonio de Sá Soares Leite (Carmo de Cantagalo).



AO ENTE SUPREMO

(SONETO)

Graças te dou ó Ente incomprehensivel!
Ó Ser dos seres, Creador dos mundos:
admirando teus calculos profundos,
agradece teus dons a alma sensivel.

Comprehender tua essencia é impossivel;
são, porém, tão suaves, tão jucundos,
os teus feitos sublimes, quanto fundos
os teus designios da creação vivivel.

Tiras e dás a vida, e o pensamento:
mudas a forma, não destróes a essencia;
a teu mandado se move o firmamento.

Reconhecendo a tua Omnipotencia,
tranquillo espero o ultimo momento,
seguro em tua paternal clemencia.

Tito Augusto de Carvalho.

CHARADA XLIV (DECAPITADA)

Na Flandres *artificiosa*
no tempo n'esta indicado,
um pintor assim chamado
dançou esta dança airosa. ¹

Jorge Guilherme Moojen
(Lagoa Vermelha — Rio Grande do Sul).

OUTR'ORA E HOJE

Que alegre vida outr'ora a que eu passava:
só ao labor votando os pensamentos!!
ignorava o que eram soffrimentos...
a alegria em meu rosto se mostrava!

Permanente ventura desfructava,
recreavam-me então divertimentos,
os dias, para mim, eram momentos...
meu Deus! meu Deus! que dita a que eu gozava!!

Tudo acabou!... e só o desgosto agora,
habita na minh'alma noite e dia!
só a negra tristeza me devora!!

Que a sorte assim mudava, quem diria?!
mas persiga-me o fado muito embora...
descanso inda terei na campa fria!!!..

D. Emilia Adelaide Pereira Reis (Maiorca).

¹ O auctor accrescentava :

Se a decifras o auctor aqui promette
dar *gratis* opiparo banquete,
ou se preferes coisa de valia,
uma caixa d'havanos — *Regalia*.

De proposito omitimos a offerta, porque de todos os lados lhe
pediriam, não o banquete opiparo, mas excellentes caixas de cha-
rutos havanos e não haveria mãos a medir. Nada promette pois.

CHARADA XLV (NOVISSIMA)

1. 2. — Ergue-se, e cega, gira e pousa na beira mar.

D. Maria do Pilar Alvares Ribeiro (Villa do Conde).

O PESCADOR DE MOÇAMBIQUE

Eu nasci em Moçambique,
de paes humildes provim,
a côr negra que elles tinham
é a côr que tenho em mim ;
sou pescador desde a infancia
e no mar sempre voguei,
a pesca me dá sustento,
nunca outro mister busquei.

Antes que o sol se levante
eis que junto á praia estou ;
se ao repouso marco as horas,
á preguiça não as dou ;
em fragil casquinha¹ leve,
sempre longe do meu lar,
ando entregue ao vento e ás ondas
sem a morte receiar.

Ter continuo a vida em risco
é triste coisa, não é ?
mas do mar não teme as iras
quem em Deus depõe a fé !
É singela a recompensa
da vida custosa assim !
mas se a fome não me mata,
que me importa o resto a mim ?

Vou da Cabaceira ás praias,
deixo perto Mussuril,
trage embora o céu de escuro
ou todo seja d'anil ;
de Lumbo visito as aguas
a assim vou até Sancul,
chego depois ao mar alto,
sobre o norte, ou ruja o sul.

Morre o sol ? termino a lidã
para um pouco repouisar,
e ao pé da mulher que estimo
ledas horas ir passar :
da mulher doces caricias
tambem quer o pescador,
pois d'esta vida os pezares
faz quasi esquecer o amor !

Sou pescador desde a infancia
a no mar sempre voguei,
a pesca me dá sustento,
nunca outro mister busquei ;
e em quanto tiver os braços
a pá e a casquinha ali,
viverei sempre contente
n'este lidar que escolhi.

J. P. da Silva Campos Oliveira (Moçambique).

¹ Pequena embarcação feita da casca d'uma arvore.

Em flagrante. — Era um homem muito conhecido, muito sério, muito methodico, muito amigo de seus criados, e que tudo fazia em determinadas horas. Costumava jantar ás quatro da tarde, que era quando ordina-

vel, porque desejava aclarar certa suspeita, entrou ás tres horas, e dirigindo-se logo á cosinha deu com a criada á janella em col-



riamente recolhia a casa, depois de concluidos os seus negocios. Um dia, ou porque os concluiu mais cedo, ou, o que é mais prova-

loquios amorosos com o criado da visinha tenda, um meliante que lhe andava arrastando a aza.

— É assim, diz elle, alterando-se um pouco, que tu me tratastes do jantar? É assim que tu cuidas das tuas obrigações, e correspondeste á confiança que em ti depositou?

— Ora, responde a ladina, a culpa é de v. ex.^a

— De mim? Pois eu tenho culpa das tuas loucuras?

— Certissimamente, culpa de me encontrar á janella; porque se viesse ás quatro horas, como é o seu costume, via-me a fazer o jantar; mas são apenas tres.

Não havia réplica.

As mulheres. — As mulheres, diz um moralista, tem mais alma, que espirito, e mais tacto, que discernimento.

Anabatista corajosa. — Quando os magistrados d'Ausburgo no seculo xvi, executaram contra os anabatistas as leis civis que defendiam aos sectarios o exercicio da sua religião, achava-se presa uma senhora

a vontade, mandando-a vir ao senado para ahi sustentar as suas doutrinas. No dia aprazado apresentou-se com o maior apparato de prisioneira, e Regius assentou-se entre os senado-



de boa fama que dizia que se a deixassem questionar com Urbano Regius (era o theologo mais sabio da cidade), ella lhe provaria que a causa dos anabatistas era a verdadeira. Fizeram-lhe

res. Começou e terminou ella a sua oração, fundando-a n'uma infinidade de passagens da Escripura, que julgou favoraveis á sua doutrina. Regius respondeu-lhe, mostrando-lhe claramente o verdadeiro sentido d'essas passagens, que, a provarem alguma coisa, provavam o contrario do que se pretendia.

Replicou, apresentando novos argumentos, e concluiu apostrophando-o d'esta sorte, com referencia á posição em que ambos se achavam :

«Agora, ó irmão Urbano, olhai para vós e para mim, e vereis quão desigual é a nossa posição. Vós estaes molle e commodamente assentado ao lado dos burgo-mestres, vós fallaes como um oraculo, vós pronunciaes as vossas decisões como na tripode de Apollo; e eu perseguida, eu prisioneira, eu com ferros nos pés e nas mãos, vejo-me assim obrigada a defender a minha causa.»

Esta corajosa peccadora, bem merecia que lhe perdoassem, dando-lhe por expiada a culpa. Pois não perdoaram. Por final sentença, foi expellida da cidade... Os odios levantados pelas questões religiosas no seculo xvi, não eram para menos.

UM EXTASE

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

mimosa auctora de *Uma Primavera de mulher*

D'onde vem esta harmonia,
este encanto, esta magia,
que me traz a viração ?
este accento de ternura,
esta melodia pura
que me falla ao coração ?

D'onde vem ? plagas remotas
atravessaram as notas
que me enleiam de prazer !
Esta doutrina divina,
só d'uma harpa feminina
se podia desprender !

Oh ! sim, esta voz tão bella,
é a voz de uma donzella,
voz de um anjo seductor !
é um sentir delicado,
que se espande apaixonado
com singeleza e pudor.

Ha n'ella suave encanto,
que seduz, que causa espanto,
e commove o coração !
uma celeste cadencia,
a transpirar innocencia,
muito amor, muita paixão !

Sylpho, cherubim, ou fada,
sereia tão festejada,
quem és para assim cantar ?
quem te deu essa harmonia,
essa vaga melodia,
que ninguem sabe imitar ?

Quem te poz o dom da graça
na phrase simples que enlaça,
que subjuga o coração ?
em que fonte crystalina,
foste beber, peregrina,
tão sublime inspiração ?

Quem pôde tão meiga lyra,
quando em canticos suspira,
indifferente escutar ?

quem pôde mesmo sem ver-te,
deixar de amar-te, esquecer-te,
e em ti o bello adorar ?!

D. Luiza Amelia (Parahiba do Piauhy — Brazil).

LOGOGRIPO XXIX

(POR LETRAS)

Offerecido ao meu amigo Joaquim José Gomes Nogueira Junior

- riqueza em mim só ostento.** — 6, 10, 5, 8
em Italia fui portento. — 4, 2, 3, 3, 8
odos todos conquistei. — 3, 6, 9, 7, 6
enegando a santa lei. — 3, 11, 4, 2, 7, 11, 3
nutilmente escalados. — 4, 5, 8, 10, 2
ranões nobres apagados. — 9, 6, 5, 4, 8, 3,
unica, a nobre heroína. — 9, 2, 4, 5, 8, 7, 11
minha telha domina. — 9, 11, 7, 10, 2
endo a Juno consagrada, — 3, 2, 9, 6, 3
il-a assim cognominada. — 3, 11, 9, 19, 11
possessão portugueza. — 4, 10, 9, 6, 5
orre com grande destreza. — 1, 11, 9, 6
hom nome está unido. — 7, 8, 7, 6
elos principaes urdido. — 4, 5, 2, 9, 11
ssim gostarás de ser. — 1, 5, 11, 4, 8
oilo, sabes escrever? — 3, 2, 4, 10, 5, 11

Ovos, podins, creme, empadas,
lombo, bons vinhos, enguias.
O conceito já está dado:
consta d'estas ninharias.

F. Soares Victor (Messejana).

CHARADA XLVI (EM QUADRO)

Primas ordens recebeu.
Um cruel sem coração.
Esta alegre, sobe ao céu.
D'astezinha solta o grão.

Manoel Maria Ferreira (S. Miguel).

Um latinista. — Conheci pessoalmente um professor de latim, que com o intuito de familiarisar os discipulos na lingua de Cicero exigia que elles na aula sómente lhe fallassem em latim. Pode-se imaginar as amarguras por que passariam os pobres rapazes para satisfazerem a uma tal exigencia, e como ella seria satisfeita. Sirva de exemplo o seguinte. Um d'elles não desejando continuar a sentar-se na aula ao lado d'um certo condiscipulo, dirige-se um bello dia ao magister e expõe-lhe como pode o seu desejo, pedindo-lhe que lhe destinasse outro lugar. Admirado com um tal pedido, pergunta-lhe o professor a razão, e supponha-se qual seria o seu pasmo quando o rapaz lhe responde, referindo-se ao condiscipulo :

— *Quod ille habet habebat.*

— *Quod ille habet habebat ?!* repete o professor, admirado do barbarismo ; ora traduza.

— Sim, senhor professor, *quod* porque, *ille* elle, *habet* tem, *habebat* tinha ; porque elle tem tinha, senhor professor, e eu não quero estar ao lado d'um tinhoso.

Era ou não rival de Cicero ?

Eduardo Roseiro de Mattos Coelho (Mação)

VILLA REAL

Formosa capital de Traz-os Montes
recostada em agrestes alcantis ;
com bellos, pittorescos horisontes,
entre campinas férteis e gentis ;
onde a vide se enrama junto ás fontes,
são os ares creadores e subtis ;
na abundancia de teus vergeis floridos
gozas todos os dons appetecidos.

Nas aguas transparentes de teu rio,
modéra o sol o seu calor intenso ;
abranda seu rigor o inverno frio
na amenidade de teu leite extenso ;

tens fertil primavera e rico estio,
que te dão novo lustre e brilho immenso;
os festivos rosaes bordam teu manto,
e das aves te inunda aéreo canto.

Quem por manhã formosa te divisa
banhando o pé nas aguas, donairoza,
cuidará doura o sol, bafeja a brisa,
em vaso de crystal candida rosa;
mas se aqui teu aspecto se amenisa,
além surges agreste e caprichosa,
ou te êrgas de granitos coroadas
ou te mires na veia prateada.

Real villa de reis, obra dilecta,
creada e ennobrecida com desvelo,
por Diniz pae da patria, rei-poéta,
ella rainha e santa!... Ha par mais bello?
pois estes que tocando á gloria a meta
seu povo amando são de reis modelo,
como a filha dilecta te quizeram,
e de *Villa Real* nome te deram.

E lá tens em teu seio o templo antigo
erguido a S. Diniz, para memoria,
do pio egregio rei, o qual bemdigo,
como de Portugal bemdiz a historia;
da esposa santa o singular abrigo,
ao céu aprase, a teu porvir dê gloria,
qual o prodigio de eras milagrosas
a transformar-lhe d'ouro a esmola em rosas.

Que tanto pode Deus dar luz ao cego,
no deserto fazer brotar a fonte,
dos mares enxugar o fundo pego,
a Moysés dar a lei sobre o alto monte;
pôr as ondas fugazes em socêgo;
fazer parar o sol no horizonte;
como as flôres tornar em pedras finas,
o ouro em lyrios, rosas e boninas.

Tu da velha Panoia rude e altiva,
bella phenix nasceste, e á prosp'ridade,
buscas erguer-te trabalhando activa,
desenvolvendo o genio e a dignidade;

tenho a fé, que a razão se não esquivá,
has-de tornar-te em inclita cidade,
que nada é impossível, se contigo
estão, vontade, genio, e santo abrigo.

Ponham em ti os olhos os governos
que os nacionaes destinos vão regendo ;
ao zêlo seu direitos tens supernos,
capital da provincia eximia sendo ;
soprando da ventura aureos galernos
vem já melhores dias promettendo,
e o silvo da veloz locomotiva
será de teu progresso a expressão viva.

.....
.....

Saudo-te d'aqui, ó patria amena,
de antepassados meus, ridente e linda,
só quem te não conhece te condemna,
quem te vê dá-te culto que não finda.
Eu faço um voto á gloria tua plena,
e d'ella espero ver-te em posse ainda,
que em te elevar teus filhos põe desvelo :
Afasto o céo de ti todo o flagello. ¹

D. Catharina Maxima de Figueiredo Abreu Castello Branco
(Goiães).

Tres Domingos. — A demissão dada no mes-
mo dia, por um presidente de Provincia de nome Domin-
gos, a dois empregados publicos de egual nome, occasionou
o seguinte pasquim :

*É uma cousa bem rara
e bem difficil de crer :
que um só Domingos fizesse
a dois Domingos soffrer !*

J. O. Vassoncellos (Brazil).

¹ Importa á prosperidade d'esta provincia, além de medidas pro-
tectoras, o não propagar-se o phylloxera que a ameaça.

CHARADA XLVII

Ao meu amigo o Ill.^{mo} Sr. Coelho de Aranjo

Meu Deus, foi sonho?! Recostado ao leito
tranquillamente dormitava... eu vi
visão celeste, com a mão no peito,
correr... chegar-se para mim... senti: — 1

Senti tocar-me, e como a um ser divino,
eu respeitoso me ajoelhei aos pés,
falla-me, e diz-me: «ouve o teu destino,
«de Deus as ordens, que d'Elle um filho és... — 1

«Soberbo humano! quanto é grave a pena
«que para o orgulho lá dos ceos é dada!
«vê que a vaidade só por si condemna,
«que, apesar d'ella, tu és zero, és nada. — 1 6

«Mortal, meu filho, toma-me por guia,
«eu sou — Virtude, teu fanal, teu bem!
«se a mim não buscas, no tremendo dia
«envolto em trevas, clamarás... ninguem!» — 1 16

Visão sublime! eu te obedeco, eu sigo
de Deus o mando; eu amo a ti, visão!
onde viver, tu viverás comigo,
porque andas sempre aqui no coração!

Manuel Chrysogno da S. Braga (Cearense).

Terremoto em Lisboa. — Ha cento e vinte e um annos que a formosa cidade de Lisboa se abateu de uma maneira estrepitosa, horrivel e sem exemplo nos annaes da historia da Europa. Lisboa, a linda cidade de Portugal, a nympha do Tejo, tão altiva então, tornou-se no dia 1.^o de Novembro de 1755, a sepultura de 30 mil lisbonenses! O espectáculo contristador de que fôï theatro, será eternamente lembrado, embora os dias, os annos e os seculos vão deixando d'elle apenas uma lembrança remota, como da existencia do homem prehisto-

rico, que hoje tratam de verificar. O medonho cataclismo succedido em Lisboa, teve principio por um saccudimento terrível; rápido como o relampago, abatendo casas, palácios, templos e ruas inteiras, inclusivè o edificio da nefasta Inquisição, que, segundo dizem, foi o primeiro que cahio. Em seguida á queda da maior parte das casas, veio o incendio com suas chammas devoradoras... e o vento incensante e forte, que levava as chammas de casa em casa, destruindo-as todas!... Foi uma destruição enorme e contristadora, e que está acima de toda descripção. Mas Deus, que nunca nos desampara, inspirou' ao grande homem, ao sabio ministro de D. José I, os sagrados instinctos de caridade, fazendo-o consolar os afflictos, e socorrer as infelizes victimas da catastrophe.

É assim que qual Santelmo na desolação da grande cidade, entre ruinas e cadaveres, se vio a veneranda figura do marquez de Pombal, que prestou relevantes serviços á causa da humanidade, já salvando centenas de victimas do terremoto, já impedindo as tentativas dos piratas argelinos que tentavam saquear a afflicta povoação; já finalmente, prevenindo as cousas de modo que a peste e a fome, tão promptas em apresentarem-se em taes circumstancias, não invadissem os que tinham escapado com vida.

A. Marcondes (Brazil — Rio Grande do Sul).

Instrucção popular no Rio Grande do Sul. — Em janeiro de 1877 existem em diferentes pontos, na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e convenientemente situadas, 229 aulas de instrucção primaria, sustentadas pelos cofres provinciaes.

Tendo a provincia 350:000 habitantes, pouco mais ou menos, vê-se portanto que a instrucção publica entre nós não é dada com mesquinharía.

O tempo mostrará os seus benéficos influxos.

Luz!... luz para o povo!!

T. G. Ferreira Mendes (S. Leopoldo — Brazil).

O Outono. — Assim como entre o occaso do sol e o fechar da noite, ha o crepusculo da tarde, assim entre o estie calmoso, e o inverno que regela, ha o crepusculo do anno — o fructifero, o liberal, o melancholico Outono.



Soares de Passos, o poeta das tristezas, fallando d'elle diz-nos :

Tudo é triste ! Os verdes montes
vão perdendo os seus matizes,
as veigas os dons felizes,
thesoiro dos seus casaes ;
dos crestados arvoredos
a folha secca e mirrada,
cae ao sopro da rajada
que annuncia os vendavaes.

Tudo é triste ! e o seio triste
cumprime-se a este aspecto ;
não sei que pezar secreto
nos enlucta o coração.
É que nos lembra o passado
cheio de viço e frescura,
e o presente sem verdura
como a folhagem no chão.

Referindo-se tambem a elle, e á inconstancia das coisas humanas, tirando d'ahi uma moralidade, que todos deveramos ter presentes, Arguijo, poeta que honrou a formosa lingua castelhana, termina assim um dos seus bellissimos sonetos :

Pasa ligero el sol adonde mora
el cancro abrasador, que en sus ardores
destruye campos y marchita flores
y el orbe de su lustre descolora.

Sigue el humedo otoño, cuya puerta
adornar Baco de sus dones quiere :
luego el invierno en su rigor se extrema.

O variedad comun ! mudanza cierta !
quien habrá que en sus males no te espere ?
quien habrá que en sus bienes no te tema ?

ENIGMA XIV

Ao meu amigo Alvares da Cruz

Cinco letras tem o todo,
d'ellas são quatro vogaes ;
e ás avessas, ás direitas,
formam palayras eguaes.

A consoante está no meio,
d'onde, lida para o fim,
e d'onde lida ás avessas
é o mesmo tempo, sim.

Ás avessas, ás direitas
uma flor, ou mesmo arbusto ;
na Cochinchina procura
que o terás sem muito custo.

Bento Fontoura (Soledade — Rio Grande do Sul).

Lembrança d'um algarvio. — Tendo el-rei D. José embarcado no caes de Belem, com direcção a Samora, aconteceu, que por ter havido delongas no embarque, quando a galeota chegou ao Montijo, encalhou ; e teve por consequencia el-rei necessidade de desembarcar ás costas dos algarvios. Indo ás cavalleiras de um dos mais robustos, e amparado por outros, dos dois lados, começou o que o levava à atravessar a grande extensão de lodo. Tendo andado já grande espaço, no sitio onde o lodo era mais atoladigo, para e diz :

— Pergunto uma coisa a Vossa Magestade : se acaso en

por minha desgraça cair n'alguma asneira, pela qual seja sentenciado a morrer enforcado, Vossa Magestade hade consentir, que aonde se montou, se monte o carrasco !??...

— Não... lhe respondeu el-rei.

— Pois é o que lhe valeu !... lhe torna o algarvio ; senão...

— Senão o que ?!!... lhe pergunta el-rei.

— Senão, explicou o algarvio com a maior das semceremonias, batia-lhe com o espinhaço no meio d'esse lodo, que o havia de levar um milhão de diabos...

El-rei foi a rir constantemente de semelhante lembrança, e quando chegou á praia mandou dar-lhe uma peça de oiro, de gratificação.

José Vicente Costa (Macau).

o ELIXIR

No dia em qu'eu parti — ella chorava !...

(Ó fatidico dia !)

«Não ! meu amor, não partas !» me dizia,
emquanto o lenço em lagrimas banhava.

«Não partas, qu'esta vida é toda tua !
«Mas o que tens, que assim te pende a fronte ?»
(Além, n'uma penumbra do horisonte,
se debuxava a lua).

«Oh ! falla, dize !» (a bella repetia)
«O que te punge tanto ?...

.....
«Se te acalma a cruel melancholia,
«qual suave elixir, que amor envia,
«a longos sorvos bebe... este meu pranto.

Raymundo Augusto da Rocha Lima
(Rio de Janeiro).

SOIN!

À minha amiga D. Heloisa de la Tour Dufresne

Cara amiga, se me estimas | Sim, permite que estas phrases,
avec un profond amour, | *sans aucuns construction,*
dá licença que estas rimas | *possam ir agora, audazes,*
puissent entrer dans ton séjour! | *attirer ton attention.*

Se o mundo chamar-te
formosa e gentil,
vê bem que te cercam
beaucoup de périls!

Considera, minha amiga, | Quantas rosas perfumadas
que ce monde est bien cruel! | *aux abîmes sont tombées!*
quasi sempre o vicio, a intriga, | *pelos prantos orvalhadas*
s'enveloppent dans le miel! | *de leurs tiges détachées!*

Eu vi muitas vezes
em linda manhã
dormir sob flores
de très laids serpents!

Ai! por Deus nunca tropeces; | Vejas sempre na virtude
aux épines du chemin! | *ta compagne et seule amie!*
ao Senhor envia preces, | *é sincera, não te illude,*
en priant toujours le bien! | *ni te donne pas d'ennui!*

Ha muito quem saiba
sómente fingir!
o mundo é comedia,
Qui fait tressaillir!

D. Annalia Vieira do Nascimento
(Porto Alegre — Brazil).

CHARADA XLVIII (NOVISSIMA)

2, 2. — Este animal amarello é um insecto.

D. Francisca A. C. de Mattos (Ilhavo).

Os cometas (*Superstições*).— Os cometas que, de tempos a tempos, apparecem na orbita celeste, não puderam escapar á perspicacia dos supersticiosos, que lhes attribuiram uma influencia, que não tem.

Quando um cometa apparecia no espaço, era considerado como um prenuncio de morte em pessoas reaes, de guerras, desgraças, doenças e outras calamidades mandadas por Deus para castigo dos homens: e, ainda que a maior parte das vezes a predicção sahia frustada; ha, comtudo, alguns exemplos em que ella se realisára, o que bastou para que taes prejuizos se arreigassem n'aquelles que e-tão sempre prestes a acreditar em coincidencias, que por fim de çontas não passam d'um mero acaso.

Em nossos dias já se annunciou por varias vezes, o fim do mundo, em certo e determinado dia, e, apesar d'essas prophcias, graças á bondade divina, o mesmo mundo mostrou a falsidade de tal asserção; mas não sem que alguém se convencesse de que esteve chegado ao seu termo!

Halley e outros astrónomos, foram os primeiros que mostraram a verdadeira natureza dos cometas, e descreveram as terriveis consequencias que poderiam resultar d'uma collisão com a terra. Assim o terror popular chegou a arreigar-se de tal modo, que mal se póde imaginar o grande alarme que em differentes epochas chegaram a produzir no espirito publico.

A astrologia, tirando partido d'estes alarmes, formára então dos cometas um systema regular, segundo o numero e natureza dos planetas. A cõr d'elles era a marca principal por que se distinguiam; cada classe tinha a sua prognosticação especial; e não somente a constellação em que appareciam tinha uma certa influencia, mas até o astrologo não se poupava em fazer coincidir o acontecimento com a predicção!

Corria o anno 837, quando um cometa appareceu na parte meridional dos céos. Toda a Europa se assustou, e em Luiz I, rei de França, produzio tal impressão, que para

suspender um castigo imminente fundou diversos estabelecimentos religiosos que ainda hoje existem!

A renuncia que Carlos V fizera das suas honras reais, foi devida á persuasão, em que estava, de que esta lhe era aconselhada pelo prodigio celeste!

A saudação *Dominus tecum* julga-se ser devida ao cometa que apparecêra em 590; suppondo-se universalmente que fôra elle a causa da epidemia d'aquelle anno. O signal mais caracteristico da molestia eram os continuos espirros com que o doente ordinariamente morria. Quando os circumstantes ouviam um espirro, diziam: *Dominus tecum*

Foi este costume conservado por seculos, todavia cahiu hoje em completo abandono, porque a moda até d'isto tirára partido!

Ai! moda... moda que avassallas tudo.

Manuel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya)

LOGOGRIPHO XXX

(POR LETRAS)

Ao meu amigo Bemvenuto Travassos

Eu sou arvore da India, — 1, 6, 5, 9, 13, 12
e sou pedra preciosa, — 4, 6, 13, 14, 15, 11, 8
e quadrupede silvestre; — 2, 6, 13, 9, 4, 16
sou tambem herva cheirosa. — 14, 3, 4, 4, 9, 13, 9
Eu sou herva no Perú — 6, 1, 15, 1, 9, 1, 12
e tambem ave. Que tal? — 6, 11, 12, 4, 6, 2, 15
sou um insecto hemiptero — 1, 15, 10, 6, 11, 2, 16
e planta medicinal. — 16, 8, 7, 15, 6, 2, 15, 12

Basta de combinações.

O que isto é saber deseja?

É sciencia e, não das pécas,
e não duvide que o seja.

Alfredo Gomes (Parahyba do Norte — Brazil).

A CASINHO D'ABREU.

É triste, na madrugada
ver o lyrio desfolhado,
ver o cedro derrubado,
por prematuro tufão!
É triste ver a avesinha
erguer o vôo contente,
e um tiro após, de repente,
prostral-a morta no chão!

É triste ver o poeta
na primavera da vida,
n'essa idade tão florida
em que tudo lhe sorri;
quando a auréola do genio
vem maiga a fronte cingir-lhe
e perto a gloria a sorrir-lhe,
que a morte o roube p'ra si!

Mas a vida do poeta,
é breve como a da planta:
como a rôla que descanta
sósinha, sem ter ninguém,
assim o louco sublime
nas azas da phantasia,
cria mundos de poesia
que a morte apiquilar vem!

Que louco! murmura o mundo
que não pôde comprehender
que belleza possa haver
n'uma noute de luar;
no estallar das folhas seccas,
no céo, n'um canto d'amores,
na brisa que beija as flores
ou no sussurro do mar!

Para elle, tem attractivos,
ao findar de tarde bella,
o canto da philomella,
que os eccos vem accordar;
e em noute branda e serena,
o mar, a lua espeihando,
e a barquinha deslisando
na superficie do mar.

Para elle, o sonhador,
o cantor das melodias,
não ha outras alegrias,
o mundo causa-lhe dó!
Matam-lhe as crenças mais santas,
o amore a esp'rança mais viva,
té que a fronte pensativa
vae esconder-se no pó!

Eu sobre o humilde ataúde
do mancebo trovador
venho hoje um canto depôr,
e uma saudade esfolhar.
É bem mesquinha a offerta!
mas rica de sentimento,
homenagem ao talento
que mal pode sazonar!

Dorme! A chamma do teu genio
revive nas *Primaveras*;
chame-lhe o mundo chimeras,
que t'importa o mundo já?
Junto á tua sepultura
vae cantar sobre a palmeira,
ou nos ramos da mangueira,
o teu querido sabia!

D. Georgina de Carvalho.

Cametá. — É uma florescente cidade, e uma das principaes da provincia do Pará, situada na margem esquerda do caudaloso Tocantins, um dos maiores rios do Brazil. Foi seu primeiro fundador Feliciano Coelho, e foi este que lhe deu o nome de Santa Cruz, em 1635, passando depois a chamar-se Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá. Em 1841, foi elevada á categoria de comarca. Esta cidade é emporio de grande commercio com a capital da provincia e com algumas cidades da provincia de Goyaz, consistindo principalmente em cacau, borracha, oleo, castanha, couros e gado vaccum. Contém mais de 3:000 habitantes; mais de 500 casas, algumas muito bonitas; 6 ruas e 12 travessas; 4 egrejas e 5 grandes praças.

Cametá é patria de homens illustres por seu saber, virtudes e illustração, taes como D. Romualdo de Souza Coelho, que foi Bispo do Pará; D. Romualdo Antonio de Seixas, que foi Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil; Marquez de Santa Cruz; Dr. Angelo Custodio Corrêa e João Augusto Corrêa, todos de saudosa memoria.

A duas leguas, pouco mais ou menos, distante da cidade, ha um pequeno rio com a denominação de *Cadete*, em cujas margens, muito altas e do lado esquerdo, existem muitas pedreiras, que são exploradas para edificações de casas, e construcção do caes de marinha, que está em obra.

No lado da pedreira, isto é, no esquerdo, no lugar denominado *Caveira*, existe uma grande pedra, cousa admiravel, que tem as seguintes caracteres:

B. H. J. V. J.

Sabera alguém dizer, ou decifrar o que significam? Até agora ninguem o tem conseguido.

Joaquim Sequeira (Mutuacá — Brazil),

Electróphoro fixo. — Este aparelho, destinado á produção de electricidade estática, avanta-se ao electróphoro commum em a desenvolver mais facilmente, e em muito maior quantidade: é igualmente

de simples construção e de commodo uso, prestando-se por isso a muitos recreios eléctricos, que nunca perderão o interesse. Procuraremos com uma simples explicação dar d'elle uma idéa aos leitores do *Novo Almanach de Lembranças*.



Consta o nosso electróphoro fixo de uma taboa circular, ou disco (a) aproximadamente de 0^m,015 de espessura e 0^m,5 de diâmetro, com os bordos arredondados, forrado superiormente de folha de estanho, e assente e fixado sobre um ou mais pés de

vidro (e), de 0^m,2, pelo menos de altura: dando-lhe a forma de uma mesinha redonda, com um metro de elevação assume um aspecto assaz elegante.

Para se fazer funcionar aproxima-se de uma brazeira

ou fogareiro, accessa; toma-se uma folha de papel almasso, aquece-se fortemente, sem comendo se queimar; colloca-se com rapidez, sobre a folha de estanho, esfrega-se com força, em toda superficie, com um pedaço de gomma elastica, e levanta-se de subito, com a precaução de no momento de o fazer não tocar no disco; fica então este carregado de electricidade positiva, de sorte que aproximando-lhe um dedo ou outro corpo conductor, despede logo uma viva centelha: se successivamente, se collocar de novo o papel, e, mesmo sem o friccionar, se levantar pela mesma forma, obtem-se uma serie de faiscas, embora sempre decrescentes em intensidade, que todavia se elevará ao *maximum* aquecendo e friccionando a folha novamente.

A quantidade de electricidade assim desenvolvida é sufficiente para carregar uma garrafa de Leyde, e mesmo uma bateria, recebendo n'ella, até á saciedade, um certo numero de faiscas.

Balthazar Aprigio de Ferreira de Mello e Andrade.
(Povoa de Lanhoso).

CHARADA XLIX

A meu amigo Rocha Franco

Na primeira encontras verbo,	}	1
se um accento se pozer.		
Promette Jephté cumpril-o,	}	2
se os louros por fim trazer.		

Não precisavas conceito,
para o todo descobrir;
e' comtudo vae á festa,
n'aldeia os vês affluir.

J. J. Mendes Barbosa. (Portuguez — Rio de Janeiro).

A MEMÓRIA

DA

MINHA EXTREMOSA MÃE

Se sob a fria campã tu souberas
quanto choro por ti, quanto hei soffrido,
a dôr que me devora, as amarguras,
as sãndades qu'eu tenho aqui gemido...!

Eras, mãe, a minha esp'rança,
de bonança!

Ora, n'esta soledade
de saudade,
como a rôla que deplora
e que chora

sua triste viuvez,
assim eu
vou soffrer no isolamento
meu tormento!
e meu penar, que tu mãe
eras tambem
meu paraiso e meu céu.

Repousa em paz, ó pomba que fugiste,
e tão amada foste aqui na vida.
Tenho n'alma gravada a tua imagem,
na morte não serás nunca esquecida.

José Rodrigues do Carmo Ferreira (Porto).

ENIGMA XV

Ha no alphabeto cinco letras com as quaes se forma em portuguez — um appellido de familia; um nome de cidade; um peixe; dois imperativos; tres indicativos; um conjunctivo; dois pluraes femininos; e um plural masculino? Quaes são ellas?

Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos (Evora).

CHARADA L (NOVISSIMA)

2. 1. — Este alto magistrado governa estado.

D. Ermelinda Prata (Ilhavo).

A VIRGEM

(IMITAÇÃO)

Deus vos salve, do Emyreço rainha!
Deus vos salve, dos anjos senhora!
nosso amor, nossa luz, nossa mãe,
nossa doce, efficaz protectora!

Sois raiz d'esse tronco bemdito
que por fructo nos deu salvação;
sois a fonte de d'onde nos veio
vida, esp'rança, calor, redempção.

Sois o céo rutilante, sem nuyens,
onde o sol da justiça raiou;
sois aurora, manhã formosissima
que as negruras do erro apagou.

Sois refugio d'afflictos que pedem,
da verdade fanal, sois estrella,
luz que brilha nas trevas do mundo,
luz que salva no horror da procella.

Mãe piedosa, que em lagrimas vistes,
vosso Filho expirar sobre a cruz,
condoei-vos dos tristes que choram,
e mostrae-nos depois o Jesus.

Deus vos salve, do Emyreço rainha!
Deus vos salve dos anjos Senhora!
Nosso amor, nossa luz, nossa mãe,
nossa doce, efficaz protectora!

D. Guilhermina de J. M. da Costa e Silva (Foz-Dão).

Precaução inutil. — Um individuo tinha por habito embriagar-se diariamente, e quando alguem o aconselhava para que renunciasse tal vicio ; respondia : *Nada ; não posso ; é por causa da febre amarella.* Mais tarde, sendo elle accommettido d'esse mal, disse-lhe o mèdico :

— Sabe, meu caro ? acha-se com a febre amarella.

— Não me admiro, respondeu o doente.

— Como ? exclama o medico admirado, pois não se precavia contra ella ?

— Sim ; mas é que hoje só bebi meio litro de aguardente.

Alfredo Julio Dias da Silva. (Rio de Janeiro).

SONETO

... á veces lo que es contra el justo
por la misma razon deleita el gusto

(LOPE DE VEGA).

Qual vária mariposa, que, enlevada
na coruscante luz da vela accesa,
gira-lhe em torno como doida, e presa,
'té que por gosto vê-se ahi queimada :

Tal eu, formosa estrella, ó minha amada,
rendido á tua olympica belleza,
quasi insano a ti cõrro com presteza,
disposto a tudo, sem temor de nada.

E, por mais que a razão me brade, e exhorte,
na luz d'esses teus olhos incendida
abraso-me em frenetico transporte.

Mas ah, formoso bem, ó doce qu'rida,
não importa encontrar n'elles a morte ;
que a morte por amor, antes é vida.

Francino Cismontano (Pernambuco — Recife).

LOGOGRIPHO XXXI (ACRÚSTICO)

- Uma casa, eu nada omitto. — 1, 10, 11, 10
Massarinho, tenho dito. — 9, 5, 4, 12, 10, 3, 10
Nome d'um porto lúso. — 13, 5, 8, 2, 1
Recorda — tudo é confuso. — 8, 15, 12, 9, 2
Lago, com certeza o digo. — 11, 7, 14, 10, 3
Este foi um sabio antigo. — 1, 15, 11, 15, 8
Mens uma villa africana. — 13, 7, 3, 10
Recorda ser indiana, — 13, 10, 11, 1, 7, 9, 2
Agora tens rio e flor. — 11, 5, 13
Terra de grande louvor. — 15, 1, 13, 10
Deve sempre causar damno, — 14, 15, 8, 10
Este que é reino africano. — 6, 2, 11, 11, 5
Com certeza tens um rio. — 3, 5, 7, 14, 2, 8
Isto resguarda do frio. — 13, 10, 5, 10
Foi terra de muita fama. — 8, 15, 11, 10
Rio da zona africana. — 1, 2, 3, 10
Animal é com certeza, — 7, 6, 10
Neste rio do Brazil. — 9, 5, 2, 4, 7
Offensivo, feio e vil. — 6, 2, 8, 9, 2

CONCEITO

D'um doce affecto sou filho,
eu da honra sou parente.
Eis aqui já o conceito
do logogrípho presente.

A. A. Orleans (Portuguez — Bahia).

CHARADA LI

Offerecida á minha amiga D. Maria da Gloria de Campos

2, 2. — Da Grecia, vae para o mar um homem.

D. Elisa Albertina da Conceição Cordeiro (Taboa).

Inscrição mysteriosa.— No seculo passado, nos arrabaldes de Madrid, appareceu gravada n'uma pedra a seguinte inscrição :

A Q
UIE OC
AMIN
HODO
SBUR
RO
S

Parecia indecifrável a todo o mundo. Uma multidão immensa rodeava aquella pedra e contemplava-a com avidéz, mas sem poder traduzir os caracteres mysteriosos.; quando um viajante que passava exclamou : «Achei a traducção!» Todos se calaram, applicaram o ouvido, e elle leu, deixando escapar uma risada :

— *Aqui é o caminho dos burros.* Adeus meus senhores, eis-vos na estrada.

Ninguém, de facto, tinha percebido que aquelles letras formavam com effeito esta singular ironia, gravada sem dvida por algum espirituoso de bom gosto.

Antonio d'Artiaga Souto Maior
(S. Thiago de Cabo Verde).

QUEIXAS

Ora, amor, façamos pazes ;	Se aqueces em peito humano
com teu capricho exaspero ;	a meu favor sympathia,
queres o que te parece,	não sei que amante me escolhes ;
e não queres o que eu quero .	o meu peito logo esfria.
Cheio d'illusões brilhantes	Queima a venda, apaga os fachos ;
vens carinhoso, e me afagas ;	inuteis moveis são estes,
e se o coração me accendes,	se accendes o que se gela,
logo n'outro a chamma apagas.	se apagas o que accendestes.

Marquiza d'Alorna.

Fier d'un honneur si peu commun,
On est surpris si je m'étonne
que de deux mille emplois qu'il donne
mon fila n'en puisse obtenir un.

Feliz improviso, porque d'esta vez rendeu mais do que licitamente esperava o desanimado requerente. Os ultimos quatro versos, cairam em graça, e o filho foi n'esse mesmo dia nomeado para um emprego rendoso.

Ha por ahi tal, que nem que faça um poema, e o dedique ao ministro, alcançará outro tanto.



A minha irmã.

Véla, véla irmã querida,
junto ao berço de teu filho;
d'essa aurora o meigo brilho
seja o sol da tua vida.

Véla; a ventura irradia
d'esse berço — o teu altar!
elle seja o teu sonhar,
tua santa idolatria.

Quando em teu afflicto peito
crua magoa te consuma,
busca o lyrio que perfuma
esse tão pequeno leito.

Acharás consoladora
influencia n'esse berço:
n'elle teu ser todo immerso
viverá da luz que adora.

N'elle estão os sonhos teus,
n'esse berço — um alvo ninho!
'hi sorri o loiro anjinho
que te eleva para Deus.

Elle encerra os teus encantos,
as delicias da tua alma:
tua dor ali se acalma,
teu gemer desfaz-se em cantos.

Nos sorrisos do innocente
tua alma se alegra e ri;
desce n'elles sobre ti
o sorrir do Omnipotente.

É o berço o sanctuario
da reliquia a mais sagrada,
diante a mãe está curvada
como a virgem no calvario.

Se o filho padece e chora,
logo a mãe um canto entoa...
mas que magoa não resôa
n'essa voz que a Deus implora!

Quando a força do penar
tuas crenças adormente,
— ajoelha, e, ora fervente!
junto ao berço — o teu altar

B. Tanellas (Rio Grande — Brazil),

SONETO

Á Ex.^{ma} Sr.^a Dona T***

È possibil però, che s'ella un giorno
udisse tai parole, non t'amassé?

(T. TASSO, *L'Aminta*, ato I, scena II.)

Risolve alfin, benchè pietà non spere,
di non morir tacendo, occulto amante.
Vuol ch'ella sappia.....

.....

(Ibid, *Jerusalemme Liberata*, canto III, est. xxv.)

Divindade, ou mulher, tu és o mytho
com que sempre sonhou minha existencia ;
és luz que me fulgio, e és essencia
d'esta alma, remoçada, em que medito !

De cruel incerteza n'um conflicto,
não pretendo explorar tua clemencia :
repugnam-me os sorrisos d'apparencia,
que um amor não traduzem — infinito...

Se, livre, o coração me podes dar,
meu ser sublimarás ; e pouco pedes,
se o céo queres em troca, terra e már...

Só este o preço sendo porque medes
tão magnifico dom, irei jurar
que imitei o — *Eureka* — d'Archimedes !

J. de Castro (Santa Valha).

CHARADA LII

Sou da noite e sou do dia. — 2

Sou do homem e da mulher. — 3

Sou o que ? Um instrumento.

Advinhe quem pudér.

A. J. Bezerra Cavalcanti (Brazileiro — Maranhense).

COUSAS DIFFICILIS

Mulher feia, que não seja escarnicadeira.

Mulher bonita, sem ser vaidosa.

Mulher de talento, que não seja pretenciosa.

Mulher tola, sem ser falladora.

Solteira de cincoenta annos, que não suspire ainda por casar.

Mulher que se conserve viuva por vontade.

Homem casado, sempre fiel a sua mulher.

Actriz que não tenha inimigas, nem apaixonados.

Dançarina que não tenha boa perna (no theatro).

Negociante que não minta.

Palerma que não seja feliz.

Ricasso que se não chore.

Janota que não imposture.

Namorado que não seja gabarola.

Tolo que se não imagine com juizo.

A. S. G. (Arruda).

Official poeta. — Falleceu ha pouco tempo n'esta villa Anacleto José, official de diligencias do juizo de direito. Este bom homem trazia sempre consigo um modelo feito por elle, para escrever, no verso dos respectivos mandados, as certidões d'intimação a testemunhas; e com effeito invariavelmente as passava pela forma seguinte

«Certifico que intimei
hoje, em suas moradas,
as todas as testemunhas
supra relacionadas.

«E d'estas intimações
aqui dou a minha fé.
«O official do juizo
su Anacleto José.

Era um typo original.

A. Latino de Faria (Alcacer do Sal).

CHARADA LIII (NOVISSIMA)

1, 1. — Na musica todos tem este nome.

D. Maria Augusta de Figueiredo (Rio de Janeiro).

A perola do grande Sophi (FABULA PERSIANA). — Cabio: uma gota d'agua das nuvens do céu sobre o oceano, e confundida no abysmo das suas aguas poz-se a dizer: «Ai quanto eu sou pequena n'este vasto



oceano, e como inutil é ao universo esta minha existencia! vejo-me quasi reduzida a nada, e considero-me muito abaixo das minimas obras de Deus. Pois que valho eu?

Entretanto passava uma ostra que ia seguindo o seu caminho e que, ouvindo-lhe as lamentações, abriu o seu involucro e ahi lhe deu guarida. A gota ali foi endurecendo pouco a pouco, até que formou uma perola que cahio nas mãos de um mergulhador, e que por ser de muita valia, passou a ornar o diadema do grande Sophi da Persia.

Esta pequena fabula é uma lição. Nem a vaidade nos deve desvairar, nem devemos crêr que só á nossa habili-
dade e á nossa prudência é que somos devedores dos fe-
lizes successos d'este mundo.

LOGOGRIPO XXXII

(POR LETRAS)

- Nome proprio. — 13, 10, 11, 5, 7, 13
— Villa de Portugal. — 13, 6, 13, 5, 13, 8, 11, 4
— Nome proprio. — 6, 13, 5, 11, 13
— Villa de Portugal. — 13, 6, 13, 5, 9, 10
Nome proprio. — 10, 13, 8, 1, 13
— Villa de Portugal. — 3, 9, 12, 8, 7, 10
— Nome proprio. — 13, 10, 3, 13, 10, 2, 13
— Villa de Portugal. — 10, 13, 8, 11, 13, 8, 8, 13
Nome proprio.

Ernesto Augusto Miranda (Covilhã).

A UMA MULHER

(DE VICTOR HUGO)

Filha! se eu fosse rei, podes acreditar,
o meu carro, o meu sceptro, a c'roa, os banhos meus
de porphyro; — o meu povo humilde, iria dar,
e toda a minha frota, a quem não basta o mar,
por um olhar dos teus!

Se Deus eu fosse, a terra, o ar e o mar sem fundo,
os anjos, satanaz curvado a um brado meu,
mais o profundo abysmo e seu antro profundo,
a eternidade, o espaço, o firmamento e o mundo,
por um só beijo teu!

Antonio José Vianna (Coimbra).

CORAÇÃO TRISTE FALLANDO AO SOL

(IMITADO DE SU-TCHOW)

No arvoredado susurra o vendaval do Outono
deita as folhas á terra, onde não ha florir,
e eu contemplo sem pena esse triste abandono;
só eu as vi nascer, vejo-as só eu cair.

Como a escura montanha, esguia e pavorosa
faz, quando o sol descamba, o valle ennoitecer,
a montanha da alma, a tristeza amorosa,
tambem da ignota sombra enche todo o meu ser.

Transforma o frio inverno a agua em pedra dura,
mas torna a pedra em agua um raio de verão;
vem, ó sol, vem, assume o throno teu na altura,
vê se podes fundir meu triste coração.

Machado de Assis (Rio de Janeiro).

Jogo da condessa. — Assim se appellida um
que muitas vezes vi jogar em Portugal, na villa da Povoa
de Lanhoso. Ao domingo juntam-se as creanças em qual-
quer casa conhecida, collocam-se dez ou dize d'um lado,
todas em fileira; e do outro lado duas, que veem approxi-
mando-se do grupo, entoando a seguinte cantiga:

Senhora condessa,
senhora abbadessa,
se tem muitas filhas
dê cá uma d'essas.

Respondem-lhe os do grupo:

Minhas filhas não as dou
nem por ouro, nem por prata,
nem por sangue de lagarta,
porque as hei de metter freiras
no convento de Jesus;
lá lhe hão de pôr o nome
Dona Prudência da Cruz.

Voltam as duas para traz, muito tristes, dizendo:

Tão contentes que não fomos
 tão tristes que já tornámos,
 tristes filhas da condessa!
 já com ellas não casamos.

Dizem de cá outra vez as do grupo :

Volta atraz, ó cavalleiro,
 entra por esses portaes,
 entra, e escolhe a mais formosa
 que n'este ranchinho achaes.

Ouvindo isto voltam então contentes, e chegando-se ao pé d'ellas, cantam :

Quero esta
 que me tira o pão da cêsta,
 mais o vinho da borracha.
 Melhor que ella não se acha.
 Já disse a meu pae
 que quero esta.

Aquella que se escolheu, sáe da fileira e junta-se ás duas; e logo as tres seguem cantando, senhora condessa, senhora abbadessa, etc., repetindo o jogo até tirarem a fileira toda.

P. M. V. G. (Loanda).



Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior
 (Minas Geraes — Brazil).

O prazer e a dôr (*doutrina de Platão*). **Allegoria.** — Entre o céu e o inferno, há uma terra habitada por creaturas, que participam de boas e más qualidades.

Jupiter, considerando que o homem tinha bastante vir-



tude para não poder ser desgraçado, e bastantes vícios para não poder ser feliz, ordenou que o *prazer* e a *dôr* descessem á terra para distinguir uns dos outros, prometendo-lhes que governariam sobre elles, apenas fizessem a partilha.

Logo que o *prazer* e a *dôr* se encontraram na morada dos homens, accordaram entre si que o primeiro governaria os bons, e que a outra dominaria sobre os maus. Mas logo que entraram no exame dos individuos que lhes deviam pertencer, conheceram que ambos tinham sobre todos um certo direito, visto que não havia pessoa tão viciosa, que não tivesse alguma coisa de bom, nem tão virtuosa que não tivesse algum defeito.

Que fazer? Como conciliar as conseqs? Como evitariam entre si disputas interminaveis? Casaram ambos... D'ahi vem que o *prazer* e a *dôr* se teem hoje um ao outro pela mão, e fazem as suas visitas ao mesmo tempo. Ou pelo menos andam tão proximos, que, se a *dôr* se apodera d'alguem, o *prazer* não tarda a trazer-lhe consolações, e se o *prazer* chega primeiro, conta, que a *dôr* não está longe.

A ESPERANÇA

A minha dilecta amiga D. N. E. D. T.

Esperança! miragem deliciosa,
porque illudes fallaz o desgraçado
que ao teu sorriso se entregou uma hora,
para n'outra gomer desenganado?

Tive esp'rança... Era tão bella,
tão lisongeira! Que é d'ella?
Fugio-me, foi illusão;
agora já só me resta
d'este mundo como festa
o espinho no coração.

Esp'rança, encanto, mentira,
illusão de quem delira,
da vida doce tormento;
astro sem brilho e sem lume,
flor murcha sem perfume,
afago do pensamento!

Esperança, imán d'amantes;
que fulges só por instantes,
senão ventura remota,
o que és tu? mar sem bonança;
um brinquedo de creança,
aurora de luz ignota;
És d'alma risonho arcano,
um triste dourado engano,
um mixto de sombra e luz;
ventura sempre inconstante,
vaga sombra vacillante
entre o sepulchro e a cruz!

Esperança! esperança! mentiroso
sonho da vida, mar encapellado,
erro e sarcasmo, que nos dá? o vacuo,
quando yoamos ao teu céu dourado.

D. Maria José Ernestina d'Oliveira C. Corte Real.
(Fizes d'Ervedal).

novo. Quando o jesuíta fazia reaparecer a luz que estava occulta, o distribuidor de disciplinas ia recebê-las das mãos dos devotos, e todos se retiravam edificadas, espancados e contentes.

J. Moraes (Morretes, Paraná — Brazil)

LOGOGRIPHO XXXIV (SONETO)

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelaide Costa

N'estes versos traçados sem preceito
soneto e logogrifo encontrará,
se quizer decifral-o o juntará
por letras, que para isso elle foi feito.

É formoso, deslisa, e no seu leito — 12, 2, 5
producto de valor se encontraria — 13, 11, 12, 5
que a bom preço vendido formaria — 6, 10, 12, 13
quantia, que decerto eu não rejeito. — 10, 6, 7, 2, 9, 5.

Mas como não possuo essa quantia, — 6, 8, 8, 9, 10
trabalho p'ra viver, é-me forçoso, — 5, 4, 7, 12, 10, 12, 2, 13
desde o nascer do sol, ao fim do dia. — 1, 13, 12, 10

Inda' assim sou versado, habillidoso, — 3, 7, 12, 2, 9, 5
pois vi no dictionario de Faria
ser o *soneto* um monstro fabuloso.

Gualdino Gomes (Pará).

A HENRIQUE DOMINICI

(No beneficio do notavel actor)

A tua bella fronte esplende e reverbera
o fogo, que em ti lavra, em vividos clarões ;
tens, no olhar, a luz d'um céu de primavera,
na voz tens o condão d'estranhas vibrações !

Traduzes, n'um gemido, a grande dor que mata;
n'um brando segredar, o mago encantamento;
um gesto teu, um olhar ao céo nos arrebatá,
ninguem mais doce emfim, ninguém mais violento!

Ainda a meio só da radiosa senda,
e já teu nome illustra e honra uma nação!...
Que muito é que, entre nós, o enthusiasmo ascenda,
por tão audaz talento, á louca adoração?...

Segue o teu curso pois, ó fulgurante astro!
teu brilho em toda a parte as multidões seduz!
Deixas, em cada peito, um luminoso rastro,
e, em cada coração, ondulações de luz!...

Alves Crespo (Ericeira).

CHARADA LIV (EM QUADRO)

Este prostra o mais valente.
A espaços tem seu logar.
stá nos extremos sómente.
Que é verdade ousa affirmar.

D. Christina M. d'A. Brenne Adrião (Queluz).

Na ponte de Itororó. (*Feitos gloriosos do exercito brasileiro*). — No dia 5 de Dezembro de 1868, transpondo uma forte divisão do exercito, ao mando do marechal Alexandre Gomes de Argólo Ferrão (visconde de Itaparica), uma ponte sobre o regato Itororó, no Paraguay, o general José Joaquim de Andrade Neves (barão do Triumpo) reproduzio ahi o feito heroico de Bonaparte na ponte d'Arcóle sobre o Alpon, — quando vendo a sua divisão apoderar-se de um terror indisivel, exclamou: «Camaradas, acompanhae o vosso general!»

Andrade Neves, vendo a divisão de que fazia parte apoderada do terror causado pela metralha que varria toda a ponte, exclamou: «Camaradas, acompanhem este

estandardarte ! » E collocando-se á frente de seus bravos companheiros, de um só impeto galgou a terrível posição pouco antes inacessível ; passando toda a força sobre os cadaveres dos nossos que entulhavam a ponte, que tinha sido cortada pelos paraguayos antes do combate, e desabára pouco antes d'este feito heroico.

Tambem na occasião do desabamento da ponte, o general Gorjão, ao cahir no precipicio, exclamou : « Camaradas... vejam como morre um soldado !!... »

São factos estes dignos dos descendentes dos heroicos lusitanos.

Thomé Gonçalves Ferreira Mendes
(S. Leopoldo — Rio Grande do Sul).

DUAS JURAS DE PASTORES

DE LORINO

Nunca a meu gado a herva lhe aproveite,
e lhe empeçam as aguas d'este rio,
na sezão de queijar falte-lhe o leite,
e não nos aquente o sol no tempo frio,
o meu touro marel vaccas engeite
e mosque sem parar no quente estio,
se....

DE NEORO

Algum raio ameaça a minha vida,
e de morrinha o gado me pereça ;
não me aproveite o somno, nem comida.
e de raiva o rafeiro me adoeça ;
a planta que eu pozer verde e crescida,
nem medre, nem dê fructo, nem floreça,
se....

Francisco Rodrigues Lobo
(O Desenganado).

A MORTE DOS TEMPLARIOS

(De Raynouard)

Pilhas de lenha formam cadafalso
destinado ao supplicio dos templarios.
Qualquer d'elles, porém, se cré ditoso
em tomar a dianteira no holocausto.
Assóma o grande mestre que os precede,
sóbe com passo firme a pyra immensa,
brilha o aspecto seu, como se raios
de gloria ou de esperança o sustivessem.
Levanta para os céos um olhar sereno,
— óra — e n'isto a um propheta se assimelha.
De repente n'um brado exclama altisono :
•Nenhum de nós trahio seu Deus ou patria ;
•lembrai-vos, oh ! francezes d'estas vozes ;
•Sem crimes, morreremos innocentes,
•uma sentença injusta nos condemna ;
•mas ha no céo um tribunal augusto .
•para onde o fraço não appella em vão ;
•ahi, ahi, pontifice romano, ¹
•quarenta dias mais e ahi te espero .•
Coalha de susto a multidão que o escuta,
mas o assombro, o terror, o espanto sobe
quando diz : «Oh ! Philippe, rei, meu amo,
•em vão eu te perdôo ; condemnado
•no tribunal de Deus serás este anno .» ²
O povo commovido se intimida,
julga do céo baixar qualquer vingança,
e chora pelo rei, ou pelos tristes.

¹ Jacques Molay, o ultimo grão mestre dos templarios, foi justificado a 18 de Março de 1314, e o Papa Clemente v — a 20 d'Abril do mesmo anno — 33 dias depois, dava contas a Deus.

² Philippe o Bello, falleceu effectivamente a 20 de Novembro de 1314 — ainda dentro do anno.

Até mesmo os carrascos interdictos
o facho acceso approximar mal ousam.
Tremendo lançam fogo ao cadafalso
e lestos se desviam... fumo espesso
torneia a pyra, cresce, sobe, enrola-se,
clarêa a chamma. Proximos á morte
os templarios mantêm seu sangue frio.
Já se não vêem, mas inda em côro heroico
entoavam a Deos sublime canto.
E quanto mais as chammas remontavam
mais elles em concerto piedoso
as vozes elevavam nas alturas.
Rompe a multidão um mensageiro
proclamando do rei perdão, clemencia.
Todos se lançam ao cadafalso, correm,
mas ah!... já era tarde, porque os cantos
tinham cessado ao soccorrer tardio.

Alfredo de Souza Netto (Loanda).

Monosyllabos de oito letras. — A
pag. 271 do *Almanach* de 1876, menciona-se um mono-
syllabo inglez de oito letras; em allemão posso eu desde
já indicar seis :

Schlacht — batalha.

Schlecht — ruim.

Schlicht — liso.

Schlucht — desfiladeiro.

Schwartz — o inventor da polvora.

Schwerts — espadas.

Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos
(Evora).

CHARADA LV (NOVISSIMA)

1, 4. — No jogo e na cosinha vale dez.

G. L. P. (Guimarães).

A Amazona. — Quando n'um formoso dia de primavera, sob este céo transparente e diaphano, vêmos um fogoso cavallo arabe, ou uma das mais bellas e velozes eguas da Gran-Bretanha, equilibrando, na sua vertiginosa carreira, uma joven elegante e esvelta, bafejada pelas brisas da

manhã, n'este nosso clima estival: bradamos todos: ali vae uma amazona!

E dizemos amazona, segundo explica Moraes, «por- que é assim chamado o traço, que usam as senhoras



para montarem a cavallo, pela similtança, que tem com o dos homens, do meio corpo para cima.»
Triste explicação e feia prosa é esta que nos acorda do deslumbramento e da fascinação, que nos ia n'alma,

produzida por esta imagem de audacia e de belleza na impetuosa corrida. Já Bluteau nos ensinava, que amazona é o nome de certas mulheres bellicosas, que cortavam o peito direito para melhor apertar a corda do arco, e despedir com mais força a sétta.»

A amazona do nosso seculo não é assim; não sacrifica a formosura escultural das suas formas, os contornos voluptuosamente arredondados do seu cóllo, como as guerreiras da Scythia ou da Lybia; para que a frecha atravessasse o espaço mais certa e veloz — não busca, como Telestis, os Alexandres modernos, para haver d'elles próle robusta e

valorosa — não consente, que os Hercules das nossas prosaicas mythologias lhe vão roubando o cinto de ouro, para depois lhe invadirem os dominios e o coração. As frechas são hoje de ouro e os braços são de bronze. Quanto aos peitos, reputo-os de cobre ou de zinco. Parece que a physica e a chimica invadiram as fronteiras da poesia épica.

A mulher da actualidade se não é a escrava do beduino errante, a odalisca dos harems da Asia e a Aspasia atheniense, não é, tambem, a concubina da Etruria e do Lacio, nem a Messalina de Roma.

A mulher de hoje é a expressão mais vivaz e consoladora das nossas civilizações. Idealisou-se no periodo cavallheiroso, ao alvorecer do christianismo na Europa. Divinisou-a a Germania, entoaram-lhe hymnos sagrados os druidas nas florestas das Gallias, reboou-lhe a fama pelos bosques da velha Armorica. Foram ellas as sagas das regiões arcticas, as sacerdotisas das legiões dos Francos, as musas dos bardos, dos trovadores, e dos cruzados — e o seu nome, o nome da mulher, creou o ideal romantico do amor, que fez d'este talisman a alma e a vida das gerações modernas.

O culto de Maria, a virgem da Nazareth — symbolo da perfeição suprema — e que correspondia ao sentimento, que os escandinavos e allemães tinham pela mulher, foi aceite com enthusiasmo.

O amor vasou-se n'um molde, que exprimia a bondade infinita e toda a omnipotente magestade da misericordia e do perdão.

Nos jardins da França, no centro do Languedoc e da Provença, crearam-se as côrtes d'amor, e os torneios do espirito e da gentileza. Foi d'estes focos de luz e de sentimento que mais tarde surgiram os poétas de Beatriz, de Laura, de Natercia, de Margarida de Navarra, de Joanna de Provença, de Branca de Castella, de Ignez de Castro, e assim se idealisou a mulher nas sumptuosidades e magnificencias do bello ideal. Eva, seduzindo Adão, foi um mytho perdido, na transfiguração luminosa d'esta nova crença. A assumção da Virgem creou a apothese da mulher.

No cyclo da effervescencia catholica, na evolução do fervor religioso, depois de Santa Helena e Santa Monica terem affirmado o periodo christão, vieram Santa Ursula,

Santa Iria, Santa Genoveva, Santa Margarida, Santa Thereza, Santa Isabel, e tantas outras, que, assim como as monjas das mais austeras religiões, ardiam pelo amor divino, e sacrificavam a sua vida ao christianismo, que as appellidava vestaes, no formoso agiologio das suas crenças.

Veio, mais tarde, o abatimento, rompeu-se o dique d'esta catadupa, que golvava lagrimas de sangue e de enternecimento pelo Christo, exangue, pregado na cruz, trasbordou o calix das amarguras do Golgotha, surgio a descrença, entrou o scepticismo, com os ardis da serpente, no Eden, com as astucias do genio mau da esmogonia de Zoroastro, no paraiso terreal, e, como Veñus irrompendo das ondas crystallinas do Hellesponto, ergueram-se Diana de Poitiers, Montespan, Pompadour, Ninon de l'Enclos, Marion Delorme, Dudeffant, du Chatelet, Dubarry, e no turbilhão do cyclone das revoluções levantaram-se as musas do terror a par das megéras das barricadas, ao lado da guilhotina. Como a mulher se presta, nas suas convulsões hystericas, e nos seus impetos nervosos, a ser Venus e Lucifer, a ser a imagem do bello, e a expressão da crapula! A ser a deusa do Olympo pagão — a austéra Juno — e em seguida a deusa Kally, — a voragem de sangue humano!

Depois do seculo dezeséis foi a mulher rollando pelo pendor d'estas luctas ferozes. Quebraram o idolo—os fragmentos ficáram dispersos como os membros de Orpheu. Abandonara o lar domestico—apagou-se o epitaphio romano: «viveu em casa e flava lá.» Quiz governar a vida politica dos povos. Fez-se Maria e Catharina de Médicis, duqueza de Chevreuse, Maintenon. Brincou com o sceptro dos homens de sciencia e das letras. Transformou-se em encyclopedista, foi Dufaut, Espinasse, Georjin, e Rolland. Acabou em deusa da razão e heroína da liberdade. Bem fez Molière escrevendo as *Sabichonas*.

Conta-se de Christina da Suecia, — a rainha legendaria — senhora cujos perfis masculinos lhe davam formas de heroe dos cantos de Homéro, que ao chegar a Fontainebleau, vestida de amazona, vieram recebe-la muitas damas da cõrte, e correram, pressurosas, a beija-la. Offendida ligeiramente a princeza, com familiaridade tão pouco acceite em paço tão grave e respeitoso, deixou sahir dos desdenhosos labios estas ironicas phrases: «Mas que sofreguidão é esta em

me beijarem? Será porque lhes pareço um homem? A mulher hoje é, no pseudonymo, George Sand ou Fernan Caballero; é pelo seu nome, nos estremecimentos da sua alma, ainda quando fallecida, Girardin, Guizot, Rosa Bonheur, ou ainda cheia de vida Maria Amalia Vaz de Carvalho. A mulher é a expressão do bello e da bondade suprema. O homem é a imagem apagada das grandezas do Creador.

Visconde de Ouguella.

A POESIA

Filha do céo, inspiração divina,
grato perfume da mais linda flôr,
imagem pura que os poétas amam,
encanto, mimo, seducção d'amor;

A mim que te amo, que te rendo culto
sincero e puro como rendo a Deus,
accende esta alma no teu facho ardente;
e faz que eu sinta esses enlevos teus.

Inspira o triste, que a tua luz implora,
dá brandas notas aos seus rudes cantos,
p'ra que teu nome engrandeça um dia
e louve Aquelle que te encheu de encantos.

M. E. (Belem — Brazil).

O golphinho. — O golphinho commum, ou o porco do mar, que se encontra tão abundantemente em as nossas costas, e especialmente na embocadura do Sena, offerece uma particularidade notavel, a de viajar periodicamente. No estio encontra-se nos mares do norte, e no outono veem para as nossas costas, onde todavia alguns ficam todo o anno. É negro sobre o dorso, com alguns reflexos esverdinhados, e branco no ventre. Tem ordinariamente de 4 a 6 pés de comprimento, e é, por consequencia, o mais pequeno dos cetaceos.

Os golphinhos vivem em bandos numerosos e nadam á

superfície das ondas, onde gostam de brincar. Logo que o mar esteja em calma, saltam e rolam pela superfície do mar, de modo que se lhe descobre o corpo todo. Por essa mesma razão retrahem-se, e nunca se vêem durante as tempestades, porque não gostam de luctar contra o furor das vagas. Fazem um grande consumo de peixes e de moluscos, e vão procural-os até ás redes dos pescadores, cujas malhas damnificam ou cortam com seus agudissimos dentes. Algumas vezes põem-se de embuscada á embocadura dos rios para assaltarem á passagem os peixes que voltam ao mar com o refluxo. Os seus inimigos chegam a perseguil-os pelos rios acima, e têm-se apanhado muitas vezes em Nantes, e em Bordeaux. A femêa nutre e protege o seu filho com uma solitudine que mal se pode imaginar.

A especie a que os francezes chamam *epaulard*, ou monstro marinho, é o maior dos golpinhos; attinge ordinariamente de 25 a 30 pés de comprido. O focinho é muito curto; tem sobre o dorso uma barbatana enorme de 4 pés de altura; os dentes são grossos e numerosos.

Academica Gonimbricense.

A CONCHA DA PRAIA

Ó concha, que á praia chegas
dos antros do mar profundo,
eis-te agora em novo mundo,
já tens luz, sol, e matiz.
Só eu n'este mar de penas,
em que sossóbro infeliz,
e sonda a ninguem commovo,
não tenho uma onda amiga,
que me leve a um mundo novo!
Oh! concha, quanto és feliz...

Manuel Ferreira da Portella.

DOLORES

No album da Ex.^{ma} Sr.^a D. Quiteria Arminda Gonçalves

Senhora, que pedis ao doudo, ao visionario ?
ao párea que caminha em busca de um calvario
aonde vá findar

o peso de uma cruz ?... Martyr dos soffrimentos,
as noites do terrôr e os grandes desalentos,
só podem-me inspirar !

Quizera aqui deixar um cantico de amores
aqui, n'este jardim onde ha mimosas flores,
emblemas do prazer ;

mas eu não posso, não ; já não sorri a atirora
das santas illusões, ao misero que chora
e se sente morrer !

Morrer ! é inda tão novo ! Ahasvêro da legenda,
eu sigo noite e dia a pavorosa senda

que aos males me conduz ;
e sempre na minh'alma a voz do septicismo,
a descrença fatal ! — Oh ! quero a valla, o abysmo,
por sombra a minha cruz...

Senhora, desculpae-me... ignoto de quem passa,
diffundo no meu peito o nectar da desgraça
e as maldições da Fé.

É por isso que eu soffro o inferno aqui, sem calma,
e sinto a pouço e pouço o esphacelar dest'alma,
e é pobre o meu bouquet.

Teixeira de Carvalho (Porto).

CHARADA LVI (NOVISSIMA)

1, 2. — Vai pela Italia correndo e pela America voando.
Que melodia !

João Cesário Fernandes (Pitangui — Minas Geraes).

LOGOGRIFHO XXXV.

(POR LETRAS)

Não, não é de paciente — 6, 5, 7
causa medo a muita gente. — 3, 6, 5, 2
A mulher assim chamada — 5, 6, 3, 7
é bem pouco ajuzada. — 5, 2, 1, 7
Voz de verbo irregular — 4, 5, 7
que a todos faz contentar. — 5, 6, 5
Deve ser bem estudada — 7, 5, 3, 4
e muito bem cultivada. — 3, 4, 5, 6, 7
Isto, que é de rigor — 1, 4, 6
talvez o tenhas, leitor. — 3, 6, 2
É cousa de manducar — 7, 1, 4, 3, 5, 6, 7
que entretém posso afirmar. — 1, 2, 3, 2
É sympathico vivente — 5, 2, 1, 7
onde o bicho ferra o dente. — 5, 7, 3, 2

Queres saber o conceito ?

Pois bem, meu leitor amigo ;
causa desgraça e ventura.

Tem paciência ; mas não digo.

Anonyma Alemtejana.

A TPI

Em troca d'um amor immenso e acrisolado
teus affectos pedi sonhando aurea ventura ;
« não ! » disseste-me tu ; bem cedo a minha vida
esmagal-a quizeste em trances de amargura !

Dilaceraste-me a alma ! e tu nem mesmo pensas
quanto dóe um martyrio incognito e sem méta...
Mas não te culpo emfim ! culpo o destino apenas
que a ti te fez tão linda, e a mim me fez poeta !

J. P. da Silva Campos Oliveira (Moçambique).

A caridade. — Quereis saber dómo S. Paulo, o apóstolo dos gentios, o infatigavel propugnador do christianismo, um dos santos que mais avultam nos annaes da Igreja, considerava a caridade, prégando aos corinthios ?

como o timir do sino que se tange. E se eu tiver o dom de prophécia, conhecer todos os mysterios, e tiver



ouvi : « Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que sôa, ou

uma perfeita sciencia de todas as cousas ; — e se eu tiver toda a fé que é possível, até ao ponto de transportar montes ; se eu não tiver caridade não sou nada. »

Sejamos pois alguma cousa ; acreditemos nas palavras de Paulo ; dêmos, dêmos ao pobre pelo divino amor de Deus.

CHARADA LVII (DUPLICADA).

A meu prezado irmão Eduardo Neves

As direitas — magistrado ; }
 sou ás avessas — um rio ; } 2
 aquelle turco anafado,
 e este russo e bem frio.

Miguel Paulo Ferreira Neves
 (Dondo — margens do Cuanza).

Como se salva um castello. — Em 1663, foi a nossa provincia do Alemtejo invadida por D. João d'Austria, que fez das suas, antes da memoravel batalha do Ameixial, em que foi derrotado. Tomou villa

Boim; Borba e Jeromenha renderam-se; fez salar pelos ares o castello de Veiros;



vencen os de Monforte, Alter Pedroso, Assumar e Ouguella. No Crato mandou

enforcar o governador porque lhe resistira. Com este sobre-cenho, e inchado pelos triumphos obtidos, apresenta-se diante d'Alegrete, governada por um francez, e intima-a para que se renda. A resposta foi mandar-lhe o bom do governador dois frascos de vinho, accrescentando que provasse da excellente pinga que produzia aquella villa, e que ficasse sabendo que por isso que assim era, estava resolvido a defendella até á ultima gota de sangue. Ou porque D. João d'Austria gostasse do vinho, ou porque gostasse ainda mais do espirito do francez, o que é certo é que passou adiante, e Alegrete escapou ao furor castelhana.

Lisonja. — De todos os venenos o que mais vertigens causa é a lisonja.

SALUDAÇÃO

(Em um dia de annos)

A gloria, quando tu ousado e pequenino
corrias sem temor nos pincaros do monte,
ou ias descuidado, errante, sem destino,
mostrar o rosto alegre ao espelho d'uma fonte,

• Sorria-se e dizia : assim pelas agruras
da vida, ó filho meu, teu genio ha de pairar,
medir sereno o abysmo, erguendo-se ás alturas,
— brilhante como o céo — profundo como o mar! —

• Mas sempre que o rumor dos braços calorosos
• teu seio fatigar, e anceies o reponso,
• na fonte de teu lar, teus labios sequiosos
• virão libar de amor o incomparavel goso.

30 de Março de 1877.

Amelia Janny (Coimbra).

CALEMBOUR

Certa modista mostrando
moderna *batta* que fez,
disse, — querendo vender
mais esse luxo ao freguez :
— Va, *batta*, em sua mulher,
fica linda a mais não ser !

O freguez que não sabia, — Qua bata em minha mulher !
que este *batta* era um casaco, não me serve, não me apraz ;
respondeu todo zangado, eu não approvo tal moda
e dando logo o cavaco : que só vexames nos traz,

— Oh, meu freguez, não se zangue,
que isto é moda lá da França !

— Ah ! é ? Pois cá o marido
a tanto não se abalança.

Bento Fontoura (Soledade — R. G. do Sul).

A Formosura. — Ó formosura! unico objecto cuja posse não se póde adquirir, nem mesmo a troco dos mais opulentos thesouros: eternamente inacessivel áquelles que não logram possuil-a; flor ephemera e fragil que desponta, cresce, desabrocha sem haver necessidade de cultivál-a, puro dom do céo! Ó formosura! — a mais valiosa entre todas as coroas que o acaso póde offertar a uma cabeça! Tu és admiravel e rara como tudo que existe fóra da iniciativa do homem; como o azul de firmamento, o ouro das estrellas e o candido aroma dos lyrios! É possivel trocar um tosco banco por um throno, conquistar o mundo, illudir a furia dos elementos! Porém, quem poderá resistir a ajoelhar diante de ti, esplendida personificação do pensamento de Deus?

(Gautier)

D. Guiomar Torrezão.



Quem ama além de Deus, outro mortal
com dedicado amor, com fé mais pura,
e dispensa, não exige, não procura,
lhe paguem seu amor com outro igual?

Quem almeja no coração leal
sempre o feliz porvir da creatura;
mesmo que esta não sinta egual ternura,
e inda quando ingrata e desleal?

Só a mãe é capaz de tal fineza,
só ella vendo o p'rigo se afervora,
pelo filho se arrisca sem tibieza.¹

Em lagrimas só ella em juiz se arvora,
e intenta nas suas faltas a defeza,

Oh! respeitem a mãe que o filho adora.

A. J. Salgueiro (Cuba).

¹ Tal foi a nossa actual rainha.

ENIGMA XVI

As direitas na cabeça,
ás vessas estou na cinta.
e d'uma ou d'outra maneira
até na praia. Consinta.

As direitas sou de panno,
ás avessas de madeira,
e ou d'um, ou d'outro modo,
sou riba, ou ribanceira.

Abílio Albano de Lima Duque (Coimbra).

A eloquencia. — A eloquencia é um dom de que pouquissimos homens são enriquecidos, mas a sua falta não tira o merecimento a quem o tem. O seguinte caso historiado por Plutarco demonstra-o evidentemente.

Apresentaram-se aos athenienses, que desejavam edificar um templo de proporções colossaes, dois architectos. Um d'elles sendo mui ignorante na sua arte, expoz com tão extremada elegancia os seus designios, que chegou a ponto d'allucinar o povo, que já era de voto que se lhe adjudicasse a obra; o outro, que era excellente architecto, mas pessimo orador, nada soube explicar, e satisfez-se em dizer em face do auditorio: — «Athenienses! Eu farei tudo assim como esse homem falla.»

Faustino de Ladesma e Ornellas (Ilha de S. Thomé).

UM VOTO

Eu faço um voto, Maria,
pelo céo, pelas estrellas,
por quantas flores singéllas
em Abril o prado têm;
por quantos affectos intimos
agitam teu seio inquieto,
ou antes por outro affecto:
pelo amor, de tua mãe.

Praza a Deus que o teu espirito
jámais procure na terra
sondar as paixões que encerra
este mar turvo e traidor.
E se algum dia na vida
sentires perto a prócella,
soccorre-te á tua estrella,
que essa estrella, infante, é Deus.

Bulhão Pato.

A UMA VENUS!

SONETO

Vi-te querida Helena... e de ternura
ficou esta minh'alma tão delida,
que cem annos daria d'esta vida
p'ra de longe te ver em noite escura!

Vi-te sim!... e de pasmo fiquei mudo!
com taes enlevos crê que qualquer ente,
ao ver-te fica logo transparente,
faz-se amarello, azul... até bicudo!

Tens o canto suave da sereia,
e a par das tuas fórmãs de deidade
anda o brilho offuscante da candeia!

Mas se não tens de Venus a beldade,
se a natura te fez horrenda e feia,
deixa!... que és do teu sexo raridade!

Eduardo M. (Lisboa).

Lição a um incivil.— Um medico muito ambicioso, havendo prestado alguns serviços clinicos a um sujeito, bastante rico n'uma grave enfermidade que este padecera, declarou um certo dia á esposa do doente que seu marido entrava na convalescença, e portanto que terminava n'aquelle dia as suas visitas. A senhora, agradecendo-lhe os serviços prestados a seu marido, abriu uma secretária, e tirou d'ella uma carteira delicadamente bordada, que lhe apresentou, pedindo que lh'a aceitasse como lembrança do seu reconhecimento.

— Minha senhora, retorquiu, sem pegar na carteira, o ambicioso e grosseiro discipulo de Esculapio, os pequenos presentes serão muito bons para entreter as relações de amizade, mas não são, a meu ver, recompensa sufficiente para serviços como os que prestei ao esposo de v. ex.^a.

— Ah!... respondeu a offendida senhora, tem razão, e

queira perdoar. Faz então o favor de me dizer quanto lhe devemos?

— Quinhentos francos!

— Muito bem; n'esta carteira estão tres bilhetes de mil francos: queira ter a bondade de tirar um, e pagar-se!

A indelicadeza do medico fez-lhe perder a bagatella de 2:500 francos.

José A. J. da Costa (Mafra).

O TEO MAGERICO

Quando te vejo entretida
tosqueando o magerico,
horas e horas me fico,
alma em extasis perdida.

Tu defronte do balcão
em descuidada innocencia,
eu sentindo com vehemencia
partir-se-me o coração!

A brisa a dar-te de leve
beijos mil na casta fronte,
e o sol do extremo horisonte
a doirar tua mão de neve!

Tu sorrindo leda e só,
e a thesoira a recortar,
eu a seguil-a no ar
com olhos que mettem dó!

Tua mão volvendo a thesoira
por cima da verde rama,
e eu a arder na viva chamma
d'esse olhar que a sobredoira!

Tu cortando as verdes flores
que te vão cair na saia,
eu posto aqui de atalaia
a phantasiar amores!

Tu a pipilar uma aria,
sonho de vaga poesia,
eu suspenso na harmonia
da volata amena e varia!

E assim ancioso me fico
alma em extasis perdida...
Ai! dias da minha vida!
quem me fôra magerico.

J. Simões Dias.

CHARADA LVIII (NOVISSIMA)

2, 2. — Tem grão e é redonda em geometria.

D. Julia Henriqueta de Brito Mousinho (Thomar).

LOGOGRIPO XXXVI (EM QUADRO)

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Annalia Vieira do Nascimento

Pode um dito provocar — 3, 5, 1, 7
esta que tem luzimento; — 5, 4, 5, 6
É peixe pouco vulgar, — 1, 5, 3, 5
e que mostra atrevimento. — 2, 6, 5, 7

Seria no meu inferno
de bella estrella o brilhar
se, feliz, de vós podesse
essa ventura alcançar.

Julio Edgard (Porto).

O SEU OLHAR

Na luz do seu olhar,
doce como um sorriso,
eu vejo um paraíso,
paraíso d'encantar.

Encanta-me, seduz-me!
e prende-me, fascina-me!
ao seu amor — inclina-me,
á loucura — conduz-me!

Se em meus labios roçasse
um beijo seu... um dia...
e a vida me rogasse...

Oh! como eu lh'a daria,
se beijando-me olhasse
para mim noite e dia!

Alexandre de Faria Godinho (Pernambuco).

**Legenda d'uma casa publica de
logo.** — A que propõe um escriptor francez é esta;

*Il est trois portes à cet antre:
L'espoir, l'infamie et la mort.
C'est par la première qu'on entre;
Par les dernières que l'ont sort.*

REPERTÓRIOS

DO

AMOR MAL CORRESPONDIDO

Quando uma moçetona lhe resiste
o soberão inglez crê que ella o offende,
o italiano chora, e se arrepende:
nada ha hi que console o hespanhol triste;
o allemão come, bebe, e se consola;
para o francez repudio é carambola.

Filinto Ellycio.



Por um triz!

A MULHER

A mulher... arduo problema!
Quem me podera explicar
o voltear incessante
d'essa doida borboleta
que nunca pôde poisar!

É um ente incompreensivel!
Foi um capricho divino
quem a formou, inconstante
como a onda, que ora affaga
a areia d'oiro da plaga,

ora raivosa, espumante
d'encontro ás rochas esmaga
o navio palpitante
dos beijos d'amor, que ha pouco
lascivo lhe dera o mar.

Pinheiro Chagas.

892

PENSATIVA

.....
Porque n'esse olhar dormente
tua alma ingenua suspira?

BULHÃO PATO.

Porque tuas faces puras
palleja o roçar d'um beijo?
Porque tua fronte branca
córa a flôr casta do pejo?

Porque, tímida, me foges
seu ousado, oh virgem, te olhar?
e a rubra flôr de teus lábios
logo vejo desmaiar?

Porque suspiras sózinha
da tarde á doce tristeza?
Porque gemes, repassada
de tão triste morbidez?

Porque pendes, pensativa,
a nivea fronte na mão?
Como em ancias de um delírio,
como em éstos de paixão?

Sentes acaso os pezares
que os prantos d'alma derramam,
ou tens no seio innocente
affectos que á dôr se inflamam?

Não! que tua alma inda é pura,
dorme em seu berço infantil!
Seismas, sim, na tela candida
da immensidade de anil!

Córas, porque pode o mundo
tua alva face enlodar;
desmaias, porque tens medo
de as brancas asas manchar.

É por isso que contemplas
extatica o azul da esphera.
Para ti o mundo é carcere,
p'ra ti o amor é chimera.

Bellarmino Carneiro (Nazareth — Pernambuco).

A estatua de Memnon. — Os antigos julgavam que esta estatua, que se erguia na vizinhança de Thebas saudava todas as manhã o romper do sol.

Diz-se que esta crença vinha da estatua ser ôca e do sol aquecer o ar que n'ella se continha, o qual, saindo por qualquer orifício, produzia um ruído que os sacerdotes interpretavam a seu modo.

Estrabão conta que um tremor de terra derrubou metade d'esta estatua, mas Pausanias assevera que foi quebrada por ordem de Cambyses. Como quer que seja, é certo que ainda hoje existe tal como a viram todos que d'ella fallaram, isto é, truncada, tendo a parte inferior

ainda erguida sobre a base, e a superior estendida por terra.

O INVERNO

És feliz, ai ! feliz se o inverno
te não diz em seu livido aspecto
que perdido o teu ultimo affecto,
da tua vida o calor se apagou.

G. D'AMORIM.

Vem assomando o inverno!... O sol véla-se a espaços;
aqui ruge o aquilão; nos mares escarcéos!
o firmamento ha pouco azul e tão formoso
de brumas tem agora espessos, densos véos!

Manhãs de primavera, onde vos escondestes?
calmoso, ardente estio, onde é que estás também?
fugiram!... assim foge o riso, a mocidade!...
se um giro tem o anno, um giro a vida tem!

Rodando uma só vez o cyclo da existencia,
os tempos não renova, os annos não desfaz!...
Não remoçamos nós! resurgem primaveras,
succedem-se estações!... Jazemos nós em paz!...

Velhice e desconforto! as metas do futuro
alvejam-nos tão perto!... e tudo finda ali!...
Vem tu, ó sol da gloria, illuminar-me a frente,
doirar os dias meus, vividos ainda aqui!

D. Marianna Angelica d'Andrade.

Consolação d'um cego. — Asclepiades, foi um celebre philosopho da antiguidade, que teve a desgraça de perder a vista nos ultimos annos de vida. Um dia um amigo lastimou-o: — Não me julgueis tão infeliz como isso, respondeu-lhe elle. A perda dos meus olhos trouxe-me uma grande consolação, e é que eu nunca ando só; sempre um mocinho me acompanha.

da por **As mulheres e o amor.** — Ficam-vos bem as flores e os diamantes; o amor fica-vos melhor ainda. Atravez das *nuanças*, que apresenta o destino da mulher nas sociedades, a vossa historia é sempre uma. Nimphas seductoras dançando nos bailes, ou creaturas modestas costurando em casa, — bacchantes desgrenhadas, de olhar fozoso e ardente, fazendo resoar os ares pelos seus gritos nas ceias e nas loucuras, ou escravas resignadas da vontade cruel do homem, — odaliskas voluptuosas nos harens, ou virtudes austeras nos claustros, — é o amor, é sempre o amor, o amor sempre, que vos illumina e vos dá poder!... Brincar com elle, tontinhas, é uma impiedade: ninguem pinta um quadro no ar, nem agrupa uma montanha com os atomos que se avistam aos raios do sol! Ama-se, ou não se ama: vive-se ou não se vive: eis tudo!

Julio Cesar Machado.

Attributos feminis

- | | |
|----------------------------------|--|
| P. Qual é a mulher mais cruel? | P. A mais abençoada? |
| R. A Sr. ^a Barbara. | R. A Sr. ^a Benta. |
| P. A mais pura? | P. A mais perfumada? |
| R. A Sr. ^a Virginia. | R. A Sr. ^a Rosa. |
| P. A mais ingenua? | P. A mais compassiva? |
| R. A Sr. ^a Candida. | R. A Sr. ^a Clemencia. |
| P. A mais socegada? | P. A mais afortunada? |
| R. A Sr. ^a Placida. | R. A Sr. ^a Felicidade. |
| P. A mais cordata? | P. A que mais espera? |
| R. A Sr. ^a Prudencia. | R. A Sr. ^a Esperança. |
| P. A mais alva? | P. A que sempre triumpha? |
| R. A Sr. ^a Branca. | R. A Sr. ^a Victoria. |
| P. A mais alta? | P. A que diriamos eterna, se alguma o fesse? |
| R. A Sr. ^a Maxima. | R. A Sr. ^a Perpetua. |

J. O. Vasconcellos (Brasil).

Inverno. — Chega o Inverno, a estação das tempestades, do gelo e das chuvas; a quadra de desconforto para o pobre; e com tudo tem ainda bellezas que fallam á alma do poeta. Salomão Gessner, n'um dos seus formo-



so *Idyllios* apresenta o pastor Dafnis na cabana, aquecida pelo doce calor d'um secco tronco que ardia na chaminé; Dafnis passeia os olhos pelo paiz destroçado pelas inclemencias da invernia, e diz :

Ó inverno ! apesar dos teus rigores
quantas bellezas ainda não conservas !
que luz risonha o claro sol espalha
atravez d'essas nevoas dissipadas,
nas collinas dos frios branqueadas !

.....
Lá ao longe, n'aquelle tosco tétó,
d'onde o fumo ondeando está saindo
d'entre aquella floresta socegada,
lá é de minha Filis a morada.

Ó minha Filis ! pode ser que agora
tambem sentada junto do teu lume,
sobre a mão encostando o bello rosto
em mim pensando estejas, desejando
como eu da Primavera o tempo brando.

.....
Ó Inverno ! por mais cruel que sejas,
nunca farás que a fruta pendurada
fique em minha cabana empoeirada. ¹

É tambem do Inverno que falla o inspirado Zorrilla,
poeta do paiz visinho, quando na introdução dos seus
Cantos de Trovador, exclama :

Hoy al fuego de um tronco nos sentamos
en torno de la antigua chimenea
y acaso la ancha sombra recordamos
de aquel tizon que á nuestros piés humea.
y hora tras hora, tristes esperamos
que pase la estacion adusta y fea,
en pereza febril adormecidos,
y en las proprias memorias embebidos.

A BACCHEIANTE

(Extrahido das Vozes do Ermo)

.....
N'ella explende a belleza voluptuosa
d'uma deusa do Olympo ; os hombros nus,
modelados no marmore de rosa,
banhavam-se em torrentes de aurea luz.
O cabelo, que lembra na desordem
a selvatica juba d'um leão,
envolve-a nas fulgentes espiraes,
serpentes que se enroscam, e que mordem
os mosaicos phantasticos do chão.

¹ Tradução de Joaquim Francisco d'Araujo Barbosa.

Relampeja-lhe em chispas infernaes
a malicia nos olhos verde mar,
onde ha trevas e ha luz que ninguem sonda,
porque todos tem medo á inquieta onda
que passa ás vezes no seu fundo olhar.

Os labios sensuaes lembram dois gómmos
de entreaberta romã; e ha no seu riso
lampejos d'um vedado paraíso,
onde medram lethaes e estranhos pômos.

Do Bello e da Justiça ella escarnece!
ella que tem do archaujo despenhado
a tenebrosa e indomita altivez!
Não acredita em Deus, nunca uma prece
de sua alma no porto abandonado
veio ondular sequer uma só vez.

Mas é bella!... ha volupia, ha magnetismo
na felina indolencia do seu porte!
tem caricias de fera, e na pupilla,
que ás vezes se dilata e que scintilla,
entremostra-se um mysterioso abysmo
d'essas fataes delicias que dão morte!

Sómente falta á esplendida bacchante
soberba estatua que deslumbra e cega,
de pompanos a c'róa verdejante
e o fundo azul d'uma paizagem grega
.....

D. Maria Amalia Vas de Carvalho.

CHARADA LIX (NOVISSIMA)

2, 2. — Arma de cana que salvou Théseu.

Joaquim Tossa (Rio do Janeiro).

DESPEDIDA DO CAMPO

É finda a quadra das flores;
As plantas amarellecem ;
Os rouxinoes emmudecem ;
Cobre a serra um denso véo ;
O valle ha pouco tão verde,
Perdido o viço mimoso,
Abre o seio sequioso
À nevoa que tolda o céo.

O mar ao longe irritado
Rebenta sobre os penedos ;
As folhas dos arvoredos
Cáem alastrando o chão ;
E o vento com voz plangente
Diz de entre os ramos despídos,
Que os lindos dias são idos,
Que é morta a bella estação.

Enlucta-se a natureza ;
Véla-se o mundo sidéreo ;
Envolta em manto funéreo
A terra-mãe vae dormir :
Despio as galas formosas,
E por unico atavio
Deixa o corpo humido e frio
De aguas e neves cingir.

Digamos adeus ao campo ;
Vamos na escrava cidade
Viver de tédio e saudade
Até ao anno que vem.
Ai ! quem sabe se a mortalha,
Que á minha vista se estende,
Já no meu corpo se prende
Para envolvel-o tambem ?!

Quem sabe se persuadido
Que fujo ao géldido inverno,
Me impelle o braço do Eterno
Para o caminho sem fim ?!...
Se ao florir da primavera,
Aquelles que eu amei tanto,
Co'os olhos cheios de pranto,
Volverão aqui sem mim ?!

Quem sabe ?! mas se vierem
Renovem as alegrias,
À volta dos bellos dias,
Como da primeira vez.
Que importa que eu me sumisse
Na pedra da sepultura ?
Qual se renova a verdura,
Renova-se a alma talvez...

Talvez os doces perfumes,
Que nós achâmos nas flôres,
Sejam os nossos amores,
A essencia dos immortaes?...
Quem sabe se Deus nos deixa,
Entre os mysterios da vida,
Rever na planta florida
As almas de nossos paes?...
Se ellas podem transformar-se
Em flor, em estrella, em ave ;
N'alguma fórmula suave,
N'alguma voz musical :

A minha virá saudosa,
Cheia de aromas divinos,
Cantar-vos celestes hymnos,
Ou dar-vos luz sideral.

Villa Estephania,
22 de Setembro de 1875

F. Gomes de Amorim.

FIM

Faint, illegible text covering the majority of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

À VENDA

LIVRARIA DE MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT

52, Rua do Thesouro Velho, Lisboa.

ENSINO PRIMARIO AGRICOLA

Examinado pela Junta consultiva de Instrucção Publica e approvedo pelo Governo por despacho de 8. de fevereiro de 1876 para uso das escolas primarias.

Escrepto por **JOIGNEAUX**, versão portugueza por **Paulo de Moraes**, ampliado com adagios, evangelho do lavrador e uma curiosa serie de apreciações sobre differentes culturas em Portugal. Ornado com interessantes gravuras.

Preço 500 réis (cartonado)

*Franco de porte para as provincias, a quem enviar
o importe em estampilhas*

PHYSIOLOGIA DAS ESCOLAS

Obra illustrada com curiosas gravuras figurando diversas partes do corpo humano, por **MADAME C. BRAY**. Traducção do distincto escripter portuguez **M. Pinheiro Chagas**.

Com esta nova publicação, exclusivamente destinada ás escolas primarias, julgamos prestar um grande serviço á infancia portugueza, que tão necessitada está de livros d'este genero. — *Lallemant Frères, Typ.* — Editores.

Preço 500 réis

*Franco de porte para as provincias, a quem enviar
o importe em estampilhas*

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

IMPRESSÕES DE TODOS OS GENEROS e em diversas linguas

Para o Commercio, Industria, Administrações dos caminhos de ferro, Companhias de Seguros, Navegação, Casas bancarias, etc., Acções, Apolices, Jornaes litterarios e scientificos, Publicações religiosas, Missacs, Obras illustradas, Livros, Theses, Estatutos, Memoriaes, Catalogos, Mappas, Avisos de publicidade, Almanachs, Manifestos, Relatorios, Conhecimentos, Passaportes, Diplomas, Registos, Preços correntes, Lettras, Facturas, Circulares, Contas, Carimbos em cartas, Sobrescriptos, Recibos, Bilhetes de lojas, Participações de casamento e de nascimento, Tarjas, Couvites para bailes, Minutas, Editaes, Prospectos, Programmas, Cartazes, etc.

ESPECIALIDADE DE TRABALHOS EM CORES ouro, prata, e sobre setim.

Os trabalhos typographicos de todos os generos, d'este estabelecimento, recomendam-se pela nitidez, promptidão e equidade nos preços, regulados segundo o numero de exemplares, a qualidade do papel, e a fôrma de composição e tiragem.

Traducções de portuguez em francez e vice-versa de quaesquer documentos ou manuscriptos relativos ás letras, sciencias, artes, industria e commercio. Garante-se a exactidão e discrição.

6 Rua do Thesouro Velho 6



3 2044 048 706 915

DEPOSITO ESPECIAL DE LIVROS

ME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT (née Sagnier)

CEGOR DA CASA DE BRAGANÇA E DA ESCOLA ACADEMICA

2/A — 22, RUA DO THESSOURO VELHO, 22 — R. X. S. X. E. Q. A.

espondente-exportador — **ANDRÉ SAGNIER** — Livreiro-éditeur, em Paris

Inde des langues étrangères — Française, Anglaise, Allemande, Italienne et Espagnole

maison de charge et s'acquitté à **Publications** Scientifiques, Mathématiques,

et soins et promptitude de toutes ϕ Philosophiques et Médicales. — Livres

et lui sont confiés, en publica- ϕ pour les écoles, les collèges et les lycées

de tous genres. — **Abonne- ϕ blications Religieuses, Livres d'Or-**

ne Politiques, Littéraires et de ϕ ouelle de Prières. — **Assortiment**

général, Pièces de Théâtre. — ϕ en chromo-lithographie.

ont et anglais, catholique protestant, spelling book, s, elementary school book

and instructive books, infantile library, collections of amusing tales for the

(Subscription et als English Journals and reviews)

LIVROS DE MISSA DE DIVERSOS PRR

Belles éditions illustrées — Actualités littéraires

— Volumes richement reliés — Collections d'albums pour enfants, avec gravures colorées

— Grand choix d'enveloppes avec papiers de luxe

— Dernières nouveautés parisiennes. — ϕ — Images à dentelles

accompagnées d'une page avec la description

ALTA NOVIDADE

As prazias das provincias poderão dirigir as suas encomendas directamente por carta, francas de portos, a Sr. Irmã Marie François Lallemand, que satisfaz as seus pedidos com o maior promptidão, dando-lhes todos os esclarecimentos que lhes forem necessarios.